

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CULTURAS E IDENTIDADES
CURSO DE MESTRADO

ILZE LOPES DA SILVA

**RACISMO, IDENTIDADE RACIAL NEGRA E CATOLICISMO: TRAJETÓRIAS DE
VIDA DOS MEMBROS DA IGREJA CATÓLICA DA ZONA NORTE DO RECIFE**

RECIFE, 2024

ILZE LOPES DA SILVA

**RACISMO, IDENTIDADE RACIAL NEGRA E CATOLICISMO: TRAJETÓRIAS DE
VIDA DOS MEMBROS DA IGREJA CATÓLICA DA ZONA NORTE DO RECIFE**

Dissertação de Mestrado
apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Educação, Culturas e
Identidades da Universidade Federal
Rural de Pernambuco e Fundação
Joaquim Nabuco.

Orientador: Professor Dr^o Moisés de
Melo Santana

RECIFE, 2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Bibliotecário(a): Ana Catarina Macêdo – CRB-4 1781

S586r Silva, Ilze Lopes da.
Racismo, identidade racial negra e catolicismo:
Trajetórias de vida dos membros da igreja católica
da Zona Norte do Recife / Ilze Lopes da Silva. -
Recife, 2024.
140 f.

Orientador(a): Moisés de Melo Santana.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal
Rural de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação
em Educação, Culturas e Identidades, Recife, BR-
PE, 2024.

Inclui referências e apêndice(s).

1. Negros - Identidade racial. 2. Racismo. 3.
Igreja Católica - Recife (PE). 4. Usos e costumes -
Recife (PE) I. Santana, Moisés de Melo, orient. II.
Título

CDD 370

ILZE LOPES DA SILVA

**RACISMO, IDENTIDADE RACIAL NEGRA E CATOLICISMO: TRAJETÓRIAS DE
VIDA DOS MEMBROS DOS MOVIMENTOS DA IGREJA CATÓLICA DA ZONA
NORTE DO RECIFE**

Dissertação de Mestrado
apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Educação, Culturas e
Identidades da Universidade Federal
Rural de Pernambuco e Fundação
Joaquim Nabuco.

Orientador: Professor Drº Moisés de
Melo Santana

Aprovada em: _____ / _____ / _____

BANCA EXAMINADORA

Profº. Drº. Moisés de Melo Santana
Presidente da Banca (Orientador)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª. Draª. Cibele Maria Lima Rodrigues
Membro Interno
Fundação Joaquim Nabuco

Profº Drº Drance Elias da Silva
Membro Externo
Universidade Católica de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Sou uma mulher preta, professora, oriunda da periferia de Olinda, Pernambuco. Nesta jornada que me trouxe até aqui, muitas foram as mãos que me sustentaram e os corações que me fortaleceram. Por esse motivo não poderia deixar de agradecer...

Primeiramente, agradeço a Deus, que me concedeu o dom da vida, saúde e sabedoria.

À minha avó, Narcisa Francisca, meu pilar, ancestral viva que ilumina todo o meu caminhar até aqui.

Sou eternamente grata ao meu pai (Fernando Lopes) e à minha mãe (Cristina Souza), que com amor e dedicação formaram a base de tudo que sou.

Às minhas irmãs Ione Lopes e Iris Souza, que compartilharam comigo a vida em nosso lar, e aos meus sobrinhos Wilson, Miguel e Maria Flor, cuja existência enche meu coração de alegria.

Não posso deixar de expressar minha gratidão aos professores, professoras e colegas do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Identidades (PPGECI), especialmente pelos momentos magníficos que compartilhamos durante as aulas no período pandêmico. Um agradecimento especial ao meu orientador, Professor Dr^o Moisés Santana, por sua paciência e apoio inestimáveis, e aos membros da banca, Professor Dr^o Drance Silva e Professora Dr^a Cibele Rodrigues, por suas valiosas contribuições ao meu trabalho.

Agradeço também ao Padre Clóvis, que me proporcionou ampliar meus horizontes de conhecimento durante entrevista concedida.

Agradeço à Leandro Silva, meu amado companheiro, por estar sempre ao meu lado, nos momentos de luta, de paz e de conquistas como esta.

Por fim, quero dizer que a educação é uma das armas mais poderosas para dismantelar as estruturas de opressão e construir um futuro em que a justiça racial não seja apenas um ideal, mas uma realidade factível.

Obrigada...

RESUMO

A pesquisa intitulada "Racismo, Identidade Racial Negra e Catolicismo: Trajetórias de Vida dos Membros da Igreja Católica da Zona Norte do Recife" objetivou analisar a percepção de cristãos católicos da Zona Norte do Recife em relação ao racismo e a repercussão desse fenômeno nas suas identidades. Utilizando uma abordagem qualitativa, a pesquisa coletou dados através de entrevistas narrativas, permitindo que os participantes compartilhassem suas histórias de vida, experiências e percepções sobre o racismo. Esta técnica proporcionou uma compreensão profunda das dinâmicas sociais e dos significados atribuídos pelos entrevistados às suas vivências. Os resultados indicam que o racismo está profundamente enraizado nas experiências cotidianas dos participantes, impactando significativamente suas identidades negras e nas relações sociais cotidianas. A análise revelou que episódios de discriminação e preconceito racial são comuns, tanto dentro quanto fora do contexto religioso. Evidenciou-se durante a pesquisa que, apesar disso, a fé católica também serve como um amparo e território de fortalecimento para os participantes, ajudando-os a combater as mazelas causadas pelo racismo. Ainda, a pesquisa conclui que é crucial que as instituições religiosas adotem medidas concretas para combater o racismo institucional, que promovam uma reflexão crítica e ações efetivas para apoiar a construção de identidades negras positivas. Os resultados da pesquisa também apontam para a compreensão que a luta contra o racismo e pela afirmação da identidade racial negra positiva é contínua e exala complexidades, exigindo o engajamento de todos os setores da sociedade.

Palavras-chave: identidade negra, racismo, igreja católica, trajetórias de vida

ABSTRACT

The research titled "Racism, Black Racial Identity, and Catholicism: Life Trajectories of Members of the Catholic Church in the Northern Zone of Recife" aimed to analyze the perception of Catholic Christians in the Northern Zone of Recife regarding racism and its impact on their identities. Using a qualitative approach, the research collected data through narrative interviews, allowing participants to share their life stories, experiences, and perceptions of racism. This technique provided a deep understanding of the social dynamics and the meanings attributed by the interviewees to their experiences. The results indicate that racism is deeply rooted in the participants' everyday experiences, significantly impacting their black identities and daily social relations. The analysis revealed that episodes of discrimination and racial prejudice are common, both within and outside the religious context. It was evident during the research that, despite this, Catholic faith also serves as a support and a space of empowerment for the participants, helping them to combat the harms caused by racism. Additionally, the research concludes that it is crucial for religious institutions to adopt concrete measures to combat institutional racism, promoting critical reflection and effective actions to support the construction of positive black identities. The research results also highlight the understanding that the fight against racism and for the affirmation of a positive black racial identity is ongoing and complex, requiring the engagement of all sectors of society.

Keywords: Black identity, racism, Catholic Church, life trajectories

SUMÁRIO

1. MEMORIAL.....	01
2. INTRODUÇÃO.....	08
OBJETIVOS.....	11
Objetivo Geral.....	11
Objetivos Específicos.....	12
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
3.1 Identidade e Diferença: reflexões acerca do Eu e o Outro.....	13
3.2 O Legado da Colonização: Racionalidade Dominante e a Construção das Diferenças Raciais	18
3.3 A Teologia da Conquista: A Igreja Católica e a Dinâmica Colonial.....	24
3.4 Trajetórias de Vida e a Construção Social do Eu: Reflexões sobre Educações	30
4. Escolhendo o Caminho: Estratégias Metodológicas da Pesquisa.....	34
4.1 Caracterização dos Participantes.....	39
5. Construindo sentidos: Análise de Dados em Diálogos sobre Racismo e Identidades.....	41
5.1 Família.....	42
5.2 Racismo.....	46
5.3 Identidade.....	53
6. Considerações Finais.....	60
7. Referências.....	64
8. Apêndices.....	70

1. MEMORIAL

Antes de adentrarmos no meu objeto de pesquisa, escrevo por essas linhas os caminhos percorridos desde minha juventude para chegar até o lugar que estou, mulher preta e periférica, professora, estudante de mestrado no PPGECI e liderança no Grupo de Oração Exultar.

Sou filha de Cristina Souza e Fernando Lopes, irmã de Iris Souza e Ione Lopes. Sou tia de 5 maravilhosos sobrinhos e sobrinhas. É por conta deles e delas que estou aqui.

Como mulher negra e moradora da periferia da cidade de Olinda, desde muito cedo aprendi que a resiliência é necessária para enfrentar os desafios de ser estudante de escola pública. Diante desse contexto, foi necessário resistir às condições precárias de ensino prestado pelo Estado. Durante o primeiro ano do Ensino Médio, no ano de 2000, conheci a figura do professor e militante do Movimento Negro, Severino Lepê Correia, o qual ministrava a disciplina de História na Escola Estadual Santo Inácio de Loiola, no bairro de São Benedito, Olinda. Com o incentivo do professor, comecei a vislumbrar um lugar na universidade pública. Através desse contato ingressei no cursinho preparatório para o vestibular, organizado pelo próprio professor. A figura do professor Lepê se caracterizou como um divisor de águas na minha trajetória escolar, pois a representação da população negra em nossa sociedade sempre esteve atrelada às posições inferiores. Naquele momento, o encontro com o professor Lepê provocou o estranhamento do lugar que é imposto aos negros e negras na sociedade brasileira.

A presença de Lepê e de outras pessoas no meu processo educativo me levaram a desnaturalizar as imposições que dificultam uma estudante negra de escola pública a acessar o ensino superior. Além disso, o ingresso de minha irmã no ensino superior e a persistência do meu pai, através de sua preocupação e vontade em que eu ingressasse no ensino superior, me fizeram perseverar. Meu pai, homem negro, trabalhador da construção civil, aluno da Educação de Jovens e Adultos (EJA), sempre foi e continua sendo presença constante, exemplo de luta e resistência de quem enfrentou a exclusão escolar. Diante de todo esse contexto, passei a observar que o analfabetismo possui cor. Esse breve relato me leva a refletir que é necessário, não apenas, ampliação do acesso e permanência na escola, mas devemos colocar em xeque a concepção de educação que modela os sujeitos a partir de uma lente domesticadora e, que determina as posições que cada indivíduo irá ocupar na sociedade. Só assim, poderemos avançar na perspectiva da inclusão social, no combate ao racismo e preconceitos.

Diante dessa trajetória, a Educação se estabeleceu, para mim, como um compromisso político capaz de desenvolver a transformação social. Uma vez que na escola pública estava diante dos meus pares que, de certa maneira, compartilhavam a mesma realidade. É na escola pública que negros e negras, jovens e adultos trabalhadores se fazem presentes. Portanto, escolhi a profissão docente por acreditar que a educação tem um papel social e poderia oportunizar a essas pessoas uma formação crítica que levasse os sujeitos ao processo de humanização.

Em 2008, ingressei no curso de pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Inicialmente não havia grandes pretensões de seguir carreira acadêmica. Entretanto, com o passar dos períodos acadêmicos percebi as diversas possibilidades que contribuíram para a mudança dessa concepção quanto a minha formação. A Universidade se apresentou como a chance de vivenciar, o ensino, pesquisa e extensão orientadas por uma visão ampla de universidade. Além disso, a dinamicidade curricular do Projeto Político Pedagógico, do curso de Pedagogia, ampliou o acesso à pesquisa, ensino e extensão na formação do/as pedagogo/as. Esta afirmativa pode ser confirmada através da reforma curricular do curso de Pedagogia em 2007/2008 que, por sua vez, incluiu no currículo as disciplinas de Pesquisa e Prática Pedagógica. Na graduação em Pedagogia da UFPE, as PPPs têm como proposta superar a dicotomia entre teoria e prática durante a formação do/as pedagogo/as.

Nesse contexto, no ano de 2010, cursando o 4º período senti a necessidade de ampliar a participação acadêmica, para além das disciplinas curriculares obrigatórias e eletivas, através da atividade de monitoria. Iniciei a atividade de monitoria na disciplina de Pesquisa e Prática Pedagógica II (Gestão Educacional e Escolar) sob a orientação da professora Conceição Carrilho. Viver a experiência como monitora de PPPII foi relevante por ampliar a compreensão sobre a gestão educacional e escolar, no sentido de melhor entender sobre a estrutura e organização da educação e da escola que acontece em rede. Ou seja, através do âmbito federal, estadual e municipal. Compreendia que lançar o olhar sobre esse assunto requeria pensar na educação e na gestão escolar como trabalho coletivo e nas problemáticas da educação pública brasileira.

Dessa forma, a experiência como monitora da disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica II (Gestão Educacional e Escolar) me fez pensar que, a escola se apresenta como campo de conflito e espaço de poder onde se materializam as problemáticas de nossa sociedade, como o racismo, por exemplo. Nessa relação, cabe a gestão escolar desenvolver o trabalho em equipe através do diálogo entre os sujeitos envolvidos na dinâmica educacional, com o objetivo de identificar os problemas socioculturais e educacionais com postura investigativa, integrativa e

propositiva. Nesse sentido, a disciplina PPP II me fez perceber que a gestão educacional e escolar deve contribuir com o enfrentamento das complexidades educacionais, que giram em torno do racismo estrutural, da homofobia, relações socioeconômicas, políticas, culturais, religiosas e outras.

Durante o período de 2011 a 2012, participei como aluna voluntária da atividade do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica Ações Afirmativas (PIBIC). A pesquisa intitulada “A construção do conhecimento histórico nos anos iniciais do Ensino Fundamental”, foi desenvolvida pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre História da Educação e Ensino de História em Pernambuco (NEPHEPE), sob a coordenação das professoras Maria Thereza Didier e Eleta de Carvalho Freire. A pesquisa se caracterizou pelo acompanhamento das turmas do 1º ao 5º ano do ensino fundamental I, provenientes de escolas da Rede Municipal de Ensino do Recife, através de observações não participantes e entrevistas dos/as professores/as regentes envolvidos/as na pesquisa. Tendo como objetivo compreender como conhecimento histórico estava sendo construído na sala de aula. Diante dos resultados encontrados, percebemos que havia um currículo pautado na história tradicional, impregnado de datas e pressupostos eurocêntricos, que negava a diversidade étnico-racial e a ancestralidade africana e dos povos tradicionais. Através dessa experiência passei a questionar: como o ensino de história, nos anos iniciais, através de um currículo marcado pela narrativa civilizatória eurocêntrica interfere na construção das identidades dos/as estudantes?

Concomitantemente, em 2011 participei do curso de extensão “Ensino de Arte, Educação Inclusiva e Pós-colonialismo” ofertado pelo Núcleo Espírita Irmãos Menores de Francisco de Assis (Neimfa), em parceria com a Universidade Federal de Pernambuco. O curso oportunizou a discussão sobre educação e artes a partir da desconstrução da colonialidade do saber. Como trabalho de avaliação do curso, desenvolvi a oficina intitulada “Identidades Flutuantes”, na qual, através do fazer artístico os sujeitos participantes da oficina poderiam compreender que nossas identidades não são estanque. A referida oficina objetivava fazer compreender que, os processos educativos precisam levar em consideração os sujeitos e seus contextos históricos e culturais, no sentido de reconhecer as diferenças e a construção das identidades. Pela primeira vez em minha trajetória de vida, a experiência no Neimfa me provocou, fazendo repensar a formação cristã, junto à Renovação Carismática Católica.

Ainda em 2011, fui convidada pela professora Maria Thereza Didier para desenvolver o curso de extensão "A história de cada um: a construção de novas trilhas para a prática de uma nova pedagogia para o idoso". Atuei como aluna facilitadora do referido curso, que foi

ofertado pela Universidade Aberta à Terceira Idade (Unati). Os principais objetivos do curso eram: problematizar sobre o ser humano como ser histórico e cultural e lançar o olhar sobre a história, destacando as memórias e as narrativas dos sujeitos. Considerando que as identidades estão em constante transformação, essa vivência me fez compreender que as identidades são, também, interpeladas pelas memórias e pelos processos histórico-culturais.

No período de 2012 a 2013, desenvolvi atividade de monitoria na disciplina Fundamentos da Gestão Educacional do curso de Pedagogia. Através da monitoria tive meu primeiro contato com a Cátedra Paulo Freire e com a professora Eliete Santiago. Por intermédio desse contato, aceitei o convite da professora Eliete Santiago para participar das atividades desenvolvidas pela Cátedra Paulo Freire. Em paralelo às demais atividades acadêmicas, passei a participar dos eventos organizados pela Cátedra, a exemplo de seminários, palestras, rodas de conversas e atos políticos.

O encontro com a professora Eliete Santiago e a vivência na cátedra Paulo Freire possibilitou a reflexão acerca da minha identidade negra. Essa experiência me “deslocou e perpassou” a ponto de provocar alterações na minha forma de pensar e atuar em outras áreas da minha vida, por exemplo, religiosa, familiar e profissional. Esse deslocamento partiu através do fazer educativo da professora Eliete Santiago, que na luta contra a opressão e o racismo estrutural, representou a construção da minha identidade de mulher negra. A teoria freireana apesar de não abordar os estudos de raça, gênero e sexualidade elenca como eixo principal a problematização sobre as relações de opressão e alienação na sociedade. Ou seja, a partir da teoria de Paulo Freire analiso que a questão do racismo estrutural e a negação de identidades múltiplas na sociedade é fomentada por uma condição de opressão, à medida que inviabiliza a “humanização” numa perspectiva do “ser mais”.

Concluí o curso de pedagogia no ano de 2014, apresentando o trabalho de conclusão de curso "Escola e comunidade: uma parceria possível no enfrentamento da violência escolar?" sob a orientação da professora Jaileila Araújo. Essa temática surgiu desde o início do curso através das várias experiências com as PPPs, frequentando as diferentes escolas. Durante cada visita às escolas, as questões de violências como machismo, racismo, homofobia se faziam muito presentes nas observações. O TCC evidenciou que o modelo conservador e racista da sociedade brasileira ajuda a fomentar e reforçar os vários tipos de violência na escola.

No decorrer da graduação em Pedagogia no Centro de Educação da UFPE, destaco a passagem, em 2014, pelo Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação de Jovens e Adultos e em Educação Popular (NUPEP/UFPE) através da supervisão do curso “Educação

de Jovens e Adultos na Diversidade”. O referido curso tinha como propósito a formação continuada de professores/as das Redes de Ensino dos municípios da Região Metropolitana do Recife. Ao longo do trabalho de supervisão do curso, aprofundei as discussões e vivências em relação à temática da Educação de Jovens e Adultos através dos encontros presenciais de formação no Centro de Educação e visitas às escolas para acompanhamento dos/as professores/as cursistas.

Por intermédio da supervisão do curso "EJA na Diversidade", identifiquei que essa modalidade de ensino é necessária como direito da população brasileira. Uma vez que, nosso país foi construído sob as bases do racismo estrutural, o qual negou o acesso à escolarização à população negra que, por séculos, foi condicionada ao lugar de subalternidade por meio da escravização dos povos africanos; a EJA expressa o enfrentamento às injustiças cometidas a tantos sujeitos que por várias situações foram expulsos ou não tiveram acesso a escola. Ainda no ano de 2014, já graduada, participei do grupo de leitura “Conhecendo Paulo Freire e sua obra” que tinha como coordenadora a professora Marília Gabriela. No ano seguinte cursei a disciplina institucional Pedagogia Paulo Freire.

Em paralelo aos anos da graduação, atuei como membro efetivo do movimento da Renovação Carismática Católica (RCC), onde me estabeleci como liderança do Grupo de Oração Exultar. O embate entre a formação religiosa cristã e a vida acadêmica me colocava, a todo o momento, a repensar sobre quem eu era. A dicotomia existente entre a formação religiosa, proveniente da RCC, e as experiências vividas durante o curso de pedagogia que, estavam voltadas para as diversas visões de mundo e de sujeitos, estabeleceu o conflito na construção da minha identidade. Esse incômodo me perpassa até os dias atuais, gerando os questionamentos que me fizeram chegar ao objeto de estudo da minha pesquisa.

A minha experiência com a Igreja nunca foi livre do racismo. No entanto, a Igreja também me constitui como cristã. Na Igreja construí relações que me ensinaram a ter fé no sagrado. Lá, busco inspiração e motivação para renovar a crença no divino que me ajuda a enfrentar as adversidades da vida, inclusive a fé no amor cristão, me conduz para um posicionamento contra o racismo. Pois sei que Cristo foi aquele que acolheu, protegeu e amou o/a outro/a, o/a diferente, o/a excluído/a.

No ano de 2015 fui convocada, através de concurso público, para trabalhar como professora efetiva na Rede Municipal de Ensino do município de Vitória de Santo Antão, onde fiz a opção de atuar como docente numa escola de zona rural, localizada no distrito de Pirituba. A escolha em trabalhar numa escola campesina, se deu por entender que existe uma precarização da educação em escolas do campo e, por compreender a educação como ato

político, meu intuito foi contribuir para uma educação pública de qualidade no campo. O desafio estava lançado. Ao longo desses 6 anos, atuando como professora, tive a oportunidade de confirmar as várias dificuldades existentes numa escola localizada em área rural. As adversidades vão desde o difícil acesso à escola, falta de infraestrutura, falta de merenda a altos níveis de analfabetismo.

Além disso, reitero a relação escola e comunidade mediada pelas práticas católicas de catequização dos estudantes. As atividades impostas por lideranças religiosas da comunidade, são levadas ao ambiente escolar e se verificam através da: imposição da reza diária, a veneração e culto à santa católica por meio da reza do terço durante os dias do mês de maio (conhecido como mês mariano), a realização de missas e grupos de oração. Com isso, a escola tem se furtado em desenvolver uma educação crítica que faça refletir sobre a diversidade de temáticas que são inerentes aos sujeitos contemporâneos, como as questões de identidades.

Apesar da minha formação católica, como professora e mulher negra identifico que práticas religiosas e conservadoras, dentro da escola, impedem a construção de outras identidades. Nesse sentido, as ancestralidades africanas e dos povos originários, e as identidades de gêneros são impedidas de se manifestarem na comunidade escolar.

Acredito que minha trajetória acadêmica contribuiu efetivamente com a formação profissional que é requerida para a atuação do/da pedagogo/a. A diversidade de experiências vividas no tríptico ensino, pesquisa e extensão, concebeu subsídios para o exercício da profissão docente na Rede Pública de Ensino, principalmente, na escola campesina onde estou lotada atualmente.

O interesse pelo objeto de pesquisa surgiu a partir da minha experiência como pessoa negra junto a Igreja Católica Apostólica Romana. Participo da Igreja Católica há mais de 20 anos, nessa instituição tenho uma trajetória junto a dois movimentos intitulados: Movimento Eucarístico Jovem (MEJ) e Movimento da Renovação Carismática Católica (RCC). Nesses movimentos as pautas como amor de Deus, justiça, libertação, fé e esperança sempre chamaram minha atenção. As aprendizagens construídas a partir da experiência na RCC e no MEJ ajudaram-me a repensar o meu processo de humanização como pessoa religiosa, mas também como cidadã. Ao longo da trajetória religiosa fui construindo, também, uma trajetória acadêmica. Essas trajetórias vivenciadas dentro da instituição religiosa e acadêmica, mediadas por experiências que tive com pessoas em outros espaços que circulei me refizeram o olhar sobre minha identidade como mulher negra. Mas de onde eu partia para me repensar? Quais as questões que me mobilizaram como católica e como jovem acadêmica?

No mestrado em Educação, Culturas e Identidades aqui estou, e cheia de questionamentos. Apesar de, inicialmente, escrever meu projeto de pesquisa partindo de minha experiência junto à RCC, ao longo desses últimos meses como pesquisadora, fui percebendo que meu objeto de pesquisa precisava ser ampliado. Uma vez, que apenas a RCC não dava conta de responder às minhas perguntas iniciais que me levaram à escrita do meu projeto de pesquisa submetido para seleção de ingresso no PPGECI. Precisava mais... algumas provocações de professores/as, de colegas de turma e após uma conversa com meu orientador, Prof^o Moises Santana, parti para um pré-campo.

Buscando definir melhor o percurso teórico/metodológico da pesquisa, realizei o pré-campo através da realização de duas entrevistas sugeridas pelo Professor Móises. A primeira entrevista foi com o jesuíta Padre Clóvis. O referido Padre foi um dos fundadores e hoje coordenador do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (Neabi) da Universidade Católica e tem sua vida dedicada ao estudo da temática das relações étnico-raciais a partir do contexto da religião católica. Realizei, também, uma entrevista com Drance Silva, professor de Teologia da Universidade Católica. O professor Drance foi um dos fundadores da Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP) em Pernambuco. Durante a entrevista pude explorar mais questões relacionadas a Teologia da Libertação e o surgimento da PJMP. As entrevistas exploratórias ampliaram o meu olhar em relação à teoria, mas também em relação às minhas questões de pesquisa.

Durante o exame de qualificação o projeto de pesquisa, após algumas contribuições dos integrantes da banca de qualificação, necessitou ser redirecionado no que tange seus objetivos. Considerando que a pesquisa científica não é estanque, sempre está em movimento de acordo com a realidade do campo e o contexto a ser investigado, foi priorizado reavaliar os objetivos propostos e o campo a ser investigado. Com isso, o desenho da metodologia desenvolvida no projeto precisou passar por alterações que viabilizasse a execução da pesquisa.

2. INTRODUÇÃO

Falar de identidade negra é rememorar a diáspora dos meus antepassados que, sequestrados de África, chegaram no chão das Américas e tiveram que resistir às diversas violências causadas pelo colonizador europeu. Dissertar sobre a identidade do povo negro, é também, celebrar a herança cultural e as nossas lutas diárias que influenciaram diretamente na construção desse país. Ser pessoa negra, é estar a todo tempo tentando sanar as feridas do racismo que advém, historicamente, das mazelas que a colonização das Américas causou aos nossos corpos e mentes. Sobre esse lugar, concordo com Souza (2021) quando afirma que, no Brasil, sempre houve um projeto político de “construção de uma classe/raça marginalizada e excluída [...]” (SOUZA, 2021, p. 211). Essa classe somos nós, pois os séculos de escravidão consolidaram as práticas de subalternização do povo negro. Negaram nossos direitos, fomos oprimidos/as e jogados/as às margens da sociedade. Inevitavelmente, fomos parar nas senzalas, nos morros, nos becos e vielas, nas ruas e nos presídios das cidades. Não é à toa que, no Brasil, a população negra é a mais afetada pelas desigualdades sociais.

A construção de nossas identidades, como pessoas negras, é um caminho profundo e árduo, onde estamos sempre à mercê de uma sociedade fundamentada socialmente e culturalmente a partir da perspectiva da branquitude. Para Schucman (2022), “a branquitude se construiu como posição ideológica de poder em que os brancos tomam sua identidade racial como norma e padrão” (SCHUCMAN, 2022, p. 174). O discurso da miscigenação promovido pelas elites intelectuais brancas almejou apagar nossa reminiscência africana. Uma vez que, o advento da racionalidade moderna pôs a Europa como eixo centralizador para novas maneiras de ser, viver e estar no mundo, numa tentativa de subalternizar outras identidades que não europeias (QUIJANO, 2009).

Não é difícil acreditar que o projeto da branquitude é se manter no poder, o que aprofunda, ainda mais, as desigualdades entre negros e não negros, sendo o *racismo* a “metodologia” utilizada nesse processo. Informo ao leitor que o conceito de raça, criado pelo colonizador europeu, possuía como objetivo a marginalização das experiências e perspectivas não europeias, incluindo as indígenas e negras. Isso permitiu a subalternização de outras identidades, forçando-as às posições periféricas e subalternas. Segundo Gomes (2005), “o racismo ainda é insistentemente negado no discurso do brasileiro” (GOMES, 2005, p. 149). As práticas sociais que perpetuam o racismo são alicerçadas por um sistema de opressão onde instituições reproduzem e confirmam tais práticas. O povo negro, vivencia isso constantemente, pois o racismo não se manifesta apenas isoladamente, através de um discurso

de ódio, contra uma determinada pessoa, mas também é sistematizado e apoiado indiretamente pelo Estado.

De acordo com Quijano (2009), com a conquista da América se estabelece um novo padrão de dominação que foi instituída a partir da imposição de uma única racionalidade válida, a racionalidade eurocêntrica. Sobre esse panorama, a ação civilizatória europeia para com o Continente Americano necessitou de todos os esforços na condução do projeto colonial. Na esteira desse processo, a Igreja Católica, a fim de impor a fé cristã, se posicionou ao lado dos colonizadores inaugurando a estrutura necessária para o esfacelamento das identidades, corpos e subjetividades ameríndias e africanas no Brasil e em todo Continente Americano. Nesse caso, enfatizo que o projeto de dominação dos povos não europeus levou o mal àqueles que não eram considerados *civilizados*. Para Dussel (1986) o mal se estabelece a partir da práxis dominadora que interrompe a relação causando a destruição do outro como pessoa. De acordo com Santos (2007), o projeto foi submeter o *outro* à fé cristã a partir da rejeição de sua diferença, na recusa da pluralidade de crenças e da diversidade de existências. Sem dúvida o racismo, foi um dos mecanismos usados pela Igreja Católica com a finalidade de estabelecer seu domínio sobre as mentes e corpos dos não cristãos nas américas.

Contemporaneamente, a Igreja Católica passou por significativas transformações, em resposta na busca em tornar-se uma igreja mais atenta às demandas da humanidade. Com a convocação do Concílio Vaticano II, em resposta às mudanças sociais, culturais e econômicas geradas nos Séculos XIX e XX, a instituição buscou a renovação para se tornar uma igreja mais plural e engajada nas questões humanitárias. No entanto, não estou aqui querendo velar o racismo que insiste em permanecer em algumas camadas eclesiais. O racismo fez parte do projeto de constituição do mundo moderno sob o prisma europeu e eclesiástico, representa o legado da colonização que, ainda, permanece objetivamente no dia a dia das pessoas que frequentam os diversos espaços da sociedade, incluindo a Igreja Católica.

De acordo com a declaração "NOSTRA AETATE"¹, do Concílio Vaticano II² (1962-1965), o documento trata da reprovação de toda e qualquer forma de preconceito e discriminação racial ou religiosa. Segundo o referido documento, o racismo ou preconceito religioso são ações contrárias ao espírito de Cristo. O Papa Francisco no ano de 2020, numa de suas encíclicas denuncia o racismo como sendo algo perigoso, de modo que os católicos

¹ Disponível em <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/index_po.htm>

² O Concílio Vaticano II foi uma série de conferências e reuniões de cardeais durante os anos de 1962 a 1965, durante esses encontros possibilitou a Igreja Católica repensar suas práticas e discursos numa tentativa de reaproximar fiéis afastados e afirmar a presença da instituição no mundo moderno refletindo sobre os problemas da humanidade.

precisam sempre estar vigilantes diante de sua identificação e combate às mazelas que ainda persistem. É a partir do Concílio Vaticano II que emerge uma nova maneira de “fazer teologia” (CATÃO, 1986). Com o Concílio, os cristãos são convocados à prática da justiça social, o que guiou a instituição por novos caminhos dando origem a Teologia da Libertação.

Segundo Catão (1986), com a Teologia da Libertação “sublinha-se a exigência cristã de justiça no respeito aos direitos do trabalhador e na distribuição equitativa dos bens sociais do trabalhador e na distribuição equitativa dos bens sociais” (CATÃO, 1986, p. 15). Esse novo contexto produziu, principalmente na América Latina, um movimento dentro da igreja, as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que promoveram diversas ações no combate às desigualdades sociais com o intuito de libertar os pobres do jugo do “opressor” (FREIRE, 1983).

As CEBs surgem a partir dos anos 1960, mas os documentos criados durante as conferências de Medellín e Puebla, deram a legitimidade e efetivação desse movimento. As conferências foram realizadas durante o contexto ditatorial dos países latino-americanos, sendo primordiais para repensar o papel da Igreja Católica perante a conjuntura política e social latino-americana. De acordo com Aquino Junior (2020, p. 100), “as CEBs aparecem nas conferências de Medellín e de Puebla no contexto e no horizonte mais amplos de recepção do Concílio e renovação da Igreja na América Latina”. É no bojo desse processo que as CEBs vão estar na gênese de vários movimentos sociais, lideranças sindicais e sociais no embate às desigualdades sociais.

Segundo o discurso do Papa Francisco (2020), “o racismo é um vírus que muda facilmente e, em vez de desaparecer, dissimula-se, mas está sempre à espreita”. Acredito, que a fala do Papa é importante, uma vez que é necessária para uma tentativa de (re)aproximar a Igreja Católica do Concílio Vaticano II no tocante ao combate do racismo e preconceito. No caso do contexto brasileiro, essa fala ganha peso, pois nossa sociedade foi estruturada sob os pilares da escravização dos/as africanos/as. Observo, a partir do posicionamento do Papa Francisco, um direcionamento para que a Igreja Católica passe a refletir criticamente sobre seu passado sombrio. Como descrito no documento do Concílio Vaticano II: “Igualdade essencial entre todos os homens”.

Diante do exposto, oriento o olhar para meu interesse de pesquisa. Considerando a perspectiva freiriana que pressupõe o ser humano como um sujeito inacabado, considero que as identidades são constructos históricos e socioculturais nos quais os indivíduos são perpassados pelas experiências de vida. Logo, estamos sempre aprendendo e (re)aprendendo

com meio e com as coisas. Tendo isso em mente, me refiro a Brandão (2015) quando anuncia que somos seres *aprendentes*.

Presumo que nossas experiências, geralmente, estão conectadas com os espaços, territórios e instituições que circulamos, por meio da interação social entre as pessoas. À vista disso, considero as trajetórias de vida como caminhos possíveis para descoberta dos processos subjetivos e intersubjetivos que conduzem as nossas identidades. Segundo Marinho (2017), as trajetórias de vida possibilitam a "análise da ação dos indivíduos frente às estruturas sociais". Torna-se negro ou negra perpassa por essas estruturas e, também, é um processo educativo, pois envolve conscientização e a construção de saberes em torno do nosso povo, de nossa ancestralidade, é sair da condição de oprimido. Torna-se negro ou negra é entender o processo de opressão na sociedade por meio da afirmação de nossas identidades, é nos libertar daquilo que a branquitude determinou.

Ressalto que por vezes aprendemos quando não somos ensinados, pois o aprender não está intrinsecamente ligado à lógica científica do método “ensinar e aprender” a fim da busca por resultados. Assim, como Gallo (2012) afirma que, "qualquer relação, com pessoas ou com coisas, possui o potencial de mobilizar em nós um aprendizado [...]”, o que nos afeta, no sentido de mobilizar em nós a materialização de outros *eus*. Por esse motivo me pergunto: Quais experiências, os membros da Igreja Católica vivenciaram ao longo de suas trajetórias de vida que os motivaram a reconhecer suas identidades raciais? Como os membros da Igreja Católica da Zona Norte do Recife percebem o racismo em suas trajetórias de vida e no contexto religioso?

Apesar da Igreja Católica ser *una* (no sentido de unidade) em sua doutrina cristã, considero a existência de “diversas Igrejas Católicas”, levando em conta os vários contextos políticos, culturais e sociais onde ela possa existir. Isso remete, por exemplo, para o fenômeno do conservadorismo religioso e os discursos discriminatórios no Brasil dos últimos anos, especialmente dentro da Igreja Católica. O que me faz pensar que o conservadorismo religioso, pode ajudar a reforçar comportamentos racistas e preconceituosos. Não é estranho a mim, cristãos e cristãs católicos/as com atitudes racistas ou preconceituosas que não condizem com a comunhão no amor em Cristo.

Através desse breve relato introdutório, busquei informar ao leitor as questões que orbitam às relações étnico-raciais no Brasil, desde a colonização e o papel da Igreja Católica nesse processo, bem como a mudança institucional a partir do Concílio Vaticano II. Nesse sentido, refletindo sobre implicações da fé cristã na formação das identidades negras, considerando suas trajetórias de vida, delineei os seguintes objetivos: 1) Analisar a percepção

de cristãos católicos da Zona Norte do Recife em relação ao racismo e a repercussão desse fenômeno nas suas identidades; 2) Identificar, a partir das trajetórias de vida, as situações de racismo vivenciadas pelos membros da Igreja Católica da Zona Norte do Recife; 3) Analisar como está configurada a identidade racial dos membros da Igreja Católica da Zona Norte do Recife

O trabalho em tela está estruturado em seis capítulos.

O **primeiro capítulo** é constituído pela base teórica que deu corpo à discussão acerca dos conceitos de identidade, a partir de uma abordagem decolonial. Para tanto, nesse quadro teórico me apoio nas ideias de Hall (2000); Gomes (2005); Quijano (2009); Souza (2021); Schucman (2022); Mignolo (2005); Almeida (2018); Fanon (1968); etc.

No **segundo capítulo**, apresento um breve mapeamento do percurso histórico da Igreja Católica no Brasil com foco na empreitada ocidental da colonização das américas, a mudança de postura institucional com base no Concílio Vaticano II e as decorrências desses processos. Para esse propósito foram consultados Dussel (1986; 1993); Catão (1986); Azzi (2004); Aquino Junio (2020); Paixão (2006); Santos (2007) entre outros.

O **terceiro capítulo**, visa dissertar sobre o conceito de trajetórias de vida no sentido investigativo enquanto análise científica sob a ótica da abordagem qualitativa. O objetivo deste capítulo é ajudar a refletir sobre como o estudo das narrativas das experiências individuais podem contribuir para compreender a formação das identidades. A fim de lançar luzes sobre a temática abordada utilizei os estudos de Born (2001), Gallo (2010); Brandão (2002; 2015); Marinho (2017) entre outros.

O **quarto capítulo** compreende o percurso metodológico recorrido, no qual é realizada uma caracterização do campo de pesquisa, a apresentação dos participantes, os instrumentos de levantamento dos dados e a abordagem de análise utilizada para o tratamento do material coletado. O referido capítulo se baseia nos fundamentos de Minayo (2001); Prodanov (2013); Jovchelovitch, S.; Bauer (2002) e Chaer, G; Diniz, R; & Ribeiro (1968).

No **quinto capítulo**, conduzi as análises das entrevistas realizadas, elaborando inferências interpretativas com base nos temas e categorias que foram emergindo durante o procedimento de tratamento dos dados. Além disso, busquei aprofundar a compreensão dos dados levantados, procurando sempre evidenciar as conexões e nuances presentes nas narrativas dos participantes do referido trabalho.

Por fim, no **último capítulo**, apresento uma discussão quanto aos resultados encontrados, revelando por meio das trajetórias de vida dos participantes, a repercussão do fenômeno do racismo nas identidades raciais dos/as participantes do estudo em tela. No caso,

destaco não apenas as descobertas encontradas, mas empreendo uma argumentação no que tange ao impacto desses resultados no contexto da pesquisa, bem como permitir uma visão mais abrangente do problema em questão.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1. Identidade e Diferença: reflexões acerca do Eu e o Outro

O propósito central desta seção é compreender como se dão os processos de construção das identidades, para tanto se faz necessário recorrer a alguns autores e autoras que dissertam sobre o tema. Portanto, nas linhas seguintes, buscarei discutir a complexidade das identidades humanas, especialmente sobre a noção de identidade racial, a partir da perspectiva histórica e social, com base nos pressupostos de Hall (2000), Woodward (2000), Pereira (2016), Bauman (2005), Munanga (2012), Schucman (2022) e outros. Ao dissertar sobre as dinâmicas da construção das identidades em contextos marcados pela hierarquia social e racial, e a partir da influência das experiências sociais, pretendo trazer novas inquietações sobre a temática da identidade racial.

Quando Hall (2000) discute sobre a constituição das identidades, o autor defende que "as identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação" (HALL, 2000, p. 108). Hall (2000) defende que não existe uma unicidade em relação às identidades. As identidades estão sempre fragmentadas e multiplamente construídas ao longo de nossas vidas. Segundo Hall (2000), as identidades,

Têm a ver não tanto com as questões "quem nós somos" ou "de onde nós viemos", mas muito mais com as questões "quem nós podemos nos tornar", "como nós temos sido representados" e "como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios" (HALL, 2000, p. 109).

Tendo em vista, que "a construção da identidade é tanto simbólica quanto social" (WOODWARD, 2000, p. 10), indago: Como é ser negro/negra vivendo sob a perspectiva cristã? De que modo os membros da Igreja Católica se percebem e processam os ensinamentos cristãos? Como essa formação cristã se relaciona com suas trajetórias de vida contribuindo ou não para formação de suas identidades raciais?

De acordo com Woodward (2000),

A complexidade da vida moderna exige que assumamos diferentes identidades, mas essas diferentes identidades podem estar em conflito. Podemos viver, em nossas vidas pessoais, tensões entre nossas diferentes identidades quando aquilo que é exigido por uma identidade interfere com as exigências de uma outra (WOODWARD, 2000, p. 31).

Partindo da citação anterior, definir o conceito de identidade pressupõe considerar a complexidade no que tange às experiências sociais, coletivas e individuais dos seres humanos. Construir nossa identidade não é um caminho muito fácil, passa por questões objetivas que permeiam nossas subjetividades. Para Pereira (2016),

A subjetividade está em constante construção; a formação da identidade depende de diversos fatores externos ao homem que entram em contato com ele por meio da experiência e também das máscaras que cada um utiliza na interpretação dos papéis que representamos ao longo de nossa existência. Ao entender o homem como um ser em constante construção, precisamos reconhecer que ele possui uma história, sendo necessário saber da dialética que o mesmo estabelece com o seu modo de pertencer a uma sociedade (PEREIRA, 2016, p. 76).

A identidade é bastante complexa, pois o processo é uma contínua mudança. As identidades, elas não são unificadas, permanentes ou iguais. Instáveis, contraditórias, conflitantes e incompletas, as identidades se produzem a depender de fatores externos ao sujeito, suas interações sociais, o contexto cultural e histórico, e de cada “máscara” que assumimos para vivenciar as experiências em nossas vidas. Tudo isso, torna o sentido atribuído às identidades algo dinâmico e plural.

Uma construção em curso, resultante das interações e experiências sociais que estamos inseridos. É o que afirma Pereira (2016, p. 73), “pessoas e grupos sociais vivem processos históricos em que se entrelaçam o “ser” herdado e o “vir a ser” em construção. O “ser” herdado e o “vir a ser” em construção se entrelaçam, considerando que somos influenciados pelo que herdamos culturalmente ao nascer, porém somos moldados por aquilo que nos afeta ou durante a vida. Afeta no sentido de nos transformar. Portanto, muito do que somos é determinado pelas circunstâncias que permitem nos tornar quem iremos ser. É na interação entre indivíduo e sociedade que vamos construindo nossas identidades. Assim como afirma Hall (2006, p. 10), “a identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior””.

No que se refere às identidades, Bauman (2005) afirma que,

“as “identidades” flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimento, e o resultado da negociação permanece eternamente pendente” (BAUMAN, 2005, p. 19).

Essa “negociação” se refere ao processo infinito de construção de nossas identidades, identificando e escolhendo quem nós somos, mas também transitar entre aquilo que os outros nos atribuem. Para Bauman (2005), a identidade está sempre em fluxo constante, caracterizada pela natureza fluída e da relação tensa entre a nossa autopercepção e a

percepção dos outros. O autor acrescenta que, “*identificar-se com....* significa dar abrigo a um destino desconhecido que não se pode influenciar, muito menos controlar” (BAUMAN, 2005, p. 37). Ou seja, *identificar-se com...* seria a procura por segurança num mar de incertezas, da imprevisibilidade. Todavia, essa segurança é utópica, dado que o futuro foge do nosso controle. Bauman (2005) acredita que as identidades seriam um tipo de *porto seguro* para lidarmos com as incertezas e falta de controle dos encontros e desencontros que estão por vir nas nossas vidas.

Dessa forma, considerando que a identidade não pertence a uma unidade fixa, sem dúvida, ela se relaciona a partir das múltiplas posições que os sujeitos se mobilizam. As identidades são construídas e reconstruídas desde os diferentes lugares ocupados pelos indivíduos em diferentes contextos. Por exemplo, cada pessoa ocupa várias posições na sociedade - como trabalhadora, estudante, religiosa, etc. - e cada uma dessas posições vai influenciar na formação da sua identidade.

Munanga (2012) acrescenta ainda, a identidade ela existe *para marcar a diferença*. Nesse sentido, o autor considera que a identidade não diz respeito apenas a maneira como nos entendemos, mas sobretudo, como nos distinguimos uns dos outros. Corroborando com essa ideia Dubar (2006) afirma que a identidade “é o resultado de uma dupla operação linguageira: diferenciação e generalização” (p.13). As ideias de Dubar (2006) sobre identidade apontam como um equilíbrio entre a diferenciação e a generalização, nas quais ajudam definir a singularidade e pertencimento dos indivíduos. Essas premissas indicam que a identidade constitui os sujeitos como únicos, bem como estabelece conexão e pertencimento aos grupos sociais que estão inseridos.

Acrescentando ao debate Hall (2000) afirma que

As identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radical perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta [...] (HALL, 2000, p. 110).

O que Hall (2000) reforça é que as identidades se dão na diferença e não por meio da interdição delas. Reconhecer quem nós somos implica na compreensão daquilo que está além de nós mesmos, daquilo que nos está ausente. Nesse sentido, ressalto a importância das relações sociais na formação de nossas identidades, uma vez que na relação a partir do encontro com o *Outro* é que encontramos motivações para a constituição do *Eu*.

Acrescentando à discussão, a hierarquização das identidades sempre está atrelada a uma relação de disputa e opressão. Isso é muito evidente na construção de nossas identidades como pessoas negras, uma vez que,

No processo de constituição das identidades estão presentes os atos que envolvem disputa: diferenciar, classificar, excluir, hierarquizar, normalizar. Nas classificações binárias, nos opostos que muitas vezes estabelecem as identidades, existe uma violenta hierarquia entre os dois polos, onde o superior recebe a designação de identidade “normal” – é a identidade, e não uma identidade – e, paradoxalmente, são as outras identidades que são marcadas como tais (CIRNE, 2019, p. 59).

Cirne (2019) emprega o termo “violenta hierarquia” para designar a natureza opressiva nas dinâmicas das relações sociais, nas quais visam estigmatizar e marginalizar as identidades outras, que divergem do padrão estabelecido como única identidade a ser considerada. O que denota arbitrariedade no jogo de classificação identitária. A “violenta hierarquia” é que vai prescrever a norma. De acordo com,

Fixar uma determinada identidade como uma norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença (MONTEIRO, 2014, p. 54).

No caso, a estrutura colonial incrustou, desde a modernidade, a norma da branquitude a partir do “artifício do homem branco inscrito no corpo do homem negro” (Bhabha, 1998). O que levou à hegemonia da cultura ocidental em função da anulação da cultura do *Outro*.

Não é por menos, ser negro/negra no Brasil é ser interpelado/a por uma série de acontecimentos socioculturais, onde o racismo se configura como produto dessas circunstâncias. A percepção da identidade negra requer o reconhecimento da história de sua ascendência africana e, é necessário dar conta dos conflitos que nela decorrem. Portanto, o debate sobre a identidade racial, de indivíduos que são perpassados por um processo formativo cristão católico, se dá a partir da percepção das suas trajetórias de vida e do racismo estrutural. Munanga (2012) reforça que a educação pode ser um caminho para auxiliar nesse processo. Conforme diz o autor,

Daí a necessidade e importância de ensinar a história da África e a história do negro no Brasil a partir de novas abordagens e posturas epistemológicas, rompendo com a visão depreciativa do negro, para que se possam oferecer subsídios para a construção de uma verdadeira identidade negra, na qual seja visto não apenas como objeto de história, mas sim como sujeito participativo de todo o processo de construção da cultura e do povo brasileiro, apesar das desigualdades raciais resultantes do processo discriminatório (MUNANGA, 2012, p. 10).

A busca do indivíduo por sua identidade negra passa por caminhos árduos e embates constantes. O racismo, que condiciona o povo negro à "categoria" de pessoas inferiores, projeta o ideal de branquitude que serve como balizador no processo de construção das identidades dos sujeitos. Por isso,

Muitas vezes, o caminho que se percorre na busca dessa identificação é marcado por inúmeras contradições e opressões sofridas internamente pelo indivíduo, que acaba

por se impor uma regra básica – a negação de si próprio, de sua cor e, por conseguinte das suas características fenotípicas. Ou seja, o negro nasce e sobrevive imerso numa ideologia de que o branco é o ideal a ser atingido e endossa a luta para realizar esse modelo (PINTO & FERREIRA, 2014, p. 262).

Não é por menos, a jornada de autodescoberta, como pessoa negra, é um caminho recheado de obstáculos e adversidades que resultam na desorientação no tocante a sua identidade. Portanto, devemos nos orientar constantemente através de identificações culturais com nossa africanidade. Munanga (2012) afirma que, “identidade negra passa, necessária e absolutamente, pela negritude enquanto categoria sócio-histórica, e não biológica, e pela situação social do negro num universo racista” (2012, p. 06). Nós negros e negras, somos constantemente interpelados e interpeladas pela imposição de um padrão normativo branco, onde esse imperativo reforça a negação de nossa ancestralidade visando destruir quem nós somos em função da adaptação à branquitude.

Souza (1990) denuncia o seguinte,

É a autoridade da estética branca quem define o belo e sua contraparte, o feio, nesta nossa sociedade classista, onde os lugares de poder e tomada de decisões são ocupados hegemonicamente por brancos. Ela é quem afirma: "o negro é outro do belo". É esta mesma autoridade quem conquista, de negros e brancos, o consenso legitimador dos padrões ideológicos que discriminam uns em detrimentos de outros (SOUZA, 1990, p. 29).

A “autoridade da estética branca” apontada por Neuza Santos, é a definição da dinâmica de poder que mantém as estruturas classistas e hegemonicamente brancas. A essa “autoridade” a autora atribui a perpetuação dos padrões ideológicos discriminatórios, o que legitima a ocupação dos espaços de poder pelos brancos através de um “consenso” social, que viabiliza as práticas racistas.

O padrão normativo do branco, representa a forma de controle cultural e social que advém do período colonial, onde a imposição da cultura branca europeia foi o método encontrado pelos opressores para subjugar e moldar as identidades das populações não brancas. Schucman (2022) reforça, “a branquitude se refere a um lugar de poder, de vantagem sistêmica nas sociedades estruturadas pela dominação racial” (2022, p.180).

Para nós negros e negras, reconhecer nossa identidade racial, nossa negritude, é detectar quem nos oprime. Um dos fatores que dificulta esse processo é o mito da democracia racial. No Brasil, o colorismo se tornou o dispositivo que provoca a interrupção do reconhecimento de nossas identidades negras. Para Carneiro (2011) a miscigenação no contexto brasileiro acarretou a nossa “ausência de identidade” ou “confusão racial”, por não

conseguirmos nos “auto reconhecer” como pessoas negras. Mais que isso, como afirma Neusa Souza Santos (1990)

“saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades” (SOUZA, 1990, p. 17).

Pensando no modo como esse processo ocorre, na seção seguinte procuro examinar a relação entre a colonização brasileira e o surgimento do racismo, que resultou no estabelecimento do projeto da branquitude em nossa sociedade. Acredito que analisando as relações sociais criadas durante o colonialismo, podemos entender como os brancos foram se estabelecendo como o “modelo” superior dominante, enquanto nós, população negra fomos relegados a um status inferior ao longo do tempo, criando desigualdades permanentes e persistentes. Nesse sentido o esforço aqui é para que nas próximas linhas possa contribuir para compreender a origem e profundidade do racismo no Brasil e os enfrentamentos necessários para superá-lo.

3.2. O Legado da Colonização: Racionalidade Dominante e a Construção das Diferenças Raciais

Com a invasão das Américas, pelos europeus, a nova ordem mundial foi estabelecida entre o Velho e o Novo Mundo. A Europa se firma como eixo central para o novo padrão de referência a ser seguido (QUIJANO, 2009), sendo as outras civilizações consideradas inferiores, animalizadas e alocadas na periferia do "mundo civilizado" e, por tal, precisam ser domesticadas e colonizadas, serem "civilizadas". Temos, portanto, o estabelecimento de novas "identidades societais da colonialidade" (QUIJANO, 2009).

A empreitada civilizatória se estabeleceu primeiramente através das relações sociais baseadas na hierarquização das raças. Tomando como referência a branquitude europeia como horizonte a ser seguido no novo mundo. Segundo Quijano (2005), as relações sociais atreladas aos aspectos supostamente biológicos de diferença serviram de base para a construção do novo espaço/tempo em que a subalternização dos povos tradicionais e africanos possibilitou a tessitura social que culminou na estrutura de poder dominante. Nesse sentido, o autor afirma que os colonizadores construíram a estrutura de dominação dos povos ameríndios e africanos a partir da classificação social fundamentada na idéia de raça

Seguindo essa direção, Quijano (2005) explica que para o êxito da Europa Ocidental em tornar-se o centro do sistema-mundo e impor um domínio colonial sobre as demais regiões

do mundo, implicando “[...] um processo de re-identificação histórica, pois da Europa foram-lhes atribuídas novas identidades geoculturais” (p.121).

O autor indica os diversos níveis e formas de incorporação desse

novos padrão de poder mundial, considerando o desenvolvimento político, cultural e intelectual da população planetária: “Sem esses fatores, a categoria Oriente não teria sido elaborada como a única com a dignidade suficiente para ser o Outro, ainda que por definição inferior, de Ocidente, sem que alguma equivalente fosse criada para índios ou negros” (QUIJANO, 2005, p.121).

Como parte dessa incorporação, a Europa tomou para si todas as formas de controle da subjetividade, da cultura e da produção do conhecimento.

Concluindo que esse processo produziu uma “colonização das perspectivas cognitivas”, desenvolvendo o ideário etnocentrista nos europeus – produzindo a concepção dos povos colonizados como raças inferiores, anteriores aos europeus, sendo a modernidade e a racionalidade experiências e produtos “exclusivamente” europeus (QUIJANO, 2005). Para o autor, o eurocentrismo como perspectiva hegemônica de conhecimento produziu dois mitos fundacionais:

[...] uma ideia-imagem da história da civilização humana como uma trajetória que parte de um estado de natureza e culmina na Europa. E dois, outorgar sentido às diferenças entre Europa e não-Europa como diferenças de natureza (racial) e não de história do poder. Ambos os mitos podem ser reconhecidos, inequivocamente, no fundamento do evolucionismo e do dualismo, dois dos elementos nucleares do eurocentrismo (QUIJANO, 2005, p. 122).

As relações de poder, durante a brutalidade em curso no Novo Mundo, foram inspiradas na racialização de corpos e identidades, alcançando os planos da intersubjetividade com o intuito de dominação, isso também se deu através da "subjetivação social" com o intuito de dominação e exploração dos povos originários e africanos (DUSSEL, 1993). Segundo Quijano (2009), a racialização das relações de poder assegurou o referencial eurocêntrico universalizador. Não é por menos, que mesmo após a "abolição" da escravização no Brasil, as sequelas desse período nebuloso da nossa história permanecem.

A interseção entre o colonialismo e o racismo se apresenta de forma harmoniosa e ao mesmo tempo complexa. A colonização das Américas funcionou como um sistema de opressão onde o racismo serviu de base para sustentação da violência colonial. A racialização dos corpos não europeus configurou a hierarquização entre colonizador e colonizado, justificando a *racionalidade dominante*. A esse respeito, Silveira, Nascimento e Zalembessa (2021) salientam

A ideologização de uma racionalidade dominante, que inclusive justifique e naturalize as opressões, tem sua gênese na colonização, na afirmação de verdades

eurocênicas engendradas na construção de um projeto de modernidade imposto para todas as sociedades exploradas. Assim, as hierarquias sociais que polarizam primitivo/civilizado, oriente/ocidente, moderno/colonial, branco/negro, rico/pobre, centros/periferias, entre outras classificações, estão presentes nas narrativas reproduzidas socialmente, e muitas vezes incorporadas pelos povos oprimidos e pessoas discriminadas ou criminalizadas (SILVEIRA; NASCIMENTO; ZALEMBESSA, 2021, p. 04).

As colocações dos autores anteriores corroboram com a afirmativa que a colonização das Américas foi além da mera ocupação do território, envolveu a imposição de valores, hierarquias e sistemas de poder que assentaram as estruturas sociais, políticas e culturais dos territórios dominados.

O projeto de sociedade imposto desde o processo de colonização cunhou nos povos africanos a marca de povos inferiorizados sem direitos, condicionados ao trabalho escravo. Mignolo (2005), aponta que o mundo moderno/colonial, foi pensado a partir de pressupostos eurocênicos como um projeto de ascensão do continente europeu, chamado de Ocidente, o qual o conceito de raça foi fundamental nesse processo. Nas Américas, a racionalidade do mundo ocidental foi constituída sob a égide do poder ancorada nas "relações sociais de exploração/dominação/conflito articuladas" (QUIJANO, 2009, p. 76), para o controle dos povos dominados através da violência física e simbólica, culminando com a imposição da subjetividade do homem branco europeu como modelo único e ideal de existência.

Levando em consideração os séculos de exploração dos povos negros e indígenas aqui no Brasil, não podemos descartar a ideia de que a escravização serviu para a manutenção da hegemonia de uma elite branca e conservadora no país. O que acrescenta Lago (2014), quando afirma que a força produtiva na Colônia era fundamentada no trabalho escravo e não funcionava como um complemento a outro modelo de trabalho. A escravização dos africanos era o único meio dos colonizadores obterem seus lucros. O que impediu negros e negras de acessarem as condições dignas de sobrevivência. Todo esse conjunto de circunstâncias culminou na construção do quadro de vulnerabilidade social da população negra que perdura até os dias de hoje e o racismo serviu como aporte para a levar à cabo o projeto de sociedade na qual vivemos atualmente.

Pensando no modo como ocorreu a violenta ação colonizadora, na qual

“a imediata exploração da nova terra se iniciou com o simultâneo aparecimento da raça negra fertilizando o solo brasileiro com suas lágrimas, seu sangue, seu suor e seu martírio na escravidão” (NASCIMENTO, 1978, p. 48).

Em paralelo ao trabalho escravo, o estupro das mulheres negras em cativeiro reafirmava a mulher negra africana como objeto dos desejos mais hediondos dos homens

brancos. Salieta Nascimento (1978, p. 61), “a norma consistia na exploração da africana pelo senhor escravocrata, e este fato ilustra um dos aspectos mais repugnantes dos lascivo, indolente e ganancioso caráter da classe dirigente portuguesa”. Vale ressaltar que, o estupro foi também empregado como uma ferramenta para manter a hierarquia racial e exercer controle social sobre as mulheres negras subjugadas pela escravidão. A mistura de raças foi a consequência natural desse processo. Daí nasce o *mestiço*. Nesse aspecto, importa sublinhar que o próprio termo *mestiço* diz das preocupações dos colonizadores em criar a concepção de uma raça considerada inferior. Fortalecendo ainda mais o projeto de “hierarquização dentro da negritude, que serve à construção da branquitude como a condição humana ideal” (KILOMBA, 2019, p. 19). Com base nesses exemplos, é factível afirmar que, “será sempre inconsistente a crença de que vivemos a utopia de um país *desracializado*” (PAIXÃO, 2006, p. 37).

Durante o Século XX, o mito da democracia racial, no qual estabelece uma falsa ideia de igualdade entre as raças, adquire poder como recurso para a formação de uma identidade nacional “positiva” ao passo que políticas de embranquecimento da população brasileira avançavam em curso. Nesse ponto, pode-se destacar o olhar de Nascimento (1978), “Desde o fim do Século XIX, o objetivo estabelecido pela política imigratória foi o desaparecimento do negro através da “salvação” do sangue europeu, e este algo permaneceu como ponto central da política nacional durante o Século XX” (NASCIMENTO, 1978, p. 71). É preciso pôr em evidência que a cristalização do mito da democracia racial no imaginário brasileiro serviu como pano de fundo para disfarçar os ranços advindos da mentalidade escravocrata colonial.

Analisando essa conjuntura, precisamos refletir sobre as dinâmicas de poder que influenciaram as relações raciais no Brasil. Considerando que a colonização brasileira desempenhou um papel de destaque na configuração das relações raciais e sociais no país, fundamentando e estabelecendo hierarquias de raça, gênero e econômicas que persistem ao longo dos séculos, nas quais buscaram forçar a população negra e povos originários a sempre ocuparem os lugares de inferiorizados. O entendimento de Nascimento (1978) é de que as estruturas que marginalizam a população negra são resultantes diretas da história escravocrata do Brasil, refletindo o racismo, desigualdades socioeconômicas e violência sistemática colonial.

Em vista disso, é necessário direcionar nosso olhar para a dinâmica social e histórica que deu origem ao racismo estrutural, um fenômeno enraizado nas instituições e práticas sociais, que perpetua a desigualdade e a discriminação com base na raça. É por esse motivo que não podemos negligenciar a realidade, pois o racismo não se manifesta de forma isolada

na sociedade. No caso brasileiro, o racismo se apoia em aspectos históricos, culturais e econômicos que ajudaram a formar nossa sociedade. Por ele ser estrutural, se manifesta nas esferas cotidianas, midiáticas, políticas, econômicas e judiciais, demonstrando como a construção social da raça afeta diretamente as experiências individuais e coletivas dos grupos racialmente minoritários, no caso da população negra em específico. Atualmente Almeida (2018) vem se debruçando sobre a discussão em torno do conceito de racismo estrutural, no qual aponta alguns horizontes a fim de explicar esse fenômeno social.

Na visão de Almeida (2018, p. 38), “o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural”. Em complemento, o autor acrescenta que o racismo também é reproduzido por instituições ou sociedades organizadas através de estruturas fundamentadas em preconceito e discriminação, disfarçadas de uma falsa normalidade. No caso das instituições, o racismo se revela através de normas, leis ou princípios que regem o comportamento de seus membros, traduzido em ações que determinam os lugares de poder. Assim sendo, o lugar do negro sempre vai ser de subalternidade frente ao grupo racial dominante.

Segundo Almeida (2018),

A desigualdade racial é uma característica da sociedade não apenas por causa da ação isolada de grupos ou indivíduos racistas, mas fundamentalmente porque as instituições são hegemônicas por determinados grupos raciais que utilizam mecanismos institucionais para impor seus interesses políticos e econômicos. (ALMEIDA, 2018, p. 30)

O racismo como patologia social se dá no interior das instituições que estabelecem uma dicotomia na relação entre grupos raciais distintos. Nesse caso, há concessões e privilégios a determinado grupo racial hegemônico em detrimento do outro.

Os estudos de Souza (2021) possibilitam outros diálogos reflexivos referentes ao racismo. Indo além do que propõe Almeida (2018), Souza (2021) acrescenta que, “o racismo é, antes de tudo, a negação do reconhecimento social em suas múltiplas formas” (p. 130). Na análise de Souza (2021) o racismo impacta diretamente na sociedade e na vida individual. As reflexões do autor, destacam como o racismo mina não apenas a autoestima e a autoconfiança das vítimas, mas também prejudica o tecido social ao impedir a construção de relações saudáveis baseadas no respeito mútuo e na autonomia. O entendimento de Souza (2021) é de que

O racismo em suas diversas formas impede não apenas o florescimento da vida individual das vítimas do racismo, mas também o desenvolvimento de qualquer vida coletiva que garanta efetivo respeito à autonomia e à liberdade recíprocas entre os indivíduos e grupos sociais que a compõem (SOUZA, 2021, p. 130).

Souza (2021) é enfático ao ressaltar a importância de compreender as raízes históricas e a hierarquia moral implícito ao racismo, que muitas vezes é utilizada para humilhar e oprimir os as minorias, negando-lhes o reconhecimento social e existência de sua humanidade. Nas palavras do autor, “o racismo, como forma de distorcer e impedir o desenvolvimento de formas individuais e coletivas mais justas e abrangentes, irá se utilizar necessariamente dessa mesma hierarquia moral para humilhar e oprimir” (SOUZA, 2021, p. 130). Concluindo seu pensamento, Souza (2021) em sua análise sobre racismo expande o escopo para além do Brasil, enfatizando o racismo global e suas ligações com outras formas de violência, como o racismo de classe e o imperialismo.

No entendimento de Souza (2021),

Esse tipo de racismo cultural preside as formas mais abstratas de exercício de racismo e se refere a uma espécie de “racismo global”, mais abrangente do que qualquer outro, posto que irá animalizar as sociedades condenadas à pobreza, ao saque imperialista e à exportação de produtos primários. Além disso, também será a base para as estratégias das elites colonizadas do Sul global na sua opressão interna e doméstica (SOUZA, 2021, p. 132).

Esse aspecto multidimensional do racismo é elementar para uma compreensão abrangente das estruturas de poder e dominação que moldam as sociedades contemporâneas, incluindo o Brasil, e como esses procedimentos estão intrinsecamente ligados ao contexto global de dominação e exploração.

Por fim antes de adentrar nas seções posteriores, gostaria de retomar os objetivos dessa pesquisa: 1) Analisar a percepção de cristãos católicos da Zona Norte do Recife em relação ao racismo e a repercussão desse fenômeno nas suas identidades; 2) Identificar, a partir das trajetórias de vida, as situações de racismo vivenciadas pelos membros da Igreja Católica da Zona Norte do Recife; 3) Analisar como está configurada a identidade racial dos membros da Igreja Católica da Zona Norte do Recife

Recapitulando os objetivos da pesquisa, nas próximas seções à luz de diferentes autores, pretendi realizar uma breve reflexão sobre a Igreja Católica, destacando suas contradições durante o período colonial e suas mudanças desde o Concílio Vaticano II e o despertar para novas abordagens teológicas. Além disso, à luz de alguns teóricos, realizei uma argumentação no que tange às trajetórias de vida como processo formativo, acrescentando à

discussão uma exposição autobiográfica a partir das minhas experiências junto à Renovação Carismática Católica.

3.3. A Teologia da Conquista: A Igreja Católica e a Dinâmica Colonial

A presença e a influência da Igreja Católica na expansão marítima/comercial das potências europeias, especialmente do império português, são fundamentais para o entendimento do contexto histórico da colonização no século XVI. Não foi por menos, mas a expansão da fé católica serviu também, no combate à heresia e no estabelecimento da unidade religiosa almejada por Roma. Em relação a essas questões, pode-se aludir que esses processos influenciaram não só o consumo e apropriação de novas terras, mas também as relações sociais, culturais e políticas que moldaram o Atlântico Sul durante este período dramático da história.

Para promoção e expansão do império luso-espanhol foi necessário a ampliação do “Reino de Deus” e o combate aos infiéis pecadores. Assim, reforça Azzi (2005, p. 59), “a descoberta e a colonização do Brasil foi uma aventura conjunta do Estado lusitano e da Igreja Católica, unidas sob o signo da Cristandade”. A cruz e a espada se unem para o massacre, extermínio cultural e conversão forçada dos povos originários ao catolicismo (DUSSEL, 1993). Essa aliança concebia o mundo sob a óptica de dois lados, um mundo, segundo Fanon (1968), cindido em dois através de uma concepção maniqueísta. Aos negros e negras, advindos de África restaram corpos e subjetividades sob contínua vigilância, punição e opressão (AZZI, 2005).

Nas palavras de Azzi (2005), a escravização dos africanos foi legitimada pela Igreja por acreditar que seria uma “ordem social aprovada por Deus”. Já Santos (2009), afirma que chegaram - conforme séculos de sequestro, brutalidade, comercialização e expropriação de força de trabalho - em média no Brasil Colônia em torno de 3,5 a 4 milhões de africanos para serem escravizados. Rediker (2011) afirma que, durante esse período os negros e negras escravizados se tornaram uma espécie de animais de tração. O autor reforça que, os corpos negros tornaram-se produtos comercializados livremente, tanto nas colônias, quanto nas metrópoles de trabalho, um produto a ser comercializado entre os colonizadores.

Para a Igreja Católica esse processo era justificado, pois a escravização passou a ser sacralizada. Além disso,

Algumas congregações religiosas possuíam enormes fazendas, trabalhadas com o suor escravo. Na Fazenda da Santa Cruz, na Capitania do Rio de Janeiro, por exemplo, trabalhavam cerca de 1000 escravos. Com o rendimento, dali advindo, os

religiosos sustentavam as missões entre os índios, os colégios e os seminários. (STRIEDER, p. 222, 2000)

Segundo Azzi (2005), a condenação dos ritos africanos foi uma maneira de impor, através da autoridade cristã, a renúncia aos cultos ancestrais. A proibição dos rituais religiosos africanos se tornou mais uma ferramenta de dominação e extermínio cultural dos escravizados. A cristandade católica serviu como base para o expansionismo luso-espanhol, cuja relação igreja/sociedade para constituição do Estado foi mediada pelos aspectos econômicos e religiosos (QUIJANO, 2009). O que houve, portanto, foi a interligação entre a vida social, política e econômica permeada pela religião católica. Logo, nossa sociedade foi construída sob estruturas racistas que de forma violenta e incisiva construíram os argumentos necessários para o estabelecimento da maquinaria colonialista.

A Igreja Católica, em conjunto com o colonizador português, forçou os povos indígenas a se converterem à religião católica, abandonando suas tradições em prol da cultura branca ocidental. De acordo com Azzi (2005), a concepção de mundo dos indígenas deveria ser abandonada necessitando de catequese para conversão à fé católica. Para o autor: “a religião indígena era considerada como expressão do poder diabólico, a tarefa dos religiosos devia visar especificamente à conversão dos índios” (AZZI, 2005, p. 63). Já Dussel (1993) afirma que, foi necessário a “conquista espiritual” dos povos indígenas, pois considerados bárbaros, conquistados seus corpos era necessário “controlar o imaginário a partir de uma nova compreensão religiosa do mundo da vida” (DUSSEL, 1993, p. 59).

Dentro desse cenário, ressalto que sendo a fé cristã a religião do colonizador, a Igreja Católica foi um dos instrumentos de inferiorização, subjugação e subjetivação utilizados para o domínio colonialista, ou seja, o aparelho promotor do processo de dominação do *outro*. Em se tratando de catequese, segundo Hoornaert (2008) “A evangelização e catequese sistemática do Brasil iniciou-se em 1549, com a vinda do primeiro governador geral Tomé de Sousa, e do primeiro grupo de Jesuítas” (p. 212). Caracteriza-se o início de um arranjo mais coordenado para a conversão e catequização dos povos originários da colônia portuguesa. Nesse período, num primeiro momento havia certo otimismo por parte da ordem Jesuíta, porém diante das dificuldades encontradas nas novas terras, foi adotada uma espécie de guerra santa contra os povos indígenas. Afirma Hoornaert (2008), “a sujeição dos índios, ou seja, reduzi-los a um regime de servidão e obrigá-los assim a aceitar a fé cristã, foi a grande tese defendida pelos jesuítas, sustentada por Nóbrega e Anchieta, como claramente emerge da leitura de suas cartas” (Hoornaert, 2008, p. 212).

Com base no que foi exposto, fica claro que a permanência e expansão da Igreja Católica no Brasil Colônia estava alicerçada na opressão do *outro* como indivíduo a ser conquistado. Essa conquista não se deu apenas no controle e imposição de uma nova fé, mas no controle dos corpos e divisão racial do trabalho. Quijano (2005) acrescenta ainda que, os colonizadores construíram a estrutura de dominação dos povos ameríndios e africanos a partir da classificação social fundamentada na ideia de raça. Para isso, as relações de trabalho e produção dos produtos nas colônias foi pautada na exploração dos povos dominados (indígenas e africanos) com base na subalternização e escravização desses povos. A Igreja Católica não estaria de fora desse processo.

Castro (1996) e Krenak (2019) denunciam tentativa de extermínio e silenciamento dos povos originários a partir da imposição da narrativa civilizatória europeia, tendo como base a fé cristã. Retomando o que disse antes, a Igreja Católica, a fim de espalhar a fé cristã, se posicionou ao lado dos colonizadores inaugurando a estrutura necessária para o esfacelamento das identidades, corpos e subjetividades ameríndias e africanas no Brasil e em todo continente americano. Reforça Santos (2007) que o projeto era promover a fé cristã a partir do arcabouço colonizador europeu.

Importa sublinhar que, no período colonial a Igreja Católica também experimentou uma fase de grande desenvolvimento econômico, onde algumas ordens religiosas possuíam grandes latifúndios explorando economicamente as terras por meio do trabalho escravo. Hoornaert (2008) afirma o seguinte,

A primeira metade do século XVIII marcou para todas as ordens religiosas que trabalhavam no Brasil uma fase de grande expansão e poder econômico. A maior parte das ordens já tinha província própria, e algumas completamente independentes do governo de Portugal (HOORNAERT, 2008, p. 2020).

Não menos, havia uma relação de colaboração entre a coroa portuguesa e os religiosos, onde a primeira fornecia auxílio financeiro e doação de terras às ordens religiosas. Tudo isso promoveu o fortalecimento do poder e influência da Igreja Católica na colônia portuguesa.

Concluindo, a partir da problematização anterior podemos perceber como a Igreja Católica fincou sua existência nas terras do Novo Mundo. Logo, examino o papel da Igreja Católica durante o período colonial. A Igreja cunhou na formação da sociedade brasileira feridas que ainda seguem sangrando atualmente. Sua intervenção na colônia reflete, ainda hoje, nas relações sociais, culturais e religiosas do nosso país. Nesse sentido, faço uma observação a fim de compreender esse legado histórico como parte do projeto colonial que perdurou por séculos no Brasil.

À luz dessa problemática, ressalto que durante o século XX, com as grandes transformações nas sociedades (avanços tecnológicos, guerras, revoluções econômicas e sociais etc.), a Igreja Católica buscou enfrentar os desafios inerentes ao período colonial através do caminho da renovação por meio do Concílio Vaticano II, com a finalidade de comprometer-se a modernização do discurso e práticas da Igreja. Analisando essa conjuntura, saliento que a transição do período colonial para a modernidade da Igreja Católica visou pôr fim ao período conhecido como Cristandade³. Como observa Mendes (2016), o Concílio Vaticano II representou, para a Igreja Católica Apostólica Romana, a entrada na modernidade e uma ressignificação teológica como mudanças na estrutura eclesial e da relação da Igreja com a era Moderna.

Na análise de Silva (2017),

O Vaticano II “reconheceu” que a hegemonia social e as posições da Igreja já estavam deterioradas, por isso era necessário se tornar mais flexível as transformações sociais. As resoluções do evento apontavam para grande modificação teológica, onde a Igreja deveria priorizar sua presença no mundo” (SILVA, 2017, p. 64).

O Concílio Vaticano II, realizado entre 1962 e 1965, foi crucial para uma virada significativa nos caminhos da Igreja Católica, com isso foram possíveis reformas e abertura para uma visão mais plural e progressista da fé. Uma das principais mudanças foi a ênfase na participação dos leigos na vida da Igreja e na promoção do diálogo inter-religioso.

Com isso, a Teologia da Libertação surgiu como uma resposta às injustiças sociais e econômicas, especialmente aqui na América Latina, que naquele momento em muitos países estavam vivenciando regimes ditatoriais. Sob a luz do Concílio Vaticano II, a Teologia da Libertação permitiu uma interpretação mais engajada do Evangelho de Cristo, voltada para a defesa dos direitos humanos, a promoção da igualdade social e o combate à opressão dos regimes autoritários. Como relata, em entrevista, o professor Drance (2022), a Teologia da Libertação

foi um tipo de teologia que levou de fato ao engajamento de leigos, de padres e também de bispos, na perspectiva de enfrentamento a essas ditaduras, resistindo a elas e engrossando também, as organizações populares que começaram a existir e contestar evidentemente esse “status quo” na época instalado (DRANCE, 2022).

É interessante observar que a Teologia da Libertação não nasce como um fenômeno isolado. Como explica Camurça (2013), o Concílio Vaticano II (1962-1965) e, na América

³ A Cristandade surgiu a partir do século IV, e se tornou o modelo eclesial de poder que se fundamentou na íntima relação entre a Igreja Católica Apostólica Romana, a sociedade e o Estado, visando à efetivação do Status Quo durante dezesseis séculos. Durante esse período, a Igreja funcionou como aparelho ideológico do Estado, consolidando um modelo de legitimação social cristão até seu declínio no século XIX (OLIVEIRA, 2012).

Latina, a II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em Medellín (1968) e a Conferência de Puebla (1979), foram eventos de grande relevância para a gênese da Teologia da Libertação. Para Barros (2019) ao fazerem a opção pelos pobres como sustentação da missão eclesial, as Conferências de Medellín (1968) e Puebla (1979), apoiaram a dignidade humana e compromisso com os problemas sociais, comprovando o empenho na batalha pela libertação dos oprimidos e pela transformação da realidade social.

Ressalto a importância na mudança de paradigma da Igreja Católica frente a conjuntura mundial do século XX, tendo em vista a emergência do mundo moderno. No entanto, paralelamente aos movimentos progressistas que fizeram abrir os olhos da Igreja para as desigualdades na sociedade, vale lembrar que também emergiram movimentos conservadores que buscaram manter as tradições e resistir às mudanças, mais progressistas, propostas pelo Concílio Vaticano II. Aponto, por exemplo, o surgimento da Renovação Carismática Católica como parte desses movimentos mais conservadores.

Na análise de Maués (2001), a Renovação Carismática Católica (RCC) é um movimento dentro da Igreja Católica que se destaca por sua ênfase na experiência renovada do Espírito Santo. Sua origem está intimamente ligada ao Concílio Vaticano II, que ocorreu na década de 1960. Segundo o autor, a RCC atribui sua origem ao Concílio Vaticano II, que produziu documentos fundamentais para o movimento.

Conforme aponta Maués (2001),

O Concílio Vaticano II produziu dois importantes documentos, um intitulado *Lumen Gentium* e outro chamado *Gaudium et Spes*, o primeiro tratando da constituição dogmática da Igreja e dando uma importância fundamental ao papel do Espírito Santo e, o segundo, tratando da constituição pastoral e enfatizando o compromisso social dos cristãos. Dessa forma, o primeiro documento deu ensejo ao aparecimento da Renovação Carismática Católica, enquanto o segundo permitiu o aparecimento da Teologia da Libertação e das Comunidades Eclesiais de Base, os dois movimentos mais ativos do final do século XX, na Igreja Católica (MAUÉS, 2001, p. 18)

No tocante aos desdobramentos pós-Concílio Vaticano II, saliento que a Renovação Carismática Católica (RCC) e a Teologia da Libertação emergiram como movimentos divergentes dentro da Igreja Católica, apontando para diferentes abordagens face às mudanças ocasionadas pela “modernização” eclesial. Objetivamente, enquanto a Renovação Carismática Católica (RCC) tem como prisma uma espiritualidade individualista e uma relação direta com a divindade, Nossa Senhora e o Espírito Santo, o foco da Teologia da Libertação é direcionar suas ações para a equidade social e a defesa dos oprimidos. Essas discordâncias entre a RCC e a Teologia da Libertação refletem bem a profundidade das dinâmicas internas da Igreja

Católica, onde diferentes pensamentos teológicos e práticas espirituais coexistem paralelamente e se confrontam teologicamente.

Na perspectiva de Maués (2001), a visão da RCC se distancia da Teologia da Libertação, pois

A noção não sociológica de que as mudanças das consciências individuais será capaz de alterar o todo social — noção oposta à que é muito característica da Teologia da Libertação e das CEBs — e que, por isso, descarta as transformações estruturais como forma de começar a construir o Reino de Deus aqui na terra, conduz a ações individualísticas em sintonia com uma espiritualidade excessivamente centrada no indivíduo, na emoção e na relação direta com a divindade, através do recebimento dos dons do Espírito Santo ou da relação romântica e sentimental com os Corações de Jesus e de Maria. (MAUÉS, 2001, p. 95)

Em suma, a partir dos exemplos anteriores, é possível verificar minimamente a riqueza e a diversidade de concepções que forma a Igreja Católica Apostólica Romana na modernidade e (pós) modernidade, o que faz desafiar a instituição a encontrar uma harmonia entre tradição e inovação, de um lado espiritualidade individual e do outro compromisso social, em busca de uma maior integração com a realidade social e coerência em sua missão no mundo contemporâneo. Tais compromissos foram assumidos pelo Papa João Paulo XXIII (1961) na carta encíclica *Mater et Magistra*,

De modo que a Santa Igreja, apesar de ter como principal missão a de santificar as almas e de as fazer participar dos bens da ordem sobrenatural, não deixa de preocupar-se ao mesmo tempo com as exigências da vida cotidiana dos homens, não só no que diz respeito ao sustento e às condições de vida, mas também no que se refere à prosperidade e à civilização em seus múltiplos aspectos, dentro do condicionalismo das várias épocas (JOÃO PAULO XXIII, 1961, p. 02).

Finalizando, em termos práticos a encíclica *Mater et Magistra*, determinou a necessidade do equilíbrio entre as dimensões espirituais e materiais do ser humano. Assim, confessa o valor da espiritualidade, da conexão com o divino e concomitantemente não deixa de lado as necessidades humanas e aspirações práticas da vida real.

Para avançar na pesquisa, explorarei as trajetórias de vida no sentido de entender como essas experiências podem ser percebidas como parte do processo de formação das identidades. O que me desperta para investigar sobre como as situações de racismo se apresentam nas trajetórias de vida de membros da Igreja Católica da Zona Norte do Recife e como isso reflete nas suas identidades raciais negras. Assim, levanto o seguinte questionamento: como os participantes da pesquisa percebem o racismo e qual o impacto desse fenômeno negativo nas suas identidades? Essa é uma pergunta-chave para o aprofundamento da pesquisa.

3.4. Trajetórias de Vida e a Construção Social do Eu: Reflexões sobre Educações

A busca empreendida aqui tem como um de seus pontos discutir as trajetórias de vida como um processo formativo que pode ajudar a constituir as identidades dos sujeitos. A história dos indivíduos é marca do percurso vivido ao longo dos tempos que sempre se dá de maneira dialética, acredito que através dos encontros e desencontros nossas identidades vão sendo moldadas e constituídas como resultado das relações que vamos estabelecendo. Na análise de Marinho (2017, p. 34), "ao longo do "tempo de vida", os indivíduos agem, realizam trânsitos e percursos sociais, desenvolvem maneiras de agir perante os processos de reprodução social". Essa perspectiva contribui para que possamos entender que nossas trajetórias de vida são orientadas pelos itinerários sociais que percorremos.

Não podemos rejeitar a afirmativa de que as experiências humanas, como o aprender, são determinadas pelas estruturas e relações sociais. É possível afirmar, portanto, que a educação é parte dessa estrutura que percorre as relações sociais. A educação é uma "instituição social" (Libâneo, 1994), portanto é terreno fértil para transmissão de padrões socioculturais que são necessários à vida em sociedade, seja de forma implícita, explícita, formal ou informal. Sob essa ótica, de que educação se dá de maneira implícita, acredito que as trajetórias de vida podem ser outras maneiras de aprender. Portanto, o objetivo dessa pesquisa não é fazer apenas uma mera descrição de histórias, mas analisar as subjetividades inerentes aos processos vivenciados, pelos participantes da pesquisa na construção de suas identidades raciais.

É interessante notar também que as trajetórias de vida ganham força quando reconhecemos as relações entre o *Eu* e o *Outro*, que numa análise dos fenômenos sociais repercutem profundamente no entendimento desses acontecimentos. Ao analisar e compreender essas relações, podemos entender melhor como as trajetórias de vida moldam e/ou são moldadas pelo contexto sociocultural em que o indivíduo está inserido, onde o *Eu* é formado. Sob esse ponto de vista, vislumbro que essa perspectiva nos permite uma análise mais interessante e completa das vivências humanas e suas contribuições nas dinâmicas sociais e identitárias.

No entendimento de Born (2001)

A trajetória de vida pode ser descrita como um conjunto de eventos que fundamentam a vida de uma pessoa. Normalmente é determinada pela frequência dos acontecimentos, pela duração e localização dessas existências ao longo de uma vida (BORN, 2001, p. 243).

Partindo do princípio de que nossas vidas são moldadas por uma série de eventos e experiências que surgem das nossas interações com o mundo ao nosso redor, percebo essas vivências como pedras fundamentais na construção de quem somos. Acredito que a verdadeira formação acontece no dia a dia, nas rotinas e nos momentos que compõem nossas vidas, nas relações e nos encontros com o *outro*. A partir dessa visão, entendo que nossas histórias são parte integrante do processo de aprendizado e crescimento humano.

Ao considerar nossas histórias pessoais como parte integrante do processo de aprendizado e crescimento humano, minha intenção é ampliar o conceito de educação para além das salas de aula, o intuito é direcionar o olhar para uma abordagem holística que valoriza a experiência de vida como um fator crucial na formação integral dos indivíduos.

Segundo Freire (1993, p. 12), "aprender e ensinar fazem parte da existência humana, histórica e social [...]". Freire (1993) aponta que o sujeito é inacabado, finito e, portanto, mantém-se em constante formação. Para o autor, o ser humano em momento algum interrompe o seu processo educativo. Todavia, para que haja educação ele não descarta a necessidade do contato com o outro e com o meio. Seguindo essa lógica Freire diz que, "ninguém educa ninguém, como tão pouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo" (FREIRE, 1983, p. 79). Então, consideramos que o ato de educar se dá na "presença" em função de um contexto.

Diante do exposto, nos perguntamos: Onde encontramos a educação? Segundo Brandão (1981) a educação se propaga em todos os meios sociais, em diversos modos de ensinar/aprender e formas de se organizar. O autor reforça,

Da família à comunidade, a educação existe difusa em todos os mundos sociais, entre as incontáveis práticas dos mistérios do aprender; primeiro, sem classes de alunos, sem livros e sem professores especialistas; mais adiante com escolas, salas, professores e métodos pedagógicos (BRANDÃO, 1981, p. 10).

Levando em consideração esses fatores, a educação está em todo lugar, de fato "ninguém escapa da educação" (BRANDÃO, 1981, p. 07). A escola, a praça, o clube, a família, a comunidade, a igreja etc., são espaços educativos. Parafraseando Brandão (1981), há várias *educações*. Portanto, nem toda educação é igual. Ao demarcarmos os campos de atuação da educação, irá se distinguir de acordo com os objetivos, território, contexto e processos.

Compreendendo, então, o modo como a educação se configura como um fenômeno social e universal, pois ela se confirma por meio da prática social. Seja objetivamente ou subjetivamente, a educação é inerente aos grupos sociais. Corrobora Libâneo (1994) ao afirmar que a educação,

se refere ao processo de desenvolvimento unilateral da personalidade, envolvendo a formação de qualidades humanas - físicas, morais, intelectuais, estéticas, tendo em vista a orientação da atividade humana na sua relação com o meio social, num determinado contexto de relações sociais. (LIBÂNEO, 1994, p. 22)

Nesse sentido, a sociedade ou grupo social requer um determinado "tipo" de sujeito e vai se utilizar da educação para o fomento do indivíduo. Durkheim (2013) reafirma esse pensamento. Para o autor, cada sociedade aspira um homem ideal e "é o conjunto da sociedade e cada meio social específico que determinam este ideal que a educação realiza". (DURKHEIM, 2013, p. 53). Todavia, a visão funcionalista "durkheimiana" impede de observar as particularidades históricas, sociais e culturais em torno da educação, mas também dos sujeitos.

Gohn (2006) propõe a classificação dos tipos de educação em *educação formal*, *educação não-formal* e *educação informal*. Segundo a autora, podemos definir as três concepções de educação da seguinte maneira: A educação formal está atrelada ao processo de escolarização do conhecimento e dos sujeitos, regido por um currículo estruturado e regulamentado por leis, instituições, etc.. A educação não-formal é compreendida a partir dos processos coletivos a partir do compartilhamento de experiências, como nos movimentos sociais, por exemplo. Já a educação informal, desenvolve-se sob os pressupostos que envolvem valores, crenças, linguagens etc. Por exemplo, uma entidade religiosa.

Considero a educação como parte dessa estrutura que determina as relações sociais, pois acredito que a educação é uma "instituição social" (LIBÂNEO, 1994). Ela é terreno fértil para transmissão de padrões socioculturais que são necessários à vida em sociedade, seja de forma implícita/explicita ou formal/informal, ou não escolarizada. Por isso, não podemos escapar desse processo. Gohn (2006) conceitua, "a educação informal socializa os indivíduos, desenvolve hábitos, atitudes, comportamentos, modos de pensar e de se expressar no uso da linguagem, segundo valores e crenças de grupos [...]" (GOHN, 2006, p. 29).

Ao refletir sobre a importância da educação como uma instituição social fundamental na transmissão de valores e padrões socioculturais, compartilho um pouco de minha trajetória de vida, com o propósito de ilustrar como fui construindo minha identidade à medida que vivenciei algumas experiências na Igreja Católica.

O Movimento da Renovação Carismática Católica (RCC) surge na minha vida como uma possibilidade de encontro de jovens que desejava vivenciar uma prática espiritual inovadora dentro da Igreja Católica. A tomada de decisão em participar foi movida por muita curiosidade e expectativa de experiências não vivenciadas antes dentro da igreja. Para mim, a proposta pretendida pela RCC sempre foi muito fascinante, pois trazia como objetivo a

vivência da prática religiosa de forma extrema, fundamentada no amor de Deus, tendo como único horizonte a proposta de santidade. Fique registrado aqui que a busca por viver a santidade a partir do que propõe a RCC é o compromisso radical em querer incorporar na vida as virtudes cristãs embasadas no evangelho de Jesus Cristo. Tudo isso me deixou fascinada. Tantas pessoas com trajetórias de vida diferentes, vivendo para alcançar o mesmo ideal. E uma dessas grandes virtudes, se não a maior, é o *amor doação*.

Contudo, com o passar dos anos, a partir das minhas experiências junto ao movimento comecei, como membro efetivo da RCC, tentar compreender mais a fundo seus fundamentos. Nesse ponto algumas questões, a exemplo da ausência do debate sobre as minorias, me levaram a questionar certas posições da Renovação Carismática Católica.

Levando em conta que a jornada de nossas vidas não segue um caminho linear, a problematização sobre outras identidades e a percepção de minha identidade como mulher negra ganha forma à medida que exploro uma gama de experiências e outros caminhos ao longo da vida. Com base em algumas inquietações passo a me questionar se a mulher negra encontra espaço para aceitação dentro da Renovação Carismática Católica. Que amor é esse proposto pela RCC, é um amor inclusivo?

Essas inquietações começaram a me atravessar cada vez mais, a medida que me reconheço cada vez mais como mulher negra percebo a resistência da RCC diante da diversidade. Ou seja, àquilo que não se enquadra nas normas estabelecidas pela RCC. Contextualizando, a identidade do Movimento é fundamentada em uma lógica conservadora da fé católica, que não se alinha às agendas progressistas da sociedade. Que só passei a enxergar isso, depois de circular e ter contato com outras experiências para além da Igreja.

A identidade de uma mulher negra, que comecei a construir, me elevou a um lugar diferente, a pensar principalmente sobre respeito à diversidade e justiça social. Que não foge ao princípio do amor cristão católico, porém o amor defendido pela RCC, por muitas vezes, desvirtua a não enxergar o diferente como um ser legítimo. O que não desmerece tudo que aprendi sobre o amor cristão católico com a RCC, mas me obriga a olhar sem ingenuidade - no sentido mais freiriano da palavra - para a fé católica, conduzindo meu olhar para outras teologias que possibilitam incluir o diverso em suas práticas.

Tendo como base o relato anterior, defendendo a ideia de que as trajetórias de vida, podem ser um processo formativo que permeia a educação. Vislumbro a religião como um aspecto importante na trajetória de vida das pessoas. É a religião que vai inculcar valores, modos de pensar e agir pelo viés dogmático. Por esse ângulo, é interessante observar a religião como um processo formativo de educação.

Sobre esse pensamento Brandão (2002) defende que "tal como a educação, a religião é um território de trocas de bens, de serviços e de significados entre as pessoas" (BRANDÃO, 2002, p. 152). Essa conexão é construída a partir da ampliação do conceito sobre educação, transpondo para outros campos de discussão a definição do que é e como se efetiva educação nas sociedades. Desse modo, considero que a religião, assim como a educação, transforma e atua diretamente na constituição dos indivíduos a partir de determinada ótica ou do que se objetiva. Logo, pergunto: A religião pode ser considerada um processo educativo?

Para ajudar a responder essa questão, recorro a Libâneo (1994) ao discorrer sobre educação. De acordo com o autor

Os processos educativos ocorrentes na sociedade são complexos e multifacetados, não podendo ser investigados à luz de apenas uma perspectiva e, muito menos, reduzidas ao âmbito escolar (LIBÂNEO, 1994, p.71).

A análise de Libâneo (1994) me leva a perceber a religião como território diverso, atuando na constituição de subjetividades e transmissão de conteúdos objetivando um "tipo" de pessoa, pois esses indivíduos "ganham uma identidade e um papel, através do processo educativo, para desempenhar um conjunto de funções que deles se espera" (GALLO, 2010, p. 230). Logo, acredito que a religião pode ser considerada um processo educativo.

Por isso, acredito ser necessária a discussão em torno do problema pesquisado. Para isso, desenvolvi o trabalho em tela a fim de responder o objetivo principal dessa pesquisa: Analisar a percepção de cristãos católicos da Zona Norte do Recife em relação ao racismo e a repercussão desse fenômeno nas suas identidades.

4. Escolhendo o Caminho: Estratégias Metodológicas da Pesquisa

Podemos dizer que a metodologia é o caminho que a pesquisa irá percorrer para ser realizada. É durante o procedimento metodológico que utilizamos os recursos necessários para a construção e levantamento dos dados para análise dos resultados dos quais a pesquisa necessita para alcançar seus objetivos. O percurso metodológico, nos ajuda a entender e questionar como a pesquisa funciona, quais são os desafios a serem enfrentados. Através desse raciocínio, corroboro com Martins (2004) de que não é apenas sobre quais técnicas de investigação iremos utilizar, mas sim sobre o fazer ciência, onde as questões empíricas estão sempre associadas a debates com embasamento das teorias e conceitos anteriormente construídos pelos autores. Como afirma a autora, "a metodologia é, pois, uma disciplina instrumental a serviço da pesquisa; nela, toda questão técnica implica uma discussão teórica" (MARTINS, 2004, p. 291). Já para Prodanov e Freitas (2013), "a metodologia é a aplicação de procedimentos e técnicas que devem ser observados para construção do conhecimento,

com o propósito de comprovar sua validade e utilidade nos diversos âmbitos da sociedade” (PRODANOV, FREITAS, 2013, p.14).

Nesse sentido, concordo com os autores acima, pois considero a metodologia como etapa indispensável para que o pesquisador encontre os dados e as respostas em torno do fenômeno a ser estudado.

No que se refere ao percurso metodológico, esta pesquisa se classifica como uma pesquisa qualitativa, face à complexidade do problema investigado. A escolha por essa abordagem levou em consideração que o fato da pesquisa qualitativa compreender de maneira mais contextualizada e profunda, as dinâmicas dos fenômenos sociais. Esse tipo de pesquisa, caracteriza por priorizar os significados e interpretação das subjetividades provenientes das experiências humanas. Como afirma Minayo (2001), essa abordagem trabalha,

“com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2001, p. 22).

Nesse aspecto a pesquisa qualitativa difere da pesquisa quantitativa, a última tem como pressuposto se basear em números estatisticamente, a pesquisa qualitativa visa capturar a complexidade e a riqueza do mundo humano (social), explorando as relações sociais, comportamentos e interações humanas em diversas circunstâncias. De acordo com Minayo (2001), “o universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e é o objeto da pesquisa qualitativa dificilmente pode ser traduzido em número e indicadores quantitativos” (MINAYO, 2001, p. 21). Portanto, a opção pela abordagem qualitativa foi a que mais se adequou aos interesses dessa pesquisa.

Esta investigação envolveu a exploração do campo de pesquisa da Paróquia Conceição de Beberibe, pertencente ao Vicariato Norte, que compreende o território da Zona Norte do Recife.

Segundo o historiador Odon de Alencar (2014), a história da Paróquia de Beberibe remonta ao início do século XVII, com a construção da Capela de Santo Antônio junto ao Engenho Santo Antônio, cujas datas exatas são desconhecidas. Em 1743, o terreno para a nova capela dedicada à Nossa Senhora da Conceição foi doado, e após várias interrupções em sua construção, foi aberta ao público em 1767, passando posteriormente para a Irmandade do Santíssimo Sacramento e, em seguida, para a Irmandade de Nossa Senhora da Boa Hora. Alencar (2014) informa que em 1850, uma nova igreja foi erguida por ordem de Frei Caetano de Messina, dedicada novamente a Nossa Senhora da Conceição, e em 1872, alcançou o status de paróquia. Com mais de 100 anos, a paróquia tem desempenhado um papel significativo na

vida espiritual do bairro de Beberibe e adjacências, passando por várias reformas ao longo dos anos.

A escolha pela Zona Norte do Recife, também, ocorreu por levar em conta o contexto histórico e econômico de segregação racial na ocupação da cidade do Recife, fazendo com que a Zona Norte do Recife concentrasse o maior percentual de negros e negras da capital. Segundo matéria do Diário de Pernambuco⁴, em 2015 o Recife possuía 1,5 milhões de habitantes, sendo 890 mil desses habitantes negros e pardos. Desse contingente, a maioria dos negros ocupava os bairros da Zona Norte. Não foi por menos que escolhi o referido campo de pesquisa. Apesar de ser moradora do bairro periférico de Águas Compridas, em Olinda, pertenço à Paróquia de Beberibe. Além disso, o passado da Zona Norte do Recife está intimamente ligado à história de meus ancestrais.

Olhando para a paisagem da Zona Norte do Recife verificamos que ela é, basicamente, composta por morros. A ocupação dos morros da Zona Norte do Recife reflete diretamente a dinâmica social e econômica da cidade ao longo dos séculos. Desde o período colonial, os mais pobres e a população negra ocuparam com seus mocambos as áreas menos favoráveis à construção, como locais inundados, mangues e encostas, enquanto as áreas mais ideais para moradia foram ocupadas pelos mais abastados economicamente. De acordo com Santana (2019), em 1919, foi proibida a construção de mocambos na região central do Recife. De acordo com o autor, isso acarretou a transferência dos moradores expropriados para os morros da Zona Norte, especialmente Casa Amarela, Beberibe e Água Fria.

Tendo em vista o contexto histórico e social acima relatado, justifico a escolha por esse campo de pesquisa.

Na etapa exploratória da pesquisa, após delimitar o escopo do estudo, procedeu-se à seleção dos/das participantes. Os critérios estabelecidos para seleção foram os seguintes:

- 1) Pessoa autodeclarada negra (preta ou parda):

Este critério visou contemplar o objetivo geral da pesquisa, permitindo uma análise mais pertinente relacionada à identidade racial.

- 2) Membros ativos da Igreja Católica

A escolha por membros ativos buscou incluir indivíduos que estejam profundamente envolvidos com a instituição, facilitando o entendimento de suas práticas e valores.

- 3) Participasse de algum movimento na igreja

⁴ Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2015/11/segregacao-racial-persiste-na-ocupacao-do-recife.html>

A inclusão de participantes envolvidos em movimentos da Igreja permitiu explorar diferentes perspectivas e experiências na fé católica, enriquecendo a compreensão dos fenômenos estudados.

Para tanto, fiz uso do questionário nessa fase inicial, pois através desse recurso pude produzir um recorte mais refinado do universo dos participantes e definir melhor o instrumento de levantamento dos dados. A opção pelo questionário, nesta etapa, ocorreu pelo interesse de realizar o apanhado de informações preliminares dos participantes. Foram respondidos 10 questionários e a partir das respostas coletadas houve a escolha dos participantes que foram entrevistados.

Acerca das informações contidas no questionário, foram respondidas as seguintes questões:

- Nome
- Idade
- Sexo
- Bairro onde mora
- Escolaridade
- Profissão
- Quanto tempo você faz parte da Igreja Católica?
- Quais sacramentos da Igreja Católica você recebeu?
- Movimentos ou Pastorais que você participa na Igreja Católica?
- Caso sim, a quanto tempo?
- Qual é a sua cor/raça?

No tocante ao aspecto exploratório da pesquisa, julgo o ponto de partida para o início desse trabalho. Dessa maneira, “a pesquisa exploratória contribui para que se conheça melhor as características da população [...]” (PIOVESAN; TEMPORINI, 1995, p. 324).

De acordo com Prodanov e Freitas (2013), a investigação é exploratória

quando a pesquisa se encontra na fase preliminar, tem como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto que vamos investigar, possibilitando sua definição e seu delineamento, isto é, facilitar a delimitação do tema da pesquisa; orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses ou descobrir um novo tipo de enfoque para o assunto (2013, p. 51).

Na definição dos autores, é na etapa preliminar da pesquisa, que procuramos obter mais informações sobre o tema em questão, auxiliando na sua definição e delineamento, ou até mesmo, fazer outras opções metodológicas para a realização da pesquisa.

Como instrumento de coleta, esta pesquisa fez uso da entrevista narrativa como o método selecionado para obtenção dos dados. No tocante a entrevista narrativa, "ela é considerada uma forma de entrevista não estruturada, de profundidade, com características específicas" (JOVCHELOVITCH e BAUER, 2002, p. 95). A entrevista narrativa é uma técnica de coleta de dados que se baseia na narrativa dos participantes para obter informações detalhadas e significativas sobre histórias vividas pelos entrevistados. Esse tipo de entrevista permite que os entrevistados rememorem suas histórias, experiências e percepções, permitindo uma compreensão mais abrangente dos fenômenos estudados pelo pesquisador.

Muylaert et al (2014) defendem que,

nas entrevistas narrativas se considera que nossa memória é seletiva, lembramos daquilo que "podemos" e alguns eventos são esquecidos deliberadamente ou inconscientemente. Nessa perspectiva, o importante é o que a pessoa registrou de sua história, o que experienciou, o que é real para ela e não os fatos em si (passado versus história) (MUYLAERT, 2014, p. 195).

Nesse caso, acredito que quando o entrevistado narra suas lembranças, ele não apenas transmite vivências e emoções, vai além de meras informações transmitidas, a entrevista narrativa nos possibilita o compartilhamento de memórias transformando-as em experiências compartilhadas com o entrevistador. Portanto, defendo a ideia de que as entrevistas narrativas são uma ferramenta poderosa para o conhecimento e preservação da história e da identidade pessoal do entrevistado. A partir dessa motivação a entrevista narrativa foi a técnica de levantamento de dados escolhida.

Para a análise e interpretação dos dados, primeiramente, procedeu-se à transcrição completa do material coletado, mantendo integralmente o conteúdo fornecido pelos/as narradores/as, na sequência houve a leitura de todo material registrado. Posteriormente, busquei agrupar as falas por temas amplos como Família, Infância e Adolescência, Identidade, Racismo, Igreja Católica, Outras Experiências e Aspirações. Em seguida foi possível identificar algumas categorias emergentes que serviram de base para a análise mais minuciosa das falas dos/das narradores/as. Em seguida, foi necessário estabelecer conexões entre esses temas e os objetivos da pesquisa, com o intuito de permitir uma compreensão mais profunda do tema estudado. Por fim, a interpretação dos dados foi realizada à luz das teorias e autores empregados durante o estudo, por meio da exploração tanto o que foi dito e o não dito nas narrativas dos entrevistados.

Considerando o processo descrito, o tipo de análise de entrevista narrativa que melhor se adequa a esta pesquisa é a análise temática.

Na concepção de Jovchelovitch e Bauer (2002), análise temática da entrevista narrativa, seguindo as diretrizes de Mayring (1983), há um processo gradativo de redução do texto qualitativo em duas ou três etapas de parafraseamento. Inicialmente começa-se resumindo parágrafos em sentenças curtas e, em seguida, condensando as sentenças em palavras-chave. Na perspectiva dos autores, essa técnica facilita a criação de um sistema de categorias que representam as unidades de significado da entrevista. Os autores pontuam que, esse método resulta em uma interpretação das entrevistas, combinando as perspectivas dos entrevistados com as do pesquisador, alinhando-se com abordagens hermenêuticas.

4.1. Caracterização dos Participantes

Após a aplicação dos questionários na fase exploratória da pesquisa, foram selecionados 4 narradores que aceitaram participar das entrevistas. Ressalto a supressão dos nomes dos/as participantes da pesquisa a fim de resguardá-los/as a fim de proteger suas identidades. Para isso fiz uso de nomes fictícios.

A primeira participante Bianca, se autodeclara preta, possui 69 anos, é moradora do bairro da Linha do Tiro, cursou até a 7ª série e tem como atividade ser dona de casa. Bianca informa que faz parte da Igreja Católica desde que nasceu. Possui os sacramentos do batismo, crisma e matrimônio. Faz parte do Sagrado Coração de Jesus (Apostolado da Oração) e assume a posição de ministra da eucaristia desde 1993.

A segunda participante Rosa, se autodeclara preta, também moradora da Linha do Tiro, não informou sua idade. Rosa possui curso superior em Psicologia e trabalha como revendedora autônoma. A mesma participa da Igreja Católica desde os 7 anos de idade. Possui os sacramentos do batismo, 1ª eucaristia, crisma e casamento. Rosa, participa do Ministério de Adoração, Música e Liturgia.

O terceiro participante Antônio, se autodeclara preto, possui 45 anos e é morador do bairro de Dois Unidos. Antônio é graduado em história e mestrado na mesma área da graduação. Faz parte da Igreja Católica desde os 15 anos de idade. Como sacramento o referido participante possui o batismo, 1ª eucaristia, crisma e matrimônio. Antônio-já fez parte da Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP), faz parte da Pastoral Familiar e do Encontro de Casais com Cristo (ECC).

O quarto participante Edson, possui 31 anos e se autodeclara como preto. É morador do bairro de Beberibe, cursou o ensino superior e trabalha como Técnico em Segurança do

Trabalho. É membro da Igreja desde os 8 anos de idade. Na Igreja Católica recebeu os sacramentos de batismo, 1ª eucaristia e crisma. Atualmente não participa de nenhum movimento dentro da Igreja Católica, no entanto já foi coroinha, participou da Legião de Maria, da liturgia, pertenceu ao Encontro de Jovens com Cristo (EJC), foi membro da Pastoral de Comunicação (PASCOM) e da Pastoral da Família.

Acrescento também, o Padre Clóvis Cabral, que não participou da entrevista narrativa, mas o entrevistei durante a etapa exploratória da investigação. O Dr. Honoris Causa Padre Clóvis Cabral é coordenador do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (Neabi) da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), possui mais de 30 anos de ordenação, nascido no bairro de Massaranduba, região periférica da capital da Bahia, Salvador. Sua família fundou e dirige até os dias atuais o Terreiro de Candomblé Ylê Axé Ogunjá Tiluaiê Orubaia. A inserção dos relatos de Padre Clóvis se deu por acreditar na contribuição para o trabalho e importância de suas falas ao considerar a possibilidade de uma Teologia Negra e o discurso inter-religioso na Igreja Católica.

Após a apresentação dos perfis dos participantes, apresento nas próximas linhas a fase crucial da pesquisa em tela: a análise dos dados. No capítulo em questão, buscarei aprofundar-me nas narrativas dos entrevistados, buscando compreender como suas trajetórias de vida contribuem para a construção da identidade racial dos membros da Igreja Católica da Zona Norte do Recife. Um dos alvos da pesquisa é identificar os elementos fundamentais que delineiam a identidade racial no contexto religioso católico, bem como analisar as percepções dos participantes sobre o racismo nesse ambiente. Por meio de uma abordagem qualitativa e interpretativa dos dados, pretendi explorar as nuances e complexidades das experiências vividas e compartilhadas através das entrevistas, almejando revelar os aspectos mais importantes para a compreensão do problema de pesquisa.

5. Construindo sentidos: Análise de Dados em Diálogos sobre Racismo e Identidades

No mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa. Em torno do corpo reina uma atmosfera densa de incertezas.

Frantz Fanon – *Pele Negra, Máscaras Brancas*

Antes de adentrar nas próximas linhas, é imperativo refletir sobre a experiência da pessoa negra no contexto social dominado pela branquitude, que impõe barreiras para o desenvolvimento de uma compreensão positiva da identidade negra nessa sociedade racista. O texto introdutório desse capítulo, me faz interpelar sobre que universo é esse onde o corpo negro está inserido.

O corpo de pele negra, é o corpo exótico, o *outro* animalizado e inferiorizado, pronto para ser domesticado. O não reconhecimento ou a rejeição de nossa identidade negra me leva a inferir que, o homem e mulher negra, num mundo dominado pelos ideais brancos, não resiste às narrativas impostas pela estrutura colonial que cunhou o conceito de raça como categoria social para demarcar a exclusão. No meu entendimento, “um conhecimento em terceira pessoa” marca a desconexão ou desorientação do próprio corpo negro, mediado pela experiência de ser branco como norma padrão. O que gera essa “atmosfera densa de incertezas”, como afirma Fanon (2020), na qual interfere e gera conflitos na busca e autorreconhecimento da identidade negra.

Pensando, então, especificamente, nos objetivos da pesquisa, considerando também as entrevistas narrativas, para uma melhor compreensão a análise das falas dos/as narradores/as foi dividida conforme a tabela a seguir.

TEMAS	CATEGORIAS EMERGENTES
Família	Composição familiar; Família e religião.
Racismo	Compreensão do racismo; Racismo vivenciado ou presenciado.
Identidade	Identidade racial; Identidade Racial X Identidade Religiosa

Elaboração: A autora (2024)

A grande número de categorias se deu por me deparar com uma gama de informações que perpassaram as narrativas dos participantes entrevistados. Fazendo essa categorização, pude me aprofundar e compreender melhor as histórias de cada informante. Mais adiante, para

uma melhor objetividade na análise das narrativas dos entrevistados, irei considerar as falas dos/as narradores/as que de alguma maneira se relacionam a partir de suas trajetórias, tendo como base os temas abordados. Construindo o tratamento dos dados levando em conta esse desenho analítico, me permitiu lançar inferências com mais profundidade ao tema abordado, o que permitiu identificar os padrões e sentidos latentes nos dados coletados, contribuindo para uma compreensão mais rica e abrangente das narrativas dos participantes dessa pesquisa.

5.1. Família

Sabemos que a família, assim como a escola, é um importante mecanismo de transmissão cultural. A família é um dos principais instrumentos de formação do indivíduo ao longo da vida. Analisando historicamente as famílias negras, sabemos que esse espaço formativo é caracterizado como território de resistência e resiliência. Explorar as estruturas familiares e as relações interpessoais contribui para ter uma percepção mais abrangente da construção das identidades individuais dos sujeitos e o impacto que as dinâmicas dessas relações ocasionam no decorrer da trajetória dos indivíduos.

No tocante a família, Brito (2013) afirma que

Vista como primeiro grupo de socialização, a família é atravessada, inteiramente, pela dimensão política, além disso, é concebida como lugar para o exercício da cidadania. É nela que também se dá a apreensão de direitos e deveres, o que implica no desenvolvimento de práticas de tolerância, de divisão de responsabilidades, de busca coletiva de estratégias de sobrevivência, de laços de solidariedade e apreensão de valores culturais etc (BRITO, 2013, p. 77).

Ao discorrer sobre a identidade negra a partir de uma análise da família, é de suma importância considerar outras dimensões, como classe social, gênero, renda e o lugar. Tais dimensões perpassam e influenciam diretamente as vivências das pessoas negras dentro do e/ou fora do núcleo familiar. Por esse motivo é justificado a exploração do tema família a partir das entrevistas dos/as narradores/as.

Tratando-se do tema **família** e as relações que permeiam as experiências dos entrevistados destaco os seguintes enunciados:

Categoria	Enunciado
Composição familiar	<p>Antônio: “Minha mãe me teve com dezesseis anos, sou o primeiro filho dela. Ela fumava muito e quando eu tinha oito anos ela faleceu. E a partir de então passei a ser criado por minha vó, tios e tias, né? Tinha período que eu passava um tempo na casa da minha avó, período que passava tempo na casa dos meus tios, do meu pai, e assim fui crescendo nessa dinâmica”.</p> <p>Bianca: “Minha mãe morreu em 1962, meu pai em 1968, teve um infarto... Eu tinha dois irmãos da minha mãe, Antônio e Célio e tem um da parte do meu pai, filho dessa, dessa mulher que ele se casou. Quando minha mãe morreu, ela trouxe duas irmãs que eu não sabia que tinha. Ela chegou lá em casa falando como se ela fosse ser a mulher</p>

	<p>do meu pai, porque já tinha as duas filhas. Eu sei que ela criou, terminou de criar a mim, essa minha madrasta”.</p> <p>Edson: “Sou o segundo filho, né, o filho do meio, minha mãe teve três filhos, minha irmã mais velha, eu do meio, meu irmão mais novo”.</p> <p>Rosa: Venho de uma família de três irmãos, eu, minha irmã e um filho homem, somos três, né?</p>
--	--

Elaboração: A autora (2024)

Analisando as entrevistas a partir da categoria “**Composição Familiar**” as falas dos/as narradores/as mostram que existe uma diversidade de estruturas familiares, quando apresentam composições por diferentes arranjos sociais. Tais arranjos, impõem a necessidade de reconfiguração desses ambientes familiares, diante dos contextos de perdas precoces de pessoas importantes na vida dos entrevistados, como a mãe de Antônio e os pais de Bianca. Tudo isso reflete os desafios encontrados, pelas famílias negras, uma vez que as ausências, materna e paterna, requerem a participação de uma rede de apoio intrafamiliar e extrafamiliar no cuidar dos/as entrevistados/as quando crianças.

Sobre o que foi dito anteriormente, Costa e Marra (2013) afirmam que,

As famílias são vistas como grupos sociais dinâmicos. Vivem processos de transformação constantes, em virtude dos movimentos demográficos como nascimento, casamento, morte e processos socioeconômicos (COSTA; MARRA, 2013, p. 145).

Nos casos analisados, ficam evidenciados a reconfiguração do núcleo familiar quando a avó, tios e tias passam a compartilhar a criação de Antônio. Outra situação semelhante se apresenta no caso do falecimento dos pais de Bianca, quando passou a ser criada pela madrasta. É possível perceber, portanto, a constituição de famílias monoparentais, nas quais, por muitas vezes, enfrentam dificuldades e dependem de fatores de proteção. Segundo Costa e Marra (2013, p. 145) os “fatores de proteção constituem-se dos mecanismos que a família utiliza a fim de encontrar algum alívio para seus sofrimentos e angústias”.

Destaco, portanto, a relevância dos laços de solidariedade presentes nas falas dos entrevistados, quando relatam a presença de outros membros, fora do núcleo familiar⁵, que ajudam na criação das crianças diante das situações de adversidades. Para Costa e Marra (2013), “a família extensa pode aparecer como um suporte que amplia a rede de solidariedade, pois desempenha papéis importantes do contexto doméstico e referencial para os filhos” (COSTA; MARRA, 2013, p.150).

⁵ Refiro-me como núcleo familiar a instituição social baseada no padrão normativo (pai, mãe e filhos/as) imposto pela sociedade cristã/patriarcal.

Constata-se, de um modo geral, nas narrativas dos participantes o caráter resiliente e adaptativo desses indivíduos frente às circunstâncias de óbito dos pais (Bianca) e da mãe (Antônio), quando têm que se ajustar a um novo contexto familiar. Isso demonstra a capacidade de força e determinação desses sujeitos no sentido de superar os obstáculos enfrentados, incidindo diretamente sobre suas histórias de vidas e a construção das suas identidades.

Outro aspecto que quero evidenciar é o papel central da mulher nas famílias relatadas, seja na presença no caso de Edson e Antônio (por sua avó) ou da ausência na situação de Bianca, também pela ausência da mãe de Antônio. Há de ressaltar a figura materna como pilar central na composição do núcleo familiar e a valorização dessa mulher como sendo a aquela que conduz o provento financeiro, o cuidar dos filhos, o trabalho doméstico e outras atribuições sem o auxílio da figura masculina.

Esse papel da mulher como chefe da família, é um aspecto marcante nas famílias monoparentais, como citado anteriormente. Nas situações investigadas, a figura feminina desempenha múltiplos papéis e na qual se torna a peça central do núcleo familiar, mesmo na ausência da figura paterna ou com o apoio da família extensa.

Para Leonardo e Morais (2017),

a mulher chefe da família monoparental age sozinha cumprindo várias funções no âmbito doméstico e, em muitas vezes, se dedicam integralmente à família e suplantam seus desejos e as realizações pessoais a fim de cuidar somente do lar, tornando-as o arrimo e o porto seguro (LEONARDO; MORAIS, 2017, p.16).

Leonardo e Morais (2017) reforçam, que a experiência das mulheres que assumem famílias monoparentais, gera orgulho e propósito ao assumir papéis tradicionalmente atribuídos à imagem masculina. Esse tipo de dinâmica familiar desafia os papéis de gênero estabelecidos socialmente ao expor a capacidade das mulheres em desempenhar funções variadas, inclusive aquelas historicamente associadas aos homens. Mesmo diante de desafios econômicos, essas mulheres demonstram uma adaptabilidade notável, preenchendo lacunas deixadas pela ausência do cônjuge masculino. Assim, “as mulheres que chefiam a família monoparental acabam desenvolvendo, também, a função do cônjuge ausente, deixando evidente que a presença masculina no núcleo familiar se torna desnecessária” (LEONARDO; MORAIS, 2017, p.16).

Dando sequência a análise, ao me aprofundar nas narrativas dos participantes dentro da categoria "**família e religião**", foi possível realizar algumas inferências pertinentes no tocante às vivências religiosas no âmbito familiar.

Categoria	Enunciado
<p>Família e Religião</p>	<p>Antônio: “Minha vó sempre foi de frequentar a Igreja e ela frequentava uma Igreja Batista. As minhas tias [...] minha tia Zaira, minha tia Nena e as outras são evangélicas. Meus primos, por influência das minhas tias, também ingressaram na Igreja Evangélica”.</p> <p>Bianca: “A minha família não era de igreja, não, entendeu? Só uma irmã minha, o nome dela era Cecília, ela morreu com 21 anos, ela é quem me levava para a igreja, lá em Casa Amarela, na igreja Bom Jesus do Arraial”.</p> <p>Edson: “Minha família não tem nenhuma prática religiosa, né, se dizem católicos, foram batizados, mas não são aquelas pessoas que vai à missa, que reza um terço, que frequenta, de fato. Um ecumenismo dentro da minha família, a gente tem um ecumenismo que frequentam tudo. [...] Quando tem a festa da Nossa Senhora do Carmo, lá do centro da cidade, vai todo mundo. Mas aí, a festa da Mestra Paulina, no terreiro de Pai Everaldo, se junta a turminha e quem gosta e quer ir vai”.</p> <p>Rosa: “Meu pai era carreteiro, ele tinha esse lado católico, ele era muito devoto de Padre Cícero, né? Eu lembro que ele carregava no painel do caminhão muitas imagens de santos, Nossa Senhora Aparecida. A única pessoa da família que eu lembro, não sei, eu nunca vi ele participar, mas parecia ser uma pessoa muito devota da religião católica”.</p>

Elaboração: A autora (2024)

Os depoimentos dos entrevistados revelam uma diversidade religiosa nas famílias relatadas, com a presença de outras denominações cristãs, como as tias e primos evangélicos de Antônio. Na situação da família de Edson, também aparece o ecumenismo religioso, onde diferentes práticas religiosas coexistem, como a religião católica e o candomblé, e são vivenciadas em momentos distintos, demonstrando uma abertura para a diversidade religiosa. Essa diversidade religiosa aponta para a pluralidade das experiências religiosas na comunidade negra, onde algumas famílias são marcadas pela mistura de tradições e crenças diversas repassadas entre seus integrantes através de ritos específicos ou festejos religiosos. Todavia, vale ressaltar que, “a existência de condutas religiosas diversas no seio familiar pode trazer à tona os conflitos e/ou fortalecer os laços de solidariedade, na medida em que favorece a construção de novas identidades” (ALVES, 2005, p. 06). Observa-se, portanto, na narrativa de Edson a valorização do compartilhamento de práticas religiosas diversas.

Também fica evidenciado o papel da família extensa na influência da construção de uma identidade religiosa cristã, como a avó, tias e primos de Antônio. Isso sinaliza a relevância dos laços familiares e comunitários na transmissão de valores religiosos. Ademais, as falas também sugerem um legado familiar em termos de religião católica, quando Rosa rememora a imagem do seu pai no caminhão e a devoção aos santos católicos, e no caso de Bianca que relata como originou seus primeiros contatos com a Igreja Católica através da sua irmã. Diante do exposto, é possível afirmar que “encontra-se na família o núcleo de

manutenção da fé cristã, das práticas de iniciação e da manutenção da própria instituição religiosa” (LANZA; RODRIGUES; NEVES JUNIOR, 2018, p.197).

A categoria **família e religião** ajuda a entender como os/as participantes tiveram seus primeiros contatos com a religião, refletindo assim na formação de suas identidades religiosas, uma vez que a religião vai atuar na percepção do mundo sob o prisma teológico, fomentando outros olhares para os fenômenos históricos, sociais e culturais a partir de seus dogmas e crenças.

5.2. Racismo

A temática aqui analisada visa elucidar um dos objetivos da pesquisa no tocante a percepção dos participantes sobre o racismo. Para tanto, nesta sessão sinalizo duas categorias que emergiram durante o tratamento dos dados levantados, são elas: **Compreensão do racismo; Racismo vivenciado ou presenciado.**

Em se tratando de identidade racial do/a negro/a, Sueli Carneiro (2011) afirma que, essa identidade étnica e racial é um fenômeno construído ou destruído historicamente. E o racismo permeia o desenrolar desse processo. Como afirma Kilomba (2019, p. 71), “o racismo é uma realidade violenta” que nos mata subjetivamente e objetivamente.

Para Kilomba (2019)

O racismo é revelado em um nível estrutural, pois pessoas negras e People of Color estão excluídas da maioria das estruturas sociais e políticas. Estruturas oficiais operam de uma maneira que privilegia manifestadamente seus sujeitos brancos, colocando membros de outros grupos racializados em uma desvantagem visível, fora das estruturas dominantes. Isso é chamado de racismo estrutural (KILOMBA, 2019, p. 77).

A citação anterior remete ao racismo como o mecanismo que fortalece as bases das estruturas políticas e sociais, nas quais existe uma distribuição do poder histórico atribuído aos brancos. Portanto, o racismo é quem vai balizar as relações sociais, econômicas, e políticas definindo assim quem vai estar no lugar de acesso aos privilégios e quem vai estar no lugar de ser subalterno. A dimensão do racismo apresenta o *Outro* – o não branco – como sinônimo daquele que precisa ser “domesticado”.

As categorias, a seguir, visam demonstrar como o racismo se apresenta na vida dos/as entrevistados/as, bem como como o fenômeno do racismo é compreendido pelos/as mesmos/as. Para tanto, a partir das análises emergiram duas categorias dentro da temática do racismo. São elas: **Compreensão do racismo; Racismo vivido ou presenciado.**

Categoria	Enunciado
<p align="center">Compreensão do racismo</p>	<p>Antônio: “Eu sou católico, tudinho, aí eu vou explicando todo o processo, e aí aproveito, já começo a entrar na questão da questão da cultura afro-brasileira e aí vou trabalhando com eles essa questão. Porque uma das coisas que... a gente tem que combater é essa questão do racismo. Porque o racismo também é a demonização da religião afro-brasileira, porque os alunos chegam na escola e vem com o pensamento da igreja que eles frequentam ou até mesmo da família”.</p> <p>Bianca: “Eu acho isso um absurdo, né, eu acho isso um absurdo, porque a Palavra diz: “A quem mais se dá, mais será exigido”. Se, como é que se diz? Se você lê a palavra de Deus, sabe que todos são filhos de Deus, sem exceção, né? O pecador pode ser errado como for, mas não deixa de ser filho de Deus, não é verdade? E que a pessoa tem que mudar pra fazer a vontade de Deus, mas não deixa de ser, e Deus, ele tá sempre ali, disposto a acolher, a perdoar todos. Ele, Deus, não é racista. Eu acho isso um absurdo, um absurdo mesmo, mas tem muito racista mesmo, existe isso mesmo, esse racismo”.</p> <p>Edson: “É olhar pra Ilze, ver que Ilze é de terreiro de Macumba, faz trabalho de Macumba e não ter uma amizade com ela. Isso pra mim é um preconceito grande, muito grande. E isso me entristece muito, porque eu acho que não era isso que Jesus queria, não é isso que ele quer, ele quer que todos nós sejamos <i>um</i>, eu acredito que seja esse o desejo dele. Mas aí a gente tá fazendo tudo ao contrário do que ele fez, e isso, infelizmente, é uma pena, é uma pena muito grande. A gente passa na rua, vê tanta gente, em vulnerabilidade social, sem moradia, sem comida, tendo que dormir na rua, sem casa, sem dinheiro, sem emprego. A gente vê isso como se não existisse. Pouquíssimos políticos são pretos, pouquíssimos políticos são negros, pouquíssimos melhores advogados e melhores juízes são negros, são pretos”.</p> <p>Rosa: “Essa solidão, eu acredito, essa exclusão, eu sinto desde cedo, sabe. Quando eu penso nisso, foi quando eu fui pra escola, e aí, eu comecei a perceber, por exemplo, enquanto eu era aluna município, eu não percebia tanto isso, porque a escolinha era local, eram pessoas dali. Então assim, quase todo mundo tinha aquela mesmo padrão de vida, pessoas pobres, pais, entendeu, assalariados, ou então que não tinham salário, mas, eu percebia que eram todas pessoas daquele mesmo patamar. Quando eu fui pra o estado, aí sim, eu comecei a sentir na pele a diferença, porque já tinham os grupinhos, as meninas brancas só andavam com meninas brancas e eu fui sentir aquilo muito forte. No estado também eu fui muito maltratada por alguns professores. Tiveram assim, professor que fez questão, teve professor que chegou pra mim disse: "eu vou lhe reprovar". E eu percebia que aquela reprovação não tava numa deficiência de aprendizado, mas simplesmente o cara não ia com minha cara e depois de muito tempo foi que eu percebi que aquilo tinha a ver com a minha cor, sabe? É... quando eu fui pro estado, eu lembro que eu sempre gostei de sentar mais na frente pra absorver mais, que eu sempre tive dificuldade de aprender, né? E aí, eu lembro que eu chegava cedo, eu botava a minha bolsa na cadeira da frente, mas quando o professor chegava que ele organizava as carteiras, eu ficava sempre no final. E ele argumentava que era porque eu era a maior da turma”.</p>

Elaboração: A autora (2024)

Analisando as falas dos/as participantes ficam evidentes as diferentes perspectivas e vivências relacionadas à compreensão do racismo. Nas narrativas registradas, destaco a necessidade do combate ao preconceito racial e o racismo religioso, a promoção da igualdade racial e étnica, bem como a inclusão. Além disso, foi perceptível o reconhecimento das barreiras enfrentadas devido à condição de ser negro/a.

Em sua fala, Antônio menciona que o racismo em nossa sociedade se apresenta como condenação das práticas da cultura afro-brasileira, através da perseguição e exclusão das pessoas que são adeptas, por exemplo, de religiões de matriz africana. O participante deixa claro que o enfrentamento do racismo pode ser realizado por meio de um processo educacional antirracista, bem como através do diálogo objetivando a conscientização das pessoas.

A educação, também, pode ser um caminho para a mitigação do racismo, pois é através dela que o racismo vai se perpetuando. Sobre isso Gomes (2005) reflete que,

aprendemos a ver negros e brancos como diferentes na forma como somos educados e socializados a ponto de essas ditas diferenças serem introjetadas em nossa forma de ser e ver o outro, na nossa subjetividade, nas relações sociais mais amplas. Aprendemos, na cultura e na sociedade, a perceber as diferenças, a comparar, a classificar (GOMES, 2005, p. 49).

O racismo, portanto, se utiliza de mecanismos sutis para sua propagação, e um desses mecanismos funciona por meio da educação. Nesse sentido, o entrevistado afirma que o combate ao racismo deve se dar através do caminho inverso. Uma educação antirracista se configura como instrumento capaz de enxergar a história e cultura africana e afro-brasileira de uma maneira positiva, reafirmando nossa ancestralidade como ponto de partida para nos reconhecermos como negros e negras e as contribuições que demos para a história desse país.

Ampliando a discussão Gomes (2005) afirma,

Se queremos lutar contra o racismo, precisamos reeducar a nós mesmos, às nossas famílias, às escolas, às(aos) profissionais da educação, e à sociedade como um todo. Para isso, precisamos estudar, realizar pesquisas e compreender mais sobre a história da África e da cultura afro-brasileira e aprender a nos orgulhar da marcante, significativa e respeitável ancestralidade africana no Brasil, compreendendo como está se faz presente na vida e na história de negros, índios, brancos e amarelos brasileiros (GOMES, 2005, p. 49).

No caso de Bianca, o racismo é compreendido como uma prática condenável a partir da perspectiva espiritual/religiosa cristã. A explicação para definir as práticas racistas como algo a ser negado é a justificativa de que Deus não é uma figura racista, portanto o racismo é um pecado humano. A compreensão do racismo sob ótica cristã, traz à tona o discurso religioso que permeia a percepção do fenômeno pela entrevistada. Essa percepção denota a ausência de um olhar sob o prisma da construção cultural e social do racismo.

Tal compreensão de Bianca em relação ao racismo, demonstra a complexidade pela qual esse comportamento se apresenta em nossa sociedade. O racismo se manifesta como múltiplas faces e, a depender da trajetória de vida do indivíduo, a compreensão desse fenômeno revela a dificuldade em superá-lo. Diante disso, para o enfrentamento do racismo

“é importante saber como se fala, ter a compreensão do que se fala e mais: partir para a ação, para a construção de práticas e estratégias de superação do racismo e da desigualdade racial” (GOMES, 2005, p. 52).

No enunciado de Edson, o entrevistado compreende o racismo como um problema social. Para ele, o ser cristão significa assumir, também, uma prática de rejeição ao racismo tão presente na sociedade. Segundo o participante, é o racismo que impede de vivermos juntos em sociedade, respeitando as diferentes formas de ser e estar no mundo. Ele ainda aponta como o racismo impede as pessoas negras de chegarem a cargos de poder, denunciando a estrutura racista que impera em diversas esferas da sociedade.

Tomando como base a fala de Edson, é importante destacar que de acordo com Almeida (2018) “a estrutura social é demarcada por inúmeros conflitos – de classe, raciais, sexuais, etc. -, o que significa que as instituições também podem atuar de maneira conflituosa, posicionando-se dentro do conflito” (ALMEIDA, 2018, p. 36). Essa afirmativa se relaciona com a fala do entrevistado, por acreditar que o racismo está relacionado com a falta de oportunidades para que nós - negros e negras - ascendam socialmente e assumirmos posições de poder. Uma vez que o racismo é estrutural, aqueles que serão barrados nos obstáculos que impedem as minorias ascenderem, serão negros e negras.

Em resumo, Almeida (2018) reitera que “o racismo, como processo histórico e político, cria as condições sociais para que, direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistemática” (ALMEIDA, 2018, p. 39).

Observa-se, a partir da análise das falas de Rosa, uma aproximação do entendimento sobre racismo de Edson. A participante informa que o racismo é uma prática que promove a exclusão social, sendo cometida em diferentes espaços na sociedade através das práticas corriqueiras do cotidiano. O que faz negar e retirar, desde muito cedo, os direitos das pessoas negras impedindo de promover acesso aos privilégios e a determinados espaços de poder. O enunciado da participante se aproxima da afirmação de Almeida (2018) quando afirma que o racismo se trata de “um processo em que condições de subalternidade e de privilégio que se distribuem entre grupos raciais e se reproduzem nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas” (ALMEIDA, 2018, p. 27).

A fim de elencar quais situações de racismo os participantes já experienciaram, mais adiante, continuando as análises dentro da temática **Racismo**, serão debatidos os enunciados dentro da categoria **Racismo vivido ou presenciado**.

Categoria	Enunciado
<p>Racismo vivido ou presenciado</p>	<p>Antônio: “Teve uma vez que a gente estava ensaiando um maracatu, um grupo de teatro estava ensaiando, e tinha um toque de alfaia. A gente ensaiando, lá com as alfaias, e um grupo de mulheres, de senhoras, foram fazer queixa ao padre. Na época padre Ademir. Foram fazer queixa ao padre Ademir dizendo: - "Olhe, aqueles jovens estão tocando macumba lá na Igreja". O padre Ademir: “Macumba?” O padre Ademir foi lá, foi ver, era a gente tocando alfaia para apresentação da peça. Aí ele disse: - "Não, aquilo não é macumba não, aquilo se chama maracatu. É uma cultura do Brasil, pernambucana". Então as pessoas não gostavam muito, tanto é que quando se coloca um atabaque numa missa em Beberibe, as pessoas mais radicais vão logo embora. Porque em Beberibe tinham algumas missas com a PJMP, que era a missa dos mártires. Que é em comemoração ao dia 24 de março, se não me falha a memória. Tinha a missa de aniversário da PJMP, que a gente organizava e muita gente fazia em Beberibe. E as pessoas, quando chegavam e viam, iam embora. Viam os atabaques, viam ali, iam embora. Inclusive a má vontade das pessoas que iam organizar. É como é que eu digo escondia os microfones, então tudo isso era muito complicado, né”.</p> <p>Bianca: “E então eu marquei uma reunião. A Ana, que era a tesoureira, ela já faleceu, a gente tem que se reunir, o padre disse, a gente tem que se reunir todo mês. Aí eu sei que a irmã Helena ligou pra Ana e Ana disse: "não, irmã". Não sei se foi chamar ela, não sei pra quê, ela disse: "não posso ir, não posso não, que Bia marcou a reunião", "e você vai pra reunião com aquela nega besta?". Ela disse mesmo assim de mim, mas Ana não me dizia. Já quem dizia foi outra criatura que veio, quer dizer que ela achou muito mal-empregado que, porque o pessoal me botou na coordenação, eu, uma negra. Quer dizer que ela era racista, né. Irmã Helena racista, ela”.</p> <p>Edson: “Outro dia eu saí da missa, pra você ver como é a situação. Eu saí da missa dia 8 de janeiro, no domingo, à noite. Teve a primeira missa na verdade, aqui em Beberibe. E aí, eu estava arrumado, bem vestido e tal, e quando eu saí, eu fui aqui em Caixa da Água encontrar com uns amigos. Eles estavam bebendo, tomando uma cerveja lá. E aí me ligaram, eu fui lá, fiquei lá com eles conversando e tal. Eles estavam bem tranquilos, bem relaxados e tal, e eu, muito bem arrumado, sapato, calça, camisa, tava de blazer e tal. Passaram dois carros de polícia, fortemente armados. E a gente ficou lá, tranquilo. Um dos rapazes que estava com a gente falou assim: - "eles passaram, olharam, ficaram olhando e estão fortemente armados, mas sabe porque ele não parou?" Aí eu disse: - "não". Ele disse: - "porque olha a forma que nós estamos nos vestindo e olha a forma que você está vestido, você está muito bem vestido. Possivelmente se eles parassem aqui e fizessem alguma abordagem, eles não iriam lhe abordar”.</p> <p>Rosa: “Quando chegava 7 de setembro meu sonho, eu lembro, era ser baliza, mas a baliza só ficava com as meninas brancas, cabelo lisinho, olho claro. E eu fui observando aquilo, fui observando, só que até então eu não tinha noção, eu já sofria muito com isso, mas eu não tinha noção que era, tava ligado a isso, a cor, a condição financeira, sabe? E isso só veio cair a ficha depois de muito tempo”.</p>

Elaboração: A autora (2024)

Evidencia-se, nos recortes acima, que o racismo se manifesta de maneiras sutis e explícitas em diversos contextos sociais, o que impacta diretamente nas vidas das pessoas negras. É necessário destacar que as falas dos/das participantes Antônio, Bianca, Edson e Rosa denunciam como o racismo influencia negativamente as experiências dessas pessoas em atividades cotidianas.

Antônio relata uma situação em que a manifestação cultural do maracatu foi confundida com práticas religiosas de matriz africana, lida pejorativamente como macumba. De imediato, isso gerou uma reação negativa e preconceituosa por parte de alguns membros da Igreja em questão. Esse episódio demonstra, por exemplo, a associação negativa que algumas pessoas fazem entre as religiões de matriz africana às práticas satanistas, o que revela um pensamento racista de alguns praticantes do cristianismo. Também é possível constatar na fala do entrevistado, que a resistência ao uso de instrumentos percussivos, como o atabaque, nas missas e a má vontade na organização de eventos na igreja, que tenham algum elemento da cultura negra, revelam como o racismo se manifesta através do desprezo e da marginalização das expressões culturais do povo negro.

A fala do entrevistado vai ao encontro do que dispõe Gomes (2005) ao conceituar o que seria preconceito racial. Tendo em vista a situação vivida pelo participante da pesquisa, revela a construção prévia de valores negativos em relação à cultura e religião de matriz africana. Sobre esse assunto, Gomes (2005) disserta que,

O preconceito é um julgamento negativo e prévio dos membros de um grupo racial de pertença, de uma etnia ou de uma religião ou de pessoas que ocupam outro papel social significativo. Esse julgamento prévio apresenta como característica principal a inflexibilidade pois tende a ser mantido sem levar em conta os fatos que o contestem. Trata-se do conceito ou opinião formados antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos (GOMES, 2005, p. 54).

Vimos, portanto, no trecho da narrativa do entrevistado um episódio clássico de preconceito religioso e racial.

Bianca, por sua vez, denuncia um caso de racismo interpessoal no espaço religioso, onde a mesma foi desrespeitada e discriminada por uma irmã da igreja, que não aceitava o fato de uma mulher negra assumir um lugar de liderança. Esse episódio demonstra como o racismo pode estar presente em instituições que, em teoria, deveriam fomentar a igualdade e o respeito entre seus membros. A fala da entrevistada revela a persistência de atitudes racistas que minam a confiança e dificultam a participação plena de pessoas negras nas instituições em que estão inseridas.

Diante da situação narrada pela entrevistada, é possível perceber um episódio de racismo institucional operacionalizando as relações sociais a partir da hierarquização das raças nos espaços sociais. De acordo com Kilomba (2019),

O racismo institucional enfatiza que o racismo não é apenas um fenômeno ideológico, mas também institucionalizado. O termo se refere a um padrão de tratamento desigual nas operações cotidianas tais como em sistemas e agendas educativas, mercados de trabalho, justiça criminal, etc. O racismo institucional opera

de tal forma que coloca os sujeitos brancos em clara vantagem em relação a outros grupos racializados (KILOMBA, 2019, p. 78).

De acordo com a citação anterior, o racismo institucional indica como a desigualdade racial é perpetuada por meio de práticas e políticas sistemáticas dentro das instituições, tais práticas visam beneficiar pessoas brancas e em detrimento aos grupos racializados.

Edson descreve uma experiência em que a sua aparência e forma de vestir influenciaram a percepção da polícia ao avistá-lo com um grupo de amigos num bar. Segundo o entrevistado, o fato de estar bem-vestido foi suficiente para evitar uma ação policial que, de outra forma, poderia ter sido truculenta. Esse relato evidencia a forma como o racismo estrutural opera, onde a aparência e a vestimenta de uma pessoa negra podem ser determinantes na forma como são tratadas pelas autoridades, que reflete num padrão de discriminação baseado em estereótipos raciais. Além disso, é possível afirmar que o racismo provoca uma instabilidade na vida da pessoa negra, quando o seu direito de ir e vir ou de frequentar espaços sociais pode ser cerceado devido à discriminação vivenciada.

A partir da análise, é possível estabelecer uma associação significativa entre a narrativa do participante e o que Kilomba (2019) vai dissertar sobre racismo cotidiano.

Para Kilomba (2019)

O termo “cotidiano” refere-se ao fato de que essas experiências não são pontuais. O racismo cotidiano não é um “ataque único” ou um “evento discreto”, mas sim uma “constelação de experiências de vida”, uma “exposição constante ao perigo”, um “padrão contínuo de abuso” que se repete incessantemente ao longo da biografia de alguém — no ônibus, no supermercado, em uma festa, no jantar, na família (KILOMBA, 2019, p. 80).

Na fala de Edson, o racismo cotidiano é identificado pela diferença no olhar dos policiais baseada na aparência e vestimenta, revelando como estereótipos raciais influenciam no tratamento vivido por pessoas negras.

Por fim, Rosa compartilha seu descontentamento ao perceber, tardiamente, que o sonho de ser baliza era inacessível devido à cor da sua pele e à sua condição financeira. Essa identificação tardia mostra a internalização do racismo desde a infância, onde a discriminação é naturalizada a tal ponto que as crianças negras podem não compreender de imediato as barreiras raciais que enfrentam. Nesse caso, o racismo torna-se difícil de ser identificado, pois se manifesta de forma silenciosa. Complementando, a fala da entrevistada denuncia a normalização dos padrões de beleza impostos pela branquitude onde não cabe a diversidade. A exclusão sistemática de nós, negros e negras, de certos espaços e funções, perpetua a

desigualdade racial, numa tentativa de nos invisibilizar e silenciar nos diversos ambientes, como na escola, trabalho, igreja etc.

Um aspecto presente na materialidade em análise, a partir da fala de Rosa, é sobre os impactos negativos do racismo sobre nossas identidades. É refletir como a experiência do racismo afeta nossos corpos e mentes, uma vez que a norma estabelecida é ser branco. A análise desse exemplo converge com concepções de Costa (2021) sobre como somos afetados e afetadas negativamente pelo fenômeno do racismo.

Na perspectiva de Costa (1990),

A partir do momento em que o negro toma consciência do racismo, seu psiquismo é marcado com o selo da perseguição pelo corpo-próprio. Daí por diante, o sujeito vai controlar, observar, vigiar esse corpo que se opõe à construção da identidade branca que ele foi coagido a desejar. A amargura, o desespero ou a revolta resultante da diferença em relação ao branco vai traduzir-se em ódio ao corpo negro (COSTA, 1990, p. 31).

Resumindo, essa tomada de consciência do racismo induz uma autoconsciência dolorosa nós, negros e negras, o que nos leva a internalizar a vigilância sobre nosso corpo, que não se parece com ideal imposto pela branquitude. No mais, isso gera um conflito interno profundo, no qual esse desprezo por não se encaixar no padrão estabelecido pode se transformar em auto aversão ou autonegação e sofrimento de nossas mentes.

5.3. Identidade

Nesta sessão foram analisadas as falas dos entrevistados e entrevistadas a partir da temática **Identidade**. Nas próximas linhas, serão examinadas as falas no tocante a categoria: **Identidade Racial e Identidade Racial X Identidade Religiosa**. Para tanto, buscou-se elencar nas narrativas dos participantes como esses percebem suas identidades negras, qual o reflexo do racismo na construção dessas identidades, bem como como a identidade racial se relaciona com a identidade religiosa.

Buscando compreender as possibilidades de construção de uma identidade negra, Munanga (2012) destaca, num primeiro momento, a importância da aceitação e celebração dos atributos físicos inerentes à negritude como um passo fundamental na recuperação da identidade racial negra. Segundo o autor,

A recuperação dessa identidade começa pela aceitação dos atributos físicos de sua negritude antes de atingir os atributos culturais, mentais, intelectuais, morais e psicológicos, pois o corpo constitui a sede material de todos os aspectos da identidade (MUNANGA, 2012, p. 14).

Por séculos, as características físicas de ascendência africana, como a cor da pele escura, cabelos crespos, etc foram estigmatizadas e desvalorizadas devido aos padrões de beleza eurocêntricos que determinaram quem era digno de uma existência humana. Tendo em vista esse aspecto doloroso em nossas trajetórias de vida, corroboro com Munanga (2012) quando reconhece que a aceitação desses atributos físicos podem ser um primeiro passo na jornada de recuperação da nossa identidade racial negra. Entretanto, vale ressaltar que o “tornar-se negro/a” não opera apenas na afirmativa anterior.

Neuza Souza Santos (1990) aprofunda a discussão dissertando que,

Ser negro é, além disso, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse dessa consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito as diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro (SOUZA, 1990, p. 115).

Diante do exposto, acrescento ainda que nos reconhecermos como pessoa negra envolve também a reivindicação e a celebração da herança cultural dos nossos antepassados africanos, a resistência contra o racismo estrutural e a luta pela igualdade racial nos diversos espaços da sociedade.

Sendo assim, a partir dessa breve exposição, elenco os enunciados dos entrevistados a partir das categorias analisadas a fim de provocar uma reflexão acerca do tema identidade.

Categoria	Enunciado
Identidade racial	<p>Antônio: “As pessoas se acham de nacionalidade europeia. Quando a gente fala que é negro, aí não, você é moreno. Eu na minha concepção, na minha construção de identidade, eu digo que sou negro, negro mesmo. Todo o documento que eu preencho, seja da igreja, seja documento oficial, sempre que tiver lá a palavra negro, coloco negro, se tiver preto, coloco preto, porque essa é a minha identidade. Eu não quero ser uma coisa que eu não sou sabe? Eu que eu sou negro e tenho que valorizar o que eu sou. Valorizar a minha história, a luta dos povos negros e africanos que lutaram para se libertar da escravidão aqui no Brasil, a luta dos povos negros na África, que até hoje lutam para sobreviver em seu próprio país, né, com discriminação, com racismo, enfim. Então, eu respeito muito isso. Eu tenho que me valorizar, porque se eu não me valorizar, ninguém vai me valorizar, pelo contrário, vão pisotear cada vez mais, é como eu disse, né?”.</p> <p>Bianca: “E conforme a minha cor, eu sei que a gente de cor negra tem certas dificuldades, né? Tem certas dificuldades, mesmo assim eu fui superando, né? Eu às vezes me sinto assim... Eu acho que eu me sinto tímida, né? Às vezes eu não gosto nem muito de estar falando. Eu sou mais de trabalhar, fazer o serviço, sem estar falando. Eu tenho dificuldade de me expressar, aí eu fico mais... Acho que é por isso que eu me... Como é que se chama? Eu me apaixonei por esse negócio de limpar a capela, porque você faz as coisas, não precisa estar falando. Você só fala de trabalhar... Entendeu?”.</p> <p>Edson: “Eu acho que eu me descobri, de fato, preto na faculdade, onde, na sala de</p>

	<p>aula 90% das mulheres eram pretas, trabalhadoras, mães solo, trabalhavam o dia todo e a noite tinham que estudar. Eu era o único homem da sala de aula, era tudo mulher, é, tenho um carinho muito grande por todas elas e elas por mim. E eu disse, não posso me considerar pardo e nem branco em uma sala de aula, a maioria são pretas, né, é com elas que eu vou me unir, é com elas que eu vou tomar posse da minha identidade racial. Aquele pardo, pra mim, é só questão de papel, de oficialmente estar lá pardo, mas o que vale é o que eu me considero hoje, qual a cor que eu tenho, qual a raça que eu tenho. Então eu sou negro, ah, mas tá muito claro, não sei o que... mas minha mãe é clarinha, meu pai é preto, mas eu me considero preto, sou negro”.</p> <p>Rosa: “Sou preta, né? Me considero assim, preta. Venho dessa história, né? Do subúrbio, a mulher suburbana, que vem do subúrbio com essa história de mulheres que são abandonadas pelo pai, criada apenas pela mãe”.</p> <p>“É interessante, porque eu sempre pensava: minha mãe tem preconceito com preto, com negro, mas ela se envolveu com um homem preto, sempre acreditei que desde cedo eu percebia isso, como que era isso. E aí, nascem os meus irmãos mais claros, inclusive eu tenho um irmão de olho claro, eu percebi esse favoritismo por eles dois, e não por mim”.</p> <p>“No início foi doloroso, é como eu te disse, eu mesma não me aceitava, mas porque não me aceitavam. Então depois, quando eu vou cada dia conhecendo mais sobre isso, vou buscando, eu começo a enxergar em mim assim, ter orgulho de quem eu sou”.</p>
--	--

Elaboração: A autora (2024)

Ao analisar a fala de Antônio ficou evidenciado uma consciência clara de sua identidade negra, ainda se percebe a rejeição de qualquer tentativa de suavizá-la ou negá-la. Antônio constrói uma autoafirmação e o compromisso pelo resistir ao "embranquecimento" imperativo às pessoas negras para se adequar ao que foi determinado pela sociedade racista. Para o entrevistado é importante a valorização da história e a luta da população negra brasileira e africana. Seu relato representa a consciência fundamental para a construção de uma identidade racial negra positiva.

O enunciado do entrevistado me remete a afirmativa do Padre Clóvis quando perguntado o que é ser negro no Brasil. Segundo o Padre Clóvis (2023), “*ser negro é uma construção. É o itinerário que você faz de vida. Ser negro no Brasil implica em fazer uma escolha política, uma escolha filosófica, uma opção*”. Essa escolha política defendida pelo Padre Clóvis, revela a história de resistência e as contribuições que nosso povo deu para esse país. O que alimenta em nossa gente a construção de uma identidade negra positiva. Assim sendo, é necessário acrescentar que a afirmação de uma identidade negra passa por questões subjetivas e objetivas, como por exemplo a influência de imagens negras positivas.

A esse respeito, Kilomba (2019) disserta que,

Apenas imagens positivas, e eu quero dizer imagens “positivas” e não “idealizadas”, da negritude criadas pelo próprio povo negro, na literatura e na cultura visual, podem dismantelar essa alienação. Quando pudermos, em suma, nos identificar positivamente com e entre nós mesmos e desenvolver uma autoimagem positiva (KILOMBA, 2019, p. 154).

Para Kilomba (2019), o sujeito negro está sempre a se projetar na branquitude, o que torna conflituosa a construção da identidade negra.

No entendimento de Munanga (2012) para que isso ocorra é necessário ir,

desconstruindo a memória de uma história negativa que se encontra na historiografia colonial ainda presente em “nosso” imaginário coletivo e reconstruindo uma verdadeira história positiva capaz de resgatar sua plena humanidade e autoestima destruída pela ideologia racista presente na historiografia colonial (MUNANGA, 2012, p. 10).

Voltando a análise das narrativas de Antônio, torna-se negro é uma construção social como sujeito histórico, percebendo e compreendendo a história e questionando o seu lugar diante do que é apresentado pela sociedade racista.

A narrativa de Bianca reflete a internalização da opressão racial e a aceitação do lugar inferiorizado que é reservado às pessoas negras nessa sociedade, isso resulta em timidez e certa dificuldade de expressão da entrevistada no âmbito religioso. Ela narra que reconhece as dificuldades enfrentadas pelas pessoas negras e parece ter encontrado uma maneira de lidar com esses desafios através do serviço “silencioso” na capela onde atua. Interpretando sua fala, pode-se entender como uma forma de “resistência” silenciosa, mas também pode configurar como uma aceitação da subalternização da pessoa negra imposta pelo racismo estrutural.

Esse processo de identificação racial, presente na narrativa de Bianca, escancara o sentimento de inferiorização o qual a população negra foi agregada. A determinação do lugar social que o negro ocupa, na sociedade, remonta ao projeto colonial que feriu as outras identidades não brancas, que através da violência racista visou sonegar a constituição da nossa identidade negra positiva e a possibilidade de ocupar outros espaços.

No entendimento de Souza (1990)

É a história da submissão ideológica de um estoque racial em presença de outro que se lhe faz hegemônico. É a história de uma identidade renunciada, em atenção às circunstâncias que estipulam o preço do reconhecimento ao negro com base na intensidade de sua negação (SOUZA, 1990, p.53).

A partir da fala de Bianca é possível perceber que os efeitos do racismo fazem o/a negro/a assumir o lugar não desejado na sociedade. Entendo esse movimento como a materialização do discurso ideológico racista, onde nos espaços vividos a pessoa negra está diante de um cenário de conflito e para que seja aceita prefere se colocar fora da disputa do lugar de privilégios, por se julgar incapaz, despreparada etc.

A experiência de Edson dentro de um espaço acadêmico reflete a importância da representação e da comunidade negra na formação da identidade racial do entrevistado. Ao se ver em suas colegas de classe, ele foi capaz de se reconhecer como negro. Isso reforça o que

já foi dito aqui, que a identidade racial é uma construção histórica, social e também cultural, que é influenciada pelo contexto em que o indivíduo está inserido e pelas interações sociais vivenciadas no grupo inserido.

Sobre esse aspecto Munanga (2012) afirma que a

Tomada de consciência de uma comunidade de condição histórica de todos aqueles que foram vítimas da interiorização e negação da humanidade plena pelo mundo ocidental, a negritude deve ser vista também como confirmação e construção de uma solidariedade entre as vítimas (MUNANGA, 2012, p.12).

A partir da fala de Edson, é possível perceber que sua identidade racial partiu do reconhecimento de uma ancestralidade, mas sobretudo de compreender e enxergar o grupo de pertencimento que o levou a uma tomada de consciência sobre sua identidade negra.

A fala de Rosa remete a interseção entre raça e gênero na formação da sua identidade. O fato de ser mulher negra carrega uma série de estereótipos sociais que dificultam ainda mais a compreensão de sua identidade racial. Tendo em vista que vivemos numa sociedade patriarcal machista orientada pelo universalismo do homem branco europeu. Ela também menciona o favoritismo racial dentro de sua própria família, o que sugere que o racismo pode deixar marcas negativas a partir de experiências familiares. No entanto, a jornada de Rosa para o autoconhecimento e a autoaceitação remonta a resiliência e a resistência que são necessárias para promover o embate e superar o racismo cotidiano.

Não é à toa que Gonzalez (1987) afirma que o racismo articulado com o sexismo vai produzir efeitos nocivos às mulheres negras no Brasil. Um desses efeitos é a objetificação da mulher negra, bem como a atribuição de serviços domésticos apenas às mulheres. Todavia, essa não é a questão central na discussão desse trabalho, mas é preciso elencar que

mulheres negras não são somente oprimidas por homens — brancos e negros - e por formas institucionalizadas de sexismo, mas também pelo racismo — tanto de mulheres brancas quanto de homens brancos —, além de por formas institucionalizadas de racismo (KILOMBA, 2019, p. 103).

Partindo da citação de Kilomba (2019), entendo que as mulheres são confrontadas numa dupla marginalização baseada em raça e gênero, que as coloca em uma posição de extrema vulnerabilidade dentro da sociedade brasileira.

Diante do exposto, apesar das estruturas opressivas, Rosa encontrou maneiras de resistir e afirmar-se como pessoa negra, através da luta constante por esse autorreconhecimento.

Na próxima do trabalho, empreendo uma análise acerca de como a identidade religiosa se relaciona com a identidade racial, e quais resultados dessa relação. Para tanto elenco os enunciados apresentados na tabela abaixo.

Categoria	Enunciado
<p>Identidade racial X Identidade religiosa</p>	<p>Antônio: “Também dentro da PJMP, porque devido as oficinas a gente vai aprendendo, descobrindo a nossa identidade racial. Havia esse debate dentro da PJMP. A gente vai descobrindo, a gente vai trazendo e o pessoal, que a gente chama de militantes da PJMP e os assessores iam trazendo essas discussões, documentos eram lançados, cartilhas, por exemplo, que a gente lança todo ano. Quando chega o ano do mês da juventude, antes do mês da juventude, no caso a Comissão Nacional da Juventude lança uma cartilha, que são vários temas que vem trazendo essa cartilha, para se trabalhar todo ano. Esse documento trazia algumas temáticas sobre racismo, sobre preconceito, sobre identidade. E aí a gente ia trabalhando isso, né. Devido a isso esses jovens já iam se descobrindo, inclusive eu, nesse processo iam se descobrindo, negros. Participando também das festividades dos grupos jovens. A gente sempre utilizava atabaque, pandeiro e material de percussão. Então isso ia despertando dentro de mim a minha identidade negra”.</p> <p>Edson: “Hoje eu sou o Edson que vai às missas. Você me conhece, você sabe que eu sempre fui muito atuante na igreja, desde muito tempo, sempre tive o perfil de liderança, de liderar alguma coisa, de estar à frente, de arrumar aqui e arrumar ali pra que as coisas deem certo. É... me vejo no lugar, pra mim, adequado como preto, como pessoa preta, que vai muitas vezes até em busca de um refúgio, de um local onde eu sei que tem alguém lá, uma pessoa lá que não vai me julgar com um olhar”.</p> <p>Rosa: “Elas (freiras) me perguntavam muito, então assim, eu aprendia com elas, elas aprendiam comigo e pela primeira vez, eu vi aquelas mulheres brancas, tudo olho claro, mas elas eram muito amáveis. Eu fui vendo, poxa não é todo mundo que é assim, que me trata mal. Mas só na religião é assim, elas que não me tratavam daquela forma, sabe? Mas nos outros cantos que às vezes eu ia, eu percebia o preconceito. E eu sei que eu fui me entrosando com essas pessoas, fui me aproximando mais de Deus... e Deus foi me dando força pra superar, né? Essa trajetória tão infame, é tão dolorosa. E foi assim esse encontro com Deus”.</p> <p>"Eu digo que de tudo que eu vivi, esse encontro que foi dia de Nossa Senhora da Conceição, da Renovação Carismática, esse retiro de quinze dias, mudou minha vida pra sempre. Foi ali que eu percebi assim, que eu não tava mais sozinha, que acontecesse o que acontecesse, eu podia seguir, sabe? Foi ali que, eu sofria demais, porque eu até então, eu carregava a história da minha mãe, eu carregava... e lá eu tive essa vivência com Deus”.</p>

Elaboração: A autora (2024)

O se tornar negro para Antônio é uma construção social, vivenciada através das atividades e experiências que mobilizaram no entrevistado o autoconhecimento, o pensar sobre o tema vivido. Como parte dessas vivências, a prática religiosa dentro da Igreja Católica carregava a possibilidade de promover uma formação na perspectiva crítica, quando não separava a vida espiritual da vida religiosa.

A fala de Antônio é interessante, pois anuncia como o movimento da Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP) mobilizou outra forma de olhar para a diversidade étnica e cultural. Isso permitiu que Antônio pudesse se reconhecer no material de formação da

PJMP, bem como nas práticas culturais desenvolvidas pelo movimento dentro da igreja. Esses encontros com a diversidade despertaram no entrevistado uma aproximação com sua ancestralidade negra africana. Portanto, destaco o papel da Igreja Católica, através da Pastoral da Juventude do Meio Popular, na formação positiva da identidade negra de Antônio.

Através da análise da fala de Edson é possível perceber que seu papel ativo na igreja representa esse espaço não só como espaço religioso, onde ele vai professar a sua fé, mas também se apresenta como lugar onde ele pode contribuir para a comunidade cristã. Para Edson, ser negro e católico sugere que a igreja é vista como “local de refúgio” para enfrentar as adversidades decorrentes do racismo cotidiano, uma vez que a igreja assegura um lugar que acolhe e sua identidade é respeitada. A maneira como Edson relaciona o cristianismo com sua identidade negra, sugere que a religião oferece um conjunto de estratégias através das quais ele pode reafirmar sua identidade negra de maneira positiva.

Rosa vivencia a religião católica como um refúgio significativo e um espaço de empoderamento pessoal e espiritual em sua vida como mulher negra. Em seu relato, ela descreve uma troca de aprendizado e respeito entre ela e as freiras brancas, destacando a comunidade religiosa como esse ambiente de aceitação e amor cristão, que se afastavam das experiências de racismo enfrentadas em outros contextos sociais e familiares. É a religião que oferece a ela fortalecimento emocional e espiritual que precisava, ajudando-a a superar dificuldades e a carga negativa das situações passadas. Como ponto de virada na vida de Rosa, o retiro espiritual de quinze dias, marcou uma renovação da fé que aproximou, ainda mais, sua conexão com Deus e a capacidade de seguir em frente, ressaltando, assim, a importância da religião como fundamento importante para o suporte e transformação em sua vida.

Na direção das análises apresentadas, é possível reconhecer a importância da fé cristã no reconhecimento da identidade negra positiva. As falas dos entrevistados caminham por esse viés, uma vez que todos apresentam suas experiências religiosas como fator relevante para suas autoafirmações como pessoas negras. Na esteira dessa discussão é fundamental trazer à tona a reflexão do Padre Clóvis, quando o mesmo afirma que se assumir negro no Brasil não é apenas uma opção política ou filosófica, mas compreende uma demarcação teológica do pensamento.

Segundo Padre Clóvis (2023),

Um cristão não vive fora do âmbito, se autenticamente cristão, se busca ser sincero, do influxo do Espírito Santo. Eu costumo dizer que é uma escolha política, é uma escolha filosófica, é uma escolha religiosa e é também um processo teológico e espiritual, certo. Um processo de reconstrução da minha identidade negra, eu

descubro e vejo também Deus agindo ali. Aquilo que alguns autores dizem que não se trata somente de uma biografia, mas de uma teografia. Isso é, é a minha biografia, eu sou o protagonista desse processo, mas Deus está presente, vai construindo em mim esse processo ou vai construindo comigo esse processo.

Concluindo a análise, é evidente que a religião católica desempenha um papel crucial na vida dos participantes da pesquisa, servindo território potente de afirmação das identidades apresentadas e lugar de acolhimento das pessoas. As experiências compartilhadas pelos entrevistados demonstram como a fé católica não só fortaleceu pessoalmente os indivíduos, mas também criou espaços de aceitação.

6. Considerações Finais

Este trabalho teve como objetivo principal analisar, a partir das trajetórias de vida a percepção de cristãos católicos da Zona Norte do Recife em relação ao racismo e a repercussão desse fenômeno nas suas identidades raciais. Através de uma abordagem qualitativa, no decorrer da pesquisa foram analisadas as narrativas de vida dos participantes, evidenciando o labirinto de relações entre o racismo, identidade racial e identidade religiosa. Os resultados encontrados evidenciam que o fenômeno do racismo, está nitidamente enraizado nas experiências cotidianas dos/as participantes desse trabalho, os quais impactaram, diretamente ou indiretamente, nas suas identidades e nas relações dentro e fora da Igreja.

Por meio das análises realizadas neste trabalho, pôde-se observar que episódios de discriminação e preconceito racial foram presenciados ou vivenciados pelos/as entrevistados/as, enfatizando experiências negativas e excludentes vividas, o que assinala a revelação da espinha dorsal do racismo estrutural brasileiro.

Diante da trajetória de vida dos participantes da pesquisa, foi possível identificar, a partir de suas narrativas, que a sociedade estruturalmente racista causa mazelas desde a infância a velhice das pessoas negras. Porém, as/os narradores da pesquisa fornecem informações que nos fazem compreender que há formas singulares de vida, desenvolvidas por elas/eles, para enfrentar o racismo a partir da espiritualidade, formação profissional, estudos, família, sonhos, vida comunitária/empatia. É interessante perceber que as/os narradores da pesquisa constroem uma relação com o sagrado, com a fé, através de uma experiência pessoal vivida ao longo dos anos. De modo que, a fé e prática religiosa católica, também fornecem a cada narrador da pesquisa, ensinamentos e força para pensar e seguir com as suas vidas diante da problemática do racismo.

Considerando as diversas formas de resistir e existir diante da sociedade racista, é de fundamental importância destacar, também, a trajetória escolar e profissional que cada narradora/o foi desenvolvendo buscando agregar mais conhecimento a sua formação pessoal, o que colaborou para identificar, compreender e combater criticamente as situações de racismo sofridas no cotidiano. No contexto dessa complexidade das trajetórias de vidas negras estão os sonhos de cada uma/um, que identificamos que antes na infância pareciam não existir, na vida adulta e velhice as pessoas negras se permitem falar sobre seus sonhos, aspirações para o futuro, de modo que fazem planejamentos e buscam concretizá-los em seus cotidianos.

Todavia, é interessante salientar que as identidades raciais dos/as entrevistados/as foram marcadas significativamente por essas vivências no contexto religioso católico. Sejam essas marcas positivas ou não. Assim, é importante frisar que ao frequentarem o espaço religioso, que se sustenta através da fé cristã, os/as participantes tomaram para si a Igreja Católica como território de refúgio para a cicatrização das feridas causadas pelo racismo recorrente em suas vidas. Embora que nos enunciados analisados esse ambiente, por vezes, se mostrou como espaço de reprodução do racismo.

Não obstante, é imprescindível demarcar a necessidade urgente de uma reflexão crítica e de ações concretas por parte das instituições religiosas, principalmente as instituições cristãs, no intuito de combater o racismo institucional em todas as suas camadas. Não é por menos que para os/as entrevistados/as existe “certa” tensão entre a formação religiosa e a identidade racial negra. Ao passo que a dualidade entre a opressão vivida e a resistência cultivada através da fé resvala nas identidades negras informadas. Por esse motivo, julgo pertinente observar a dificuldade inerente ao encadeamento de acontecimentos para construção da identidade negra positiva.

Procurando delinear o caminho percorrido até aqui, a abordagem qualitativa e a técnica de levantamento de dados de entrevista narrativa, proporcionaram evidenciar materiais significativos que me fizeram mergulhar no “pequeno oceano” de experiências vividas pelos/as participantes. Vale salientar, que a categorização das falas em temas como família, racismo e identidade contribuiu positivamente na identificação de padrões e sentidos latentes nos dados, facilitando a análise do material coletado.

Em se tratando da discussão teórica para o tratamento dos dados, as falas dos/as participantes sob a concepção de Munanga (2012), me ajudou a olhar para os dados compreendendo o embate constante para afirmar as identidades negras em um contexto social que valoriza os padrões “universais” eurocêntricos. Considerando as afirmações de Munanga

(2012) que, aborda a necessidade de uma educação que venha romper com a imagem depreciativa de nós negros e negras, ressaltando a importância de ensinar a história da África e dos afrodescendentes no Brasil, essa perspectiva de pensamento emergiu nas falas de um dos participantes que reconheceu a educação e o conhecimento de sua história como ferramentas essenciais para a construção de uma identidade racial positiva e a luta contra o racismo.

Considerando as análises a partir de Kilomba (2019), na qual a autora promove a reflexão acerca do racismo institucional, que opera de maneira a propagar a desigualdade racial através de práticas e políticas sistemáticas dentro das instituições, foi possível compreender as experiências dos/as participantes no interior da Igreja Católica e identificar como as práticas institucionais muitas vezes reforçam hierarquias raciais, marginalizando as pessoas negras e limitando o acesso a cargos de liderança ou nas tomadas de decisão nos espaços de poder.

Tornou-se possível observar que as falas dos/as colaboradores da pesquisa expressaram suas jornadas de autoidentificação e a luta contra a internalização do racismo. Para ajudar a assimilar esse entendimento, foram utilizadas as concepções de Souza (1990), que aprofunda a discussão sobre a construção da identidade negra, argumentando que ser negro é um processo de tomar consciência do discurso ideológico que aprisiona o indivíduo numa imagem alienada.

Por último, é necessário destacar as contribuições de Padre Clóvis Cabral que enriqueceram a análise dos dados desta dissertação, fornecendo uma perspectiva teológica e espiritual que complementa as abordagens sociológicas e antropológicas utilizadas até aqui. Sua visão de uma Igreja inclusiva e ativa na luta contra o racismo ressoa com as experiências e aspirações dos participantes, destacando a importância de uma abordagem interseccional e inclusiva na construção de uma sociedade mais justa, e uma Igreja Católica mais diversa.

Talvez, entendo como uma das limitações da pesquisa em tela, a utilização de um único campo de pesquisa, focado em uma única paróquia e o número limitado de participantes, o que por outro lado, pode restringir a generalização dos resultados. Todavia, mais adiante, numa possível continuidade da investigação realizada, seria possível uma expansão desse campo e um número maior de participantes utilizando outros critérios para abarcar mais informações pertinentes.

Concluindo, esta dissertação evidencia que a luta contra o racismo e pela afirmação da identidade racial é um processo contínuo e multifacetado, que requer o engajamento de todos os setores da sociedade, incluindo as instituições religiosas. A fé cristã, quando alinhada aos

princípios de justiça e igualdade, pode ser uma poderosa aliada na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Portanto, acredito que é essencial continuar investigando as interseções entre religião cristã, identidade racial e racismo, para ampliar o entendimento sobre como esses fatores interagem na formação das identidades e nas dinâmicas das relações raciais. Acrescento ainda, que a educação, tanto formal quanto informal, emerge como um caminho crucial para a mitigação de práticas racistas, promoção de uma identidade negra positiva e igualdade de oportunidades entre negros/as e brancos.

Quero finalizar dizendo que a jornada de construção de uma identidade negra positiva é longa e árdua, mas é também um caminho de luta, resistência, resiliência e celebração da nossa ancestralidade africana. É imperativo continuar a lutar contra o racismo estrutural em todas as suas formas, através da educação, da conscientização e a solidariedade dos pares como ferramentas que julgo ser importantes para a humanização das relações sociais.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Jânio Odon de. **Vozes da zona norte**. 2014. Disponível em: <<https://vozesdazonanorte.blogspot.com/2014/05/o-secular-bairro-de-beberibe-recife.html>>. Acesso em: 05 de maio de 2024
- ALVES, Maria Lucia Bastos . O pluralismo religioso na esfera familiar. In: XII Congresso Brasileiro de Sociologia, 2005, Belo Horizonte -MG. XII Congresso Brasileiro de Sociologia, 2005.
- AQUINO JUNIOR, Francisco. (2020). **Comunidades Eclesiais de Base (CEBs): de Medellín-Puebla aos nossos dias**. Cuestiones Teológicas, 47 (107), 094-105.
- AZZI, Riolando. **A teologia católica na formação da sociedade colonial brasileira**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa. Edições 70. 1977.
- BARROS, W. da S. A OPÇÃO PELOS POBRES COMO FUNDAMENTO DA MISSÃO ECLESIAL NAS CONFERÊNCIAS DE MEDELLÍN E PUEBLA. ESPAÇOS - Revista de Teologia e Cultura, [S. l.], v. 27, n. 1, p. 69–80, 2019. Disponível em: <https://itesp.emnuvens.com.br/espacos/article/view/576>. Acesso em: 27 abr. 2024.
- BAUMAN, Z. (2005). **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BORN, C.. **Gênero, trajetória de vida e biografia: desafios metodológicos e resultados empíricos**. Sociologias, n. 5, p. 240–265, jan. 2001.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. Campinas: Mercado de Letras, 2002
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Nós, os humanos do mundo à vida, da vida à cultura**. São Paulo: Cortez, 2015
- BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998. Interrogando a identidade. p.70-104.
- BRITO, A. E. Lares negros olhares negros: Identidade e socialização em famílias negras e inter-raciais. Serviço Social em Revista, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 74–102, 2013. DOI: 10.5433/1679-4842.2013v15n2p74. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/ssrevista/article/view/15305>. Acesso em: 9 maio. 2024.
- CABRAL, Clóvis. Depoimento [set. 2022]. Entrevistadora: **ILZE** Lopes. Recife: PE, 2022.
- CAMURÇA, Marcelo. **Teologia da Libertação: uma teologia da periferia e dos excluídos**. ComCiência, Campinas, n. 146, mar. 2013. Disponível em <http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542013000200008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 27 abr. 2024.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio.** Mana [online]. 1996, vol.2, n.2, pp.115-144.

CATÃO, Francisco. **O que é teologia da libertação.** São Paulo: Nova Cultural; Brasiliense, 1986.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil.** São Paulo: Selo Negro, 2011.

CIRNE, Michelle. **Identidade: o vir a ser - como e por quê.** Ayé: Revista de Antropologia, v. 1, p. 53-64, 2019.

COSTA, Florença Ávila de Oliveira; MARRA, Marlene Magnabosco. **Famílias brasileiras chefiadas por mulheres pobres e monoparentalidade feminina: risco e proteção.** Rev. bras. psicodrama, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 141-153, 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932013000100011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 12 maio 2024.

CHAER, G; DINIZ, R; & RIBEIRO, E. A. **A técnica do questionário na pesquisa educacional.** Revista Evidência, Araxá, v. 7, n. 7, p. 251-266, 2011 Civilização Brasileira, 1968.

DE ALMEIDA, Silvio Luiz. **O que é racismo estrutural?.** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

DUBAR, C. **A crise das identidades: a interpretação de uma mutação.** Tradução: Catarina Matos. Porto, Portugal: Afrontamento, 2006.

DURKHEIM, E. **Educação e Sociologia.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013

DUSSEL, Enrique. 1492 – **O encobrimento do Outro: a origem do mito da modernidade.** Petrópolis: Vozes, 1993.

DUSSEL, Enrique. **Ética Comunitária - Liberta o pobre!** . Jaime Clasen. Petrópolis: Vozes, 1986.

SILVA, Drance. Depoimento [jul. 2022]. Entrevistadora: **ILZE** Lopes. Recife: PE, 2022. Entrevista concedida via plataforma do Google Meet.

FANON, F. **Os condenados da terra.** Trad. José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro. 1968

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas.** Trad. Sebastião Nascimento com colaboração de Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FRANCISCO, PAPA. 2020. **Carta Encíclica. FRATELLI TUTTI.** Disponível em <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html>. Acesso em: 01 de fev de 2022

FREIRE, Paulo. **Pedagoga do oprimido.** 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983a.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação.** São Paulo: Cortez, 1993.

GALLO, S. **As múltiplas dimensões do aprender.** In: Anais do Congresso de Educação Básica: aprendizagem e currículo. Florianópolis, 2012.

GALLO, Silvio. **Educação: entre a subjetivação e a singularidade.** Educação Revista do Centro de Educação, Santa Maria, v. 35, n. 2, pp. 229-243, 2010.

GOHN, M. DA G.. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas.** Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, v. 14, n. 50, p. 27–38, jan. 2006.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns Termos e Conceitos presentes no Debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10639/03.** Brasília: Ministério da Educação, 236p, 2005.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e relações raciais. Refletindo sobre algumas estratégias de atuação.** In.: MUNANGA, Kabengele (org.). Superando o Racismo na escola. 2ª edição revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p. 143 a 154.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje, São Paulo, p. 223-244, 1987.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na pós-modernidade.** 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006

HALL, Stuart. **Quem precisa de identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HOORNAERT, Eduardo, 1930- **História da Igreja no Brasil : ensaio de interpretação a partir do povo : primeira época : período colonial / .** 5. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2008.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (Org.). **Atlas da violência 2019.** Brasília; Rio de Janeiro; São Paulo: IPEA; FBSP, 2019.

PAPA JOÃO PAULO XXIII. **Carta Encíclica Mater et Magistra.** Libreria Editrice Vaticana. 1961.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. **Entrevista narrativa.** In: BAUER, M. W. GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Tradução: Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. 244 p.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Editora: Companhia das Letras, 2019.

LAGO, Luiz Aranha Corrêa do. **Da escravidão ao trabalho livre, 1550-1900.** São Paulo: Cia das Letras, 2014. 816p.

- LANZA, F.; RODRIGUES, R. R. B. ; NEVES JUNIOR, J. W. A. . Divergências e convergências quanto ao conceito de -família- no semanário católico O São Paulo. Sociedade e Cultura, v. 21, p. 195-218, 2018
- LEONARDO, F. A. M.; MORAIS, A. G. L. de. **FAMÍLIA MONOPARENTAL FEMININA: A MULHER COMO CHEFE DE FAMÍLIA**. Revista do Instituto de Políticas Públicas de Marília, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 11–22, 2017. DOI: 10.33027/2447-780X.2017.v3.n1.02.p11. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/RIPPMAR/article/view/7386>. Acesso em: 12 maio. 2024.
- LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.
- MACHADO, Maria das D. C. **Carismáticos e Pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar**. Campinas e São Paulo: Autores associados e ANPOCS, 1996.
- MARINHO, Marco Antônio Couto. **Trajatórias de Vida: um conceito em construção**. In: Revista do Instituto de Ciências Humanas – Vol. 13, Nº 17, 2017. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/revistaich/article/view/15710/12445>. Acesso em: 07 de maio de 2024.
- MARTINS, H. H. T. DE S.. **Metodologia qualitativa de pesquisa**. Educação e Pesquisa, v. 30, n. 2, p. 289–300, maio 2004.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Tradição e Modernidade Conservadoras no Catolicismo: o apostolado da Oração e a Renovação Carismática Católica**. Sociedad y Religión, Belém, UFP, n. 22/23, 2001.
- MENDES, V. H. **Vaticano II: a modernidade da Igreja em um contexto de mudanças**. Revista Encontros Teológicos, [S. l.], v. 27, n. 2, 2016. DOI: 10.46525/ret.v27i2.192. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/192>. Acesso em: 27 abr. 2024.
- MIGNOLO, Walter D. **A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade**. In: Edgardo Lander (org.). Colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 33-49.
- MINAYO, Maria Cecília. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- MONTEIRO, Edemar Souza. **CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NO CONTEXTO SOCIOCULTURAL DOS SUJEITOS**. Revista Fórum Identidades, Itabaiana-SE, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/forumidentidades/article/view/1915>. Acesso em: 28 jan. 2024
- MONITOR DO DEBATE POLÍTICO NO MEIO DIGITAL. **Como as guerras culturais afetam a opinião da população?** Disponível em: <https://www.monitordigital.org/2019/10/23/pesquisa-municipal-outubro-19/>. Acesso em: 25 de ago. 2019
- MUNANGA, K. (2012). **NEGRITUDE E IDENTIDADE NEGRA OU AFRODESCENDENTE: um racismo ao avesso?**. Revista Da Associação Brasileira De

Pesquisadores/as Negros/As (ABPN), 4(8), 06–14. Recuperado de <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/246>

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012 (Coleção Cultura Negra e Identidades)

MUYLAERT, C. J. et al.. **Narrative interviews: an important resource in qualitative research**. Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 48, n. spe2, p. 184–189, dez. 2014.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

OLIVEIRA, C. A. F. de. **A Crisandade: um modelo eclesial de poder**. Revista Fragmentos de Cultura - Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas, Goiânia, Brasil, v. 21, n. 2, p. 307–316, 2012. DOI: 10.18224/frag.v21i2.1889. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/1889>. Acesso em: 27 abr. 2024.

PAIXÃO, Marcelo. **O Desenvolvimento Econômico e o Tema das Relações Raciais no Brasil**. IN: Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais. Rio de Janeiro. 2006.

PEREIRA, M. I.. **As Identidades, as relações com os sujeitos e suas práticas sociais**. Revista Diaphonia -Projeto Saber- Pet Filosofia - Unioeste, p. 72 - 82, 30 dez. 2016.

PINTO, Márcia Cristina Costa; FERREIRA, Ricardo Franklin. **Relações raciais no Brasil e a construção da identidade da pessoa negra**. Pesqui. prá. psicossociais, São João del-Rei , v. 9, n. 2, p. 257-266, dez. 2014 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082014000200011&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 20 jul. 2024.

PIOVESAN, A.; TEMPORINI, E. R.. **Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública**. Revista de Saúde Pública, v. 29, n. 4, p. 318–325, ago. 1995.

PRETOS OU PARDOS ESTÃO MAIS ESCOLARIZADOS, MAS DESIGUALDADE EM RELAÇÃO AOS BRANCOS PERMANECE. **Agência IBGE Notícias**, 2019. Disponível em: < <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/25989-pretos-ou-pardos-estao-mais-escolarizados-mas-desigualdade-em-relacao-aos-brancos-permanece>>. Acesso em 14 de ago. de 2020

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico:métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.277 p.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder e classificação social**. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Org.). Epistemologias do sul. Coimbra: Almedina, 2009. p. 73-116.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. En libro: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. pp.227-278.

REDIKER, Marcus. **O navio negreiro: uma história humana**. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, 456 p.

RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA DO BRASIL. **Relacionamento com os outros**. 2012. Disponível em: < <https://www.rccbrasil.org.br/espiritualidade-e-formacao/formacao-humana/613-relacionamento-com-os-outros.html> >. Acesso em: 02 de ago de 2020.

SANTANA, J. K. R.. **ANÁLISE EVOLUTIVA DA OCUPAÇÃO DOS MORROS DA CIDADE DO RECIFE**. In: Simpósio Nacional de Geografia Urbana, 2019, Vitória (ES). Anais do XVI Simpósio Nacional de Geografia Urbana - XVI SIMPURB, 2019. v. 1. p. 3754-3768.

SANTOS, Frei Davi. **Como a Igreja Católica tratou negros e negras nestes 507 anos?**. In: BRASIL, país de todos?. Ano 2, nº 5. 2007. Disponível em: <http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=102&cod_boletim=6&tipo=Artigo> . Acesso em: 22 de jan de 2022

SANTOS, G. (2009). **Relações raciais e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro.

SOFIATI, F. M. **Elementos sócio-históricos da Renovação Carismática Católica. Estudos de Religião**, São Paulo, v. 23, n. 37, p. 217-241, jul./dez. 2009a.

SOUZA, Jessé. **Como o racismo criou o Brasil** [recurso eletrônico] / Jessé Souza. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro, RJ: Graal, (1990).

STRIEDER, I. R. ; **A Igreja e a escravidão no Brasil**. Ciência e Trópico , Recife, v. 28, n.2, p. 219-229, 2000.

COSTA, Jurandir Freire. **Da cor ao corpo: a violência do racismo**. In: Sousa, Neusa Santos. Tornar-se Negro. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1990.

SILVA, Luis Gustavo Teixeira da. (2017). **Religião e política no Brasil**. Latinoamérica. Revista de estudios Latinoamericanos, (64), 223-256.
<https://doi.org/10.22201/cialc.24486914e.2017.64.56799>

SILVEIRA, Jucimeri Isolda, NASCIMENTO, Sergio Luiz e ZALEMBESSA, Simões. **Colonialidade e decolonialidade na crítica ao racismo e às violações: para refletir sobre os desafios educação em direitos humanos**. Educar em Revista [online]. 2021, v. 37 [Acessado 29 Fevereiro 2024], e71306. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0104-4060.71306>>. Epub 23 Ago 2021. ISSN 1984-0411. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.71306>

SCHUCMAN, Lia Vainer. **O Branco e a Branquitude: Letramento Racial e Formas de Desconstrução do Racismo**. In: Portuguese Literary and Cultural Studies, 2022, 171-189.

WOODWARD, Kathryn. **“Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

APÊNDICES

Roteiro da entrevista realizada com Padre Clóvis

02 de dezembro de 2021

- 1) Para o senhor, como é ir tornando-se negro?
- 2) O que o senhor pontua da sua trajetória de vida, na construção de sua identidade negra?
- 3) Quando o senhor se descobriu negro, já fazia parte da Igreja?
- 4) Como foi sua experiência junto à renovação carismática como pessoa negra, o senhor já tinha essa percepção?
- 5) É possível a construção da identidade racial a partir da experiência católica? Como isso pode acontecer sem o abandono da doutrina católica?
- 6) A Renovação Carismática agora novamente começa a discutir política, mas com esse apoio partidário ao presidente. Como é que o senhor vê essa resistência, a partir dessa ala conservadora da Igreja e essa discussão das minorias?
- 7) Quais são os documentos fundamentais da Igreja?
- 8) Como é que a Igreja lida com as africanidades?
- 9) Como é que o senhor compreende o amor cristão?
- 10) O senhor acha que o cristianismo na sua origem, ele nos provoca dizer que a gente encontra elementos para esse conservadorismo religioso de alguma forma?
- 11) Como o cristão católico encontra as ferramentas de enfrentamento do racismo estrutural?

Roteiro da entrevista realizada com Professor Drance

31 de maio de 2022

- 1) Como foi, ou como é, sua experiência como leigo junto à Igreja Católica?
- 2) Como é que o senhor compreende o discurso Católico da história? É para quem? Para quem é esse discurso Católico ao longo da história?
- 3) Como é que o senhor percebe, esse discurso religioso católico é para quem?
- 4) Como é que essa Igreja tem conseguido viver esse momento atual, olhando pra essa pauta da diversidade étnico-racial?
- 5) Há alguma fissura para gente pensar as questões étnico-raciais dentro da PJMP movimento?
- 6) Qual é a diferença entre movimento e de pastoral?
- 7) O senhor acha que essa pastoral da juventude, ao longo dos anos, se perdeu das suas origens, se distanciou tanto, se enfraqueceu, e por que exatamente?

ENTREVISTAS COM OS/AS PARTICIPANTES

Transcrição da Entrevista com Antônio

ILZE: Antônio, primeiro dizer que é um prazer. E assim, né, como eu falei para outra pessoa, que eu tava com ela na quinta-feira, é dizer que assim, é, é gratidão mesmo, é gratidão da minha parte, porque as pessoas abrir a, as portas da casa, né? Eu dizendo a Leo hoje de manhã: poxa, faz tantos anos que eu conheço Antônio, né? E de repente a gente se volta novamente, se reencontra e eu precisando de Antônio, tá vendo como são as coisas na vida? E aí, as pessoas na vida, eu acho que uma das coisas mais importante que as pessoas dão para o outro é tempo, né?

ANTÔNIO: Tempo...

ILZE: Dar tempo para o outro, né? Porque assim, não é nem, não é qualquer pessoa que dá tempo para o outro, né? Hoje em dia, a gente dá um monte de coisa...

ANTÔNIO: Menos tempo.

ILZE: Mas, menos tempo, né? Né verdade? A gente esbarra nas pessoas, mas a gente não vê as pessoas, né? A gente às vezes não percebe nem as pessoas que tão dentro de casa, quanto mais as pessoas na rua...

ANTÔNIO: Na rua, é...

ILZE: Né... E aí, você disponibilizar do seu tempo, aí isso me toca, né? É, como as outras pessoas também que estão sendo generosas comigo, né? Disponibilizar do tempo, do espaço da casa, né, que é um lugar sagrado, pra abrir pra uma pessoa que você não tem intimidade, né, que não tá na sua rotina, no feriado, né?

ANTÔNIO: Feriadão, véi...

ILZE: Eu queria mesmo pedir a você, né... uma conversa, uma conversa, é só pra te ouvir hoje, né? A minha vontade é te ouvir. E... é, querer que você começasse apresentando, né, e nesse apresentar que você já falasse, já começasse falando um pouco da, da tua família.

ANTÔNIO: Bem... É... Meu nome é Antônio... José do Nascimento. Sou de uma família... indígena, mas também negra, é, meus avós paternos eram indígenas, minha avó e meu avô, meu pai também descendente de indígena, minha mãe e minha vó pater., materna são descendentes de escravos, de escravos. Onde a minha avó era lavadora de ganho, uma prática que vinha desde a escravidão e depois que passou a ser empregada doméstica. Minha mãe me teve com dezesseis anos, dezesseis anos, sou o primeiro filho dela, e aí, não tem muita vivência é, ela fumava muito e com oito anos, ela faleceu. Eu tava com oito anos, ela faleceu. E a partir de então passei a ser criado por minha vó, tios e tias, né? Tinha período que eu passava um tempo na casa da minha avó, período que passava tempo na casa dos meus, do meu pai, e assim, fui crescendo nessa dinâmica. Sou negro que, né, morei toda a minha vida em periferia, né, entre Beberibe, Água Fria, Auto dos Coqueiros, Linha do Tiro, todos esses bairros, é, eu morei. E, nessa vivência, né, a gente não conhecia ainda essa dinâmica que se tinha sobre a discussão racial, essas coisas... A gente não... não tinha essa relação, né? Eu só vim, a, me dar conta mesmo dessa relação à medida do momento, a partir do momento que a gente entra, que eu entro no caso, participar de movimentos jovens dentro da Igreja. Porque até então, na escola, ensino fundamental e médio, a gente não via muito essa discussão, não havia muito essa discussão sobre (equidade), identidade, sobre racismo, essas coisas, a gente

não tinha essa discussão, né? Quando... lá pros dezoito anos, quando eu ingresso pro grupo jovem da, fundado em retiro, é, jovens unidos em busca de Cristo, é que a gente, é que eu começo a perceber essa construção, sabe? E isso vais e aprofundar mais ainda quando a gente ingressa, é, na pastoral de juventude do meio popular, e aí, as discussões vão se ampliando, e é a partir desse momento que... eu me percebo como negro, como pessoa é, como pessoa, mas também é, vou percebendo a minha identidade, a minha identidade. E isso vai fazer, vai me levar a outras coisas, né, levar outras coisas, a perceber outras coisas na sociedade. Uma delas é que a gente também, da escola pública, a gente não via a discussão de você entrar na faculdade, você progredir academicamente. E foi dentro PJMP que a gente começou a perceber isso, né, a perceber que a gente podia, porque no meu grupo, duas pessoas entraram, no grupo que eu participava, duas pessoas entraram na faculdade. E a gente, oxe, se eles entraram, a gente também consegue, a gente também pode. E a partir daí, eu ingresso em 2005, como, no curso de história da UNICAP, né, da UNICAP, ingresso. No início, é... um padre jesuíta, padre Ademir que era padre de Beberibe e depois foi ser padre de Águas Compridas, ele me ofereceu uma bolsa, né, na UNICAP, me ofereceu uma bolsa de estudos na UNICAP, e eu disse: tá bom, então vou fazer. Tentei entrar nas federais, federais, mas não consegui e aí, tem um caso interessante que é que, quando eu fiz a inscrição da federal, eu não percebi que na ata da inscrição que tem que preencher à mão, na época, né, a fichinha, que eu tinha marcado a prova de línguas, tinha marcado francês. E eu só vim perceber isso, já faltando algumas, uns dias pra prova, mas eu queria mesmo fazer espanhol, a prova de espanhol. Mas aí passou, Ademir, padre Ademir, jesuíta, me ofereceu essa bolsa e aí, eu ingresso na UNICAP, né, ingresso na UNICAP, passo quatro anos na, dentro da UNICAP, estudando, né? E lá também a gente não tinha ainda essa discussão ainda da, da, ainda não tinha sido implantada a Lei 10.639, se não me falhe a memória, trinta e nove, se não me falhe a memória, que é a Lei da Cultura Afro-bra..., Cultura e História Afro-brasileira, é africana e brasileira. E aí, eu ficava me questionando, né, como é que na minha sala, né, uma sala que no primeiro período tinha oitenta alunos, se tivesse dez negros era muito, tivesse dez negros era muito. E com o passar do tempo, né, foi se diminuindo, diminuindo, e terminando, terminou ficando eu e mais uma, duas meninas que concluíram comigo, que eram negras, né. Então, três alunos negros concluíram o curso de história dentro, na UNICAP, né? E aí, nesse processo, é quando a Lei começa a ser discutida com mais força, quando eu termino o, o ensino superior, a Lei começa a ser discutida com mais força, começa a aparecer cursos de especialização sobre a Cultura Afro-brasileira, e aí, eu fui me aprofundando, né? E é a partir daí que a gente vai se descobrir cada vez mais, né, através da escola, do negro.

ILZE: Antônio... Eu vou voltar um pouquinho, né, pra te ouvir mais ainda, pra saber dessa tua relação, com tua avó. Qual o nome dela?

ANTÔNIO: O nome da minha vó era Maria do Socorro.

ILZE: Maria do Socorro.

ANTÔNIO: Maria do Socorro.

ILZE: E aí, dessa tua relação com a tua avó, né, tu disseste que tua mãe, é, é...

ANTÔNIO: Faleceu...

ILZE: Faleceu

ANTÔNIO: Quando eu tava com oito anos.

ILZE: Com oito anos, né, e aí, você fica com essa avó, Maria do Socorro, dona Maria, e com teu pai, né?

ANTÔNIO: E com meu pai que, na verdade...

ILZE: E aí, eu quero te ouvir mais sobre essa relação com o teu pai, com a tua avó, né... Se tu tem irmãos...

ANTÔNIO: Uhum...

ILZE: Como é essa relação com a tua família?

ANTÔNIO: Irmãos eu tenho, tenho dois irmãos por parte de mãe, né, que são meus irmãos, a gente chama assim, não legítimos, né, no caso, né, parte de mãe. E tenho mais dois irmãos por, mais... um, dois... mais dois, é, por parte de pai, né? Que é minha irmã, ela mora lá, ela mora em Carpina agora, tenho duas sobrinhas, e tenho uma relação muito boa com ela, relação muito boa com minha irmã. E, em relação a minha avó, foi uma convivência intensa. A minha avó sempre... cuidou de mim e dos meus irmãos, ela sempre teve essa preocupação, tanto é, como eu fui o primeiro neto dela, é, ela comprou, foi um sacrifício (danado), comprou todo o enxoval, todo o enxoval, com as letrinhas do meu nome, né? Isso ela me relatava sempre e... faltando uma semana pra eu nascer, é, minha mãe na maternidade, né? Meu pai ainda vivia com ela ainda, minha avó tinha saído pra trabalhar, então na casa da minha vó tinha todo o enxoval.

ILZE: Qual é a maior lembrança que tu tens da tua avó?

ANTÔNIO: A maior lembrança que eu tenho da minha avó é quando eu saía com ela pra, pra fazer entrega das roupas de banho. Que ela me ensinava, me ensinou a andar pelas ruas do Recife. Então, com doze anos, treze anos, já sabia andar o Recife praticamente todo.

ILZE: Tu ias com ela?

ANTÔNIO: Ia com ela, é, sempre com ela, sempre, ela me chamava pra ir com ela entregar. Então, ela me ensinava muitas coisas, mesmo analfabeta, né, não sabia nem ler, nem escrever, mas ela sabia, conhecia o Recife como ninguém, como ninguém.

ILZE: Ela é de onde, Antônio?

ANTÔNIO: Ela, ela nasceu aqui, em Recife, né, em Recife. A gente não tem assim, tanta certeza, porque a documentação dela, a gente não, não tenho tanto acesso, não tem tanto acesso. Mas, ela disse que veio do interior pra cá, pra cá, com a mãe dela, né? Que segundo relatos na época, que minha avó é de 1930, então a mãe dela certamente foi escrava, né, escrava. Porque a escravidão terminou em 1888, então certamente a minha avó, ainda pegou esse período ainda, um pouquinho ainda, do fim da escravidão, já, né? Ela pegou o fim da escravidão e o início da... é, o início de um... da abolição, né? Ela pegou ali, já o finalzinho e o pessoal já se organizando pra conseguir trabalho.

ILZE: Era só você de neto com ela?

ANTÔNIO: De início sim, mas tinha eu e meus irmãos, só que meus irmãos eram pequenininhos, porque como eu sou mais velho, meu irmão, na época tinha, na época ele

teria, dois anos mais novo que eu, então, eu tava com oito anos e ele tava com seis, e outro mais novo com quatro, com quatro anos.

Então, na, minha mãe faleceu, eu, dos irmãos, eu era do mais velho, então, meus tios saiam pra trabalhar, meus tios trabalhavam carregando caixote nas feiras livres, né, entregando fruta, verdura, na, na, descarregando caminhão de frutas e verduras ali na Feira de Beberibe e um outro trabalhava em uma oficina de pintura de automóvel. E a minha avó era lavadora de ganho, não é, lava roupa de banho, depois, lá quando ela tava com uns quarenta anos, mais ou menos, que ela começa a trabalhar numa casa de família, na casa de família, né? E só vinha final de semana, mas quando ela vinha, ela tinha um carinho imenso com os netos. Um carinho imenso...

ILZE: E fala um pouco mais

ANTÔNIO: Uma relação muito boa.

ILZE: Desse processo porque assim, você ficou com ela, mas aí ela precisou nesse momento...

ANTÔNIO: Trabalhar.

ILZE: Trabalhar, fala um pouco mais...

ANTÔNIO: Aí, eu ficava em casa junto com a minha tia, minha tia, né? Junto com minha tia que também faleceu. Minha tia era chamada Maria das Graças. Faleceu. E a gente ficava com ela em casa, quando minha avó ia trabalhar, a gente ficava com minha tia. E nesse processo, a gente aprendeu a fazer tudo de casa, né? Lavar roupa, fazer comida, lavar prato, arrumar casa. Eu e meus irmão aprendeu tudo isso no dia a dia, né? A gente era de uma família muito pobre, muito pobre mesmo. Então, as pessoas precisavam trabalhar, né? Quando um não estava em casa, a gente saía, até mesmo, a gente pequenininho, a gente, às vezes, saía pra pedir alguma coisa na rua, pra poder ter uma, uma renda e uma renda, né, em casa. Então, a minha relação com minha avó foi uma relação muito boa. Que pena, que pena que ela foi embora cedo também, né, foi embora cedo. Mas a minha relação, tanto minha dos meus irmãos, dos meus tios, foi uma relação muito boa, onde a minha avó, ela sempre teve a preocupação de cuidar, de cuidar da, da gente. Minha avó, ela tinha o costume que eu tenho memória, que quando os meus tios saíam pra, pra o Bela Vista, era um clube que tinha lá em Santa Teresinha, pra dançar, se divertir, minha avó não dormia, enquanto eles não chegassem. Enquanto eles não chegassem em casa, ela não dormia. Lá em casa tinha uma mesa redonda, certo, ficava sentado na mesa, ali, tomando o cafezinho dela, esperando. Quando não era isso, era assistindo o programa de Silvio Santos, quando a televisão funcionava, tava funcionando, assistia o programa de Silvio Santos. Então, ela ficava acordada praticamente a noite toda, até os filhos chegassem, e enquanto os filhos não chegassem, ela não descansava, não dormia. E também, e a mesma coisa ela fazia com os netos, né? Quando eu comecei a ficar na adolescência, já chego na adolescência, então também ela não dormia enquanto a gente não chegasse em casa, né? Então ela tinha essa preocupação, preocupação, tanto é, assim, que quando ela faleceu, ela faleceu dormindo, ela faleceu dormindo em cima da mesa, né, sentada na cadeira, na cadeira, tomando seu cafezinho e lá. E aí, eu tinha saído pra fazer um serviço, um trabalho, porque nesse processo também quando eu começo a ficar na adolescência, na adolescência, por aí, é, a gente conseguiu, conseguiu um trabalho e, no final de semana. Durante a semana ia pra escola, mas final de semana tinha um trabalho que era vender churrasco que nessa época churrasco vendia muito. Então, eu saía com um rapaz lá da rua,

que me levava, né, pra vender com ele, e eu voltava mais ou menos uma hora da manhã, duas horas da manhã, mais ou menos, então minha vó ficava sempre acordada. Teve um dia que, nesse dia, quem encontrou ela falecida fui eu. Eu tinha saído, já pra trabalhar, quando eu volto do trabalho, mais ou menos, madrugada, mais ou menos, que eu vou chamar ela, eu sinto aquele, o corpo dela todo frio. Chamo, chamo, ela não atende. Aí, como a minha tia, que é a esposa do meu tio, morava numa, próximo a, a casa onde eu morava, aí eu fui lá e chamei ela. Ela veio, ela disse: “não, ela realmente faleceu”. Porque minha avó, ela fez algumas cirurgias, uma delas foi de marca passo, marca passo, então a gente tinha muita preocupação com ela. Tanto é assim que a gente, quando ela fez a cirurgia de marca passo, ela deixou de trabalhar, ficava em casa, ficava em casa, né, e, e eu saía pra trabalhar, saía pra trabalhar, eu e meus irmãos, meus irmãos, é, meus tios e ela tava, tinha de tudo em casa, né, tinha de tudo. De frutas a, a, meus tios traziam da feira fruta, verdura e deixava lá, eu podia, ganhava meu trocadinho, a gente fazia feira e ela ficava em casa, a gente não deixou ela trabalhar. E depois, ela se aposentou, mas quando foi três anos depois, ela faleceu, devido ao marca passo, tudinho, mas fui uma vivência muito boa, muito intensa, porque ali eu aprendi realmente com ela o sentido de, de viver mesmo, de, de ser assim, de ser uma pessoa boa, né, de saber as dificuldades que tanta pessoa passa, né? E é interessante falar nisso, porque assim, eu, ao longo da minha infância e juventude, eu nunca fui de frequentar a Igreja, nunca fui, né? Mas minha vó sempre foi, minha vó sempre foi de frequentar a Igreja e ela frequentava uma Igreja Batista que hoje, eu hoje não sei se tem ainda, que ficava ali numa rua chamada Córregos das Negras, das Negras, lá na Linha do Tiro, né? Então, quando o pessoal soube que minha mãe, que minha, calma, que minha vó tava doente, que minha avó adoeceu, todos na semana, o pessoal ia lá fazer visitação, oração por ela, fazia oração, orava por ela, trazia cesta básica pra ela, todos os finais de semana, como ela não podia ir, eles iam até lá, né? E isso me chamava muita atenção, né, me chamava muita atenção, né, esse carinho que os, os evangélicos tinham com ela, tinham com ela, né, a Igreja Batista tinha com ela e eu ficava impressionado com isso. Aí com o passar do tempo, fui crescendo, fui crescendo, né, e aí é quando mais ou, dezessete anos, dezoito anos, eu ingresso no grupo jovem da comunidade de Linha de Tiro.

ILZE: Antônio, me fala um pouco mais da tua relação com teu pai.

ANTÔNIO: Já meu pai, a gente não teve uma relação muito boa, muito boa, porque meu pai nunca foi uma pessoa de assumir um compromisso, compromisso de verdade. Tanto é assim que ele nunca olhou por nós, nem por mim, nem por nós, ele nunca olhou. Quando eu falei que a gente ia passar um tempo lá na casa do meu pai, na verdade era na casa da minha tia, irmã dele, que lá morava todo mundo conjugado, né? Que era aqui em, aqui em Caixa d'água, (ainda era Caixa d'água), Tia Zaira, porque ele morava atrás com a esposa dele, e a minha tia morava na frente, minha tia morava na frente, então muitas vezes, quando gente não, é, não estava com a minha avó, a gente ia passar um tempo lá na casa da minha tia, da minha tia. Como ele tinha que ficar, minha tia “não, você vai ficar com seu filho, mesmo que a gente cuide dele, mas você vai ficar com seu filho, você”, minhas tias obrigavam, muitas vezes, ele a ficar, porque não queria, né, ele não queria cuidar, ele preferia cuidar dos filhos dos outros, dos outros, das mulheres que ele arrumava, mas dos seus filhos legítimos, não.

ILZE: Qual é o nome dele, Antônio?

ANTÔNIO: Josenildo... Então, ele não tinha, é, essa relação muito próxima com a gente, tanto é assim, tanto é assim, que ele ainda hoje não quer proximidade, mas tanto eu, quanto meus irmãos, incluindo meus irmãos por mãe e meus irmãos por parte de, de pai, nunca quisemos desrespeitá-lo, a gente sempre respeitou ele, tudinho, mas ele nunca ligou pros

filhos, nunca. Então, a nossa relação, ela não é uma relação de atrito, mas também não é uma relação de afeto, não é uma relação de afeto de eu chegar lá, conversar, de, de bater um papo, de abraçá-lo, não é, não é, porque ele, ele provocou essa distância. E isso ficou pior ainda quando ele arrumou a nova esposa que ele tá agora, que faz mais ou menos uns cinco anos, que ela disse que não queria os filhos dele por perto, principalmente meu irmão, que por ser homossexual, e ela por ser evangélica, ela não aceitava a que meu irmão fosse pra lá, fosse pra lá visitá-la, visitá-la. Então, meu irmão se afastou também, né, meus irmãos e a gente não tem muito contato com ele, nem eu, nem meus irmãos não temos muito contato. A gente só sabe dele por nossa tia que mora em Caixa D'Água ou nossas tias, uma que mora lá em Água Fria e as outras duas moram em Caixa D'Água, a gente só sabe por elas, porque nem contato assim, é, bom com ele, a gente não tem, porque até no casamento, quando a gente se casou, eu chamei, eu mandei o convite pra ele, pra ele, tudinho, e ele disse que não ia pro meu casamento, porque meu casamento ia ser realizado em Igreja Católica e ele não ia pro meu casamento. Eu disse: tá bom, tia, a gente mandou o convite, né, por respeito, a gente mandou o convite, se ele não quer ir, ai, ai eu não posso fazer nada. Aí, minha tia: “meu filho, você já fez o que pode fazer, você mandou o convite, tudinho, e ele não quer ir, então você não tem culpa nenhuma nisso”. Então, minha relação com ele não é uma relação de afeto, sabe, agora, respeito, né, como pai, tudinho, mas não é uma relação que eu posso chegar lá, sentar, tomar um café, conversar, não. É diferente das minhas tias, as minhas tias eu chego lá, converso, tomo um café, como um bolo, passo o dia lá, tudinho, mas ele não, ele não quer aproximação.

ILZE: Antônio, tu estás falando, falou aí que da tua avó. Tu já conheces tua vó participando da Igreja Batista, né?

ANTÔNIO: É Batista.

ILZE: E aí, teu pai rejeita quando tu se casas na Igreja Católica. Conta mais um pouco como é essa questão das práticas religiosas na tua família. Como é que se dá essa questão da religião na tua família

ANTÔNIO: Olhe, na minha família tem de tudo um pouco, tem de tudo um pouco, sabe? A minha família, a minha vó, a minha vó na minha parte de mãe, era a minha avó e a minha tia que eram evangélicas, já meus tios, meus tios, é, e minha mãe não eram, não eram, não frequentava, era mais meus pais, minha mãe e meus tios eram mais de farrear, de ir pra festa, de ir pra, pro Bela Vista que era um, que um clube muito famoso em Santa Teresinha, tanto que minha mãe era conhecida como pé de ouro, né, que ela, pessoal dizia que ela dançava muito bem, tudinho. Já minha vó não, minha vó era mais religiosa, minha vó gostava de ir pra Igreja, sempre tava em oração, né, mas já depois dos quarenta anos, já depois dos quarenta anos também, ela começa a frequentar a Igreja e a minha tia também, lá pros vinte anos, assim, ela começa a frequentar a Igreja Evangélica, né, (isso com toda gente). Já por parte de pai, por parte de pai, é... as minhas tias já eram mais frequentes, minha tia Zaira, minha tia Nena e as outras são evangélicas. Eu tenho quatro tias, quatro tias, né, e uma é católica, três são evangélicas e uma é católica. A que é católica mora lá em Olinda, ali no Alto da Sé, e... os meus tios por parte de pai também, não era, não seria nem religião, também é da farra, muito da farra. Tanto que um só veio entrar na religião depois que pegou... que ficou doente, né, pegou uma diabetes muito forte, aí começou a frequentar a Igreja tudinho. Meus primos, por influência das minhas tias, também ingressaram, também na Igreja Evangélica, né, mas eram eles na Igreja Evangélica e a gente de cá, então a gente não tinha essa relação muito próxima. Mas na minha infância, eu tinha muito contato com uns terreiros de Candomblé que na época, nessa época, é, se fazia muitas festas, principalmente na época de, do mês de

outubro que é o mês da crian, das crianças. Então, como a gente vivia em periferia, e praticamente eu e meus irmãos, praticamente viviam, assim, na rua, porque antigamente a gente brincava na rua, tranquilo e tal, saia pela rua, brincava tudinho, hoje não. É, então, a gente ia pra essas festas, mas não sabia qual era a relação, né, se era a relação, a gente sabia que tava ali, que tava tendo uma festa ali pra crianças, então a gente ia. Depois, quando eu começo a ingressar nesse processo de grupo jovem, tudinho, participar de Igreja, é que eu começo a perceber que aquelas práticas que eu ia, aquelas festas ali, eram em relação ao Candomblé, o Santo Cosme e Damião. E aí, a gente: poxa cara, mas a gente comia tanto, ali a gente comia isso, comia aquilo e a gente, né, e eu e meus irmãos a gente brincava tudinho, pegava, comia confeito, pipoca, né, pirão de caranguejo, tudo isso que era feito, feito nas festas e a gente ia sem nem um receio, né? E eu tenho muito respeito, é, pelas religiões afro-brasileiras, Candomblé, no caso, né? Mas as minhas tias, minhas tias não já eram mais reser, mas é, mas elas não recriminavam, minhas tias também elas diziam “não isso aí”, elas não recriminam e até hoje elas não recriminam, minhas tias.

ILZE: Qual era o bairro, Antônio?

ANTÔNIO: Olhe, a gente aqui tá o Terreiro Xambá que é ali, fazia muita festa, o Terreiro de Xambá fazia muita festa e na época ali, numa onde tinha aquelas, aquelas calçadas toda, tudo aberto, é um terreno imenso ali.

ILZE: Então, vocês eram crianças?

ANTÔNIO: A gente era criança e ia tudo pra lá, quando tinha festa a gente ia pra lá, né? Próximo à minha casa também, tinha também um Terreiro onde se fazia festa, a gente também aí, se dava também, a gente ia. Então, onde tivesse, a gente soubesse, a gente ia, fosse por perto, a gente ia.

ILZE: Fala de uma lembrança desses momentos.

ANTÔNIO: Olhe, desses momentos, o que a gente lembra mais, o que eu lembro mais era quando tinha as brincadeiras, quebra panela, corrida de saco, corrida de saco, corrida do, do... né, que a gente botava o ovo na colher e saia correndo pelas, né? Então, essas brincadeiras, brincadeiras, fez parte da minha infância, da minha infância, né? E hoje, quando eu converso com a, com os jovens, digo: mas rapaz, vocês nunca brincaram disso, “oxe, nunca brinquei não”, brincadeiras sadias, que você não via confusão, você não via nada disso. A única confusão que a gente via, na, no Cosme e Damião, era o quebra panela, quando tinha quebra panela. Que aí era, né, juntava adulto, juntava criança pra pegar os conceitos tudinho ali, aí tinha algumas confusões, mas a não ser isso, o resto era muito tranquilo. Tinha também, também...

ILZE: Tu tens alguma...

ANTÔNIO: Tinha também, também uma brincadeira muito interessante que acabou mais que era subir num pau de sebo, onde se colocava uma nota de não sei quanto lá e quem conseguir subir pega esse dinheiro. Então, eram brincadeiras muito legais que ficou na lembrança, sabe?

ILZE: Tens lembranças de alguém desse, desses momentos?

ANTÔNIO: Olhe, desses momentos, eu tenho lembranças de irmã Biu, é, Mãe Biu, tinha a expressão Mãe Biu, Mãe Biu, que era aqui do Terreiro, aqui na entrada de Dois Unidos, não

sei se você conhece, aqui na entrada de Dois Unidos tem um terreiro, logo no, logo quando você atravessa a ponte, a primeira rampa que vai pra (Machado) Ferreira, subindo tem um Terreiro, ele é o de Mãe Biu que era uma das responsáveis por fazer essas festas, né, essas festas, hoje quem tá, assumiu, se não me falhe a memória, é Mãe Maria assumiu o Terreiro que é filha dela, né, Mãe Maria que assumiu. inclusive, é, eu até fiz um trabalho com ela, um trabalho de pesquisa que eu fiz uma pós-graduação sobre educação étnico-racial no ambiente escolar, no ambiente escolar, no ambiente escolar. E aconteceu que uma das tarefas do curso, era conhecer terreiros próximo a sua localidade, onde você mora, Terreiros de Candomblé. Então, como eu sabia que, eu fui lá, falei com ela, tudinho, ela marcou, a gente marcou entrevista, eu fui lá e conversei com ela, é uma pessoa muito simpática, muito, é, carismática, muito legal pra se conversar, pra debater. Então são lembranças que vão ficando, sabe, por isso que eu respeito muito a religião do Candomblé. E depende, muitas vezes, quando as pessoas falam asneiras sobre o Candomblé, né, quando as pessoas vem falar asneiras e eu defendo, mesmo eu sendo católico, mas eu defendo, né, eles, porque eu sei que, muita gente, o Candomblé, ele não faz, ele faz coisa muito séria, a religião é muito séria, e não é pessoas que comete crime, né, por aí fora, como a gente vê por aí, né? Então... é, eu tenho muito respeito por eles, então quando eu vejo, eu falo com eles, converso, abraço, tudinho, converso, tudinho, porque eu aprendi, dentro da minha família, junto com a minha avó e as minhas tias que a gente tem que respeitar independente da religião do outro, a gente tem que ter o respeito, sabe, o respeito, independente da religião do outro. Então, todo o respeito que eu tenho a eles e é por isso que eu começo a aprofundar, com o, realmente, eu ingresso na PJMP, e também com o curso, né, de humanas, de história no caso e a pós-graduação, isso ampliou ainda mais o campo de respeito a esse pessoal.

ILZE: Antônio, e a tua vida escolar, né, esse teu percurso na escola? Conta aí um pouco.

ANTÔNIO: Olhe, percurso na escola, ele é muito interessante, porque na minha relação com meus alunos, que eu chamo assim, é um, um termo que o pessoal chama muito, que é, o termo, o termo utilizado é amor e ódio. Tem tempos que estão me amando, tem tempos que estão me odiando, me odiando. Tem tempos que tão me amando, é quando é, eu conto os focos, um assunto relacionado a questão social que está dentro da realidade, e aí, quando a gente faz um, uma atividade fora, visitar um museu, visitar uma, é... um museu ou algum, algum espaço, onde a gente possa debater as questões sociais tudinho. E ódio quando eu chamo a eles atenção, quando eu pego no pé deles, né, para eles fazerem as coisas, fazerem as coisas, pra eles estudarem, tudinho. Aí, ficam “aquele professor é muito chato”, não sei o que, mas ao mesmo tempo, como eu já tenho uma caminhada de muito tempo, muito tempo não, muito tempo pra, é pouco, mas em torno de dez a quinze anos em sala de aula, em sala de aula. Então, eu já tenho alguns alunos que já ingressaram na universidade, alguns fizeram cursos técnico, outros fizeram universidade, outros passaram em concurso público, e quando eu encontro esses meus alunos, esses alunos, eles dizem “professor, bem que o senhor disse, bem que o senhor avisou que ia ser assim, e tá sendo realmente, professor, tá sendo realmente” e recentemente eu tô com um aluno que ele entrou no curso de ciências sociais na federal, na rural, ele tá fazendo ciências sociais na federal, na rural e eu tenho muito contato com ele pelo Facebook. E uma das coisas que me chamou a atenção foi quando começou essa política do ódio no Brasil, né, onde as pessoas odiavam o outro por causa da religião, por causa da sua sexualidade. Aí, ele dizia “professor, que pena falta, que pena que esse pessoal não estuda história, nem sociologia. Se eles estudassem um pouco de história do Brasil, um pouco de sociologia, eles iam entender o que é a história do Brasil, eles iam entender o que é, é guerra de narrativas, eles iam entender o que é rebelião, o que é revolta, tudo isso eles iam

entender, mas infelizmente não estudaram, e eu tive o prazer”, aí ele disse “e eu tive o prazer de ter o senhor ensinando isso”. Aí, eu disse: continue, continue estudando, continue estudando que você vai ser um aluno, você é um aluno brilhante”. Então, é essa relação, sabe? E outra relação que eles me colocam, muitas vezes que eu chego na sala de aula, porque eu tenho o costume, tenho não, eu gosto muito de roupa afro, calça de algodão, camisa de renda, essas coisas, gosto muito. Então, alguns reclamou pra escola e colagem, colagem de, de... colagem também afro, então quando eles não me conhecem, nem quando eles chegam na escola, primeiro dia de aula mais ou menos ali, aí quando eu tô com essa vestimenta, perguntam, a primeira pergunta que eles vem “professor o senhor é do Candomblé ou da macumba?”, não é nem Candomblé, é macumba, “o senhor é da macumba”, porque você está fazendo a pergunta? “não é porque o senhor gosta de se vestir assim”, não sei o que, não sei o que. Eu disse: não, não sou. Eu sou católico, tudinho, aí eu vou explicando todo o, né, todo o processo, e aí aproveito, já começo a entrar na questão da questão da cultura afro-brasileira e aí vou trabalhando com eles essa questão. Porque uma das coisas que... a gente tem que combater é essa questão do racismo, porque o racismo, e também é... da de, como é, da demo, demonização da religião afro-brasileira, porque muitos, muitos chegam na escola, eles vêm com o pensamento, quando chega no primeiro ano, eles chegam na escola com o pensamento da igreja que eles frequentam ou até mesmo da família. Aí, pra desconstruir isso, mostrar que toda religião deve ser respeitada, tudinho, é um trabalho danado e é um trabalho de formiguinha que a gente vai fazendo, mas isso ficou muito evidente quando a gente começa a fazer um projeto, quando lança a Lei dez, essa Lei, né, que obriga a escola, a Lei Afro-brasileira, a Lei da... trabalha a cultura afro, história do Brasil, do negro, a gente... começa a trabalhar na escola alguns projetos, né? E aí, a coordenação da escola, chega pra mim dizendo, dizendo pra mim “Antônio, vamo tentar criar um projeto pra esse trabalho aqui”, eu disse: tá certo. Então eu preparei um projeto de intervenção escolar, é, incorporando a Lei 10.639, se não me falha a memória, e aí a gente começa a trabalhar a cultura afro-brasileira dentro da escola. E aí, no final do ano, eu pego a única turma pra fazer o trabalho, a única turma, com a incumbência deles fazerem a pesquisa, as palestras, tudo isso. E disse a eles: olhe, vocês vão fazer esse trabalho, ainda me lembro, isso foi em dois mil e, 2012, se não me falha a memória, vocês vão fazer a pesquisa, vão fazer o trabalho, tudinho, e vocês não vão ter a prova do quarto bimestre, a prova do quarto bimestre vais ver o trabalho de pesquisa, e vocês, e vocês vão ter que apresentar pras outras turmas da escola, primeiro, segundo e terceiro ano. E na época, a escola não era dividida, ensino médio da manhã, ensino médio à tarde, ensino fundamental pela manhã, era tudo junto, ensino fundamental e médio, tudo junto, aí eu disse, aí eles “tá bom, professor, a gente vai fazer”. E nisso, a gente veio fiscalizando, observando, orientando-os, beleza, e a gente conseguiu fazer, conseguiu fazer o trabalho. E aí, foi uma semana de atividade com essa turma e, cada dia, duas, três turmas iam assistir eles iam assistir eles apresentando os trabalhos, duas, três turmas apresentar, eles apresentando e a turma observando, o negócio ficou, foi tão bom, tão bom que toda a escola queria assistir. No início, só era pro ensino médio, primeiro, segundo e terceiro ano, o terceiro ano ia fazer, um terceiro ano ia fazer, os outros ia assistir, mas o negócio foi tão bom que as outras turmas também quiseram assistir, sexto ano, sétimo, oitavo e nono. Aí, toda a escola começou a participar, e, a partir daí, a escola, todo ano, pro, promovia, todo ano passou a promover esse debate, né, esse debate em sala de aula. Ao ponto de, ao ponto de, na escola, eu sou a referência pra eles. Tanto é que, quando o Ministério Público chegar pra fiscalizar, se tá realmente sendo feito o trabalho todinho, em relação a cultura, história do negro no Brasil, é, a, a direção da escola, a coordenação me chamava logo, me chamava logo.

ILZE: E Antônio na escola, Antônio criança, Antônio adolescente...

ANTÔNIO: Olhe, eu na escola criança, eu dei muita dor de cabeça, muita dor de cabeça, dei. Mas tinha um, tinha um porém, a gente só perturbava, eu e meus colegas de sala, a gente só perturbava quando não tinha professor em sala de aula, a gente perturbava, perturbava. Mas quando o professor chegava em sala de aula, a gente prestava atenção ao máximo a aula, mas quando não tinha, a coisa virava bagunça, né? Mas eu nunca fui uma pessoa desrespeitosa, nunca fui. Agora, bagunçar, tirar professor do sério, é, no corredor da escola, na hora da merenda ou no intervalo, isso aí eu tirava, isso eu tirava. Tanto é que eu tenho um professor que se chamava Ricardo, ele é biologia, Escola Estadual do Beberibe, e ele dizia pra mim que eu era um, ele dizia pra, dizia pra escola que eu era um capeta, que eu perturbava demais mesmo, eu perturbava demais, mas em compensação, as minhas notas era relativa boa, relativamente boa, né? Eu só ficava em recuperação no final do ano, só em matemática, matemática, química, mas nas demais eu conseguia passar. Agora, no ensino fundamental, eu tive, é, eu dei mais dor de cabeça, porque, muitas vezes eu não ia pra escola, não ia pra escola, ficava gazeando aula, pra cima e pra baixo, ao ponto de a escola mandar chamar um responsável em casa, chamar um responsável, né? Aí, como minha avó trabalhava, minha avó trabalhava, quem foi, foi minha tia que era esposa do meu tio, que também passou, esposa do meu tio por parte de mãe, que também passou também a cuidar um pouco da gente, Joseane. E aí, ela foi na escola saber o que tava acontecendo e ela descobriu que eu não tava indo pra escola mais ou menos dois meses, pra escola. E aí, cheguei em casa, chegando em casa, levei uma pisa do meu tio, uma pisa bem dada, naquela época, é, não tinha esse negócio de, de que você não espancar, a gente apanhava, eu, no caso, eu e meus irmãos apanhava de sola de sofá, daquelas borrachinhas de sofá, então, foi um santo remédio... foi um santo remédio essa surra que eu levei de meus tios e também da minha avó, né? Quando a minha avó soube, chegou em casa, minha avó tinha uma colher de pau, que ela botava na cozinha, que tinha mais ou menos, quase um metro, uma colher de pau dessa altura aqui. E ela disse “se você não for pra escola, você vai apanhar de novo, apanhar de novo”. E aí, comecei a frequentar, a ir pra escola novamente, tanto é que foi reprovado algumas vezes., mas foi a partir daí que eu tomei gosto, tomei gosto. E eu estudei ali onde hoje, onde era o parque, parque infantil, ali na entrada de Caixa D’Água, que hoje é uma área abrigada por moradores de rua, por esses assim, em situação de rua, no caso. Estudava ali. Dali foi pro Francisco, Padre Francisco, onde eu trabalho também, por causa do trabalho também, mas participei da, lá tinha um torneio de, de final de ano, tinha torneio de vários esportes, de várias modalidades, né, vôlei, futsal, eu participei de algumas modalidades lá de futebol, de vôlei, lá na, no Padre Francisco. Depois, sou transferido pro Estadual né, e concluo meu ensino, ensino médio no Estadual, né? E eu aprendi muita coisa e aí foi quando da, de, lá tinha uns professores excepcionais, tinha um professor Paulão que era de matemática, muito querido, ensinava matemática, muito legal, e ele não tinha é... como posso dizer a palavra, ele não media esforços pra que a gente aprendesse, ele às vezes passava até do horário dele, porque na época que eu estudava, tinha três horários, de sete da manhã até onze horas, até onze horas, aí de onze horas até às três e das três até às sete da noite, né. Então, ele não tinha preocupação em passar do horário, e ele ficava ensinando até a gente aprender. E tinha uma professora que... é, Mirela, professora de história, que foi quando, quando eu me apaixonei por história. Além dela ser uma professora muito elegante, muito elegante, bonita, só ia de vestido longo ou saia longa, né, pra dar aula, aquele sapato alto, tudinho, mas ela dava uma aula de história magnífica, magnífica dava aula de história que, é, eu nem precisava estudar quando era a prova dela, nem precisava estudar,

porque a aula que ela dava, eu conseguia absorver os assuntos e ali, eu só, eu passava pra, pra uma nota muito boa nas provas e ela foi minha professora por uns três anos, primeiro, segundo e terceiro ano. Tinha outro professor chamado Severino, que a gente chamava ele de Biu, carinhosamente ele de Biu, que era um professor de português, de língua portuguesa, literatura e ainda era radialista, dava uma aula maravilhosa, também. E a partir daí, primeiro ano, eu disse: poxa, eu tenho isso aqui, os professores tudo legal, aqui os professores tudo tampa, e aí foi quando eu fui me despertando pra essa questão também, fui despertando uma história. E aí, quando eu termino o ensino médio, (teve), uns amigos pra cá, uns amigos pra cá, e eu sinto noção sobre questões sociais, sobre história, aí o pessoal “oxe, dá pra ser professor de história, menino. Dá pra ser professor, professor de história”. Aí, dentro da PJMP, né, aí foi quando despertou isso mais ainda, e ainda foi quando despertei pra entrar realmente, pra fazer história. E as pessoas, né, próximo a mim, “aí, porque você não faz direito, não sei o que, pra ganhar dinheiro, pra ganhar dinheiro, professor não ganha dinheiro e não sei o que” e eu na minha cabecinha, poxa, fazer uma área, um negócio que eu não quero, eu não quero, eu não quero e eu não me, não me vejo ainda hoje de paletó, terno, paletó e gravata, eu não me vejo. Eu sempre digo isso aos meus alunos, veja assim, a gente deve fazer o que a gente gosta, o que a gente realmente quer fazer. E aí, os alunos “mas o senhor, professor, poxa professor, o senhor sabe tanta coisa, não sei o que”, eu disse não, mas você tem que fazer o que você quer, não adianta você procurar uma carreira que você ache que vai ganhar muito dinheiro, porque você termina se decepcionando, se decepcionando, termina você sendo, ficando aí à mercê e não consegui avançar na sua carreira. Então, foi através do ensino médio, juntamente, juntando com a PJMP que a gente despertou pra as faculdades, né?

ILZE: Antônio, tu falas da tua relação com os professores, né, com a professora de história, e a tua relação com as pessoas que estudavam contigo?

ANTÔNIO: Também. Olhe, eu passei, eu tenho uma sorte danada, porque na um, no ensino, eu peguei uma turma, a gente começou a estudar junto no oi, na sétima série. Aí, da sétima, esse mesmo grupinho da sétima, foi pra oitava, foi pro nono, pro oitavo, porque não tem nono ano, né, é só até a oitava série, aí foi pro primeiro ano, pro segundo, se separou só no terceiro, porque eu tive que ir pra noite, mas ficou primeiro, segundo, todo mundo junto, e é uma equipe muito boa, porque, quando a gente via que um tava fraco numa matéria, aquele que tinha uma melhor habilidade naquela matéria ia ajudar o outro a aprender, e a gente ficava na escola, fazendo aula de reforço, uns com os outros, fazendo, pra que aquele outro alcançasse ali. Tanto é assim que até, nos, às vezes, quando a gente é reprovado, tem uma coisa, é reprovado naquela matéria, a gente fica em dependência, dependência, e a gente tinha que ir num sábado pra assistir aula e fazer a prova. E esses nossos colegas iam também lá pra dar essa força lá, ajudar tal, ia lá, ajudava a questão da dificuldade e é uma relação muito boa. Tanto é que a gente hoje tem um grupo no WhatsApp só com os alunos da escola e dessa turma que hoje, é, João Paulo, João Paulo que mora aqui em Passarinho e a esposa dele, Gerlane, são amiguíssimos meus, porque a nossa relação era muito próxima e, é, nessa relação que a gente tinha, é, João Paulo, na época, era afim de Gerlane e Gerlane afim de João Paulo, mas os dois nunca sentava pra conversar e eu ficava intermediando ali, eu era meio, meio que um cupido ali, e terminou os dois, é, namorando, hoje são casados, tem um filho, tem filha. É, Paulo que estudou comigo, também comigo, passou um tempo em Portugal, foi pra Portugal, passou um tempo em Portugal, trabalhou como bombeiro, depois volta pra cá, a gente se encontra, tudinho. Então, era uma relação muito boa, muito boa.

ILZE: Antônio, tu falas que as pessoas começam a te dizer assim “olha, é história que tu deves fazer, é história, olha como tu tem aí, talento”, mas qual era o teu sonho? Qual era o sonho de Antônio e o que você, ali né, já na infância a gente começa, né, quando, quando surgem aquelas perguntas assim “o que é que quer ser quando crescer?” e a gente começa a borbulhar de ideias, ou não também, né? Do que é que você queria ser quando crescer? Qual era o sonho de Antônio, ou qual é o sonho de Antônio?

ANTÔNIO: Olhe, na minha infância, a gente não tinha essa perspectiva, a gente não tinha, não tinha, até porque, como a gente era de uma família muito pobre e a minha avó junto com meus tios prezaram por deixar meus irmãos, eu e meus irmãos estudarem, mas o negócio era trabalhar pra ajudar a família, a família. Então, a gente não tinha essa relação de dizer “ah, eu quero ser isso, ah, eu”, o que a gente pensava era terminar os estudos, arrumar um trabalho e arrumar um dinheirinho. Tanto assim que, quando já começo a crescer, já tô um pouco maior, os meus tios me colocaram em oficina pra aprender alguma, algum ofício, aí eu não dei certo, não deu certo comigo. Eu fui vender produtos na rua, como laranja cravo, acarajé, churrasco, saia pra vender na rua. É, quando eu me torno, um pouco mais, já adulto, eu passo a vender amendoim na praia, a lá, cavaquinho, que é um, que é um canudinho feito de maizena e leite, canudinho que vende ainda muito na, quando você passa na rota, uma caixa imensa de aço, nas costas, vendendo, tocando um triângulo, chamando a atenção do povo. E depois, depois disso, eu vi que, um, esse negócio não dava muito dinheiro, esse canudo não dava muito dinheiro, eu aprendi a torrar amendoim e a cozinhar, e aí, fui vender amendoim, amendoim na praia. E aí fui, né, nesse processo, tudo nesse processo, e aí, nesse ínterim eu consegui um emprego numa construção é... numa construção que chama Andrade Guedes, meu primeiro emprego de carteira assinada, consigo, mas com um ano a gente é demitido. E aí, passo um bom tempo desempregado, tudinho, e aí vou trabalhar numa empresa de fabricação de etiquetas de borracha, etiquetas de borracha e aí, já tô já tudinho, no grupo jovem já, trabalhando no grupo jovem, tudinho no grupo jovem, tudinho. Tô dentro da PJMP ali, e já tinha despertado pra fazer o ENEM e entrar na faculdade, eu só vim despertar, é, pra entrar na faculdade, dentro de grupo jovem, já o que, com vinte anos ali, é quando vem despertar pra entrar numa faculdade. E aí, tento as federais, tento, e não contigo, né, não consigo. Mas, o que me chama a atenção, me chama a atenção, me chamou atenção no período, nesse período foi nessa empresa, eu trabalhei nessa empresa. Nessa empresa, é, de etiquetas de borracha, lá eu trabalhando tudinho e eu disse para o meu chefe lá, meu chefe, eu disse: olhe, domingo eu não venho, porque eu vou a prova do Enem, a prova do, vou fazer a prova do vestibular. E ele me disse uma frase que até hoje está na minha mente, “para que negro estudar? Um negro tem que trabalhar e não estudar.” Ai eu, tá bom, escutei, guardei, no domingo não fui trabalhar, fui me embora fazer a prova, fazer a prova, fazer as provas, né? E aí, na primeira oportunidade que, no processo de demissão, meu nome estava no meio, no meio. Isso por causa, por conta disso que eu fui fazer a prova, mas também porque dentro da minha vivência religiosa, da, da, da pesquisa de empenho no grupo, a gente aprende a questionar algumas coisas, algumas situações. E como a empresa estava mudando de nome e de endereço, né, o dono estava fazendo com o advogado, o dono e o advogado estavam fazendo algumas reuniões com algumas, com algumas pessoas, explicando o que ia acontecer. E eu fui uma das pessoas que fez mais perguntas em relação se a gente ia perder direito, se a gente ia perder o nosso direito trabalhista, ele dizia que não, tal, e aí isso também levou à minha demissão, eu creio, eu, que levou à minha demissão, que foi esse processo de transição, de transformação de uma empresa para outra, mas também a minha condição de ir fazer a prova e não ir trabalhar no domingo, né? E aí, na primeira oportunidade que eles tiveram, é, deram a minha carta de demissão, mas daí tranquilo, eu consigo entrar na UNICAP, consigo entrar

na UNICAP, começo a estudar, começo a estudar na UNICAP, né? É... nesse processo também eu começo a trabalhar como secretário em Águas Compridas, da paróquia de Águas Compridas, que é a paróquia que tava na, é, (nessa dividida aí) tava na paróquia, começo a trabalhar lá, passo um bom tempo trabalhando lá, o período de três anos e meio da faculdade, eu trabalho, trabalhei lá, né, e quando eu tava no último período para terminar a faculdade, eu sou demitido de lá, mas eu estava estagiando pela Prefeitura do Recife e estava trabalhando em uma escola particular aqui embaixo, o Núcleo Alter, Núcleo Educacional Alternativa, então isso deu para, é, manter, né, a faculdade, porque eu tinha bolsa, tinha bolsa, eu pagava apenas vinte e cinco por cento do valor total da mensalidade, então isso dava para me manter. Já estava noivo, já, nesse período, noivo, né, comprando minhas coisas e aí fui, né? E aí, quando eu chego na faculdade, cabisbaixo, tudinho lá, uma das professoras que me abraçou, me abraçou assim, desde o primeiro período, chamada Emanuela, ela olha para mim e diz “que é que você tem?”, aí eu disse: não, professora, tô triste, porque eu fui demitido. E uma das coisas que ela me disse “não vá desistir do curso não, falta só um tempo para você terminar, não desista do curso, não tranque não. Se você não conseguir pagar, fale comigo, que a gente dá um jeito, mas não desista não.” E aí, fui, né, continuando, aí terminei o curso, na UNICAP, terminei o curso, né? Mas, é, foi um período muito de, de aprendizagem, né, eu digo nunca que é um período de, de sofrimento, não, foi um período, onde eu aprendi muito, tanto na minha vivência de trabalhar fora, trabalhando na rua, mas também dentro de empresas, né, que ainda gente, ainda hoje, eu encontro pessoas com essa mentalidade, de achar que é uma pessoa por, não pode fazer faculdade por conta da sua cor, por conta da sua condição social, ser pobre é, ou não, né? E aí, eu desafiei, né, essa pessoa e entrei na faculdade e ano depois, um ano depois, eu encontro um colega que trabalhou comigo nessa empresa, né, dizendo que essa pessoa que fez isso comigo tinha sido demitido, demitido também., mas isso aí é coisa de empresa, isso aí é coisa de empresa. E aí, eu vou prosseguindo a minha carreira, né, como professor, como professor, mas eu venho despertar mesmo para ser historiador é nesse processo, né, onde dentro lá, com meus amigos, num grupo jovem, tudinho, a gente aprende a debater essas coisas. E aí, quando eu trazia isso pra rua, ou pra meu, meus amigos, fora da igreja, o pessoal disse “rapaz, tu podia ser professor de história, não sei o que, olha, tu sabe explicar, tu sabe falar, tu sabe argumentar as coisas, não sei o que, tu sabe dos fatos tudinho”, porque eu tinha a de mania também de pegar os livros e ficar olhando as figurinhas e ler as figurinhas, ver as figurinhas ali e ficar lendo as coisas, e aí me ficava me questionando, E aí, é quando isso desperta, né, pra fazer realmente curso de história e me deve a ser aquela, aquela parte é ponto, né, final, pra dizer: não, é isso que eu realmente quero fazer.

ILZE: E hoje? Hoje Antônio tem um sonho?

ANTÔNIO: Olhe, meu sonho, vou dizer que eu tenho um sonho só, tenho, tenho um sonho. Eu tenho três sonhos em minha vida, três sonhos, (tá lá) três sonhos que eu tinha em minha vida. Um era fazer o mestrado, né, consegui fazer o meu mestrado em história, consegui, o segundo era conquistar a casa própria, conquistei, e o terceiro é ter meu (Bruno Galindo), o nosso filho, ter o nosso filho, aumentar a família, né? São esses três, pra mim, né, esses três, é, sonhos, tá bom tamanho, porque, é, muitas pessoas pensam, na, em ter dinheiro, ter essa coisa, não, eu não penso assim, eu penso em ter uma vida estabilizada, uma vida, né, onde eu possa cuidar de mim, cuidar da minha esposa, cuidar da minha casa, ter uma estabilidade financeira, mas não ser rico, nada disso, não, eu tenho estabilidade financeira. E hoje, graças a Deus, querendo ou não, mesmo sem um contrato, eu tenho essa estabilidade financeira.

ILZE: Bom, Antônio, e nessa tua caminhada está a igreja, né?

ANTÔNIO: Tá a igreja.

ILZE: Qual a tua história com a igreja?

ANTÔNIO: Olha, a minha história com a igreja, ela começa um pouco desafiadora, porque, como eu disse, como eu falei anteriormente, eu não tinha relação nenhuma com a igreja nenhuma, minha relação mais próxima com o tema religioso era com o Candomblé, que também eu não conhecia. Eu só ia pras festas de criança, de criança, de criança, mas, é, foi através de uma amiga chamada Ângela, muita amiga nossa, menina e de... essa (menininha). E no estadual, tava lá, ela estudava comigo, lá na escola, no Estadual do Beberibe, e aí, numa, numa, numa quinta-feira ou numa sexta, ela fala pra mim “Antônio, tu não queres ir pra um aniversário não”, eu disse: aniversário? “Ah, a minha capela, a capela que eu frequento, tudinho, vai ter um aniversário do meu grupo, tudinho, vai lá, vai ser pelas cinco da tarde”, aí deu o endereço tudinho, lá em Linha do Tiro. Aí, eu disse: tá bom, tá certo, eu vou aparecer por lá. Aí, fui no sábado, a missa lá no sábado era cinco horas da tarde, ainda é, no caso, né, cinco horas da tarde, aí, tá bom, eu vou, aí, fui pra festa lá (inaudível). Chegando lá, eu vejo aquela, a capela pequenininha, pequena, mas eu vejo um bocado de gente, gente até do lado de fora, a capela lotada, e um bocado de gente do lado de fora ainda, isso um bocado de jovem, vou chegar assim, lá, observando, toda a liturgia. Aí, na hora da consagração, da consagração, o padre, é, faz a elevação, quando ele faz a elevação, aquela luz, aquele brilho aparece de repente pra mim assim, eu disse: oxe que é, fiquei, oxe que é isso, não sei que. Aí, eu, passou, né? E nisso, minha avó sempre orava, ficava orando, orando pra mim, eu encontrasse um caminho, que eu encontrasse algo que me fortalecesse, que me levasse, me tirasse, assim, desse negócio de farra, de, de tá saindo dessas coisas. Aí, terminou a missa, a gente foi lá para os comuns, para o coffee break, pulamos para lá. Aí, chega Ângela novamente, “Olha, hoje foi o aniversário, amanhã tem reunião do grupo, vem participar do grupo, vem para a reunião amanhã, não sei o que”, Aí, eu, tem uma reunião, ela é oito horas da manhã, eu, tá certo. Aí, fui para a reunião do grupo, e lá, quando chego, na reunião, aí estava o (Audineide), aí estava Neide, Ângela, Marcelo, quem mais meu Deus, Marcelo, Jailda, tudo, tudo lá reunindo. Só que aí, o pessoal começa a fazer perguntas a mim parecia mais um, como é que se diz assim, um interrogatório, aí, eu, caramba... principalmente Ângela, aí ela disse pra mim, aí o pessoal dizia, depois, passou... Aí, final de semana fui de novo, e assim, foi que começou, né, comecei a caminhar, comecei a caminhar, caminhar, caminhar e depois, a gente, a gente ingressa na pastoral, na PJMP e aí, essa relação vai aumentando, aumentando. Com a, com o (Jubique) eu começo a conhecer essa dinâmica da igreja, aí, faço o catecismo, faço o catecismo, para receber a primeira eucaristia, tudinho. Faço, faço o catecismo, catecismo, em seguida, entro nos, nos coroinhas, na CABE, que na época era a CABE, que era o Reinaldo e Fabiano, os coordenadores, entro ali, e aí, que começa toda a minha trajetória dentro da igreja. Ao ponto, a minha trajetória foi assim, não vou dizer assim, foi tão faraônica, mas foi assim, tão rápida, pode fechar, pode fechar, viu, tão rápida, que em pouco tempo, eu me tornei coordenador do grupo jovem, do grupo de Jubique, né, do Jubique, é, passei a representar o Jubique dentro da PJMP na reunião mensal que se tinha, e, depois, posteriormente, passei a coordenar uma das equipes dos apóstolos, que era um grupo de três grupos, que era um grupo dos 20, os grupos dos 15, e os grupos abaixo de 15, de 10 a 14 anos. Então, passei a, passei a coordenar um dos grupos, e, posteriormente, a ser coordenador geral do, da CABE, da CABE. Então, minha trajetória, ela também foi de amores e brigas, porque na época que a gente assume, que eu assumo a coordenação da CABE Beberibe, uma das coisas que eu queria organizar era a questão dos, dos ministros semanais serem mais disciplinados ali dentro da igreja, porque tinha menino

que ficava namorando no corredor da igreja, deixava de participar da missa, ficava namorando ali e a gente tinha que organizar isso, também tinha uma briga muito grande com o ECC, porque o ECC, quando tinha encontro, é, se fechava tudo, e, muitas vezes, não comentava ninguém, e aí tinha essa briga muito grande, tudinho, mas a gente foi se construindo e a gente foi aprendendo, aprendendo e sempre quem dava suporte a mim, particularmente a mim, né, era padre Ademir, o padre Ademir. Padre Ademir, ele sempre conversava comigo, sempre, eu sempre saía com ele para jantar, tudinho, a gente conversava bem muito, ele disse “olhe é assim, assim”, e ele me ensinou muitas coisas. E eu tenho um carinho muito grande para o padre Ademir, porque foi através dele que eu consegui ingressar na universidade também, porque ele foi que me deu a força, ele dizia “por que você não vai fazer faculdade?”, porque uma das coisas, quando eu, quando estava desempregado, quem me colocou lá no (para me ajudar) foi ele, como voluntário, voluntário, ele disse “você tem que entrar na faculdade, não sei o quê, pode ficar assim não”, e aí é quando ele vai conseguir essa bolsa e eu consigo essa faculdade. Então a minha relação com a igreja é uma relação muito legal, sabe, muito legal, eu vejo uma relação muito boa, onde a gente aprendeu muito, né, com o, com o Reinaldo, com Gustavo, tinha dia que a gente ficava na casa paroquial, que eu ainda não era morador de (estágio), a gente ficava na casa paroquial lá, é, aí a gente ficava contando as histórias um para o outro, a gente brincando, montamos um grupo de estudos, de estudos, né, para jovens da periferia, para poder a gente ingressar na, na faculdade, tudinho. E aí a gente consegue, né, eu consigo entrar, Gustavo também consegue entrar, Reinaldo consegue entrar, e assim várias pessoas conseguem ingressar na faculdade nesse período, né? E aí, a minha relação lá dentro da igreja é muito boa, padre Maurício também, muito atencioso conosco, quando ele chegou, ele era uma pessoa muito bruta, né, mas no decorrer do tempo ele foi aprendendo conosco, e é uma pessoa que tem um respeito muito grande pelos coroinhas, porque ele sabia que os coroinhas de Beberibe sabiam fazer as coisas, ele pensava que estava mandando, tanto é que, quando ele chegou, quando ele, quando tinha a missa solene, ele dizia o seguinte, “basta vocês piscarem os olhos, basta você, basta você olhar para os meninos, que os menino já sabe o que vai fazer”, ele dizia sempre isso para a gente. E quando chegava alguém de fora, um padre, um bispo de fora, ele dizia “olha, aqui está o grupo coroinha, o qual eu respeito muito, porque ele disse: todo final de semana eles estão aqui estudando e o nosso (inaudível) o que era o Missal, as orientações gerais dos Missais, eu lia todas as orientações, li tudo, como se faz pra organizar a missa, pra você organizar tudo. E aí eles diziam: “eles tão sempre seguindo essa orientação”. Então foi uma relação muito boa, sabe, muito boa ali, ali dentro, né, muito boa mesmo e continua sendo, mesmo tendo alguns percalços, mas continua sendo uma relação muito boa, muito tranquila, muito respeitosa, porque muitos que estão ali conhecem a trajetória, o menino de Reinaldo, enfim, né, que passa por esse processo todinho.

ILZE: Antônio, tu trazas as tuas lembranças desde o início em relação à PJ, né? Fala da PJ e fala dos coroinhas agora. E aí, me conta mais esse teu encontro com a PJ e como é que se dava.

ANTÔNIO: Olha, o encontro com a PJ, ela aconteceu também através dos (Júbitos), né, os Jovens Unidos Em Busca de Cristo, porque a PJMP, ela não é um grupo, como é que posso dizer, um grupo fechado. Por exemplo, o MEJ, o MEJ é um grupo fechado, MEJ e pronto. A PJPM não, a PJMP, ela abrange todos os grupos que estão perto, em comunidades, que estão presente nas paróquias, mas que queriam ingressar também, porque é uma pastoral que ela trabalha com formação de lideranças, com a formação de lideranças e na formação desses jovens para atuar nas suas comunidades. Então, quando a gente vai pra PJMP, a gente vai

aprender a ser uma liderança na comunidade, a ser uma liderança, né, a orientar os, os jovens que estão chegando a conhecer a si mesmo, conhecer os seus direitos, direitos como juventude, conhecer o seu direito como, como, é... pessoa humana, pessoa humana, conhecer os seus direito como leigo, como leigo dentro da igreja, porque aí o que pode se fazer, o que se não pode ser feito, tudinho, mas também a sua identidade. Porque a PJMP, ela é uma pastoral onde ela não discrimina religião nenhuma, ela trabalha para que a gente trabalhe em harmonia, em harmonia todos juntos. Agora, claro, ela é um, é uma pastoral ligada à Igreja Católica, Igreja Católica, então a gente defende os princípios da Igreja Católica, mas isso não impede que a gente, que ela dialogue, dialogue com outras religiões, né, com outros segmentos fora, é, da Igreja Católica. Então, a minha relação com a PJMP, ela vai fazer com que eu abra ainda mais a minha, a minha mente, no sentido de ser esse ser social que Josué de Castro fala em seu livro, né, então, esse ser social onde eu vejo a minha realidade aqui na minha comunidade, vejo a minha realidade, vejo a minha realidade, é, analiso e vou agir para transformá-la, para mudar, mudar essa realidade, e como é que eu faço isso, através das ações que são feitas, por exemplo, é, montar, por exemplo, numa periferia aqui, uma das ações que a gente pode colocar para mudar a realidade das pessoas, é pré-vestibular populares, que a PJMP tinha muito isso, ainda tem hoje, pré-vestibular populares pra pessoas carentes que não tem conta de pagar. Então a gente pega professores que já, já se formaram na PJMP, que já tão formados, e tem uma ligação com a PJMP e convidam para dar aula gratuita para esses alunos, para esses jovens. Então essa é uma das ações, analisava aquela comunidade e via o que a gente podia fazer naquela comunidade para transformar a realidade, né? Isso podia ser até mesmo um embate político com a prefeitura para construir uma ponte que estava danificada naquela comunidade, para asfaltar a rua, então a PJMP, ela faz essa, essa ligação, porque ela traz o religioso, mas ao mesmo tempo ela traz a essência da luta que os povos cristãos tiveram durante esse período, principalmente, na ação de Jesus Cristo, quando ele diz que a pessoa, a gente não pode ser oprimido, né, a gente tem que lutar e se libertar dessa opressão. E aí, a gente começa a fazer esse trabalho também dentro das comunidades, né, tentar deixar de ser oprimido, deixar de ser oprimido para ser um articulador para acabar com essa opressão que há ali, naquela localidade. Então isso despertou muitas lideranças, não só em Linha do Tiro, mas em Águas Compridas, Norte da Conquista, Alto do Sol Nascente, que, que é um grupo também, Alto do Sol Nascente, Córrego do, da Bondade, que é um grupo jovem também que fica lá no Córrego da Bondade. Então, isso levou muitos jovens a se tornar líderes nas suas comunidades, nas suas comunidades, né, porque ela faz com que a gente abra a nossa mente e participe mais ativamente, é, como a gente fala, política, na, na, no cristianismo, evangelizando, mas também profetizando e politizando as pessoas.

ILZE: Como é que você percebe tudo isso que tu estás dizendo em relação à PJ e à Igreja Católica?

ANTÔNIO: Olhe, a gente tinha muita dificuldade, e ainda tem, porque não é todo sacerdote que quer ter um grupo desse na sua porta, não é todo sacerdote que quer ter um grupo de pessoas de liderança, de pessoas que têm essa visão, ao mesmo tempo crítica, em relação a algumas coisas da Igreja, mas ao mesmo tempo que oriente os seus jovens à fazer, ter uma vida ativa (inaudível) dentro da Igreja, porque a PJMP faz você questionar algumas coisas, e muitos padres não gostam de ser questionado, muitos padres não gostam de ser questionados sobre algumas situações, né, de ser questionado. Então, a gente ainda tem muita dificuldade de entrar realmente nas comunidades, dentro da Igreja, nas comunidades. Tanto é assim que a gente teve alguns embates, é, com a irmã, que na época, irmã Helena, lá em Linha do Tiro, que não queria aceitar algumas coisas que a gente fazia, que estavam dentro da liturgia, mas

também algumas práticas que a gente fazia, políticas, para atrair algumas coisas para a comunidade, né, e ela não queria aceitar, e a gente tinha alguns embates e aí, quem intermediava muitas vezes era o padre Ademar, o padre Ademar, padre Ademar, padre Manolo, que na época estava por ali também, intervia e ajudava a gente a medir esse conflito. Em Beberibe também a mesma coisa, porque em Beberibe a matriz nunca teve PJMP, porque infelizmente as pessoas têm a cabeça muito fechada ainda, para isso, para esse tipo de coisa, não só o padre, mas também a própria comunidade. Tanto é assim que em uns festivais que a gente organizava, que era um festival cultural, um festival popular cultural, que a gente organizava, onde vários grupos, né, teatrais, de dança, ligados à Igreja, iam se apresentar nesses festivais culturais. A gente fez, a gente fazia em Águas Compridas, uma capela de Águas Compridas, aí teve um que a gente fez em Beberibe e teve uma vez que a gente tava ensaiando, a gente estava ensaiando lá, um maracatu, um grupo de teatro estava ensaiando, e tinha um, é, (toque de) alfaia, a gente saindo, lá com as alfaia, tudinho, e um grupo de mulheres, de mulheres, senhoras, foram fazer queixa ao padre, na época, novamente, padre Ademar, foram fazer queixa ao padre Ademar, dizendo “olhe, aqueles jovens estão tocando macumba lá na Igreja, não sei o que, não sei o que”, aí o padre Ademar, “macumba?”, aí o padre Ademar foi lá, foi ver, era a gente tocando alfaia, para apresentação da peça. Aí, ele disse “não, aquilo não é macumba não, aquilo se chama maracatu, é uma cultura brasil, pernambucana, não sei o que”. Então as pessoas não gostavam muito, tanto é assim, que, é, quando se coloca um atabaque numa missa em Beberibe, as pessoas mais radicais vão logo embora, não ficam, não ficam, porque em Beberibe tem algumas das missas, algumas missas com a PJMP, que era a missa dos mártires, dos mártires, que é em comemoração, dia 24 de março, se não me falha a memória, de março, e tinha a missa de aniversário da PJMP, que a gente organizava e muita gente fazia em Beberibe. E, a popu, as pessoas, quando chegavam e via, ia embora, ia embora, né, viu os atabaques, via ali, ia embora, inclusive a má vontade das pessoas que ia organizar, é, como é que eu digo isso... a mesa de som da Igreja, a mesa de som, tinha má vontade, escondia os microfones, então tudo isso era muito complicado, né, muito complicado. Então muitas, muitas paróquias não têm PJMP por conta disso, porque ainda tem muitos padres que, por serem tradicionalistas, muitas vezes não aceitam esse tipo de, de grupo em, de grupo em suas paróquias, em sua comunidade, não aceitam. Ainda hoje a gente ainda tem essa dificuldade, sabe, de, de ter esses grupos nas comunidades, ainda hoje e fora que tem comunidade onde o coordenador se sente dono da comunidade. Isso também impede muito a gente de ter jovens trabalhando nas comunidades, né? Ainda hoje a gente tem muito isso, a gente, por que eu estou dizendo isso, porque a gente ia muito para as comunidades, porque diferente do MEJ, do EJC, a gente visitava as comunidades, por exemplo, a reunião esse mês ia ser aqui, é, no Alto Maracanã, na Capela da Santa, São Rodrigo, no mês seguinte, é Linha do Tiro, no outro mês, é Águas Compridas, no outro mês, Alto Sol Nascente, e fora as festas que esse grupo tinha, festas de padroeiro, que os grupos era convidado, esses grupos eram convidados e a gente ia para essas comunidades. Então, a relação que nós tínhamos com as comunidades era muito próxima, muito próxima mesmo, e a gente via as dificuldades, até mesmo para outras paróquias a gente ia, Macaxeira, a gente foi muito para a Macaxeira, que é o berço da PJMP, que é a Casa Amarela, né, onde nasceu a PJMP, gente ia muito para lá, Olinda, também no setor Olinda, a gente era muito convidado para ir lá, pra ir lá e tinha padre que não aceitava. Aí, muitas vezes a gente ia por teimosia, a gente ficava na paróquia lá, ficava na paróquia.

ILZE: Me fala mais sobre esses encontros.

ANTÔNIO: Ficava lá.

ILZE: Nesses momentos teus com a PJ...

ANTÔNIO: Nesses momentos, é, como eu falei, a gente tinha grupo de base, que era grupo de base, que era na comunidade, e nesse grupo de base a gente tirava uma ou duas pessoas que saía para representar a PJMP, em geral, na reunião geral. E nesse processo a gente ia, e lá a gente circulava as nossas ações, mensalmente, o que a gente ia fazer, o que cada comunidade ia fazer, como ia fazer, o que, como ia fazer, quais os procedimentos, a metodologia que ia ser usada, tudo isso. Além disso, a gente tinha, eu ficava muitas vezes pra ir pra congressos, formação para jovens, seminários, tudo isso a gente era responsável para fazer.

ILZE: Destaca...

ANTÔNIO: Localidade

ILZE: Um congresso, uma lembrança?

ANTÔNIO: Um que a gente teve, um congresso que a gente teve, foi muito bom, muito bom, inclusive algumas pessoas do MEJ participaram, que eu convidei, foi uma outra conquista, foi em relação ao... se não me falhe a memória, aos trinta e oito anos da PJMP, então a gente fez um pré congresso aqui, esse congresso ia ser, foi no Rio Grande do Norte, um congresso nacional no Rio Grande do Norte, mas Recife, como é o berço da PJMP, né, Casa Amarela, por exemplo, a gente juntou em Beberibe, organizou um pré congresso, um pré congresso onde a gente convidou pessoas de outras paróquias, jovens de outras paróquias, aqui também de Beberibe, aqui também das comunidades, a gente convidou, e fizemos lá no clube, que tem no Alto, no Alto da Conquista, não sei se o nome agora, não sei se é Conquista Parque, não sei se é o nome é esse, que tem lá na conquista. E a gente organizou, a gente conseguiu formador, oficinas, nesses congressos tinha sempre oficinas, oficina de dança, teatro, de música, é, grafiteagem, grafiteagem, tinha oficina litúrgica, litúrgica, né, oficina de, de pra liderança, pra formação de lideranças, de e lideranças, então a gente montava toda essa estrutura, alimentação, a gente muitas vezes, conseguia com Prefeitura, com... transporte com as, com a Prefeitura também, então, muitas coisas a paróquia, a paróquia nem, a gente nem pedia a paróquia, a gente corria atrás dos órgãos públicos, patrocinadores, como supermercados, é, farmácia, né, a gente ia e pedia essa ajuda. Então, o congresso era isso, tinha as oficinas, as oficinas, né, por exemplo, de oito da manhã até meio dia, oficina tal, então os jovens se inscreviam na oficina que ele achava melhor pra ele, então esses jovens iam se inscrevendo nas oficinas e a gente chamava pessoas capacitadas pra dar aquela oficina, né, então as pessoas aceitava o convite, inclusive pessoas de fora que vinha pra dar essa oficina. Uma das pessoas que a gente aperreava muito era Dantas, lá na UNICAP, e isso ele tava disponível pra vir dar essa força, né? Então, a gente fazia esse tipo de, de pré congresso e um desses foi no Alto da Conquista, já quando a gente preparava um período formativo, um período formativo que era mais curto, que era encontro, encontro de formação, que geralmente era um domingo só, um domingo, a gente pedia alguma escola, alguma escola emprestada, né, ao Estado, ao Estado, a gente preparava o ofício, levava pra o padre pra ele assinar, tudinho e a gente levava até o órgão responsável pra liberar a escola. E a gente fez um congresso, é, um congresso não, uma oficina, um encontro no Padre Francisco, por trás do (Loiola), a gente chegou a usar aquele espaço ali, fizemos alguns em Pedro Celso, em Pedro Celso também fizemos alguns, fizemos algum, um em um colégio lá no Alto, do Alto da Bondade, também, então eram vários momentos que a gente tinha de formação, sabe? Por

isso que a gente diz que a PJMP não é um, simples uma pastoral, ela é uma pastoral que faz ampliar o seu horizonte, tanto é assim que hoje temos pessoas que são profissionais naquilo que eles participam das oficinas, nós temos um rapaz que ele é hoje é grafiteiro profissional, no Alto Conquista, grafiteiro profissional, temos o Roberto, aqui de cima, que hoje ele é ator, né, devido a pastoral, devido a PJMP também, porque ele aprendeu todas essas artimanhas que ele faz, hoje ele trabalha como palhaço, mas ele é ator, apresentador, dentro da PJMP.

ILZE: Antônio, quando é que tu se descobres negro?

ANTÔNIO: Também dentro da PJMP, porque devido a essas oficinas, com essas oficinas a gente vai aprendendo, descobrindo a nossa identidade, porque havia esse debate também, esse debate dentro da PJMP, a gente vai descobrindo, a gente vai trazendo, e o pessoal, que a gente chama de militantes da PJMP e os assessores iam trazendo essas discussões, documentos eram lançados, cartilhas, é, da juventude, por exemplo, que a gente lança todo ano, quando chega o ano do mês da juven, antes do mês da juventude, é, a juventude nacional, no caso a Comissão Nacional da Juventude lança uma cartilha, que são vários temas que vem trazendo essa cartilha, para se trabalhar todo ano, tem aquele período do, do mês da juventude, mês da juventude. E aí, a gente, e aí, esse documento vinha trazia as temáticas sobre é, sobre racismo, sobre preconceito, sobre identidade. E aí a gente ia trabalhando isso, né, e aí é quando esses jovens já iam se descobrindo, inclusive eu, nesse processo, ia se descobrindo, né, negros. Participando também das festividades, das festividades que aí nas festividades dos grupos jovens, a gente sempre utilizava atabaque, atabaque, pandeiro, pandeiro, é, material de percussão, a gente sempre utilizava. Então isso ia despertando dentro de mim a minha identidade.

ILZE: Tu falas da PJ, né, tu falaste dos acólitos, mas lá no questionário tu coloca que está atuando também em outras pastorais e movimentos. E esse Antônio que ao mesmo tempo é acólito, esse Antônio que ao mesmo tempo é PJMP, esse Antônio que está dentro da Igreja Católica, que tem essa história. Como ser esse Antônio da PJ, esse Antônio acólito, esse Antônio que também participa de outros movimentos dentro da igreja, nesse processo todo aí que você está narrando, né, porque você não deixa, é PJ, mas ao mesmo tempo você é outros movimentos dentro da igreja. Como é que se dá isso? Fala mais.

ANTÔNIO: Olha, é como eu disse anteriormente, o que me faz, fez ingressar dentro dessas pastorais, é tudo anterior que eu fiz, tudo anterior que eu fiz, porque a PJMP aqui em Beberibe, ela me enfraqueceu, ela praticamente não existe aqui em, na região, aqui Beberibe, existe em Águas Compridas. Então, para eu continuar a minha atividade pastoral, que é evangelizar, né, logo após o meu casamento, eu tinha que ingressar em alguma pastoral, e a que eu mais me identifiquei que assim, que tem um viés de sair para a rua, de ir para a rua, foi a pastoral familiar, a pastoral familiar, mesmo, mesmo, ela tendo uma dinâmica ainda, uma dinâmica assim muito tradicionalista, voltada pra dentro da igreja, muito tradicionalista, mas ela é uma pastoral de saída. Ela é uma pastoral que vai em busca do outro, do outro, né, que vai orientar aqueles casais a ter uma vivência catequética dentro da igreja, ela vai evangelizar ali. Então isso foi o que me chamou mais atenção, dentro da, dentro da, da pastoral familiar. Já no ESC, ESC, foi mais um chamado, porque pelo documento que o padre Ayrton tinha, que a gente fala, do amarelinho, pelo documento ESC só é, ESC mesmo só é os casais que estão na coordenação geral, que é o pós-encontro, é, o casal ficha, é, o casal finanças, o casal palestra, o casal palestra, e o casal montagem, só esses cinco são ESC, os demais não são ESC, mas o aí em Beberibe tem a tradição de todo mundo que fez ESC, ESC, ser ESC, todo mundo ser ESC, mas documento diz que não é, só são esses cinco. Então, o ESC foi mais um

chamado, um chamado pra se fazer, pra conhecer ali tudinho, e a gente fez, fez participando de, participando um pouco da coordenação também. E ingressou na pastoral familiar, a pastoral familiar a gente está aí, mais um trabalho, mais de evangelização, sair pra rua mesmo, de entrar pela, numa comunidade carente, pra visitar uma família, é, visitar um jovem, uma família que tenha um, por exemplo, um, uma criança, um jovem, que está envolvido em drogas, por exemplo, que aí é o caso especiais, né? E pra uma família que tem um, um conflito entre pai e filho, por causa da questão da sexualidade do filho. E aí, a pastoral familiar também tem esse trabalho, esse trabalho, tudinho. Então, é esse trabalho que me fez despertar, entrar na, na pastoral familiar, né? Os coroinhas foram mais na juventude, os coroinhas, né, porque quando eu entro nos coroinhas, eu tava com uns vinte anos, mais ou menos, e vou sair, lá por volta dos quase, trinta anos, vou sair por causa da faculdade também, né, mas essas pastorais são mais por conta desse trabalho, sabe, a pastoral familiar é mais por conta desse trabalho. E aí, isso faz com que eu também me identifique muito, porque eu gosto desse tipo de trabalho, de sair, de visitar as famílias, de confrontá-las, as famílias, com, com as situações adversas que elas passam, tudo isso.

ILZE: Antônio, quando eu te dou o questionário, né? Eu estava olhando o teu questionário. Tu não hesitas, né? Tu já lá marca preto, já de início. O que é ser preto dentro da Igreja Católica?

ANTÔNIO: Olhe, preto na Igreja Católica, aqui no Beberibe, eu não tenho tantas dificuldades, e sei quem eu sou, sabe? Sei quem eu sou, não tenho... em algumas situações, é, é perceptível, é, a rejeição de algumas pessoas, mas em termos de chegar pra você assim, de você não participar das coisas, por sua cor, eu não encontrei, não encontrei, não encontrei, né? Mas quando a gente vai pra outras instâncias, você é coordenador de uma, de um grupo, a gente vai pra outras instâncias, pra reunião, em outras reuniões, em outras localidades, a gente percebe ainda o preconceito que há. Isso, porque, porque na liderança da Igreja Católica, nas lideranças da Igreja Católica, essa é a minha percepção, sabe, não é uma coisa, é, de pesquisa, mas eu vejo muitas pessoas brancas... brancas e pouquíssimo, pouquíssimo mesmo negro e negra, pouquíssimo, pouquíssimo mesmo. Mas a maioria branco, a maioria é branco, branca, sabe? E aí acontece, o que acontece, é... a igreja, ela precisa rever algumas coisas, em relação a isso. Apesar que dentro da Igreja Católica, aqui em Pernambuco, tem... é, um movimento negro que é ingressado, um movimento negro católico dentro da Igreja Católica, que faz parte de um... confrarias, as confrarias negras, que também tá, tá até dentro do (Acesano), tem, mas quando a gente, a gente não percebe muito isso. A gente não vê uma discussão sobre racismo dentro da igreja, a gente não vê nada disso, não vê nada disso, né, a gente vê mais as questões falando sobre LGBTQIA+, preconceito total em cima desse pessoal, muitas vezes, mas não vê nenhuma discussão falando do racismo, contra o racismo. A gente não vê nenhuma possibilidade falando sobre as cultura afro-brasileira, só demonizando, querendo destruir a cultura afro-brasileira, no caso, o Candomblé. A gente vê mais, é, posições negativas do que positivas, dentro da, dentro da própria igreja. Então, essa visão, eu tenho essa visão ainda, devido a esse processo que eu venho vivenciando. Agora, claro, tem padres negros na igreja? Tem, padres negros, tem, tem padres, tem irmã negras? Tem, tem, muito, tem, mas quando eu falo, quando eu falo num, num campo mais amplo, você vê que essa quantidade ainda é muito pouca, muito pouca, é mínima, mínima, sabe? Então, a minha relação em Beberibe é muito tranquila, mas quando a gente vai para outros espaços, a gente percebe isso, pessoas que passam por você e não fala, e não fala, e não é uma vez, não é duas que a gente percebeu isso, eu e minha esposa várias vezes percebemos isso. Inclusive, conversando essa semana com alguns casais do Beberibe, eles perceberam

uma coisa, tinha um padre, que era monsenhor de um vicariato, que as pessoas falavam com ele por (sucum), ele passava, nem ligava. Agora, quando é uma pessoa branca, com uma... é... branca e com uma condição financeira melhorzinha, ele atendia, mas quando era uma pessoa que ele via que não era do, do, estirpe dele, ele escanteava, então, a gente via muito isso, né? É, e aí, em Beberibe, algumas situações me chamaram a atenção e eu tive que tomar uma posição muito mais dura, que era quando eu estava com o meu cabelo de trança, né, aquelas tranças afro, de trança. E o determinado padre... por algumas vezes, diz "A minha vontade é cortar esse cabelo de Antônio", isso na Assembleia, na Assembleia, né, durante a, a celebração. E quando terminava a celebração, uma delas, eu vou até a sacristia e falo pra ele "Isso que o senhor tá fazendo um crime, o senhor sabia que... eu não, eu não ligo muito não, mas uma pessoa negra, sentir incomodada, ela pode lhe processar, pode lhe processar e o senhor ser criminalizado por racismo". Pronto, daí em diante ele parou, não quis falar mais sobre cabelo de ninguém, não quis falar mais sobre cabelo de ninguém, né? Então, ainda hoje, tem, a gente encontra, pessoas que passam por você, passam e não fala, né, pessoas que quando... é, eu coloco minhas tranças, fica... "Ah, ó pra aí não sei o que", mas aí a gente releva, e recentemente, né, recentemente, é, estava na sacristia, na sacristia não, na sala do dízimo, conversando com algumas pessoas ali e passa o jovem, e a gente discutindo sobre como era Jesus, se Jesus era branco, se Jesus era negro, se Jesus era... E aí esse rapaz fala "não, Jesus era branco, olhos azuis, não sei o que", eu disse: quem disse isso a você, eu e outra pessoa questiona, né? Quem disse, isso a você que Jesus era branco, dos olhos azuis. Aí outra me fez "naquele sol quente, que Jesus vivia, nas Arábia, por ali, um sol danado, não meu filho, Jesus não era branco, de olhos azuis, nem, nem tinha com aquele cabelo liso, não, viu, não, sinto muito". Aí, eu disse a ele: isso é uma constituição europeia, não sei o que. Aí, "vai dizer, vai dizer pra mim que Jesus era negro", eu disse: não, não tô dizendo que Jesus era negro,. Aí fez "mas negro é muito feio, Jesus é belo, não sei o que". Aí o pessoal que tava assim, mas então, então eu sou feio, eu sou, e o negro é feio, é? Então, negro, ele negro e aí não se identificou que é negro, mas acha o negro feio. Então, é, essa discussão ainda é muito, é, vagarosa dentro da igreja, muito vagarosa, essa discussão de identidade, sabe? As pessoas não conhecem a sua cultura, não conhecem, muitas vezes, a sua origem, de quem foi formado o Brasil, de quem foi formado a população brasileira. As pessoas se acham europeias, se acha de nacionalidade europeia, não sei o que, nas quando a gente fala que é negro, aí não, você é moreno, você não sei o que, você não. Eu, eu, na minha concepção, na minha construção de identidade, eu digo que sou negro, negro, negro mesmo. Todo o documento que eu preencho, seja da igreja, seja documento oficial, sempre, se tiver lá a palavra negro, coloco negro, se tiver preto, coloco preto, porque essa é a minha identidade. Eu não quero, eu não quero ser uma coisa que eu não sou, que eu não sou, sabe? Eu aprendi, aprendi que eu sou negro e tenho que, é, valorizar o que eu sou, o que eu sou, valorizar a minha história, a luta dos povos., dos povos negros, é, africanos que lutaram para se libertar de, da escravidão aqui no Brasil, a luta dos povos negros na África, que até hoje lutam para sobreviver em seu, em seu próprio país, né, com discriminação, com racismo, enfim. Então, eu respeito muito isso, então, eu tenho que me valorizar, porque se eu não me valorizar, ninguém vai me valorizar, pelo contrário, vão pisotear cada vez mais, é como eu disse, né? Tem muitas pessoas ainda, por, por ter uma condição melhor, acha que o negro, porque está aqui embaixo, não pode chegar aqui, igual lá com ele. Então, o racismo está muito presente ainda, muito presente mesmo.

ILZE: Antônio, como é que tu percebes as religiões não católicas, não cristãs?

ANTÔNIO: É um pouco difícil de falar, porque eu não tenho muita vivência com essas pessoas de fora, né, de outras religiões. O meu contato maior, muitas vezes, assim, é com pessoas de, é, religião afro-brasileira, mas a minha visão que eu tenho das religiões evangélicas, por exemplo, os evangélicos, é que eles, muitas vezes, eles são muito preconceituosos, muito preconceituosos. Principalmente quando se trata de cultura, de cultura, sabe, porque, para eles, você como evangélico não pode tocar uma alfaia, porque a alfaia é do Candomblé, do maraca, do Candomblé, você não pode dançar um maracatu na rua. Se você é evangélico, se você é católico, você não pode dançar um maracatu na rua, porque você é de igreja, você é de igreja. Então, isso ainda é muito forte, ainda é muito forte, agora, muitas vezes, eu não me culpo a eles não, porque, muitas vezes, essas pessoas não têm conhecimento teológico, no caso bíblico, ou mesmo a leitura de bíblia, que não precisa ser um teólogo para entender a bíblia, mas ter um mesmo, ter o senso crítico de ler a bíblia e ver que certas coisas que eles fazem estão totalmente erradas, totalmente erradas, né? E eles vão muito pelo que o pastor, sua liderança, fala ali, fala ali, né? E aí, eu vejo muito isso, porque a minha cunhada, minha... a esposa, minha esposa tem familiares que são evangélicos, né, evangélicos. Então, a gente tem muito isso ainda, né, essa discussão, né, de dizer “ah, isso é demônio, não sei o quê, isso é, isso é, não presta, isso é do demônio, não sei o quê, isso é”, fazendo essa relação do Candomblé com o demônio.

ILZE: E você, Antônio, diz o quê? Você, Antônio, o que é...

ANTÔNIO: Eu...

ILZE: Você diz sobre as religiões não cristãs, a exemplo dessa que você acabou de citar?

ANTÔNIO: Eu digo o seguinte, que elas, se elas estudassem pelo menos um pouquinho a bíblia, é totalmente diferente. A situação, é, aquilo que eles faziam ao Candomblé, é totalmente diferente, totalmente diferente.

ILZE: Qual é a tua percepção do Candomblé?

ANTÔNIO: A minha percepção do Candomblé é que é uma religião como outra qualquer, só que ela tem uma prática diferente da nossa, da nossa, do Cristianismo. E a Igreja Evangélica também tem uma prática diferente da nossa, do, do, do Catolicismo, né? A gente tem uma tradição, a seguir, né, temos a eucaristia, corpo e sangue de Cristo, e eles não têm esse elemento, eles não têm esse elemento, porque pra eles, Cristo está vivo, pra nós também, mas eles não acreditam que, que ali é o corpo e sangue de Cristo, logo que o padre, é, pronuncia as palavras pra transformar aqui no corpo e sangue de Cristo, e eles não acreditam, não acreditam. Então, esse conflito ainda é muito forte. Já no Candomblé não, no Candomblé ainda há sacrifício de animais, de animais, né, é... tem festa pra, pra a natureza, pra os Orixás, né, que fazem referência à natureza, tem uma festa aqui, aqui em Maria, aqui no Candomblé, no Terreiro de Maria, aqui, que é a festa do inhame, do inhame, onde, quando há a colheita do inhame, a colheita do inhame, quando a há colheita, há uma festa para celebrar aquela colheita, aquela colheita, não sei, eu esqueci qual é o mês, né, mas, é, a minha percepção do, da, de, da religião afro é que uma religião sadia, sadia, que tem todo um ritual, que não é qualquer um que vai ser Pai de Santo, não é qualquer um que vai ser filho daquela, daquela, daquela casa, daquele terreiro, não é qualquer um, tem toda a preparação, todo um estudo pra ele chegar a ser aquilo, chegar aquilo ali. Não é qualquer um que vai chegar lá, tocar o, a macumba, que é o, o instrumento, né, de percussão, não é qualquer um que vai chegar lá, essa pessoa tem que ser preparada, preparada, né, tudo isso, né, tudo isso há uma preparação. Há um cuidado muito grande com as crianças dentro do terreiro, um respeito

muito grande pelas crianças, tudo isso. Agora, claro, como toda e qualquer religião, vai ter sempre alguém que faça maldade ao outro, vai ter sempre alguém que faça maldade ao outro. Isso a gente vai encontrar no Catolicismo, entre evangélicos, no Candomblé, no Budismo, a gente vai sempre encontrar pessoas que querem fazer mal ao outro, ao outro, não é simplesmente por conta da religião, mas pela atitude da pessoa de fazer o mal, o mal, porque a religião, ela ajuda você a transformar a sua vida, a mudar a sua vida, a, a trazer à tona elementos com que, com que, com que faça você ser uma pessoa melhor, melhor. Mas, infelizmente, né, a nossa cabecinha dura, como o próprio Moisés, como o próprio Deus fala para Moisés, né, é... ainda é muito, é muito gritante dentro da religião, dentro da religião. Mesmo o padre falando, “olhe, não cometa racismo com pessoas, vamos respeitar a religião dos outros, vamos fazer isso, vamos fazer o bem para o outro”, vai ter sempre alguém que vai distorcer e vai fazer o mal. Vai praticar o racismo, vai praticar a intolerância religiosa, perseguições, sempre vai ter, sempre, sempre, a gente vai encontrar pessoas dessa, dessa forma, desse calibre. Então, não é, não é a religião que que faz, que vai dizer se eu sou digno ou não, mas são as minhas atitudes no dia a dia, do dia a dia, né? É como fala o padre Zezinho, em uma das músicas que ele fala cantando, conversando com o ateu, ele percebe que o ateu é mais cristão do que ele, porque a prática que o ateu faz, o cristão não fazia, né? A prática do bem que o ateu fazia, o cristão não fazia. Então, quem é mais cristão? É esse aqui ou é esse que não acredita? Então há esses percalços ainda dentro das nossas religiões, né, seja ela Afro, seja ela Evangélica, seja ela Budista, seja ela Católica, ainda há muito o que aprender ainda. A gente tem que buscar, é, na essência realmente de Cristo, coisa que o Candomblé também acredita, acredita, buscar na essência de Cristo o que é realmente fazer o bem.

ILZE: Antônio, a gente está chegando ao fim desse momento. E aí, eu queria te perguntar se tem alguma coisa que eu não te perguntei e que você acha que é importante falar. Alguma coisa que você queira falar mais ou não. Fique à vontade.

ANTÔNIO: Não, eu acho que... falei. Ah, tem uma coisa que você me perguntou, como foi a minha relação com os meus colegas de sala. Eu falei do ensino médio, fundamental, mas na universidade também encontrei pessoas maravilhosas, na faculdade. Turma coesa, sempre unida, tanto na graduação, pós-graduação, né, na especialização e no mestrado, sempre encontrei grupos unidos, unidos. Quando a gente decidiu uma coisa, a sala decidia junto e aconteceu uma coisa interessante, mesmo a gente não tendo essa discussão, é, de violência contra a mulher tão aflorada ainda, na faculdade aconteceu, quando eu tava fazendo o curso de história ainda, a licença de uma história, aconteceu um fato de um aluno de outra sala agredir a colega dele na própria sala. E a gente no corredor, né, só os homens conversando, a gente fez: “isso aqui fosse na nossa sala, a gente não aceitava não, veí”, isso veja, isso aconteceu em 2006, 2007 mais ou menos, e a gente conversando na sala de aula, no corredor, “Isso não acontecia aqui não, porque aqui a gente não vai deixar um homem, cara batendo na mulher aqui dentro não”, né? Então veja como a turma, né, os homens, e as mulher, e quando a gente organizava algo, tudo a gente organizava junto, um sempre ajudava o outro, o que tava precisando, né, sempre ajudando o outro, né? Na faculdade, depois na graduação mesmo, a mesma coisa, a gente saía para conversar, debatia, conversava, almoçava junto. Quando não tinha o dinheiro para fazer ou para pagar o almoço, a gente juntava, pagava o almoço do outro e foi uma relação muito boa também, na graduação. Tanto é que eu tenho colegas ainda hoje, da graduação, que a gente conversa, é, pelo WhatsApp, pelo Facebook. Temos, tenho amigos ainda da pós-graduação, do mestrado, a gente tem um grupo do WhatsApp também, que a gente sempre tá, é, valorizando a conquista do outro, do outro, né? Sempre motivando a

continuar com os estudos e professores também, que a gente teve muita sorte de pegar professores muitos legais, muitos humanos mesmo, humanos. Professores que realmente diziam “não, vamos fazer assim”, abraçava a ideia, a gente ia junto, tudinho, e eu só tenho a agradecer, sabe? Eu tenho a agradecer a Deus por tudo que eu passei e pelo que eu aprendi nessa minha caminhada, sabe, porque cada dia eu vou aprendendo mais. E essa, é, vivência que eu tive, ela me fortalece no dia de hoje. Então, quando eu falo, porque, eu falo que eu sou preto, que eu sou negro, é toda essa trajetória que eu venho, toda essa trajetória. Talvez na minha infância eu nem percebesse, né? Não deixasse meu cabelo crescer, porque até antes da faculdade, meu cabelo, eu cortava bem curtinho, como um corte militar, que era a época da moda, não sei o quê, cabelo de homem tinha que ser curtinho, tudinho. E quando eu me percebo negro, eu disse: não, peraí, peraí, tem alguma coisa, meu cabelo sempre enrolado, sempre crespindo, e eu sempre dizia, eu dizia: oxe, peraí, aí eu disse não. Aí, começou o cabelo crescer, o cabelo crescia, o pessoal “oxe, o cabelo tá muito feio, você fica muito velho com o cabelo assim”, eu disse: deixe o meu cabelo, é meu, deixe. E aí, comecei a colocar, depois trança, e aí ele foi crescendo mais, e hoje, as pessoas já não falam tal coisa, diz que meu cabelo tá bonito. Os meninos lá da escola fazem, professor, cabelo louco mesmo faz, cabelo louco, muitos alunos na escola começam também a usar cabelo black, igual o meu, tal. E aí, isso, faz com que eu me valorize, mas ainda, eu digo: não, peraí, se eu tô dando algo positivo, então, é porque a minha postura está correta, está correta. Tanto é que, como eu falei pra você, é o ponto de os promotores da, do governo ir lá saber se a gente tá trabalhando na cultura afro-brasileira da escola. E aí, a gente, a diretora que é branca, loura, cabelo estirado, aí olha pra mim assim “e aí, veja aí, se a gente tá trabalhando, olha os meninos aí, veja aí os meninos aí”, aí ela olha pro menino “olha o professor, este é, o professor aqui o exemplo aqui, os meninos seguem o professor aí”. E outra coisa, os meninos me chamavam de macumbeiro quando eu largava da escola, me chamavam de macumbeiro, na, quando eu saía. Hoje em dia, não chamam mais, não chamam mais. Hoje em dia, eles chegam pra mim, quando a gente tá com dúvidas, “professor”, no meu vídeo, “posso fazer uma pergunta assim”, eu disse: pode, faça. Aí fazem, “professor é do Candomblé?”, aí eu disse: não, eu sou do Candomblé não, aí vou explicando a eles, tranquilo, respeitoso, tudinho, nada. Mas logo quando a gente foi se assumindo, isso acontecia muito, sabe, mas a gente como um ator político, como diz Paulo Freire, o professor é um, o ato é educar é um ato político, a gente vai transformando aos pouquinhos, né? Então, aqui dentro de casa, na rua, eu vou sempre transformando. Tanto é que minha esposa disse “ah, cabelo ruim”, eu disse não existe cabelo ruim, não existe cabelo ruim, existe cabelo diferente.

ILZE: Cansa, Antônio?

ANTÔNIO: Hein?

ILZE: Tudo isso cansa ou não?

ANTÔNIO: Não, pra mim não cansa não. Não cansa, eu não, porque quando a pessoa, ela, vem com esse argumento, eu vou com outro argumento... contra-argumentar. E aí é uma oportunidade pra mim explicar sobre o negro no Brasil, sobre a cultura afro-brasileira, sabe? Não me canso, porque aí eu vou explicar as raízes da cultura brasileira, do ser negro no Brasil. Aí eu vou explicar pra ele e aí não cansa, não cansa, porque é uma oportunidade que eu fazer agora, o meu ato político. Já que eu não tenho um microfone pra anunciar, eu vou usar a minha voz pra, pra dizer àquela pessoa o que é ser negro no Brasil.

ILZE: Antônio, brigada.

ANTÔNIO: Nada.

ILZE: Só gratidão, né? Perguntar a você se caso eu precise voltar, né,

ANTÔNIO: Fique à vontade

ILZE: Pra gente conversar sobre mais algum ponto.

ANTÔNIO: Fique à vontade. Fique à vontade pra vir se precisar. Não tem, não tem frescura conosco.

ILZE: Só gratidão.

ANTÔNIO: Pode vir, viu? Pode vir à vontade. Fique à vontade. Só diga com antecedência pra gente marcar o horário direitinho, porque, como você sabe, a... vida de pastoral é corre-corre. Então, é só você dizer o dia e a gente marca o horário.

Transcrição da Entrevista com Bianca

ILZE: Pronto, Bianca. Vou pedir que a senhora inicie, é... se apresentando, né?

BIANCA: Eu sou...

ILZE: E depois fale um pouco da sua história com a sua família.

BIANCA: Eu sou Severina Silva de Lima, da Comunidade Imaculada Coração de Maria. Há mais de 30 anos, né? É, faz muitos anos que eu estou na comunidade. Eu... Se eu disser alguma coisa aí você... Me apaixonei por cuidar da casa do senhor, né? E assim, eu acho que é como se fosse o lazer da minha vida. E eu digo muitas vezes às pessoas, é o lazer da minha vida, é essa a minha missão. De, de cuidar da casa do senhor. Pra mim, é tudo, pra mim, entendeu? Mesmo já cansada, com a idade, né? Problema de saúde. Mas eu me sinto feliz em poder cuidar da casa do senhor. E conforme a minha cor, eu sei que a, a gente de cor negra tem certas dificuldades, né? Tem certas dificuldades, mesmo assim eu fui superando, né? Eu às vezes me sinto assim... Eu acho que eu me sinto tímida, né? Eu me sinto tímida, né? Às vezes eu não gosto nem muito de estar falando. Eu sou mais de trabalhar, é, fazer o serviço, sem estar falando. Eu tenho dificuldade de me expressar, aí eu fico mais... Acho que é por isso que eu me... Como é que se chama? Eu me apaixonei por esse negócio de limpar a capela, porque você faz as coisas, não precisa estar falando. Você só fala de trabalhar...

ILZE: Fale um pouquinho da história com a sua família.

BIANCA: A minha família, olhe, olhe, eu fui uma pessoa que eu não fui... eu desde criança, tem gente que de criancinha a mãe leva pra igreja, a mãe vai rezar o texto nas casa, mas eu não tive essa sorte. A minha família não era de igreja, não, entendeu? Só uma irmã minha, o nome dela era Cecília, ela morreu com 21 anos, ela é quem me levava pra igreja, lá em Casa Amarela, na igreja Bom Jesus do Arraial, que eu nasci ali na estrada do Arraial, perto do, do, do Hospital Agamenon Magalhães. Antigamente tinha PRA 8 ali, aí meu pai era vigia. Aí, pronto, ela ia... Era seis, seis e meia a missa lá na igreja da mulher, aí ela me levava. E depois ela morreu com 21 anos. Aí, depois que eu cresci, eu me lembro de... antigamente, crismava a criança pequena mesmo. Não era fazer o... se fez a preparação, não. Me lembro da minha crisma, né, fiz primeira, primeira eucaristia na capela Nossa Senhora de Fátima. Hoje em dia é a paróquia Nossa Senhora de Fátima, que Padre Maurício tá até lá, né? Tá lá, agora é a paróquia, entendeu? E pronto, mas não fui, assim, adolescente de participar da igreja, de, de participar de grupo de jovens, nada disso. Eu, eu comecei a, a justamente, a... como é... a servir o Senhor aqui na comunidade... foi, entendeu? Mas, mas ia pra missa, você vê, quando tinha missa de finado, mas não era uma pessoa, assim, entendeu, de, de estar na igreja. E agora, quando eu me apaixonei por cuidar da casa do Senhor aqui, acabou-se.

ILZE: Fale um pouco da sua relação com o seu pai, com a sua mãe.

BIANCA: A minha mãe... minha mãe, eu, eu até me emociono, viu? A minha mãe... meu pai era um adulto, era... Minha mãe morreu, eu tinha nove anos. E eu acho que minha mãe morreu por causa desse, desse... esse, de meu pai ser adulto e ir arrumar mulher. Minha, minha mãe... A gente, justamente, antes morava ali na, no lado da PRA 8 e tinha uma casa do... parece que era o, o diretor. Aí tinha uma pessoa que trabalhava lá, o nome dela era Irene. E essa Irene, ela ia lá na minha casa, isso eu me lembro, se fazia amiga de minha mãe. A Irene apareceu grávida e minha mãe disse assim, "de quem é esse menino, Irene?" "É de um rapaz que eu estou gostando", mas era meu pai. Minha mãe teve um aborto, pegou o enxoval,

justamente, passou pra ela, entendeu? E quando foi depois, minha mãe começou os boatos, entendeu? Começou os boatos e, e terminou quando foi... Depois de um certo tempo, é uma lembrança que eu tenho muito na minha cabeça, de meus pais, era eles discutindo. Teve uma vez que eu me acordei da discussão. Eu me lembro, meu pai tinha uma camisa, não tem esses negócios que o pessoal fica apertando, assim, com as bolinhas, a camisa era branca, era toda assim, com aqueles negocinhos. Minha mãe picou a camisa todinha com a tesoura que veio, ele veio com a camisa, como é, suja de batom, entendeu? E minha mãe passou mal, foi internada naquele antigo pronto-socorro, que agora parece que é a CISAM, não sei, não era a restauração não, era aquilo antigo... E, e minha mãe cortou, eu sei que minha mãe não passou, acho que nem oito dias, né, minha mãe faleceu, ela faleceu, ela, ela faleceu, eu tinha nove anos, minha mãe faleceu. Eu não tinha nem feito a primeira eucaristia quando eu fiz a primeira eucaristia, já não tinha mais minha mãe não. Estudei no, no, no Colégio Monte Albuquerque, na Água Soares de Morena, ali em Casa Amarela. E aí, no, nesse colégio, aí, fiz, aí justamente, aí, preparava lá na escola e fazia nessa capela, Nossa Senhora de Fátima, que fica ali na Mangabeira, entendeu? E depois, meu pai se casou, arrumou outra e se casou, aí, eu tenho um irmão, entendeu? E quando... minha mãe morreu em 1962, meu pai, com, com, em 1968, se não me engano, por aí, ele falece, também teve um infarto... Era... eu tinha dois irmãos da minha mãe, Antônio e Célio e tem um da parte de, de, de, do meu pai, filho dessa, dessa mulher que ele casou, é Roberto, e minha, e essa mulher, quando minha mãe morreu, ela trouxe duas irmãs que eu não sabia que tinha irmãs, essas duas irmãs. Ela chegou lá em casa, meu pai já estava com essa outra, dizendo que agora... falando como se ela fosse a, a ser a mulher do meu pai era para ser ela, porque já tinha as duas filhas, mas meu pai já estava com a outra, ela pegou e entregou as duas meninas. Eu não sabia nem que eu tinha essas duas irmãs, né, o nome de uma é Clarice e a outra é a Nicinha, né, e pronto. Eu sei que ela, ela, ela criou, terminou de criar a mim, essa minha madrastra, mas as meninas quando cresceram mais, ficaram moças, porque ela batia. Em mim não, porque eu, eu, eu já tinha... nesse, nessa época que as meninas chegaram, foi, foi, eu tinha uns nove, dez anos por aí, mas ela em mim não batia não. Mas essas meninas, como... elas eram meias, são muito mais novas do que eu, aí as meninas, quando ficaram moças, foram simhora para, para atrás da mãe delas... foi.

ILZE: Bianca, fale um pouquinho da sua vida na escola. Como foi na escola?

BIANCA: Na escola, eu estudava nesse colégio, fiz até... estudei nesse Monte Albuquerque até a quarta série, aí depois tinha que fazer um exame de admissão, né, aí fui, fui para... já fui estudar no colégio, aí foi de 12 anos por aí, mas eu é quem cuidei, eu que ia para o colégio, me matriculava, eu quem cuidava das minhas coisas, porque essa minha irmã mais velha, de 21 anos, foi para a casa da minha tia, aí ficou lá doente... meu pai, eu me lembro como se fosse, meu pai foi buscar ela e levou num dia de noite, pra assistência veio buscar, no dia quando foi visitar a minha irmã, já tinha morrido, entendeu? A minha outra irmã, Célia, ela trabalhava numa casa, a mulher foi morar em São Paulo, ela pegou foi embora. Ficou assim... a, a gente, que é filho da minha mãe, ficou muito, assim, chateado, né, e eu, como era mais nova, eu não podia fazer nada, eu tive que ficar, e eu, e eu, justamente, eu estudei até o sétimo ano num, num colégio que eu, justamente a irmã da minha madrastra trabalhava numa casa, e ela pegou e aí eu fui trabalhar lá junto dela, com ela, nessa casa. Estudava no colégio municipal do Recife, que fica ali na rua, é, na cidade ali, perto da, da, da rua... como é... o meu Deus, como é o nome daquela rua... eu esqueci agora, eu sei que é na cidade, onde tem aquele (crinópole), eu esqueci o nome da rua. Aí eu, eu estudava, ajudava ela de manhã, durante o dia, e de noite eu estudava, aí só fiz até a sétima série, eu fui até a sétima série,

depois saí, fiquei em casa, depois meu pai morreu, meu pai morreu, eu tinha, eu já estava com 15 anos, quando meu pai morreu, morreu de um infarte fulminante. Eu fui na casa, quando eu saí, fui fazer um aviso, quando eu cheguei, meu pai já estava, tinha a notícia que meu pai tinha morrido, entendeu? Aí foi assim.

ILZE: Tem algum momento da sua vida na escola, quando a senhora era pequenininha, quando foi ficando maior, que a senhora lembra, que marca a senhora, alguma recordação?

BIANCA: Eu me lembro que uma vez, eu me lembro que, que eu gostava, até que eu gostava de estudar, e eu me lembro que teve uma vez que eu numa escola de Monte Albuquerque, eu tirei as notas boas, aí tinha um prêmio para quem, a, a criança, né, que tirasse, aí eu me lembro que eu fui, aí eu recebi a entrada para ir para o Teatro de Santo Isabel assistir uma peça. Lá eu me lembro disso... porque as minhas notas foram boas, entendeu? Aí eu fui participar dessa apresentação lá.

ILZE: E os seus professores, suas professoras, os colegas de turma...

BIANCA: É, eu me lembro...

ILZE: O que a senhora lembra desse momento?

BIANCA: Eu me lembro. Me lembro, Deus, me lembro, dessa, dessa professora, eu lembro. Tinha uma professora, o nome dela era Dona Júlia, ela tinha uma vontade de levar eu para morar com ela quando minha mãe morreu, eu me lembro...E assim eu fui indo, depois eu me casei, pronto. Aí depois, depois de quando eu estava casada, com meus filhos, foi que eu me envolvi de servir ao Senhor.

ILZE: E como eram as práticas religiosas na sua família? Fale um pouquinho.

BIANCA: A minha família, assim, feito eu já disse, não era muito de igreja. Só essa minha irmã, essa que morreu com 21 anos, que era quem me levava para a igreja, ela ia para a missa, era de seis, seis e meia por aí, a missa na, lá na, nesse, na, é onde eu fui me batizei, né, é, como é... Bom Jesus... é na, essa igreja da Harmonia...

ILZE: Sim... Sim...

Bianca: Sabe onde é a igreja da Harmonia? Pronto, ali, que eu, eu nasci e me criei naquela rua ali, na, na Estrada do Arraial. Aí, aí ela ia de seis, aí ela me levava para a igreja, foi ela que, que, que, justamente, que me levava, a minha outra irmã já não era, meus irmãos também, nem, nem, são, não vejo a razão disso, nem meu pai e minha mãe, mesmo quando tinha missa de finados, (inaudível), aí ela ia, mas quem me levava era essa minha irmã, Cecília, entendeu? Depois ela morreu, aí eu já fiquei, não fiquei indo muito para a igreja, não vou dizer, aí depois vim morar para a banda de cá, quando meu pai morreu, que era justamente o espaço, era da, da, como é, da... da PRA8, né? É a que é, hoje em dia, não sei, é a Rádio Clube, parece, né? Eu nem sei muito, mas eu sei que era chamada PRA8. E então eu fiquei, como é que se diz, é, ela foi quem, na minha infância, foi ela que me levava, ela ia todo domingo ela ia cedo para a igreja, aí ela me levava, a Cecília.

ILZE: E nessa vida da senhora na escola, a senhora tinha algum sonho, assim, de infância, estudando, o que a senhora queria ser desde pequenininha? Quais suas aspirações?

BIANCA: Eu não tinha, não, aspiração não, acho que não, não. Aí depois justamente, aí vim para a banda de cá, vim morar para cá, né, aqui, é... vim logo morar em Águas Compridas. Minha madrasta, misericórdia, ela ainda viva, minha madrasta, ela, assim, quando a gente saiu de lá, de Casa Amarela, comprou uma casa lá em Águas Compridas que, justamente, a, a PRA8, né? Indenizou para desocupar, porque meu pai não trabalhava mais lá, o meu irmão mais velho foi, botaram ele para trabalhar no Diário de Pernambuco, que é associado, não sei se ainda é hoje, eu sei que era, ele se aposentou lá, meu irmão, e a gente veio morar para a banda de cá, entendeu, foi morar em Águas Compridas. Aí depois, minha, minha madrasta, não era uma pessoa, assim, de saber direcionar a vida dela, que ela foi e vendeu a casa, inventou de comprar um terreno, ele gastou o dinheiro todinho e foi parar no aluguel, aí, justamente, aí já veio morar para a banda de cá.

ILZE: E sua história na igreja?

BIANCA: A minha história...

ILZE: Fale um pouco.

BIANCA: Na minha história na igreja, eu acho que vocês já sabem, que justamente, quer dizer, eu me casei, só no civil, aí tive meus, meus filhos, e eu não era muito, não vou dizer, de ir para a igreja, não, se tivesse uma missa, aí eu ia, mas não é, porque, depois dos meus filhos, é, me dedicava para cuidar deles, né? Meu velho trabalho, meu marido, como ele trabalhava ali, era uma fábrica de café, Beberibe, ali onde é aquela clínica, né, aí, quando eu vim morar para a banda de cá, aí, aí fui morar lá no Terminal, ali, lá até, onde, onde Josiane mora, sendo mais, mais para a margem, alugado, aí eu morei um bocadinho ali, aí pronto. A minha vida era cuidar dos meus meninos, meu filho mais velho tem uma deficiência auditiva, aí a manhã era uma batalha, porque eu tinha que levar para a escola, aí, foi teve que, que, é, inaugurou aí o Paulo VI esse colégio aí, e tinha meu marido, almoçava em casa, aí eu tinha que levar eles para a escola de manhã, e meu filho de deficiência auditiva tinha que levar para o, a fono, na Rua do Príncipe, ali no oitão da Universidade Católica, ali naquela rua Afonso Pena, tinha uma clínica ali. Aí levava, tinha que levar duas vezes na semana, e ele ia para a escola aqui no Paulo VI de manhã, ele tinha, ele tinha, que estudar, não era com crianças surdas não, era com crianças, mesmo, que não tinha problema, entendeu, e ele ia, falar, como é, ganhou um aparelho, e era uma batalha, e eu ia levar ele, levava os outros dois menores, é, o pai de Laura e o meu outro filho, aí eu levava eles, tá entendendo, aí era assim desse jeito. E foi assim a minha vida, sempre cuidando, aí justamente quando eles já cresceram, já estavam maiores, e justamente eu morava aqui, eu não sabia nem que... Aí foi quando o, o Seu Inácio, era um senhor que era vizinho da gente lá, ele era muito católico, aí ele vinha sempre aqui visitar a gente, aí disse, "ah, aqui tem uma capelinha ali, tem umas irmãs morando ali, Irmã Helena, não sei o quê, aí eu disse, "ah, eu já vi ali pertinho". Eu nem sabia, porque só a minha dedicação de cuidar de casa, de levar menino para a escola, de levar para fazer fono. Aí foi quando ele, a gente... aí disse, "e é é", aí a gente começou ali, aí eu comecei justamente a ir para a igreja aí, na capela, entendeu? Eu comecei a ir para a igreja na capela, aí eu ia todos os sábios, meu marido ia, levava os meninos, fez a primeira eucaristia aí, meus filhos, crismaram, entendeu? Aí eu ia para a igreja, entendeu? E comecei a... eu comecei a... Quando Jesus me resgatou para servir a ele, foi justamente no dia que eu fui, um dia de sábado, eu não sei o que foi que eu fui fazer lá no sábado de manhã, porque eu ia de tarde para a missa, a missa era de cinco horas da tarde, e cheguei lá, feito já disse, acho, já falei que eu cheguei lá, as mães ainda estavam lavando a capela com a, aquele menino que fica lá, bota o som alto, eles eram crianças e eles pegavam a mangueira e ficavam olhando um ou outro, as mães

falavam "menino, menino", aí eu peguei a vassoura e comecei a lavar a capela também, mas não é que eu me apaixonei por cuidar da casa do senhor? Até hoje, quando eu peguei aquela vassoura, pronto, e eu disse assim... é que é um... trabalho onde eu fazia e faço assim... sem precisar. Ninguém estava vendo, né, porque eu sou meia tímida, meia não, acho que toda. Então, eu servia o senhor sem ninguém nem saber que era eu, entendeu, aí eu gostava de limpar, aí as mães, depois me ensinou a botar as flores no chão, a lavar as alfaias, alfaias são aqueles paninhos que botam no carro que tem que passar água primeiro, botar na plantinha para poder depois botar no sabão, entendeu, passar tudo direitinho, e tudo isso eu aprendi com as mães, e me apaixonei que eu gosto desse trabalho. Você pode ver, eu sou mais de... Não sou de ficar ali de frente falando não, eu sou mais assim, como é que eu sei que eu não sei me expressar muito bem? Aí eu fico... Sou envergonhada, sou envergonhada, e então esse trabalho não, e é um trabalho que ninguém quase gosta.

ILZE: Bianca, é difícil ser uma mulher preta dentro da igreja?

BIANCA: Eu acho que sim, é difícil, é difícil, sim. Acho que, a pessoa negra tem sempre dificuldade, tem vezes que não, né, aí depende das pessoas com quem você... tem gente não que não tem preconceito, mas tem muita gente que tem.

ILZE: Fala um pouquinho sobre isso.

BIANCA: Tem muita gente que tem preconceito, né, agora tem outras que não, entendeu, tem outras pessoas que não, aí eu sempre fui e sou uma pessoa assim que não sou muito... né, porque já de mim, mas talvez seja por causa desse, desse, desse, desse tal de preconceito que eu não sou muito de (dar), eu acho que é por isso que eu, eu, eu me dediquei mais a esse trabalho que ninguém gosta, né? Então... aí ninguém mexe comigo, né, talvez se eu fosse querer ser, estar lá falando essas coisas..., mas talvez, né, mas não sei, aí pronto. E eu me apaixonei por cuidar da casa do senhor, e depois eu digo que Deus foi me envolvendo, e depois de eu, de eu... é... me apaixonado por cuidar, pronto, aí os menino não veio mais, a irmã não botava nem mais o pé na capela, porque eu cuido, eu cuidava de tudo, aprendia a fazer e eu cuidava de tudo, a irmã só ia pra capela quando, na hora da missa, mas tudo eu já tinha organizado. Aí depois o senhor foi me envolvendo em tantas, em tantas coisas na igreja, viu. Depois de, de, de eu me dedicar a limpar a capela, aí depois veio o quê, qual foi a outra missão que o senhor colocou na minha vida, depois foi eu me ser ministra da Eucaristia, e eu não queria não ser ministra, não, nunca achei que eu deveria ser ministra, que eu merecia e talvez seja por causa da minha timidez mesmo, né? Mas a irmã insistiu tanto. A avó de Robson, que era dona... esqueço o nome dela, a dona Lilia, sabe quem é Robson, né, e Temerson, a avó deles tava com artrose, assim eu não sei quantos doentes, os doentes nas ladeiras, aí não podia mais levar comunhão. A... A, como é, a irmã Augustinha, uma irmã que morava lá, ela passava por aqui pra levar comunhão pra uma... como é que se diz, a nora, não, era mãe do marido dela, né, a sogra, (Edjane), ela passava com as crianças, e essa daí ficou com problema, tinha que fazer ponte de safena, e padre... e padre, aí foi com o padre Mariano, no tempo do padre Mariano, o padre Mariano disse assim, "ah, tem ministro, tem que botar as pessoas aqui, mas aqui não tem", eu só sei... e aí pronto, só sei tinha umas cinco pessoas, depois foram desistindo, eu sei que as mães insistiam "Bia, você...", minha irmã não bote eu não, eu não quero ser ministra de Eucaristia não, eu posso não. Eu nunca achei que... por causa de, não sei se também pela cor, pelo que eu não sei me expressar muito, mas ela insistiu tanto. Aí eu disse assim, tá, aí eu dei meu nome, pois me dê seu nome que eu vou botar aí... aí eu já disse assim, meu Deus, tem um evangelho que fala que você... se uma pessoa chegar na sua porta batendo, você vai dar um... eu quero pedir alguma coisa, não que

você queira, somente pra você se livrar. Eu digo, Jesus, eu dei meu nome a irmã só pra me livrar de ela tá insistindo tanto comigo, porque disse que eu tinha (de pé), e o João tava precisando de gente pra levar comunhão, e a irmã Agostinha não podia mais, entendeu? Aí eu terminei dando meu nome, já a mãe de, de, de Aurinha não, ela até faz parte da igreja, ela tinha uma vontade de ser ministra, aí eu só sei dizer que a gente deu o nome, não sei quem foi mais lá que deu... foi Ana, foi. E eu só sei dizer que a gente fez o curso lá na igreja da Boa Vista, d Santíssimo Sacramento, em 1993, se não me engano. Eu fiz o curso, entendeu, aí pronto. Aí essas criaturas não podem mais, aí terminou a gente foi assumindo os doentes delas, que elas visitavam. Teve uma época que era 12 doentes, aí ficou eu e Dora trabalhando junto, aí a gente leva, leva a seis doentes uma semana e seis doentes na outra, era desse jeito. Aí eu me apaixonei também, porque eu ficava tão feliz, porque quando eu chegava, tinha uma avó de, de, de Verônica mesmo, Dona Cecília, ela morava aqui no alto, bem mais pra lá, que descia ali no colo, aí a gente ia subia a escadaria aqui, via e descia, aí ia pra casa dela, e ela, quando chegava lá, tava tão feliz, já tinha preparada a banquinha lá, pra esperar, entendeu, era desse jeito, aí isso foi me apaixonando. Depois descia eu já tinha outra e mais pra frente tinha outra também, também outra senhorinha, ficava feliz que só, entendeu? Isso aí eu digo, mas meu Deus, eu fiquei tão feliz, porque, eu digo, ainda bem que eu aceitei, porque eu ficava feliz de ver os doentes, tão feliz quando a gente chegava pra levar Jesus pra ele, entendeu? E depois, já fui... depois... Logo no começo não tinha aquela credência, não, botava tudo lá no altar, o cálice, tudinho, é um altar de madeira comprido, aí dava, aí quando foi depois, a irmã resolveu botar uma mesinha pra ser a credência aí, às vezes tinha coroinha ou não tinha, aí eu já fui, eu digo, aí vai lá (estirar o pé), aí eu terminei sendo um coroinha também.

ILZE: Está vendo?

BIANCA: Olhava como é que os meninos faziam e eu me tornei coroinha, pra o padre que viesse, eu auxiliava, eu ia pras outras comunidades que antigamente São, São Benedito, Menino Jesus, eu não, São José, mas havia, as outras ministras de lá que hoje eu não vou, aí eu sei o que tu fazes, que tu auxilia e vai. Aqui em Beberibe mesmo, quando o padre Osvaldo chegou, não tinha quase coroinha e os meninos, parece que estudavam, a missa de meio dia, ele começou a celebrar a missa de meio dia, mas eu ia, viu? Aí a Graça Araújo, era ministra ainda, sabe quem é Graça? Uma fotozinha que a ministra ligava pra mim, "Bia, tu vai hoje, Bia?", eu digo, vou, "É, minha filha, hoje eu tô na escala, mas se não tiver coroinha eu não vou, não, tu é quem vai no meu lugar", ela dizia mesmo assim a mim.

ILZE: E hoje, a sua timidez ao longo desses anos todinho aumentou ou diminuiu?

BIANCA: Diminuiu? Eu acho que diminuiu, eu acho que diminuiu. Conforme as coisas que Deus foi colocando na minha vida, as missão, né, aí me colocou pra ser justamente ministra, depois veio o Natal Sem Fome, eu passei cinco anos no Natal Sem Fome, uma irmã veio morar aí, a irmã Benigna, isso é que é uma coisa boa pra comunidade, o Natal Sem Fome, era, a gente pegava aquele outro dono do Bom Preço, Paz Mendonça, sei lá, e eu só sei que eles tiravam as verduras, tudo, tudo ainda perfeito pra se comer, pra se a pessoa comer, e a pessoa tinha, tinha essas comunidades que ia, e a gente foi. A irmã "não", aí eu só sei que eu comecei a ajudar a irmã Benigna, a gente comprou aqueles caixões que chamam "galéia" né, de plástico, eu fiz umas capas pro caixão de plástico, de esse saco de farinha, essas coisas, não tem os marronzinhos? Aí eu ficava, que era pra botar o alimento ali, não botava diretamente no caixão, não, aí quando terminava a carretilha, tinha uma época que era 40, 40 famílias, fiz umas bolsas de plástico, aí botei de esmalte o nome de cada mãe. Socorro me ajudava a fazer quando chegava o alimento, a gente ia buscar no Bom Preço, o central, na

Avenida Caxangá. Eduardo, sabe o Eduardo, pai de Amauri, que é casado com a filha de Fátima? O pai dele, era aí do (casamento), ele ia na quinta-feira, meu velho marido era vivo também, e eu só sei que a gente trazia aqueles alimentos aí, preparava as bolsas das mulheres, e quando era no Natal, passava 12 dias na frente do Bom Preço, quer dizer, eu fui me liberando mesmo da timidez, porque ficar na frente do Bom Preço, aqui do Arruda, distribuindo panfletos e arrecadando alimentos não perecíveis, teve uma noite que arrecadou mil, mil, mil quilos de alimento. Eles faziam as cestas para as mulheres, entendeu, desse jeito. Depois de Deus me colocou o que na minha vida, depois eu passei cinco de mão, arrumei outra pessoa para ficar, eu vou sair, eu não vou ficar direto, e ainda levando, eu, e me envolvendo nisso, continuando a lavar, a, como é, limpar a capela, levar comunhão, tudo isso eu sei que eu me organizava e dava conta. E depois disso que aí eu peguei, a irmã não arrumou, terminou, aí saí. E depois já o quê, que o senhor colocou na minha vida, a pastoral da criança, na comunidade. Aí teve a preparação lá em Beberibe, o marido de Rosane, Heitor, Nadejane, Socorro, e o padre Maurício disse assim, quem vai ser, quem vai ser a coordenadora da comunidade lá de Linha do Tiro é Bia, o padre Maurício. E eu fiquei oito anos na coordenação da pastoral da criança aquele de Linha do Tira, o peso era naquele salão grande, a balança ainda estava por lá, pendurava assim, acompanhava a criança pra, da gestação até seis anos, foi desse jeito, era desse jeito, fazia o lanche. Eu passava todo o domingo, eu passava lá embaixo, porque fazia o lanche, fazia munguzá, fazia a sopa pra dar às crianças, aí quando chegavam, as outras também vinham, as outras ali, Nadejane, Socorro, Rosa, quem era mais Lourdes, tudo era do, do, da, Érica, uma que faz parte de Beberibe, ela é dízimo, ela vinha pra participar aqui da pastoral da criança. Aí eu gostava da pastoral da criança.

ILZE: Bonito trabalho.

BIANCA: Eu gostava muito, aí fazia a festa das crianças, eu fazia a rifa e comprava, aquele, uma vez eu comprei brinquedo, mas os meninos quebravam tudo, não vou comprar brinquedo mais não, aí eu comprava zorba e comprava calcinha. Uma vez uma mãe disse assim, mas Bianca, a senhora compra calcinha pra minha menina e eu não sei comprar, porque quando eu ia comprar calcinha, a menina dela era mais gordinha, tinha a bundinha maior, eu pegava e comprava a maiorzinha, aí que eu botava no pacote, aí eu botava o nome, pra não dar errado, aí eu dava que dava certinho nela, agora se eu fosse dar assim, sem marcar, aí não ia a calcinha que eu comprei, podia não dar nela, né, entendeu? Passei oito anos, mas com oito anos tinha que sair, mudar a coordenação, aí pronto. Teve um, aí ainda, Deus ainda deu uma coisa tão boa, a coordenadora do grupo do idoso, ela arrumava o ônibus com aquele Carlos Queiroz, aí eu disse assim, "ah, eu quero arrumar um ônibus também, pra gente fazer passeio, pra arrecadar dinheiro", aí fui com ela, e aí ela falou lá com a mulher, e aí eu sei que teve, mas foi uns três anos que passou, arrumava duas vezes o ônibus, a gente fazia passeio, a compra era baratinho, aí teve um ano, eu disse assim, "eu vou levar essa pastoral da criança pra Dois Irmãos", e a gente, uma dessas vezes que deu o ônibus de graça, aí a gente levou as mães, as crianças, aí fizemos um lanche, a gente levou suco, um dia de segunda-feira, só tinha uma escola lá, e Dois Irmãos pra aqueles meninos e aquelas mães, "mas, irmã, nunca tinha vindo Dois Irmãos". O pessoal da beira do rio dali tudo das festas, das mães, eu gostava de comprar aquelas vasilhas de plástico, né, "ah, mas irmã, eu fiquei tão contente, irmã, a barata não vai mais comer o biscoito do meu filho". Coitadinha, que não tem uma vasilha pra guardar o biscoito, dali, só (colaria) da beira do rio. Érica vinha, tudinho. Passei oito anos, oito anos, saí, tive que trocar a coordenação, aí entrou Josiane, aí passou um tempo, mas depois também foi desativada e depois, qual foi a outra coisa que o senhor colocou na minha

vida, meu Deus do céu? A pastoral da criança, sim, o Natal sem fome, qual foi a outra coisa que Deus deu? Tudo isso eu digo que foi Deus que ele foi me envolvendo, ele foi me envolvendo nessas coisas, nessas coisas, e, faz um tempo que a gente fazia porta-a-porta, Socorro mesmo, foi do porta-a-porta, teve um curso de evangelizações, então, a gente, toda segunda-feira a gente estava lá, eu, a Otíria, e Maria Lourença, essa que mora lá em Camaragibe. Então, a gente ia, saía na segunda-feira, mandei fazer os panfletinhos, avisando as coisas da comunidade, e a gente ia numa rua, aí ia de um lado, três pessoas só, e atravessava vinha para o outro lado, aí, justamente lá na rua de Socorro, a gente foi, aí chegou na casa de Socorro, Socorro ia para Beberibe. Ela tinha uma vontade de se envolver assim num grupo, numa coisa, aí a gente falou da capela, ela começou a frequentar a capela, e depois já estava caminhando com a gente. Foi em 2004, 2005, 2006, a gente fazia esse, esse trabalho, eu gostava também desse trabalho, de fazer essa evangelização.

ILZE: E nesses anos todinhos, de caminhada na igreja, a senhora sofreu alguma situação de racismo?

BIANCA: De racismo... quer dizer, a irmã Helena mesmo, ela era racista, era não, é. Teve uma pessoa que, assim, ela não veio a mim, não me disse, mas por conta da... disso que houve, de eu não aceitar assinar aquela, aquela, acho que você sabe que houve essa... do padre decidir botar os leigos, não sei se você sabe disso, sabe não, porque sempre a comunidade foi coordenada pela irmã Helena, que foi ela que fundou, os outros padres nunca tinham sido homenageados no Imaculado Coração de Maria, os outros padres, nenhum se metia com a irmã Helena, o que ela dizia, eles podiam achar que era errado, mas não queria, entendeu? E quando o padre Rosivaldo veio, eu digo assim que, que, que... primeiro veio uma irmã morar aí, a irmã Oliveira, que ela era a madre superior, quando ela chegou aí, só homenageava São José, aí quando a irmã Oliveira chegou aí, a irmã de Verônica, Luzinete, foi a ela e disse, "ó irmã, essa comunidade não é São José não, é o Imaculado Coração de Maria, ela é registrada lá na paróquia como a padroeira é ela e a irmã nunca fez festa". E eu tava lá limpando a capela e a irmã Oliveira chegou, "oh Bia, isso é verdade?, é, "olha o que você disse, é, porque você é a pessoa que mais sabe, mais, como é, envolvida", aí eu disse, é. Aí ela foi, fez uma reunião com a comunidade e disse que, que... a comunidade perguntou quem queria homenagear e o pessoal disse que era o imaculado, mas ficou ainda fazendo a festa de São José, entendeu? E eu só sei que, aí pronto. Aí a irmã Oliveira passou um tempo, aí depois a irmã Oliveira foi pra outra a missão, entendeu? E quando foi depois, aí a irmã Helena voltou, né, foi a irmã Oliveira, foi, foi. E a irmã Oliveira ela explicava muito, gostava muito, foi quem me abriu a minha mente muito foi essa irmã, que ela dizia, "olha, o que é da comunidade é da comunidade, o que é da casa das irmãs é das irmãs". E eu só sei dizer que ela foi e ficou a irmã... Oh, meu Deus, esqueci o nome dela, esqueci o nome dela, essa irmã, que ela não tinha nem escrito os votos perpétuos, a gente foi, Fátima é o nome dela, a gente foi para os votos perpétuos dela e quando ela assumiu, ela continuou na mesma coisa, mas depois a irmã tirou, a irmã, a coordenação lá da congregação tirou a irmã Fátima para, botou em outro canto e deixou a irmã Helena voltar de novo para ficar coordenando a casa e a comunidade, né, tá certo. E quando a irmã Helena voltou, e aí depois foi só em 2000, quando a irmã Helena voltou foi o tempo que para, 2011, padre, padre Rosivaldo assumiu em 2012. E quando o padre Rosivaldo assumiu a comunidade e queria que justamente tivesse essa prestação de conta que a irmã Fátima fazia e as outras comunidades todinhas, mas só que a irmã Helena queria prestar conta assim que eu assinasse aquela prestação de conta sem ela fazer a reunião e sem prestar conta, que na reunião parece que entrou tanto de dízimo, tanto de oferta, tanto de doação, gastou o que? Gastou isso, gastou aquilo, o que sobrou, o, o tudo

isso, e ele fez um formulário e disse para botar todas as comunidades, só que a irmã Helena não quis fazer essa reunião, só queria que eu assinasse todo mês, e Rosana entrou também, como a outra, era três pessoas, uma irmã freira e duas leigos, era a irmã, eu e Rosana, e a irmã não queria, queria somente, "vê, bota o nome aqui, bota o nome aqui", eu ainda votei umas duas vezes, mas aí eu fui para o CPP, não tem, e o padre Rosivaldo falou assim, "olhe, você é de comunidade, se você assinar aquele papel, você está dizendo que está sendo, acontecendo aquilo, tá certo", isso ficou aquilo, eu digo, isso não está certo, não, eu disse, "irmã Helena, a senhora tem que fazer a reunião, porque a irmã Fátima fazia, a irmã Oliveira fazia, e as duas", "deixa de ser besta, é um tico de dinheiro", ela falou zangada comigo, né, eu dizia, "pois, eu não assino mais não", fui a padre Rosivaldo e disse, eu não vou assinar mais não, e disse a Rosana, não assine mais não, que o padre Rosivaldo disse que tem que ser assim, entendeu? E por conta disso, aí justamente, a irmã, eu... uma pessoa disse pra mim, porque disse "aquela nega besta, quer que faça a reunião", não se, comentou com outra pessoa da comunidade e essa pessoa me disse, entendeu? Quer dizer, que ela achava, acho que é porque justamente na comunidade ninguém nunca se dedicou assim a fazer acho que, tudo que, até dinheiro pra pagar, e eu não trabalhava voluntária, quer dizer, acho que talvez ela pensou assim, vai fazer tudo que eu quero, assinar, mas só que ela não imaginou que Deus ia me dar essa voragem de dizer não, de não aceitar fazer as coisas do jeito que ela queria, que estava errado. Isso foi uma decepção tão grande pra mim, porque assim a irmã tinha um grupo de oração na comunidade e a irmã falava bem, "olhe, uma pessoa tem que dizer verdade, que a (dádiva), a (dádiva)", ela disse. Isso foi uma decepção terrível pra mim, porque você, se você não conhece a pessoa, né, se você vai participar de uma pregação, a pessoa pode até não fazer o que está dizendo ali, mas se você não sabe, tudo bem, mas quando você sabe que a pessoa está fazendo errado e prega aquela verdade e não faz, é terrível. Eu fiquei muito decepcionada, foi, fiquei decepcionada com isso, aí foi quando justamente começou a mudança, que o padre Rosivaldo disse, então, peguei dei um tempo, dei um tempo. E quando foi depois, ele disse assim, marcou uma reunião na comunidade com as irmãs e com os leigos, "eu quero que os leigos tome conta da comunidade, pronto, aí começou a guerra. A irmã, "não, porque fui eu", foi ela que fundou ali mesmo, né, e, e, e disse, como é que foi, esqueci o nome, "Padre Paulo Antônio disse que eu tomasse", "mas o padre Paulo Antônio não está aqui mais, irmã". Ela ficou zangada, a irmã Helena, e foi perguntar sobre o padre Rosivaldo ao bispo, que ele tinha dito que ia fechar aquela coisinha de lá, que não queria mais as irmãs", olhe foi um... eu sofri tanto que você não sabe. Eu fiquei quase careca, porque eu fiquei com insônia, meu Deus, eu fiquei... eu fiquei me sentindo culpada daquilo tudinho que foi virando a situação, mas eu não podia assinar uma mentira todo mês podia? Não. Ou ficava do lado da verdade de Deus, que é você ter que ser verdadeira, ou ficava do lado da irmã Helena, feito ela dizia que mentira é coisa do inimigo, então ela tava fazendo a vontade do inimigo, querer que a gente assinasse uma coisa sem ser, entendeu? Aí foi justamente quando foi começando essa mudança na comunidade que terminou, como é que se diz, o pessoal, o padre foi, porque ele é quem manda, a capela pertence à taró, a casa das irmãs pertence à congregação, entendeu, e quando foi depois disso, o padre foi, mandou fazer, a, a, a como é que se diz, fez a votação e o pessoal por mim, foi e votaram em mim, e quando foi depois uma pessoa disse, é, disse a mim que as irmãs disseram assim, aí eu marquei uma reunião, do jeito que as irmãs marcavam, eu digo, a gente tem que se reunir pra ver o dízimo, ver o que ficou, a tesouraria, ver quanto tem de troco que era pra juntar o dinheiro que o padre Rosivaldo disse pra fazer a capela. E então eu marquei uma reunião a Ana, que era a tesoureira, ela já faleceu, a gente tem que se reunir, o padre disse, a gente tem que se reunir todo mês. Aí eu sei que a irmã Helena ligou pra Ana, e Ana disse, "não, irmã", não sei se, foi chamar ela, não sei pra quê, ela disse "não posso ir, não posso não,

que Bia marcou a reunião", "e você vai pra reunião com aquela nega besta?", ela disse mesmo assim, de mim a Ana, mas Ana não me dizia, já quem foi que dizia foi outra criatura que veio, quer dizer que ela achou muito mal empregado que, porque o pessoal me botou na coordenação eu, uma negra, quer dizer que ela era racista, né, irmã Helena, era não, é, que ela não morreu, você tá me entendendo, racista ela. Aí eu disse assim, aí eu disse, quando a pessoa disse a mim, mas meu Deus do céu, mas olha, aí eu disse assim, Jesus, eu

ILZE: Bianca, como é que a senhora percebe essa questão do racismo dentro da igreja?

BIANCA: Eu acho isso um absurdo, né, eu acho isso um absurdo, porque a palavra de quem mais, se dá, mas se é exigida. Se, se, como é que se diz, se você lê a palavra de Deus, sabe que todos são filhos de Deus, sem exceção, né? O pecador pode ser errado como for, mas não deixa de ser filho de Deus, não é verdade? E que a pessoa tem que mudar pra fazer a vontade de Deus, mas não deixa de ser, e Deus, ele tá sempre ali, disposto a acolher, a perdoar todos, Ele, Deus não é racista. Eu acho isso um absurdo, um absurdo mesmo, mas tem muito racista mesmo, existe isso mesmo, esse racismo, aí é assim. Eu só sei que é desse jeito, eu sei, que nunca ela veio, como é, dizer, mas quer dizer, já falou a outros, né, ela não veio nunca assim na minha frente, dizer assim "nega, besta, não sei o quê", mas disse, quer dizer que não era pra o pessoal é... se reunir comigo, porque justamente eu fiquei na coordenação, quer dizer que ela achou mal empregado, que não ia valer de nada, né? Ela, ela... pra ela, ela achava isso, e ela é quem podia sempre ficar, porque... mas Deus colocou, fez a obra dele e mudou a situação.

ILZE: Nesses anos, essas histórias todas. Aí a senhora diz, a senhora foi dizendo, eu não sei me comunicar, né? Eu sou tímida...

Bianca: Mas é assim, falando com a pessoa que eu já... mas pra chegar ali no microfone e falar, você pode ver, eu posso até, mas só Deus sabe como é que eu tô dentro de mim, se eu tiver que chegar ali e tá falando essas coisas. E eu sou muito chorona, já começo logo a chorar e por isso nem gosto muito dessa coisa.

ILZE: E hoje a senhora ainda se acha tímida? Ainda acha que não sabe se comunicar?

BIANCA: Acho um pouco ainda, não me libertei ainda desse pensamento.

ILZE: Fale mais sobre esse pensamento.

BIANCA: Não me libertei ainda não de, de, de pensar que eu sou tímida, você pode ver que pouco eu... pode ver, o negócio de Verônica, tu mesmo resolve aí, eu trabalho mais nos bastidores, né, aí isso aí eu... entendeu, eu me sinto melhor do que tá ali, terere, terere, terere, nem, antigamente eu ainda fazia a leitura, hoje em dia nem, hoje em dia tem é gente pra fazer leitura, eu nem vou.

ILZE: Depois com essa experiência da irmã Helena, a senhora disse: Deus não é racista.

BIANCA: Não é não.

ILZE: A senhora fala muito bonito isso, né? Deus não é racista.

BIANCA: É não.

ILZE: Fale mais sobre isso.

BIANCA: Porque Ele não é, Ele nem é racista, Ele como é que se diz, mesmo a pessoa no pecado lá embaixo, Deus tá sempre amando aquele pecador, né? Agora você precisa, é claro, mudar pra fazer a vontade Dele, pra poder justamente você alcançar a salvação, fazer a vontade de Deus, isso que Ele quer, mas Ele tá sempre amando o pecador, o pecador e Ele vai ser racista de, de nada, não foi Ele que criou, não é criação dele, não foi Ele que criou a pessoa negra, o branco, né, foi Ele que criou. Então Ele não pode tá, de jeito nenhum, não pode, eu creio que Ele não é assim, desse jeito. Todos nós somos filhos deles.

ILZE: Como é que a senhora vê essa questão das religiões não cristãs? Como é que a senhora percebe as religiões não cristãs?

BIANCA: É o que? A religião...

ILZE: O candomblé...

BIANCA: Isso aí eu não...

ILZE: Como é que a senhora percebe essas outras religiões?

BIANCA: Eu acho assim... Aa pessoas, a gente vê logo, né? Que o pessoal já fica falando outras coisas, eu, graças a Deus, pelo menos, não tenho muito... amizade com gente desses negócios, não. A minha... quer dizer... as minhas amigas são mais com gente católica ou senão, da igreja protestante, que a gente chama, né? Eu, pelo menos, mesmo, essas minhas, essas minhas duas irmãs que moram... elas moram em São Lourenço, as minhas sobrinhas... é tudo da evangélica, né, da igreja protestante, elas são evangélicas, elas são dessa igreja nova de paz, mas a gente se dá bem. A minha sobrinha se casou lá, eu fui pro casamento, tá entendendo? A gente se dá super bem. A minha, minha, o meu filho se casou aí, foi, foi casar, né, ele casou em Beberibe, foi, no casamento comunitário, elas vieram... A gente não tem esse negócio de... não, entendeu? A gente não tem esse negócio de... não, elas servem ao senhor lá na igreja, né, que elas escolheram, e eu sirvo na minha, a gente se dá bem, graças a Deus, e também tem gente que eu conheço que são evangélicos, e... Agora, eu acho um absurdo que eles entre, entre eles mesmos, são uma divisão muito grande, a igreja, igreja tal, igreja tal, parece que cada igreja tem um Deus, irmã fulaninha faz... Eu digo, porque uma vez, já faz tempo, eu vinha subindo ali e tinha dois irmãs conversando, aí vinha outra, ela até morreu, morava ali embaixo, ela vinha junto de mim, quando chegou junto das duas, "paz do senhor para fulaninha que faz parte da minha igreja", e a outra não deu paz do senhor, e pra mim também não, mas será possível que Deus só dá... ela é dessa igreja aí, a Assembleia de Deus, essa daí, tá até em reforma. E Deus só escolhe igreja? Se Ele é pai de todos, foi Ele que criou tudo. O ser humano é que fica correndo essas divisões todas. Achando que é Deus, Deus do Espírito Santo, de Jesus, que Deus só está na igreja dele, só está na minha igreja, e não é verdade, isso é uma máxima absurda. Eu dou graças a Deus que, pelo menos, eu com essas minhas irmãs, a gente se dá muito bem, eu vou pego o telefone pra gente conversar que só, Graças a Deus, elas são evangélicas. E eu digo, aí quando perguntam assim, "a senhora é evangélica", sou da Igreja Católica Apostólica Romana, a primeira, fundada na pessoa de Pedro. Não digo assim, eu não sou crente, eu sou crente se eu não sou ateu, essa tem essa senhora aqui, ela faz, "Bianca, a senhora fala que só uma crente", olhe, uma vez eu disse a ela, nunca mais a senhora diga que eu sou, que eu pareço ser uma crente, porque eu não sou ateu, não. Pegue seu filho, mande ele procurar no dicionário o significado da palavra ateu, ateu pra quem não crê, quem crê é crente, não é igreja que é crente só daquela igreja, quem crê é crente. Nunca mais diga isso, viu, eu disse a ela, é, você não crê em Deus, não? Creio, então você é crente, ateu é aquele que não crê, não acredita que Deus existe, que foi ele que

criou as coisas, entendeu? É assim, e quando perguntam, eu sou crente da Igreja Católica Apostólica Romana, a primeira, fundada na pessoa de Pedro, eu digo mesmo assim.

ILZE: E hoje? A senhora acha que é mais fácil hoje, como pessoa negra, fazer parte da igreja, ou era mais fácil antigamente?

BIANCA: Eu acho que hoje é mais fácil.

ILZE: Fale mais um pouquinho.

BIANCA: Eu acho que sim, que é mais fácil, porque as coisas hoje estão mais, as pessoas estão mais informadas, ainda agora tem essas leis, né? As pessoas sabem que tem essas leis, contra o racismo, né? Pode até abrir processo, essas coisas, eu acho que tá, é melhor. O tempo tá melhor.

ILZE: E hoje, na nossa paróquia, a senhora acha que é mais fácil como mulher negra hoje fazer, ou a senhora ainda encontra dificuldades?

BIANCA: Eu, pelo menos, pelo menos, assim, a minha vida na igreja é a comunidade, aqui. Beberibe eu quase não tô indo, porque assim, já tem a missa aqui e às vezes eu digo, já tô, já participei aqui, às vezes, em dia de domingo, eu vou participar da missa aqui no Alto, na Igreja São Sebastião, por quê, porque pra Beberibe eu tenho que descer, pegar o ônibus, andar um pedaço, e aqui não, depois da minha casa, quatro casas ali, tem um bequinho ali, aí vem aqui, aqui atrás da minha casa em cima tem outra casa que já tem uma ruazinha, a Rua da Juventude, já sai no Alto, aí eu nem subo, nem desço mais. A missa lá é de oito horas da manhã, é padre... ele é tão legal esse padre, ele já foi daí e foi embora, esqueci o nome dele, entendeu? Aí eu vou pra missa lá dia de domingo, todo, tem adoração antes da missa, a adoração começa às sete horas, oito horas, depois da adoração tem a missa, aí eu vou participar. Outro dia eu ri tanto, que eu fui, e quando eu vejo o padre, ele fala comigo tudo, aí antes da semana santa, eu me encontrei com ele, "oh, senhora!", ele sentiu a minha falta, eu ri tanto, ele disse assim, "a senhora nunca mais apareceu, eu senti sua falta", ele disse, é, eu disse é, na verdade, nunca mais eu fui mesmo, não, ele disse assim, apareça, viu? Aí me deu um abraço, eu digo, pronto, o padre já que ia fazer uma paróquia de São Sebastião.

ILZE: Que história bonita, Bianca, que história bonita.

BIANCA: Aí eu gosto disso.

ILZE: Graças a Deus, que a senhora está junto conosco.

BIANCA: E vocês com a gente, viu? Toda vez eu falo..., o (resultado) fez diferença na nossa comunidade, eu já disse isso.

ILZE: E agradeço de novo, viu? E perguntar a senhora se eu precisar, caso voltar, para conversar mais um pouquinho com a senhora, se eu precisar...

BIANCA: Pode! Pode sim

ILZE: Eu posso marcar com a senhora, aí eu ligo, lhe aperreio.

BIANCA: Eu tenho tempo do mundo.

ILZE: Obrigada, viu, Bianca. Deixa eu salvar aqui.

Transcrição da Entrevista com Edson

ILZE: Eu vou pedir que tu inicies se apresentando, né? E aí, a partir dessa apresentação, tu falas um pouquinho sobre tua relação com a tua família.

EDSON: Meu nome é Edson, na verdade, meu nome é José Edson Simão da Hora Júnior. É, José, porque eu nasci de sete meses, nasci laçado, né, com o cordão umbilical no pescoço e tal, e aí, o pessoal tem essa tradição, né, criança nasceu laçado e tal, colocar o nome ou de José ou de Maria e rezar pra nossa cidade dos nós, né, pra desatar o nó. Tenho 31 anos, tenho 31 anos... deu errado?

ILZE: Não, deu certo.

EDSON: Tenho 31 anos, é... sou o filho... sou o segundo filho, né, o filho do meio, minha mãe teve três filhos, minha irmã mais velha, eu do meio, meu irmão mais novo. Família pobre, carente, humilde, que vai se, buscando... como é que eu posso dizer, se enquadrar dentro dos critérios da sociedade, e assim por diante. Sou, atualmente, eu sou técnico em segurança do trabalho, né, formado, minha primeira formação que eu costumo dizer que é o meu, o, o primeiro amor da minha vida. É uma área que eu gosto, né, a princípio eu não queria, mas aí entrei pra segurança do trabalho e tô aí há sete anos quase nessa, nessa trajetória, né, trabalhando e ajudando tanto as empresas quanto os colaboradores. Graduado em serviço social pela faculdade UNIP, Universidade de Paulista, não atuo na área, não quero, eu entrei e estudei serviço social mais pelo conhecimento, né, pra agregar conhecimento, poder ajudar pessoas no que eu pudesse em relação à questão de informação. As pessoas estão muito desinformadas sobre seus deveres e direitos na sociedade. Aí, a minha intenção seria adquirir conhecimento para repassar o conhecimento de mundo para os outros. É...

ILZE: Fala um pouquinho mais dessa tua relação com teu pai.

EDSON: Veja só, não tenho uma relação próxima e nem amigável com meu pai, apesar de ser sempre, é, os três filhos sempre nasceram juntos, né? Assim, a minha mãe, somos filhos do mesmo pai e da mesma mãe, né, mas aí nenhum dos três tem essa relação tão próxima e amigável com meu pai. Ele... como é que eu posso dizer, é uma pessoa muito... é, hoje eu, eu, eu amo meu pai, mas aí não tenho e não, e também não quero ter e nem desejo ter uma relação de proximidade grande com ele, né, por ser uma pessoa totalmente ignorante por conhecimento, também por jeito de fala, por jeito de ser e de tratar o outro, né? Foi uma pessoa que... cumpriu com seus deveres legais de, é, é, criar os filhos até os 18, 18 anos e tal, nunca deixou falta comida na mesa, roupa, bebida, alimentação, essas coisas todas, mas uma pessoa que se sente a cocada, a última cocada, né, a última bolacha do pacote, que gosta de humilhar as pessoas. É uma pessoa que, sabe aquela pessoa que não tem nada, mas se acha o tudo e que tem tudo e que vive escorado no outro, essa é a, a, a descrição da pessoa. Sempre fui humilhado, tanto eu como meus dois irmãos, né, sempre fomos humilhados por ele, é, é, é... agressivo, tanto verbalmente quanto também fisicamente. É... é também agressivo, não só, era também agressivo não só com a gente, eu falo era porque a gente morava junto, mas ele ainda é vivo e mora com minha mãe, mas é, é, agressivo não só com a gente, mas também com a própria mãe dele, com os irmãos. Há relatos de que ele, quando minha tia era viva, na adolescência, com o crescimento e tal, por ele ser o filho mais velho, né, ele humilhava e batia muito na minha tia, minha tia hoje é falecida, acho que faz uns 12 anos. E isso não me, me agrada muito, isso me dá uma, uma, como é que eu posso dizer, um, um nojo grande da pessoa, né, das atitudes da pessoa, por saber que isso tudo acontece, acontecia. Você tocou

um assunto, como é a relação com teu pai, isso me deu um, um, um susto, né, porque são coisas que eu particularmente não gosto muito de falar, de tocar no assunto. Quero ele lá, quero que ele fique bem, que ele seja bem, que ele seja feliz e eu cá no meu canto, pronto, mas eu tenho respeito por ele por ser meu pai.

ILZE: Fala um pouco da tua relação com tua mãe.

EDSON: Minha mãe é maravilhosa, é maravilhosa, muito tranquila, o que eu sou hoje de um poço de calma, de tranquilidade, é reflexo dela, da minha mãe. É uma pessoa muito amorosa, muito na dela, sempre disposta a, a ajudar, tá sempre disponível a querer, estar de mãos dadas com o outro, pra querer ajudar, então, o que ela puder fazer pra ver tanto os filhos, como as irmãs, como as pessoas que vivem ao seu redor felizes, ela tá disposta a fazer. É uma pessoa alegre, animada, né, sempre tive uma relação muito boa com minha mãe, tanto eu como com meus irmãos, né, por não ter uma relação boa com o pai, aí a gente acaba virando mais pro lado materno. E sempre tive, em absolutamente tudo que eu vá fazer ou venha a fazer, sempre tive o apoio, tanto dela como da minha família, de modo, de modo geral, minha família em si, que eu falo das minhas tias, dos meus irmãos, dos meus primos, nós somos muito unidos, sabe? Toda família tem seus altos e baixos, suas discussões, suas brigas, etc e tal, mas aí, no final das contas, a unidade, ela sempre prevalece, porque a gente tá sempre junto, em todos os momentos.

ILZE: Edson, você coloca lá a tua trajetória na igreja, né? E aí, é, eu te pergunto, como é essa trajetória também religiosa, essa questão da religião, como é que ela perpassa a tua família?

EDSON: É engraçado, porque minha família não tem nenhuma prática religiosa, né, se dizem católicos, né, foram batizados, se dizem católicos, mas não são aquelas pessoas que vai à missa, que reza um terço, que frequenta, de fato. Aquela família que vai à missa de sétimo dia, um batizado, a primeira comunhão, esporadicamente. Então, a gente começa, tanto eu como meus irmãos, né, a gente começa frequentando a igreja evangélica, por ter uma igreja congregação, Igreja Evangélica Congregacional perto da praça, que tem no, lá perto do terminal Santa Teresinha, não sei se tu conheces, né, por ali. Então, a gente ia muito, as escolas dominicais, era maravilhoso, eu gostava muito, meus irmãos, isso quando a gente era criança, né, mas aí, com oito pra nove anos de idade, a gente conhece Dona Luciana, que foi muito atuante na igreja e tal, e é, hoje ela é dos leitores, não sei se ainda é ministra da comunhão. Mas aí, ela começa a levar a gente para a igreja, então, ela passava, levava todas as crianças do beco, que a gente morava, tudo para a igreja, para a Legião de Maria, uma vez por semana, né, o grupo jovem da Legião de Maria. Então, foi a partir daí que a minha trajetória religiosa, ela começou, né, começou, a princípio, com a oração do terço, normalmente, ah, eu conheci Jesus, né, mas aí, eu conheci Nossa Senhora primeiro e para depois conheci Jesus, né, porque foi através do terço e da oração da Legião de Maria, daí, eu passei 18 anos na Legião de Maria, ia toda semana, ocupando alguns cargos de liderança dentro da própria Legião de Maria. Mas minha família em si, minha mãe, meu pai, minhas tias, não tem uma prática religiosa, de tá indo a igreja, de tá indo a missa, de tá indo no meu culto, nada disso. É aquela pessoa que, ah, fulano me convidou para um culto na igreja, ah, a gente vai, eu vou, ah, é a missa de sétimo dia de fulano, a gente vai, vai ter um toque no terreiro de macumba, tá, a gente vai, é, minha família é assim. Me chamaram, me convidaram, eu, eu sou católico, né, mas Ilze é muito minha amiga, mas Ilze é do terreiro, "Edson, vai ter uma festividade no meu terreiro, gostaria de te convidar para ir lá, prestigiar o momento e tal, você vai?" Certo, eu vou, não porque eu goste, não porque, como eu posso dizer, não porque eu gosto e quero estar no meio, mas por consideração e respeito a você.

ILZE: O que é que tu chamarias de preconceito religioso?

EDSON: É olhar pra Ilze, saber que Ilze é protestante e eu não poder me sentar com ela e conversar com ela e discutir com ela sobre religião ou falar sobre Deus. É olhar pra Ilze que é evangélica, de ladinho assim e não querer amizade. É olhar pra Ilze e ver que Ilze é de terreiro de Macumba, faz trabalho de Macumba e não ter uma amizade com ela, isso pra mim é um preconceito grande, muito grande. E isso me entristece muito porque eu acho que não era isso que Jesus queria, não é isso que ele quer, ele quer que todos nós sejamos uns, eu acredito que seja esse o desejo dele. Mas aí a gente tá fazendo tudo ao contrário do que ele fez, e isso, infelizmente, é uma pena, é uma pena muito grande. A gente passa na rua, vê tanta gente, é, em vulnerabilidade social, sem moradia, sem comida, tendo que dormir na rua, sem casa, sem dinheiro, sem emprego, e a gente trata como se... a gente vê isso como se não existisse. Pouquíssimos políticos são pretos, pouquíssimos políticos são negros, pouquíssimos melhores advogados e melhores juízes são negros, são pretos.

ILZE: Edson... quer acrescentar?

EDSON: Eu... é, falar, assim, de cor, de igreja, religião, essas coisas todas, né? Há muito tempo atrás eu me perguntava por que na igreja não tem padre preto, são poucos, vocês devem ter observado isso, por que na história da igreja a gente nunca teve um papa preto? São essas coisas que às vezes me dão um tilte na memória, sabe, será que a gente tá fazendo a coisa certa? Onde é que a gente tá errando? Qual o caminho correto? Conheço alguns padres que são pretos, são poucos, são poucos. A gente vai no interior de Macumba, a gente encontra várias pessoas negras, várias pessoas pretas, tem branco, também tem, mas o número de pessoas pretas é maior. A gente olha hoje pra um gay, homossexual e já acha que ele é... pra uma pessoa preta, um homem, por exemplo, que participa de um terreno de Macumba, a gente acha que ele é gay, né, que não trabalha e que vive lá dentro, socado lá dentro e tal, e eu fico me perguntando... onde é que a gente tá querendo chegar com esse... com esse boom de, de, de preconceito, com esse boom de olhar pra sociedade e, e dizer que é preto, preto nasceu pra servir o outro, pra estar se humilhando pro outro. Depois a gente olha pra história, a gente vê o quanto o negro sofreu, né? Eu tava lendo esses dias uma história no Recife Ordinário sobre um hotel de luxo que tinha em Boa Viagem, se eu não tô enganado, e que tudo era representado sobre é, a, a... deixa eu ver se eu lembro aqui, mas foi esses dias, foi recente. Eram pessoas negras, representavam, faziam uma lembrança dos escravos da época que serviam e tudo, você não sabe o quanto isso me doeu, e o mais interessante é que na época todos os jornais, inclusive o Diário do Pernambuco, enaltecia a pessoa que teve aquela ideia que criou e que era bom e tal.

ILZE: Eles simulavam assim no período da escravidão, né? Só tinha pessoas pretas servindo,

EDSON: Isso, pessoas pretas servindo, comidas regionais e ta, meu Deus! A gente foi de cem a zero, nisso aí, Recife foi de cem a zero em questão de instantes.

ILZE: Quando é que Edson se descobre negro?

EDSON: Quando eu me descobri preto... eu acho que eu me descobri, de fato, preto na faculdade, onde, na sala de aula, 90% das mulheres eram pretas, trabalhadoras, mãe solo, trabalhava o dia todo e a noite tinha que estudar. Eu era o único homem da sala de aula, era tudo mulher, é, tenho um carinho muito grande por todas elas e elas por mim. E eu disse, não posso me considerar pardo e nem branco em uma sala de aula, a maioria são pretas, né, é com elas que eu vou me unir, é com elas que eu vou tomar posse da minha identidade racial.

Aquele pardo, pra mim, é só questão de papel, de oficialmente estar lá pardo, mas o que vale é o que eu me considero hoje, qual a cor que eu tenho, qual a raça que eu tenho. Então eu sou negro, ah, mas tá muito claro, não sei o que, mas minha mãe é clarinha, meu pai é preto, mas eu me considero preto, sou negro. E quero que o negro tenha o seu lugar na sociedade, que tenha melhoria de vida, qualidade de vida, e... cresça também na sociedade, que possa também ocupar vários lugares que os brancos ocupam.

ILZE: Pessoa preta católico, que vive...

EDSON: Preto, pobre, católico, gay.

ILZE: Que vive... é... termine de narrar as suas identidades.

EDSON: Gay, trabalhador, honesto, que luto todo dia pra ter dignidade, levar dignidade pra minha família. Eu não admito que minha família seja lesada por alguém por não ter conhecimento, não admito, não admito que alguém chegue e humilhe uma pessoa preta, pobre, que luta todos os dias, que levanta cedo, pega ônibus e vai trabalhar, que passa o dia trabalhando. Eu quero dignidade, pra mim e pros meus.

ILZE: E nessas identidades todas, está Edson na igreja. O que são, Edson, todas essas identidades e ao mesmo tempo católico... atuante?

EDSON: Hoje não tão atuando até assim, né, hoje eu sou o Edson que vai às missas. Você me conhece, você sabe que eu sempre fui muito atuante na igreja, desde muito tempo, sempre tive o perfil de liderança, de liderar alguma coisa, de estar à frente, de arrumar aqui e arrumar ali pra que as coisas deem certo. É, me vejo no lugar, pra mim, adequado, como preto, como pessoa preta, que vai, muitas vezes, até em busca de um refúgio, de um refúgio, de um local onde eu sei que tem alguém lá, uma pessoa lá que não vai me julgar com um olhar. Eu passei por alguns anos atrás, eu tive uma depressão, uma ansiedade muito forte que me gerou uma depressão... quando, é, é, minha, a questão da homossexualidade foi aberta para todo mundo, eu fui muito julgado pelo olhar e apontado pelo olhar de muita gente. Então isso me gerou um transtorno mental, psicológico muito, mas muito grande, e você não tem noção... você não tem noção. Eu cresci entendendo que a igreja era para todos, e o próprio Papa Francisco, um dia desse, falou que a igreja tem que estar de portas abertas, pra acolher todo mundo, independente da raça, da sexualidade, da condição financeira, e isso me gerou um transtorno psicológico muito grande. Tive depressão em relação a isso, né, porque fui julgado com olhares, com palavras e com apontamento de dedo, por pessoas que se sentem grandes por ocupar cargos de liderança, de coordenação e assim por diante. Isso não é bom, isso não é bom, "ah, é só porque fulano é gay, fulano não pode participar de um grupo, ser coordenador de um grupo, algo do tipo?" Será que é isso? "Ah, mas tu eras coordenador, tu era isso e outro aquilo da, igreja, aquela coisa toda e do nada tu aparece como gay e tal", sim, e o que é que isso vai influenciar na sua vida? Isso tá lhe ferindo em quê? Vai ajudar você em quê? O que me ajudou muito a me recuperar e dar a volta por cima na questão da depressão, e do controle da ansiedade, que é uma coisa que não sei se posso dizer que não tem cura, porque eu não tenho conhecimento, mas é uma coisa que você consegue controlar. Hoje eu consigo controlar a minha ansiedade, depressão eu não tenho mais, mas se um dia eu não conseguir controlar a minha ansiedade, ela vai virar novamente uma depressão, e coisas piores podem acontecer, infelizmente. E a igreja em si, a ida às missas, as orações, as conversas... Deixa-me atender, pode ser da empresa... Alô? Não, quem tá falando? Oi, querida. Deixa eu... oi. Não, eu tô, tô em casa, é que eu tô respondendo uma, uns questionários aqui, aí eu posso ligar daqui a meia hora? Pronto vai. Pensei que era da empresa, mas aí...

É, a oração, as conversas com o próprio padre Rosivaldo, que me acolheu, me abraçaram, sabe, é, foi a primeira pessoa que eu procurei, que eu conversei sobre a questão da homossexualidade, e não tive dele nenhum receio ou olhar preconceituoso, muito pelo contrário, muito pelo contrário. Me acolhia, a gente conversava, ríamos, brincávamos muito, e eu ia na casa paroquial, várias vezes ficava lá conversando e tratando ideias. Uma pessoa que eu tive uma proximidade muito grande, ainda tenho. Ele tá lá no Engenho do Meio, mas de vez em quando eu tô lá, a gente liga e conversa, manda mensagem e tal. E sempre me tratou... como uma pessoa... como os outros costumam dizer, pessoa normal, é... e é isso. E respeito muito as posições da igreja, os ensinamentos da igreja, é, tenho minha fé, eu costumo dizer que minha fé, ela é, não vai se abalar por qualquer picuinha ou por qualquer besteira. Nunca pensei em mudar de igreja, nunca pensei em deixar de ser católico pra ser candomblecista ou ser protestante, nunca, nunca na minha vida. Amo, amo, amo a igreja católica, amo o catecismo da igreja, amo os seus ensinamentos, a história da igreja, a trajetória toda, amo, amo tudo, tudo, tudo. Sou com a igreja, é, eu aprendi uma frase, né, há muito tempo e eu carrego comigo, prefiro errar com a igreja do que acertar sozinho. Então, se a igreja ensina pra ser contra o aborto, sim, Edson é contra o aborto, sim. Primeiro porque... eu amo criança, gosto muito de criança, minha família é cheia de criança, então, jamais eu vou compactuar com esse tipo de coisa. Então, Edson é sim contra o aborto... como pessoa, como católico, como preto, como gay, então eu vou estar ali sempre, sempre, sempre com a igreja, caminhando do lado. A igreja vai errar, vai, a igreja vai acertar, vai, mas eu vou estar ali com a igreja.

ILZE: Nesse amor aí com a igreja, ao mesmo tempo numa relação de conflito...

EDSON: Isso.

ILZE: Podemos dizer isso? Podemos?

EDSON: Há uma relação de amor e ódio, como o povo costuma a falar, mas há uma relação de amor e uma relação conflituosa, sim.

ILZE: Né, quando você começa a falar lá atrás, você diz assim: olha como é isso? A igreja que eu amo, ao mesmo tempo quando eu digo de outra identidade, eu não me sinto acolhido por aqueles que eu acho que iriam me acolher...

EDSON: Isso.

ILZE: Mas tem aquele que é o padre Rosivaldo que me acolhe, outros não, há uma relação de amor que eu tenho pela igreja, eu não deixo, mas ao mesmo tempo tem a minha crítica à igreja, né?

EDSON: Isso.

ILZE: Você foi construindo a sua crítica à igreja. Me conta um pouquinho dessa tua relação com a igreja, porque você coloca que passa por vários pastorais e movimentos. Fala aí.

EDSON: É, só completando, né, a pessoa que... tinha uma pessoa que me acolhia lá, eu esqueci de falar, perdi, acabei entrando em outro assunto, mas a pessoa principal que me acolhia e eu tinha, me sentia amado, sempre me sentia amado, foi a própria pessoa do Jesus Cristo, né? Chegar na igreja, me ajoelhar, fazer a minha reverência, fazer a minha oração, isso pra mim era um acolhimento, eu me sentia abraçado por Jesus, pela pessoa dele, e eu não podia é, é, abrir mão disso, porque eu acho que foi o principal meio de sair de um momento

tão perturbado mentalmente, que era a questão da depressão. Muita gente tem essa questão da depressão e às vezes não procuram a igreja, é, eu falo igreja assim, mas eu falo de um modo geral, seja ela evangélica ou católica, isso vai ajudar muito, acho que a oração, ela, ela fortalece, né? A oração, a proximidade com Jesus, com o que é a igreja comunica com a palavra de Deus, vai fortalecer a gente. As muralhas vão caindo por terra quando a gente reza, tudo pode ser mudado pela força da oração, é bíblico. A minha relação com a igreja, vamos lá, comecei aí, por volta dos 8 aos 9 anos na Legião de Maria. É, depois, faço a primeira comunhão com 10 anos de idade, não tive uma catequese normal como todas as crianças têm aos sábados, a minha catequese foi à noite, porque no sábado não tinha ninguém para vir na catequese. Então eu ia à noite com minha tia e minha irmã, minha tia é muito mais velha que a gente, então nós íamos, minhas duas tias íamos com ela e p da catequese. E acabou que, por estar no meio de uma catequista já idosa, que era Dona Amélia, com pessoas muito maduras, já adultas e tal, a gente meio que foi amadurecendo os pensamentos e o conhecimento, aquilo que a gente aprendia na catequese. E aí, fiz a catequese à noite com 10 anos de idade, e fiz a minha primeira comunhão com Padre Maurício, no domingo de manhã. Aí depois, entro para o grupo de coroinha, fui ser acólito, passei, muito, uns 18 anos, como coroinha da igreja, era a coisa que eu amava fazer, o serviço montal. Eu cresci aos pés de Nossa Senhora da Conceição, minha infância, minha adolescência, minha juventude foi toda dentro da igreja. "Ah, tu se arrependes, porque queria ter vivido mais outras experiências no mundo e tal", não me arrependo de nada do que eu fiz. Entrei na obra de Maria, vivi lá, morei lá por muitos anos, depois saí, não me arrependo de ter entrado na obra de Maria, de ter permanecido lá, e muito mais de ter saído, não me arrependo. Acho que a gente precisa viver momentos e histórias, histórias são para serem vividas e lembradas depois e... passei por isso. Aí volto da obra de Maria e já volto direto para o grupo de acólito, né, volto para ser coroinha novamente, ajudar e assumo a coordenação, vou ser cerimonial da igreja e assim por diante. Aí depois na pastoral da comunicação, na Pascom, coordenador da Pascom, aí coordenador vicarial, quando o (inaudível) se tornou vicariato, coordenador vicarial da pastoral da comunicação. Aí vim ao MESH, que eu tinha uma proximidade, ainda tenho uma proximidade muito grande com o pessoal do MESH, ajudando nas reuniões e tal, EJC, nos encontros, nas formações, nas reuniões, entre tantos outros grupos que a gente tinha uma proximidade, que eu, de certa forma, direta ou indireta, dava minha contribuição naquilo que eu podia. E aí chegou um tempo que eu disse assim, acho que não quero mais servir a igreja em grupos, em movimentos, em pastorais, eu acho que eu quero ter agora uma vida de católico normal, de ir para a missa, participar da missa, porque depois que a gente entra num grupo de coroinha e tal, de tanto estar ali servindo, ajudando, aquilo se torna para alguns uma atmosfera automática, fica tudo no mecanismo, no automático, fazer e, no automático. Na pastoral da liturgia, que eu também era coordenador da liturgia, junto com o Patrícia, a gente por muitas vezes não sabia o que era participar das celebrações da Semana Santa, porque a gente sempre estava por trás, nos bastidores, organizando tudo para que tudo saísse perfeito, que era a ideia, né? E aí, ou a gente participava da missa, ou a gente se preocupava com os momentos da missa, com os bastidores, com a questão de organização, de liderar e estar à frente, para que tudo sai correto. Então chegou um ponto que eu disse, eu quero poder vir para a Semana Santa e participar do (trigo) normal, como católico normal, como cristão normal, lá no meu banquinho, participar, ouvir, prestar atenção, refletir e depois voltar para casa. E graças a Deus isso tem acontecido, acontecido. Nesse ano eu participei de forma muito intensa do (trigo) pascal... foi muito, muito bom. E depois que eu saí dos grupos, dos movimentos, das pastorais, isso me ajudou a, a... a estar aberto agora, eu vou para receber. Eu ia antes como coordenador dos movimentos e tal, para ofertar o que eu tinha para a igreja,

para os outros, pros velhos, pros participantes. Agora eu vou como católico para receber a graça, digamos que eu ia para dar a graça e hoje eu vou para receber.

ILZE: Fala desse movimento. Dessa relação aí com os grupos. Há um grupo, você diz: olha, eu atuava nesse processo e que venho fazendo, à medida que hoje eu mudo o meu pensamento, eu não quero mais estar como liderança. O que é que tu levava de cada um desses movimentos? Seja lá o que você quiser partilhar agora. O que é que fica desses movimentos? Hoje Edson, olhando por outro ângulo, o que é que fica desses movimentos?

EDSON: O conhecimento... aprendi muito... ensinei muito. Hoje eu vou à igreja e existem pessoas, chegam pessoas que dizem, você faz muita falta, aprendi muito com você, me ensinou muito. Eu sempre fui uma pessoa de buscar para repassar, aprendi para repassar com os outros, para ensinar os outros. O conhecimento é uma das coisas que eu carrego comigo, o que eu aprendi, o que eu aprendi. Conheço hoje muitos padres, muitos padres, muitos, muitos mesmos. Encontro no meio da rua, falo, brinco, abraço, e a gente conversa. É, alguns, têm um padre, muito amigo meu, de criança, de infância se tornou padre esse ano, terminado padre esse ano. E aí ele me surpreendeu, tirando dúvidas comigo, em relação ao batizado, à missa, tudo mais, "não, eu vou tirar dúvida contigo porque você sempre foi a pessoa que estava ali à frente e sabia das coisas". E aí eu tirei a ele todas as dúvidas, porque o conhecimento fica, né? O tempo passa, mas o conhecimento, ele, ele fica, e na igreja não tem muito disso de estar renovando os ritos todo ano, fazer alguma coisa diferente no ritual, não muda isso, as, as escritas de missal assim do nada, quer mudar agora, o novo missal romano brasileiro. É, além do conhecimento, o respeito e o carinho de muitos membros, de muitas pessoas, né, que tava comigo, que eu ajudei, que eu ensinei, que tava do meu lado, que eu estava do lado, o conhecimento, o carinho e o respeito de todos eles, carrego isso comigo.

ILZE: Qual o ensinamento que te marca, assim, nesses momentos?

EDSON: O ensinamento em relação a...

ILZE: Ao que você quiser destacar. Você diz assim: eu aprendi muito, ensinei muito, né? E desses ensinamentos, seja lá o que for, o que você acha que aprendeu? Seja qual for o movimento com todos que você diz: eu aprendi isso aqui pra mim.

EDSON: Eu aprendi muito e levo hoje para comigo a questão do, da adoração eucarística, o respeito à rocha consagrada, a veneração. Levo isso comigo, esse aprendizado de que sim, é Jesus, é o corpo e sangue, não é mais pão nem é mais vinho, é o corpo e o sangue de Jesus. Eu fiz uma experiência, é, como eu posso dizer, de presença da pessoa de Jesus, em um encontro de formação de liturgia em Beberibe, que nós organizamos, não sei se eles ainda fazem isso, mas eu, quando tava na coordenação junto com Patrícia, a gente fazia questão de fazer dois encontros no ano, no primeiro semestre e no segundo semestre, e um deles era falar sobre a eucaristia. E aí a gente fez um momento de experiência onde tínhamos três pregações, era pra ser três pregações, a minha seria a segunda, o segundo momento, mas no meu momento não teve nenhuma fala minha. A experiência que eu queria vivenciar e que as pessoas vivenciassem era da presença de Jesus, trazer Jesus para aquele momento. Então nós colocávamos, eu lembro que nós colocávamos uma mesa no meio do salão com duas cadeiras, de frente pro outro, pão, uva e suco de uva. E, cada um ia lá, cada pessoa ia lá naquele momento, a música de fundo tocando, cantando, pra que a gente pudesse sentar-se e pudesse imaginar a outra cadeira, como se o próprio Jesus estivesse ali, como se você estivesse ceando com o Cristo, com o canto da presença dele. Então era um, foi um momento de experiência bem, bem profundo, pessoas assim choravam, sabe, se alegravam, naquele

momento. Então pra mim foi um momento muito importante, de aprendizado sim, de pertença a Cristo, de consciência de que era Cristo na Eucaristia de verdade, no meio de nós. E essa adoração, esse respeito, essa louvação a Jesus Eucarístico, na minha vida vai ser pra sempre.

ILZE: Edson é... vai, massa... tá quase no fim. E aí, tu dizes assim: olha, eu confirmo isso, eu confirmo, hoje eu não quero mais estar na liderança, porque eu quero viver a experiência de ser católico do lado de cá, na plateia, sentar-se nos bastidores. E aí tu dizes assim: tive aprendizados. Ao mesmo tempo você traz essa experiência marcante com Jesus, Jesus divino... Como é que a gente comunga com Jesus, como é que a igreja, você vê a igreja comungar, e essas pastorais todinhas você passou. Se comunga ou não comunga com esse Jesus que você experimentou, experiencia todos os dias na sua vida... olhando para a diversidade.

EDSON: Uma vez perguntaram pra um pastor, Danilo Gentili, naquele programa de noite no SBT, tinha um pastor, e o pastor, e Danilo Gentili perguntava pro pastor assim, "o que você acha que Jesus faria, ou falaria, em questão a homossexualidade, nos tempos de hoje", e o mais interessante foi que o pastor falou assim, "nada... Jesus não ia falar e nem iria fazer nada"... Jesus, na época dele já tinha essas coisas e Jesus não falou nada e nem fez nada, ele só amou.

ILZE: E aí eu pergunto, você olhando pra esses movimentos e essas pastorais, do que você conhece desses movimentos e pastorais, dos ensinamentos que você teve dentro desses movimentos pastorais, do que você conhece da Igreja Católica. Como é que você vê que esses movimentos e pastorais, e a Igreja Católica, não no que era para ser, mas no que é, como é que comunga com esse Jesus?

EDSON: Há uma falha grande... não existe uma comunhão real, em relação a diversidade seja ela qual for... dos grupos, dos movimentos, das pastorais, da própria igreja em si.

ILZE: O que é que tu chamas de falha? Fala mais disso.

EDSON: Nada pode. Não pode. Não pode isso, não pode aquilo. Nada pode. Se a gente vive em um mundo que nada pode, as pessoas se frustram, por não ser o que elas realmente são. Então, a igreja tem falhado nessa questão, em dizer nada pode, não pode, não deve. Se a gente tem um padre ou um bispo que... acolhe uma pessoa na sua diversidade seja ela sexual, ou religiosa, ou social, questão financeira, ele é criticado. Se a gente tem um que não acolhe, da mesma forma vai ser criticado, se acolhendo ou não. Então falta muito ainda o olhar para o próprio Cristo... o que Cristo faria nesse momento. O que Cristo falaria sobre a inclusão social, sobre a questão homossexual, a questão dos moradores de rua, que vivem em vulnerabilidade social, sem moradia, o que Jesus falaria sobre a pessoa preta. Falta muito a personificação do Cristo... nos padres, nos coordenadores dos grupos dos movimentos e pastorais. Falta muito a personificação do Cristo, no próprio cristão, no próprio católico que vai a igreja participar da missa, não adianta a igreja rezar e fazer tudo errado, Fernando bem já cantava isso. Então o que adianta, rezar um terço e condenar aquele que tem uma prática religiosa diferente que a sua.

ILZE: Há espaço para as diversidades?

EDSON: Está faltando muito, está faltando, infelizmente.

ILZE: Como é que tu percebes as religiões não cristãs?

EDSON: As religiões não cristãs... Eu tenho um conhecimento, em muitas delas eu vejo Cristo, sabe? A igreja anglicana, é uma delas. Já participei de um... não sei se é um culto, eu acho que eu posso chamar de culto, não sei se eu posso chamar de missa, mas eu acho que eu posso chamar de culto religioso da igreja anglicana. E vi muito o Cristo, a presença do Cristo, a gente sente, não vê, mas a gente sente.

ILZE: Como é que tu vêes o budismo? Como é que tu vêes o candomblé? Como é que tu vêes as crenças?

EDSON: Eu vejo que tem muitas pessoas muito amáveis, e muito melhores até, do que muitas pessoas católicas que estão com o terço na mão e que vão à missa todos os dias... Conheço muitas pessoas que rezam o rosário todo dia, mas faz mal a outra pessoa... Conheço muitas pessoas sábias que são de terreiro de Macumba, Candomblé... E que tem uma abertura mental muito grande, para o novo, para a diversidade. Eu fico muito triste quando eu olho para uma pessoa que é católica, ou que é evangélica e escutando um coco de roda, acha que é um ponto de Macumba, não liga o coco de roda à cultura pernambucana, a cultura do nosso estado. Existem muitos traços, né, religiosos da matriz africana.

Transcrição da Entrevista com Rosa

ROSA: Eu venho dessa... sou preta, né? Me considero assim, preta e sou preta... e venho dessa história, né? Do subúrbio é... a mulher suburbana, né, que vem do subúrbio com essa história de, de... de mulheres que, abandonada pelo pai... criada apenas pela mãe, né?

Venho de uma família de três irmãos, eu, minha irmã e um filho homem, somos três, né? Hoje todos estão casados, né, e morando em lugares diferentes e... é isso. Eu vim pra Recife em mil novecentos e... noventa e nove... vim pra trabalhar como empregada doméstica, né? E aí, aqui eu... fui... lembrando que não foi fácil, né? Quando eu vim do sertão, o intuito de vir pra cá era justamente porque lá era difícil trabalho com carteira assinada ou um salário mínimo e eu já estava assim... cansada daquele lugar, um lugar pacato, já não há carro, progresso quase nada, já tinha estudado na época, tinha terminado o magistério, tinha apenas promessas, mas assim... exercer mesmo a profissão, acho que eu exerci por volta de um ano e... depois eu fiquei desempregada, mas aí eu trabalhei de empregada doméstica, tanto lá, trabalhei no comércio... e aí o dinheiro era pouco, foi a época que meu pai foi embora, então assim, a situação pesou muito, ficou difícil, e eu tive que me desdobrar, né, para ajudar a manter a casa. Só que como quase ninguém pagava salário na época que eu também fui ensinar era contrato de um, contrato de outro, pegar férias de professor... então era aquela, aquele dinheiro incerto. E aí, minha mãe era... trabalhava às vezes de faxina, lavar roupa (de ganho) ... e aí vendo aquela situação toda, a gente tava em um risco tremendo, várias necessidades... vulnerabilidade muito grande, então surge essa proposta, na época, tava trabalhando em um frigorífico, e aí surgiu essa proposta de uma pessoa que residia na cidade, se eu conhecia alguém pra vir trabalhar em um apartamento aqui no Recife. Então, quando essa pessoa falou que pagava um salário... direitos e tudo mais, então isso me encantou. E aí eu fiquei pensando e eu disse que viria, a pessoa nem acreditou e quando eu disse que vinha, a pessoa até aumentou, ao invés de um salário, disse que pagaria um salário e meio, quer dizer, para a minha realidade era algo tentador... e eu vim embora, né, pra cá é... foi muito difícil, deixei tudo pra trás, mas no íntimo eu já tinha vontade de sair dali, era como se aquele lugar já não... tivesse mais o que me oferecer, sabe, eu já tinha terminado os estudos, uma parte dos estudos e não tinha conseguido nada na área, então, assim, eu vim pra cá e passei quatro anos trabalhando, aí conheci, trabalhava de empregada doméstica, aí conheci um porteiro e aí a gente se tornou amigo, muito próximo e nessa... trajetória entre namoro, eu acho que passei quatro anos e pouco, nisso, eu engravidei... e... foi uma gravidez de alto risco, tive que parar de trabalhar e aí foi quando a gente se mobilizou e achou, terminou indo comprar um terreno e morar aqui, né? Mas justamente, o lugar que a gente conseguiu foi morar em invasão, aqui muita gente chama favela, outros de invasão. Eu chamo de comunidade, né, porque eu venho desse histórico de pequenas comunidades, de subúrbios, é uma realidade bem diferente do sertão, mesmo assim eu considero ainda uma comunidade, sabe? E aí, foi isso, né, tive minha filha, parei de trabalhar, por causa da gravidez que era de alto risco, só meu esposo... até hoje ficou trabalhando, e aí durante essa gestação, eu precisei de muitos cuidados... e também já tinha depressão, não sabia, mas já tinha depressão, e no final da gravidez, eu... tive eclâmpsia... e aí quando quase morria, mas graças a Deus deu tudo certo e no final minha filha nasceu, veio pra casa e eu fiquei hospitalizada, até então eu não sabia, não tinha noção que a situação era tão séria, só depois foi que eu percebi que... os danos causados por, por essa patologia poderia ter acabado com minha vida ou (inaudível) que ficariam sequelas, mas graças a Deus, eu... eu acredito que essas sequelas não ficaram, sabe? E é isso, desde lá, até aqui fiquei hipertensa, tomo medicação, né? Mas é isso. Depois de um certo tempo, depois da, da... que comecei a me recuperar, aí tive acompanhamento

psicológico e nesses acompanhamentos eu fui, foram acontecendo novas é... possibilidades foram se abrindo pra mim, novos caminhos, tive a depressão pós-parto, então assim, foi uma trajetória que ao mesmo tempo que parecia ser o meu fim, mas eu conseguia ver portas se abrindo, eu conseguia ver algo novo, sabe? Eu não levei pra aquele lado, eu estava derrotada, estava acabada, porque a cada etapa que ia me acontecendo, eu acreditava que tinha algo melhor e eu via esse algo melhor... acontecer. Então, me tratando da depressão foi quando eu... já vinha trazendo... a... o sofrimento muito grande, porque estava parada, não trabalhava, sempre dependia do esposo, e aí, surgiu essa... no consultório, né, a possibilidade de trabalhar com vendas, e aí, eu comecei e fui vender pra outra pessoa e eu acredito que dois meses depois, eu comecei a trabalhar pra mim, né? E... dessas vendas, eu... eu galguei, assim, muitos caminhos, sabe, caminhos... conheci muita gente nessa trajetória, muita coisa aconteceu, né? Hoje, ainda sou... os médicos dizem que eu tenho a depressão, mesmo assim eu lido com tudo isso, né? Depois de minha filha já... na adolescência, entrando na adolescência, a vida começou a perder realmente o sentido, e aí, eu disse: o que é que eu vou fazer agora? Ia atrás de trabalho, não conseguia, também me sentia incapacitada, e aí, foi quando, em determinado dia... na terapia, a terapeuta disse, perguntou “o que você gostaria de fazer”... e aí, eu disse: ai, vem tanta coisa na cabeça, mas eu não tenho aquilo plausível que seria, eu disse, a única coisa que eu falei pra ela: eu gosto de gente, eu gosto de estar com gente, eu gosto de cuidar de gente, e aí, ela trouxe a questão “será que não seria enfermagem ou assistência social?” e eu comecei a buscar sobre essas coisas, lembrando que das vendas eu já tinha uma reserva, e foi uma coisa muito, que a gente fez uma... a gente fez um... um teste vocacional, e aí ela disse “você seria uma excelente terapeuta” e aí isso foi, a gente foi andando, eu pensei sobre isso e fui em busca também dessas áreas, e quando menos esperou, já tava assim, já entrei numa faculdade, me inscrevi, fiz o vestibular, passei... E, é isso, hoje, tô aqui, né? Terminei... esse ano que terminou, me formei em psicologia, tô aí aguardando, me preparando ainda pra ver se consigo uma vaga nessa área, né? E é isso, mas como mulher, como pessoa, ultimamente, tô um pouco pra baixo, porque estou desempregada, né? E... me vejo aqui, nessa questão de, de, de... de continuar nessa luta, né? Pra chegar aos meus objetivos que eu acredito que eu ainda não cheguei.

ILZE: Rosa, vou pedir para tu falar mais um pouco sobre essa questão da tua experiência aqui em Recife e esse tornar-se mãe, nessa situação ao mesmo tempo de se descobrir nessa condição de depressão, né? Como é que você foi lidando com isso, com essa situação... veio mais alguém contigo para cá?

ROSA: Não, não... Eu acho muito interessante fazer um resgate dessa história, porque quando eu falei para a minha mãe, lembrando que eu venho de uma família, assim, de muitos conflitos, conflitos realmente psicológicos e tudo mais, muitas... perdas, abandono... e aí quando eu decido vir pra cá, minha mãe... ela pira, né? Ela ficou completamente... Como é que você vai para um lugar onde você não conhece ninguém, você não tem ninguém? Mas eu disse eu vou, eu vou porque eu queria conhecer algo novo, eu queria viver algo novo, sabe? E eu sentia que eu precisava sair daquele ambiente, ambiente familiar... o próprio lugar que eu residia. Então assim, eu sentia essa necessidade de sair e aí eu saí, eu imaginava, pensei sempre aquela frase que bom filho à casa torna, se não der certo, eu retorno, mas aí as coisas foram se configurando de outra maneira, e... foi isso. Eu cheguei aqui, não foi fácil, porque quando eu vim eu não tinha amigas e eu não tinha amigas e durante esse período, eu passei quatro anos em um apartamento e assim, eu vivia confinada, eu não saía, era de... De segunda a domingo trabalhando, sabe? E me disseram que era para cuidar... duas, dois adolescentes, duas crianças que estavam entrando na adolescência, e depois a gente percebe

que era tudo balela, sabe? Apartamento superlotado, muitas exigências... A única coisa que era certa era o salário, por fim não assinaram carteira, então assim, chegou um tempo que eu me sentia completamente presa. O único lugar que eu me refugiava, e isso foi o que me ajudou, foi a Igreja. Tinha uma Igreja bem próxima, né? Ao, ao condomínio e era o lugar pra onde eu saía, até... nesse período, assim, conheci algumas pessoas, mas eu ia observando o comportamento, o jeito de ser... me convidavam pra sair, depois eu percebia que aquela... forma de viver não... não era compatível com o que eu pensava, com o que eu queria pra mim, sabe? E às vezes eu pensava, poxa, eu vim de tão longe pra tentar mudar uma situação que já não era fácil, então assim, se envolver em certas situações que eu ia percebendo, sabe? ... Eu... comecei a ter consciência que não era o melhor pra mim. Eu disse: não é isso que eu acredito, não é isso que eu quero pra mim.

ILZE: Tu já eras católica, Rosa?

ROSA: Já era

ILZE: Quando saiu de lá

ROSA: Sim. Já era católica

ILZE: Como é essa questão da religião na tua família?

ROSA: É, é...

ILZE: Tu já eras católica desde pequenininha, quem é que te levou...

ROSA: Sim... não. Eu não tenho nenhuma recordação assim de, de parentes meus que ia assim pra Igreja. Minha mãe quando... na infância, eu, eu lembro que minha mãe ia pro Candomblé. Ia pro Candomblé, tinha lá a ... as participações dela e às vezes ela me levava. Agora, eu aos sete anos, eu me aproximei de uma capela que tinha lá na comunidade e eu fui ficando, sabe? Eu fui ficando, aí eu disse pra minha mãe que eu queria fazer primeira eucaristia, e aí eu fui me aproximando de padres e freiras, e assim, como a gente era muito, muito humilde, então eles começaram, assim, as freiras frequentar minha casa e tudo mais. Então, fui gostando daquilo. Minha mãe não queria, e na época também começou... é... a fre... é... tinha um... uma... um pessoal que era da Igreja protestante que frequentava as casa e eu fiz um estudo que eu quase, segundo eles, terminasse aquele estudo, aí eu me batizava, só que na época... eles iam lá em casa, eles ajudavam, davam suporte em algumas coisas, mas eu fiz a formação todinha e quando terminou eu percebi que não era o que eu queria, eu gostava mesmo era da Igreja católica, sabe? Eu... e eu não lembro de alguém que chegou...

ILZE: Quem era eles?

ROSA: Eu acredito que era Testemunha de Jeová, nessa época. E aí, eu... eles até davam muito suporte, eu me sentia assim culpada, porque eu digo: poxa, eles tão fazendo isso, que era pra ver se eu aceitava... só que quando terminou o estudo, eu disse que eu não queria aquele batismo, sabe? E aí... minha mãe não fazia parte de nenhuma dessas religiões e quando foi... um certo dia, eu disse pra ela, mãe, eu quero fazer primeira eucaristia; “mas como é isso, eu não tenho condição, não tenho condição de nada”, e aí foi escolher a madrinha, então a madrinha foi dando suporte e eu ia pra Igreja, e eu fui ficando, fui ficando, fui me envolvendo.

ILZE: Você falou que ela, a sua mãe, não queria...

ROSA: Não queria

ILZE: Fala um pouquinho mais...

ROSA: Na verdade, eu e minha mãe sempre tivemos conflitos de ideias, sabe? Nós sempre tivemos, assim... é... ela nunca foi... eu venho de uma história assim, aí vai começar a entrar preconceito, racismo, mas eu digo assim: a primeira pessoa que cometeu, né, que eu conheci assim... o racismo, o preconceito era a minha mãe, era não, é a minha mãe, por isso que a gente tinha, tem até hoje, conflitos bem, né, pesado. Hoje, eu acredito que já mais superado, porque à medida que a gente vai envelhecendo, a gente vai entendendo muitas coisas, sabe? Tem coisas que não vale a pena, mas assim ela foi a... a pessoa assim que eu questionava se era minha mãe mesmo, sabe? Eu... eu... meu pai era preto, minha mãe é de cor branca, então, eu nasci assim muito parecida com meu pai, já meus dois irmãos são mais claro e dentro de casa eu sofri esse preconceito, essas diferenças não partiram de fora. Eu ousou dizer que quando eu fui experimentar isso na escola, isso já recebia de casa, sabe? O filho diferente, o filho bonito, o filho branco, sabe? Então assim, tinha um conflito muito grande da minha mãe, o próprio preconceito era da minha mãe. Então, por esse motivo eu acredito que a gente discordava de muitas coisas, minhas ideias não eram as ideias dela, só que a gente era muito submisso, filho não contestava o que pai dizia, mas no íntimo eu sempre fazia o que eu queria, sabe? Não precisava dizer pra ela, mas eu tinha minha forma de ... de eu acho que era uma forma de se rebelar, sem causar o conflito ... e ... e assim a gente foi se dando.

ILZE: Fala um pouquinho mais dessa experiência, dessas práticas religiosas na família...

ROSA: É...

ILZE: Tu falaste sobre tua mãe e teu pai... como era essa...

ROSA: Sim...

ILZE: questão dessas práticas religiosas...

ROSA: Meu...

ILZE: na família?

ROSA: Meu pai... o que eu, até onde eu me lembro, eu acredito que até os quinze anos eu ainda tive a presença meu pai, catorze, quinze anos, foi antes dele ir embora... Meu pai era carreteiro, é... o que eu lembro muito que ele, ele tinha esse lado católico, ele era muito devoto de Padre Cícero, né? Eu lembro que ele carregava no, no painel do caminhão muitas imagens de santos, Nossa Senhora Aparecida, essa recordação eu lembro muito. De Nossa Senhora Aparecida, de Padre Cícero, e eu lembro que sempre que ele subia no caminhão, ele tinha aquilo de fazer o sinal da cruz, sabe, fazer aquela reverência... lá. Então assim, eu... eu acredito assim, a única pessoa da família que eu lembro, não sei, eu nunca vi ele participar, mas que parecia ser uma pessoa muito devota da religião católica. Outra coisa, ele ia pra outras... pra o Ceará, chamava um pau de arara, aquelas coisas todas... lembrando que... é, meu pai era um homem casado, né? Minha mãe foi amante do meu pai, então tem todas essas coisas aí. Então, meu pai foi aquele homem que eu acredito que ele nunca assumiu a gente.

ILZE: Fala um pouco mais sobre essa questão desse casamento com, do teu pai com a tua mãe.

ROSA: É... Minha mãe diz que não sabia, quando se envolveu com ele, mas depois, buscando muitas coisas, porque nesses conflitos aí, familiares, eu comecei a pensar: poxa, eu acho que não sou filha, porque a forma que eu era tratada era muito injusta, sabe, era uma diferença gritante. E aí, eu comecei a pensar: poxa, será que eu sou adotada... será que eu não fazia tanta questão demonstrar que eu era diferente que eu comecei realmente, eu acho que eu não sou filha, sabe, e aí quando eu comecei a questionar isso, ela “não, você é filha sim, e tudo mais”, mas que existia... é... essa situação que eu não conseguia lidar muito bem e não compreendia. Mesmo assim, fui trilhando...

ILZE: E essa relação da tua mãe com o teu pai, você disse que ele é negro, né, sua mãe branca...

ROSA: Isso

ILZE: Como é que você percebe essa relação dos dois, tendo essa questão racial?

ROSA: É... Era interessante, porque eu sempre pensava: minha mãe tem preconceito com preto, com negro, mas ela se envolveu com um homem preto, né, eu, eu sempre, eu acredito que desde cedo eu percebia isso, como que era isso. E aí, nascem os meus irmãos mais claros, inclusive eu tenho um irmão de olho claro, né, e aí... eu percebi esse favoritismo por eles dois, e não por mim. Por fim, quando meu pai abandona essa relação dele, o que eu lembro dentro de casa da relação, não... aparentemente, não tinha violência física, sabe, mas meu pai era aquele homem, só hoje é que eu tenho uma noção mais... clara daquela situação que realmente ele nunca assumiu, sabe, era, era aquela coisa, foi como se tudo fosse um acidente, as coisas foram se dando, minha mãe se colocava como vítima, mas depois eu percebi e descobri que ela sabia que ele era casado, mas talvez ela foi por aquela perspectiva que ele dizia que ia deixar a esposa, que o casamento tava acabando, como muitas mulheres caem e ela foi ficando nesse relacionamento e nasceram eu e esses dois irmãos, fora os abortos que ela teve e por fim veio o abandono, né? Meu pai abandonou... saiu dizendo que voltava, não voltou mais, o interessante é porque, eu, eu já tinha isso dentro de mim, alguma forma me dizia: ele não vai permanecer até o final, porque... eu sentia isso e lembrando que eu era muito apegada a meu pai, muito, muito, muito, sabe. Só pra você ter uma noção, aos trinta e cinco anos, trinta e oito anos, já morando aqui, chegando aos trinta e oito anos, ainda eu acreditava que meu pai ia voltar, ainda esperava, sabe, foi quando realmente caiu a ficha que ele não voltaria, sabe? E percebo que dessas relações dele com ela, desses conflitos, né, depois que meu pai foi embora, como eu reflito muito o espelho desse pai em aparência, eu acho que até... muitas coisas, então assim, minha mãe transferiu.. já não nos davam muito bem, mas ela transferiu acho que essa mágoa dele pra mim, e aí ficou ainda mais insustentável, sabe, a convivência. Então eu fui... tentando, tentando, mas chegou aquela hora que eu disse: não preciso sair, porque senão... eu já tava muito adoecida, sabe, no ambiente, no lar... é... num lar muito tóxico sabe, de, de agressões verbais, inclusive eu não só verbal, eu tive agressões física de várias formas, sabe, e tudo isso partia justamente da minha genitora, né, então eu pensava que mundo é esse que pessoas que vieram pra cuidar de você, nasceu de você, então era tanto conflito na minha cabeça que quando surgiu essa oportunidade, lembrando, eu não fugi, mas quando eu resolvi sair é porque eu disse: não, eu preciso ver novos horizontes, porque esse já não... não me favorece, sabe?

ILZE: A relação com teu pai...

ROSA: É incrível, tem aí a questão do abandono do meu pai, mas o que eu lembro dele, eu tenho boas lembranças, e ousou assim até dizer pra você, ele abandonou, eu sei que ele teve

esse papel, mas eu... eu amava meu pai, sabe, eu amava, porque eu não lembro de nenhuma violência, fora o abandono, que ele tivesse cometido, sabe, contra mim. Meu pai conversava, as poucas vezes que a gente se encontrava, meu pai nunca me disse que eu não era capaz, às vezes eu partilhava algumas coisas, alguns sonhos, e... “você consegue, não, você pode”, sabe? Então... é, é muito difícil eu olhar pra meu pai, eu acho que até uma época, o rancor que eu peguei desse, dessa... feição meu pai, era mais por causa da minha mãe, porque ela ficou com tanta mágoa, tanto ódio dele e convivendo com ela, que eu acabei tomando as dores dela, sabe, mas se você me perguntar mesmo, assim, meu pai, eu não consigo lembrar dele com rejeição, eu não consigo... eu acredito que foi a relação boa que eu tive na minha vida foi... e eu não tinha, assim, eu falava de tudo com meu pai, minha primeira menstruação, as filhas correm pra mãe, eu corri pra falar com meu pai, não via a hora dele chegar em casa pra, e ela “você vai contar isso pra ele”, vou contar pra ele, sabe, pra mim era importante. Meu primeiro namorado, com quem eu fiz, questão de chegar e contar. Então, às vezes, pra mim difícil foi... entender na época, porque ele foi embora, sabe? Porque você fica procurando o porquê, o porquê, mas hoje eu percebo que é como se ele nunca tivesse estado, na verdade, né, ele passava por lá..., mas ele nunca esteve naquela, verdadeiramente, naquela relação. E é interessante que ela, estando com tudo isso, ela não percebia que um dia ele pudesse ir embora. Só que tinha certeza de que ele não finalizaria aqueles dias com a gente, era como se ele não fosse nosso, sabe, a qualquer instante ele ia, e foi o que aconteceu... É isso, um pouco dessa relação.

ILZE: Rosa, é... me fala um pouquinho da tua experiência com a escola, né... nisso tudo aí, eu sei que tá a escola também, né?

ROSA: Eu, eu fui pra escola, eu tenho muitas recordações com a minha mãe (por) pra escola, é... fui estudar num município, na época, outra coisa que eu digo que a gente era meio nômade, por causa que meu pai sempre, ele nunca fazia o mesmo trajeto, era carrete, caminhoneiro, então ele nunca ficava muito tempo na mesma rota, quando mudava a rota dele, minha mãe tinha que seguir ele. Então assim, eu nasci em Serra Talhada, nasci em Serra Talhada, minha mãe passou um tempo, e aí quando minha mãe me coloca pra estudar, eu... pouco tempo depois meu pai foi mudado de rota, a rota que ele tava fazendo não ia mais passar por Serra Talhada, aí eles decidem ir embora pra, na verdade eu, eu errei, eu nasci em Alagoas Grande, é uma cidadezinha próximo a Petrolina e depois, minha mãe vai, muda pra Serra Talhada, depois de Serra Talhada, vem pra Salgueiro, depois de Salgueiro, vem pra Cabrobó, sabe, então assim, eu tenho essas trajetórias de não ter um ponto fixo de, sabe, sempre mudando. E aí, na escola, eu acredito que no início eu fui muito prejudicada, porque quando minha mãe me colocou pra estudar, a gente tava morando em Serra Talhada, eu lembro quando eu fui pra escola, já não tinha mais vaga, tinha que levar minha cadeirinha todo dia. E eu fui, e eu me lembro que na infância, eu já era uma pessoa assim, ficava por fora, não gostava muito de entrosamento, e eu ia pra escola e eu lembrei que foi uma das primeiras experiências que eu gostei muito, né? Pessoas diferentes, ali tudo, mas morria de medo daquele, daquelas pessoas, mas gostava de tá ali. Pouco tempo depois, minha mãe muda pra Cabrobó e aí é quando realmente eu retomo os estudos, aí já saí dessa escola, não lembro de muita coisa. Aí, vou estudar em Cabrobó, começo estudando, primeira, segunda e aí pelo município, terceira série, quando eu termino a terceira série, eu já encontro aí um sentido pra mim. A escola pra mim, o ensino sabe, aquilo começou a me fascinar. E aí, quando chega na terceira série, quarta, ir pra quarta, no, no, no sertão é... só podia ficar na rede municipal até a quarta série, e daí em diante, você passava pro estado. E no estado, o estado não fornecia na época, material escolar, fardamento, que no município a gente recebia

tudo isso. E aí a gente muito pobre, minha mãe vai e diz “se for pra comprar caderno, isso e aquilo, você não vai mais estudar”. Foi desesperador na terceira série, eu, eu sofria calada, eu chorava tanto quando eu ia para a escola, chorava tanto. E um dia eu chorando, aí veio uma professora, ela disse “por que você tá chorando?” Aí eu disse: porque minha mãe disse que eu não vou mais estudar, ela “e por que você não vai estudar?”, eu disse: não porque ela não tem condição, e assim, foram entrando essas pessoas na minha vida, essa professora me deu muito suporte, eu terminei a terceira série, e assim, não repetia, sabe, mesmo sozinha, mesmo com dificuldade, minha mãe nunca teve paciência de me ensinar o dever de casa, mas assim, tinha pessoas assim na, na, na comunidade que gostavam de mim e me ensinavam, sabe, o dever de casa, a atividade. E eu passei, eu sei que eu fui estudar no estado, quando eu fui estudar no estado... então realmente aí começou a compra de livros, fardamento, e aí eu via aquela situação, eu disse: eu vou trabalhar, eu já ia fazer doze anos, e aí teve um dia que eu cheguei pra Mainha, eu disse: eu vou trabalhar, pra eu poder manter a escola, ela “você é muito nova, você não vai trabalhar”, eu vou, e eu lembro que eu falei com uma vizinha que trabalhava de empregada doméstica, arruma trabalho pra mim, “mas você é muito novinha, você não aguenta não”, eu disse: arrume que eu vou, e aí quando foi, acho que uns oito dias depois, essa pessoa chegou com essa proposta “ó, tem uma casa, você quer ir?” eu vou, e aí eu fui trabalhar de empregada doméstica, e quase, doze pros treze anos, pra pagar meus estudos, sabe? Aí terminei, fiz a, o magistério, essas pessoas também que eu trabalhei, é, me deram suporte já no último período, sabe? E, e foi assim, que eu terminei o magistério.

ILZE: Rosa, tu tinhas um sonho, assim, quando tu estavas estudando, já desde a infância? Eu tenho esse sonho aqui. Às vezes a professora “vai ser o que quando crescer?”

ROSA: Isso!

ILZE: Fala um pouquinho

ROSA: Quando me perguntavam o que eu queria ser, é, não só o que eu queria ser, mas eu lembro que eu sempre, desde a infância, eu sempre tive muito, era sonhar de verdade, deitar-se e sonhar, eu sempre fui muito, é, eu digo assim, perturbada pelos sonhos, eu nunca tive um sono assim, legal, sabe? Eu sempre tive problema de insônia, desde a infância e, eu desde pequena, eu sonhava muito com jaleco. Aí, eu achava que eu ia ser enfermeira, porque naquela época, nem se cogitava a possibilidade de um pobre, pior ainda, preto, ser médico, sabe? Mas aí eu pensava, acho que um dia eu vou ser enfermeira, mas eu lembro daquela bata branca, sabe? Que isso vinha no meu sonho, não partilhava com ninguém, porque eu tinha vergonha, achava que não merecia, que não ia chegar, mas realmente se comentasse isso em casa, virava piada, sabe, todo mundo ia rir. E... eu fui, galguei, fui galgando, terminei, escolhi o magistério, porque não tinha opção, na época era magistério, quando você terminava, você tinha que escolher entre magistério, contabilidade, eu acho que científico, eu não lembro nem do que se tratava científico, eu só sei que tinha alguns assuntos nessa matéria que eu gostava muito, mas aí... eu decidi, aonde eu moro, as colegas já falavam, não tem trabalho, só tinha trabalho mesmo pra contador, contabilidade e eu era péssima em matemática, eu disse: não é minha área, então eu vou pro magistério, né? E aí fiz magistério... gostava muito, na época também, eu, eu, eu lembro, antes de terminar, eu trabalhei na secretaria da escola, né, ajudava, mas, depois eu fui pra biblioteca um tempo, mas sabe aquilo era, não era salário, não era fixo, era mais pra experiência, e aí, foi indo essa trajetória, lembrando que eu só consegui fazer o magistério, porque eu trabalhava de empregada doméstica, então, eu trabalhava, na época tinha um intermediário, eu trabalhava até uma da tarde, quando eu saía do meu trabalho, era próximo ao colégio, eu já levava a

farda, e tomava banho de lá, corria pro colégio, quando saia era de seis horas da noite, e assim ia pra casa. E foi essa coisa toda, mas quando terminou, eu não fiquei nessa área, sabe? E... e as oportunidades que iam aparecendo eram complicadas, era pra ensinar na zona rural, batendo em um carro, sabe, parecia como... eles chamavam antigamente, é... é, eles falavam que, era pau de arara, era parecido mesmo, não tinha segurança, o salário era uma miséria. Eu disse: isso não dá nem sequer pra manter a alimentação de casa...

ILZE: Tinha algum, é professora ou pessoa da escola, ou alguma colega, algum colega desse tempo assim, que te marca, que vem à tona alguma lembrança?

ROSA: Não, que eu lembro mesmo da minha, foi da infância, acho que aos sete anos, foi dessa professora, até hoje lembro muito dela, né? Que me marcou muito...

ILZE: Fala mais um pouquinho

ROSA: Porque ela me deu muito suporte, sabe, eu, eu tinha algumas dificuldades, eu sempre tive uma ansiedade muito grande, só que naquela época, eu não sabia que aquilo era ansiedade. Mas essa professora era uma pessoa que acreditava em mim, eu sentia isso, e ela me dava muito suporte, terminava a aula, nessa época, minha mãe não podia me buscar, porque eu lembro que ela atravessava, porque pra eu voltar pra casa, eu tinha que atravessar a pista local, e ela dava esse suporte, ela ia lá, ela... atravessava, sabe, aí às vezes, aí depois ela foi morar próximo a esse bairro que eu morava e ela dizia, quando fechava a escola todinha, “você vai comigo”, sabe, e... eu lembro que foi aí que isso... mas a bondade dela, sabe, a credibilidade dela, o ajudar, que me chamava a atenção e depois eu ainda fui, quando eu terminei o magistério, eu fui fazer concursos em outro lugar, fiz concurso em Petrolina, eu fiz concurso em Brejo do Santo, inclusive passei, mas fiquei naquela questão de ser chamada, não sei, alguns colegas foram, até hoje moram em Brejo do Santo, hoje são... também, fizeram pedagogia, foram pra outras áreas, sabe, mas eu, eu percebia que ainda não era aquilo que eu queria, sabe. E foi isso, essa trajetória todinha.

ILZE: Fala um pouco da tua relação com teus colegas nessa trajetória, as amizades...

ROSA: Eu sempre fui assim, eu nunca fui de muitas amizades não, eu sempre fui seletiva. Eu sempre, até hoje eu sou assim, de, chego em um ambiente, aí observo, fico observando, aí... tem aquelas pessoas que eu tenho aquela identidade, aí eu buscava me aproximar. Mas assim, as poucas que... passavam por minha vida que foram pessoas que realmente até hoje, sabe, quando eu volto pro sertão, eu posso contar, são pessoas que, quando sabe que eu tô lá, fazem questão de ir lá, na casa da minha mãe, vão almoçar comigo, vai ficar, sabe. Então assim, até hoje são amizades selecionadas, mas são pessoas assim que eu tenho um prazer imenso em dizer que vale a pena, sabe? Porque nunca fui muito de me jogar em muitos grupos, não, sempre fui mais assim reservada, de observar. E aí quando eu percebia que ali era um lugar seguro pra mim, que eu podia estar nessas relações, aos poucos, ia me envolvendo.

ILZE: Você acha que existe a solidão da mulher negra?

ROSA: Muito, muito.

ILZE: Fala um pouquinho

ROSA: É... eu digo assim, que essa solidão, eu acredito, essa exclusão, eu sinto desde cedo, sabe, e aí vem, quando eu penso nisso, foi quando eu fui pra escola, e aí, quando eu fui pra escola, eu, eu comecei a perceber, por exemplo, enquanto eu era do, do, do... é, enquanto eu

era do... como é que chama, é tem o estado e tem a prefeitura, enquanto eu era aluna, é, do município, eu não percebia tanto isso, porque a escolinha era local, eram pessoas dali, então assim, quase todo mundo tinha aquela mesmo padrão de vida, pessoas pobres, pais, entendeu, assalariados, ou então que não tinham salário, mas, eu percebia que eram todas pessoas daquele mesmo patamar. Quando eu fui pra o estado, aí sim, eu comecei a sentir na pele a diferença, porque já tinha muita, já tinham os grupinhos, as meninas brancas só andavam com meninas brancas e eu fui sentir aquilo muito forte, no estado também eu fui muito maltratada por alguns professores. Tiveram assim, professor que fez questão, teve professor que chegou pra mim disse “eu vou lhe reprovar” e eu percebia que aquela reprovação não tava numa deficiência de, de, de, de... de aprendizado, mas simplesmente o cara não ia com minha cara e depois de muito tempo foi que eu percebi que aquilo tinha a ver com a minha cor, sabe? É... quando eu fui pro estado, eu lembro que eu sempre gostei de sentar-se mais na frente pra absorver mais que eu sempre tive dificuldade de aprender, né? E aí, eu lembro que eu chegava cedo, eu botava a minha bolsa na cadeira da frente, mas quando o professor chegava que ele organizava as carteiras, eu ficava sempre no final. E ele argumentava que era porque eu era a maior da turma. Hoje eu percebo que não era e depois eu lembrei que todos que eram realmente de cor escura, eles ficavam lá atrás e as meninas ali que eram consideradas ali do núcleo, da, é, até às vezes eu, é, foi isso que eu me perguntava, se essas meninas tem condição, o que é que elas tão fazendo aqui, né, porque estudavam, particular, mas chegava um momento, quando ia pro estado, que os pais colocavam na escola e tudo era pra elas, sabe? Quando chegava Sete de Setembro, meu sonho, eu lembro que era ser baliza, mas a baliza só ficava com as meninas branca, cabelo sabe, lisinho, olho claro. E eu fui observando aquilo, fui observando, só que até então eu não tinha noção, eu já sofria muito com isso, mas eu não tinha noção que era, tava ligado a isso, a cor, a condição financeira, sabe? E isso só veio cair a ficha depois de muito tempo.

ILZE: Quando é então que cai a ficha? Quando é que você se descobre negra?

ROSA: É... Primeiro dizer assim, por causa desse tratamento que eu recebia dos outros, eu não tinha essa visão, então eu era muito severa comigo mesma, porque eu só me perguntava: porque eu nasci dessa cor, entendeu, e aí, lembrar que essa raiva que eu poderia ter dessas pessoas, eu transferi de mim mesmo para comigo sabe, era minha raiva que eu tinha, era de mim mesmo, porque eu queria ser branca, eu não entendia porque eu nasci negra, porque eu era diferente, porque meu cabelo, porque eu não era bonita, sabe? E aí, eu sofria muito com isso, eu me recolhia, eu tentava não, por exemplo, quando fazia grupo desde cedo na escola, grupo sempre tinha seminário, fazia um trabalho, naquela época, não, às vezes, seminário era quando chegava final do ano, mas vamos fazer um trabalho, e aí eu percebia que era aquilo, os branquinhos, os que tinham um padrão social melhor, essas pessoas elas nunca se entrosarem, sabe? E aí, eu tentava, às vezes eu tentava me aproximar, mas eu percebia que eles davam pouca atenção e tirava, e terminava que a gente ficando em grupos, e aí ficamos nesses grupos que eram deixados de lado. Só que nesses grupos deixados de lado, eram poucos os que queriam alguma coisa, já eram excluídos, e realmente se sentiam excluído. Então, eram pessoas que, com a situação ainda muito mais difícil do que a minha, então terminava que eu pegava essas responsabilidades deles, e no final, às vezes não aparecia, chegou período de eu quase ser reprovada, porque você imagina, você tem um grupo pra apresentar e quando menos esperam a evasão escolar, era filho de mãe, pai que bebia que não sei o que, e sumia da escola e não aparecia mais. Então, não estava nem aí, só que eu ficava muito comovida, porque eu queria dar, o meu sonho, era cada um passar, sabe, consegui, eu não tava ali pra brincadeira. E aí, quando foi que realmente caiu a ficha, quando eu vi assim

esse preconceito, foi com uma professora que lembro até hoje o nome dela era Miriam e essa professora desde o, do... foi, isso foi na sexta série... ela... ela começou a pegar muito pesado comigo e era aquilo, eu não falava em casa, eu não falava na escola, eu tinha medo. E aí, essa professora ela começou, quando tinha, quando tava perto das provas, ela passava, pedia os trabalhos, e quando chegava na minha banca, era como se ela não me visse, sabe? E quando eu ia procurar alguma coisa a ela, ela não me dava retorno e com os outros era diferente. Eu acho que além de ter o preconceito, ainda tinha algo pior que eu acho que ela não gostava de mim, e eu não entendia porque era que aquela mulher me odiava tanto. Então assim, essa mulher ela chegou, ela pegava ponta de lápis, ela furou, tentou furar meus dedos, ela disse que não sabia o que eu tava fazendo ali, que eu era burra, e eu lembro que teve uma prova dela que eu fiz, quando eu recebi, fui receber a nota, ela desenhou um burrinho e botou duas orelhas, só na minha prova, de caneta vermelha. E aí, foi quando caiu a ficha, porra, ser preto nesse mundo é muito complicado, só que eu não tinha com quem contar, sabe. E, aí, foi quando eu disse: poxa, como é que vai ser isso, e me senti cada vez mais só, mais só, sem apoio, sem nada. Fui continuar, terminou o período, lembrando, ela não me reprovou, né? Ela não me reprovou, mas outro professor me reprovou, matemática, e depois disso eu quis desistir, mas eu disse: eu vou adiante. Aí, na época eu trabalhava de empregada doméstica e eu paguei particular um professor e esse professor foi muito bom, sabe? E aí, eu repeti a sexta série, foi o único ano que eu repeti e eu passei, e passei assim, eu nunca vou esquecer, que eu tirei nota 10 no primeira, segunda, terceira e quarta avaliação, na terceira unidade, eu não precisava mais nem fazer prova, mas eu fiz questão de fazer, porque pra mim, eu precisava dizer que eu não era burra, que eu era capaz, só me faltava oportunidade, sabe? Então teve essas trajetórias, foi ficando, só que isso dentro de mim, nunca me motivou a, e também, a fazer parte, de buscar ajuda, sabe? Nessa época não se falava, e no sertão, ainda hoje é tudo muito velado, sabe? Ainda tem pessoas que passam por isso, mas elas acham que não, que é uma condição que ela veio assim, e... foi por aí.

ILZE: Rosa, fala um pouquinho da tua experiência com a Igreja.

ROSA: Sim, aí com a Igreja. Sim, aí com a Igreja, como eu falei, né, com sete anos comecei a participar, fiz primeira eucaristia e minha mãe sempre dizia “não tenho condição disso”, e aí me entrosei muito com padres, com freira e nesse entrosamento, todo final de semana eu encontrei algo maravilhoso pra fazer, as, as, as freiras fundaram uma casa nessa cidade, então foi o melhor tempo pra mim, foi quando eu me aproximei, é uma das coisas que eu amava, elas me convidavam, às vezes a gente ia pra zona rural, aí eu já tinha isso, já cantava na Igreja, já fazia salmo, e aí elas me convidavam, porque todo mundo queria ir pra matriz, apesar que eu sempre fiquei no bairro, sempre fiz questão de tá atuando no bairro. Até porque da Igreja, todos os grupos, sempre é assim, matriz, sempre tem aquilo. É aquela, essa realidade, é interessante, ela tá na Igreja, ela tá no grupo social, aonde você for, na escola, né, os privilegiados, e aí, talvez por se sentir rejeitada nesses grupos, eu sempre procurei trabalhar na, na comunidade eu era vista, na comunidade as pessoas precisavam de mim e eu também me sentia precisar delas, sabe? Eu não me sentia rejeitada na minha comunidade, aqui acolá aqui, uns olhares assim, mas eu nem ligava, sabe? E aí, foi quando elas vieram, fundaram uma congregação na cidade e eu digo que essa fundação em salvou também, porque elas começaram a fazer convite, pra o final de semana, elas, era aquilo, conseguir meninas que fosse, que quisessem seguir na vida religiosa. E aí, como eu era muito atuante nesses grupos, aí eu lembro que elas eram da colônia, aí elas me convidaram. A semana que, na próxima semana a gente vai pra comunidade tal, porque no sertão tem muitas comunidades na zona rural. E aí, eu já tinha conhecimento, porque assim, apesar disso tudo,

mas, eu batia minha cidade inteira, eu sempre fui muito entrosada com essas, com pessoas. E aí, eu lembro que eu, que eu, elas me convidaram e eu ia todo final de semana, fora participar na comunidade, eu sempre final de semana, elas iam, por exemplo, tinha uma comunidade chamada Boqueirão, vamos pro Boqueirão, quem vai pra lá, ninguém queria ir, porque era estrada de terra, era difícil, só queriam os holofotes. Eu não, eu era pau pra toda obra, e eu ia, porque aquilo pra mim era um divertimento, e quando chegava lá, as comunidades são pessoas que realmente não tinha estudo, não tinha, então aquilo pra mim era maravilhoso, porque eu tava ali levando informação pras pessoas, cantava, eu participava da missa, eu ajudava, ajudava aquelas senhoras na cozinha, porque sempre que terminava tinha um café, tinha um bolo e, e, e essas coisas assim, foram me ajudando cada dia mais, eu participava, aí quando elas fundam a casa em Cabrobó, começa os convites. Final de semana, quando a gente não ia pra zona rural, vai passar um final de semana diferente com a gente. E aí, começa é, é, essa a conhecer mais sobre a vocação, sobre a Igreja católica, nesse intermédio, minha mãe vai trabalhar na casa do padre, por, já por meio, porque elas eram, a cozinheira faleceu, tá procurando uma cozinheira, aí eu já consegui, mãe, a senhora quer, “não, eu não vou trabalhar com esse povo não, esse povo é assim, assado”, mãe mas a gente precisa, então ela foi trabalhar de cozinheira, e eu fui cada vez mais adentrando esse espaço. Então assim, tudo que eu sofria lá, não era na casa das irmãs, mas esse contato com Deus me libertava, sabe? Me libertava. Eu podia tá como tivesse, mas quando eu ia, e na casa delas eu tive oportunidade assim, de passar noites em adoração, porque tinha, elas tinham um sacrário em casa, tinha um lugar reservado. E elas diziam “vocês podem ficar à vontade”, só não podia, naquela época, e não tinha na casa delas a televisão, essas coisas, mas tinha muitos livros. Então, ali tinha tudo que eu gostava e tinha, principalmente, o que mais me chamava atenção, que eu, eu, eu sonhava muito, eu tava falando essa semana com minha filha em ir pra fora do país, eu tinha esse sonho. Eu dizia, quando eu atravessava aquela pista que minha professora me passava, que eu via aqueles caminhões passando, eu disse pra ela, não era desejo carnal de se envolver com (inaudível), mas se um cara desse me chamasse pra ir embora, eu já tinha esse desejo em meu coração de ir embora, sabe? Galgava novos horizontes, e aí, trouxe elas, elas ainda não conseguiam falar português muito bem, ela dizia que gostava porque iam aprendendo a falar português, elas não entendiam muitas coisas, comida, sabe, cultura. E aí, elas me perguntavam muito, então assim, eu aprendia com elas, elas aprendiam comigo e pela primeira vez, eu vi aquelas mulheres brancas, tudo olho claro, mas elas eram muito amáveis, e aí eu fui vendo, poxa não é todo mundo que é assim. Mas só na religião e assim, eles que não me tratavam daquela forma, sabe? Mas nos outros cantos que às vezes eu ia, eu percebia esse preconceito. E eu sei que eu fui me entrosando com essas pessoas, e fui me aproximando mais de Deus... e Deus foi me dando força pra superar, né? Essa trajetória tão infame, é tão dolorosa, e... e foi assim esse encontro com Deus. Logo em seguida, aí teve uma irmã mais nova, ela ainda tava na adolescência, ela veio, ela veio da Bahia, foi pra Bahia, aí não se deu, mandaram ela pra Cabrobó e quando chega lá, me aproximo dela, ela era como uma amiga pra mim, irmã Ivone, e aí irmã Ivone se aproxima muito, começa a ir na minha casa e aí, quando ela é um dia, ela diz desse jeito “mulher, tu tem uma espiritualidade muito grande”, né? E aí foi quando eu começo renovação carismática católica, então ela diz “tá vindo aí um evento da (Chalon) e eu queria muito que tu participasse desse encontro” e eu, assim, temendo, mas eu não tenho dinheiro, “não, não precisa ter dinheiro, eles vão vir pra cá, vão ficar na paróquia” e esse encontro aconteceu no dia de Nossa Senhora da Conceição, enquanto todo mundo tava é, é, fazendo a procissão, a cidade toda tava voltada pra procissão de Nossa Senhora, nós estávamos, eu digo assim, eu lembro muito isso, fechados no salão paroquial, né? Pedindo esse espírito santo, inclusive fomos muito julgados por um padre da época, depois ele afastou muito dos membros, porque... ele, primeiro que a renovação

carismática tava surgindo naquela época e nem todos os padres consentiam, achavam que era coisa boa, aí quando ele descobriu que eram os membros, quem participou, no caso, tinham deixado a procissão, ele achou que isso era um perigo pra Igreja. E aí, eu tava naquele encontro, e eu digo, foi naquele oito... de dezembro que eu nunca mais eu fui a mesma. Eu experimentei algo e assim, eu devia muito isso a irmã Ivone, porque até então eu partilhava com ela, as coisas espirituais, as coisas que eu acreditava, sabe, visões, sonhos, essas coisas, e aí ela me fazia esse convite, depois minha mãe começou a perceber quando, minha mãe sempre era assim, quando ela percebia alguém se aproximando muito de mim, era como se fosse um medo das pessoas me tirar dela, sabe? Não me tratava bem, mas se se sentisse ameaçada, ela começou, então foi quando essa irmã foi, e ela disse, chegou um dia, “você tá andando muito com essa irmã, essa irmã dizendo que vai voltar pra Polônia e ela vai querer lhe levar daqui, você é a única filha mais velha e tarará, e eu vou dar parte à polícia, vou dizer, você é de menor, que ela tá lhe oferecendo...” fiquei apavorada com aquilo, sabe? E aí eu... eu já tinha participado desse encontro, eu acredito que dois anos depois eu vivenciei um retiro de quinze dias, foi a primeira vez que eu disse assim, que eu saí de casa, ainda adolescente, e aí eu vivi uma experiência no Vale do Moxotó, quinze dias fora de casa, pessoas de diversos estados, sabe? Mas elas também estavam lá, tinham algumas dessas irmãs, por isso que eu fui tão confiante, e foi lá que realmente, essa experiência se tornou ainda mais forte, sabe? Eu, eu digo que de tudo que eu vivi, esse encontro que foi dia de Nossa Senhora da Conceição, da renovação carismática.

ILZE: Rosa, conta mais da tua experiência com outros movimentos, porque eu vi que você coloca lá no questionário, né?

ROSA: Uhum

ILZE: Que tem essa experiência e tem outras experiências com outras pastorais.

ROSA: Sim, sim. Aí, nessa época, é... assume a renovação carismática, mas aí o padre afastou o pessoal que tinha participado desse encontro, e eu fiquei reclusa de trabalhar, não podia fazer nada dentro da Igreja, o máximo que você podia era ir pra missa, porque ele queria observar esse grupo e qual era o perigo que esse grupo oferecia. Então assim, sabe aquilo que a gente não podia fazer nada, mas como a comunidade sempre é um lugar muito necessitado e não tem quem faça muitas coisas, então a gente, na época, ainda não tinha capela, a gente se reunia, acampava na casa de uma senhora que era ministra eucarística, que inclusive era minha madrinha de crisma, e aí eu já ajudava nessa preparação do altar nos dias que (teria), e veio um movimento... um movimento chamado é missionários reli, missões redentoristas pro Nordeste. E nessas missões redentoristas, então pessoas que eram atuantes, começaram a ser chamadas para participar desse movimento, porque vinha esses, era um movimento incrível. E aí, nesse movimento, eu fui escalada, e aí eu já comecei a trabalhar, sabe, trabalhava com padre, ia na casa das pessoas, é, trabalhei movimentando, eu sempre fiz parte. Daí, e, e, e não voltei mais. Quando esse movimento, quando terminam essas missões, ele disse que aquilo era só o começo e aí veio uma proposta na época, de um centro social na minha comunidade, era lá que acontecia alguns movimentos da Igreja. E aí, foi quando eu entrei no movimento jovem, né, e comecei a participar, agora nessa época também já existia dentro da Igreja um movimento político que era do PT e eu também entrei, comecei a fazer parte. Nessa época, eu digo assim, foi um, um, um, o, a época que também eu me, me senti revolucionária.

ILZE: Conta mais...

ROSA: Foi quando eu conheci pela primeira vez o PT, e tinha um rapaz que era o Fábio, ele teve, ele tinha terminado faculdade e ele já trazia essas questões políticas, pobreza, e aquilo ali, sabe, gritava dentro de mim.

ILZE: Que pastoral era essa?

ROSA: Naquela época, eles faziam parte, era da pastoral, se não me engano, era comunitária. Era pastoral comunitária. Eu não sei o porquê essa pastoral acabou dentro da Igreja, mas pelo menos no sertão era muito forte. Essa pastoral era responsável por movimentos sociais, é, é, era quem monitorava as pessoas mais pobres, as pessoas necessitadas, pra, quando receber aquelas cestas básicas, doação de roupa, então essa pastoral era responsável por essas pessoas. E aí, eu lembro que eu entrei também, porque eu também era beneficiada com isso, porque eu fazia parte dessa história de muito pobre, tá entendendo? Então, mas aí eu fui sendo protagonista nesse grupo e eu fui gostando, falava muito de questões políticas e, e aquilo foi me chamando a atenção e eu começava a observar a importância do estudo, sabe? Que só ele era capaz de libertar, então fui, então assim, foi quando eu fiz parte, entrei no MST... E aí, foi quando explodiu esse movimento todo, lembro... tive a experiência muito próximo Luiz Inácio Lula da Silva, foi quando sabe, ele visitou, que esse grupo era muito forte. E aí, surgiu, como sempre, começou a surgir boatos que a Igreja, naquela época a Igreja não podia se envolver com política, só que a gente não tinha noção que todo aquele hábito era político, sabe? E aí, afastaram o Sábio, que o Sábio era o representante desse movimento do PT e aí a pastoral comunitária ficou ameaçada, sabe, e quando afastaram, eram padres muito tradicionais, então eles não abriam pra nenhum movimento e as nossas reuniões eram no salão paroquial. Então, quando isso aconteceu, eu lembro que isso enfraqueceu muito a, a pastoral comunitária e aí a gente... se, foi como se tivesse se perdido, sabe? Aí foi, aí quando eu entro no grupo jovem da Igreja, que antes isso era um movimento a parte, mas que utilizava da Igreja, entendeu, porque não tinha onde se reunir. Aí, eu perco contato, mas eu já tava também nesse grupo de MST, e aí eu sei que eu me envolvi com essa causa, eu fui sem-terra, eu fui sem teto, eu, eu... sabe? Eu fui pra meio de pista e a gente ajudou, isso grupos grandes, a gente tomou terras daquele pessoal que tinham imensidões de terras, quem conhece um imenso desse sabe como funciona. E aí, além disso, eu entrei no grupo, grupo jovem nessa época e... fui ficando, fui ficando, mas, não me, eu participava porque eu me sentia chamada por Deus, mas era aquilo muito só de reza, não tinha muitas ações, sabe? E aí passou um tempo, e eu sei que na comunidade, as próprias pessoas do grupo começaram a... eu acho que eu comecei a incomodar, que eram pessoas que já vinham como líderes de grupo, e aí essas pessoas começaram, veja o que criaram, “a mãe dela não é casada, ela não pode fazer parte desse grupo”, chegou uma coordenadora do grupo pra mim, disse uma vez “filha de puta não pode participar da Igreja”. Isso pra mim, nessa época eu já tava mais instruída, e eu disse: meu Deus, que ser humano é esse, né? E aí, mas aquilo era uma forma de me afastar, porque realmente o grupo jovem já queria mudar a coordenação e eu soube que quem tava pautada pra essa coordenação era eu. E os jovens me adoravam e queria eu no grupo. Então, ela usou de muitas artimanhas, sabe? E tantas e tantas coisas, mas eu ainda coordenei esse grupo por dois anos, né? Eu não queria, mas aí tinha o suporte das freiras e elas “você vai coordenar” e eu fiquei no grupo por dois anos. Até hoje, ainda tem pessoas assim, mulheres feitas, mas quando a gente se encontra, “o melhor tempo da minha vida foi aquele grupo”. E aí, eu fui cada dia mais me envolvendo, sabe, me envolvendo, aí fui líder em renovação carismática, fui da, da, depois fui catequista, catequista não, auxiliar, eu ajudava, não que não me convidasse, mas eu, eu comecei depois desse, dentro da Igreja, eu tive muitos processos, assim, de, de, de afastamento, do próprio padre, sabe? Então eu sempre tava

naqueles grupos que causavam, e eu comecei a ver isso assim, eu comecei a ter medo, eu disse: não, pra tá num grupo assim, e aí eu perguntava: que Deus é esse que essas pessoas, são pessoas que falam de Deus, rezam pra Deus, mas quando tem você, se sente ameaçado por você, elas começam a fazer coisas, sabe? E, e foi acontecendo, Fábio mesmo, uma vez teve uma tentativa de homicídio contra ele, sabe? É tanto que nessa época, os pais dele botaram ele de volta, aqui pra Recife, que ele já tinha feito faculdade, ele era muito influente, sabe? E aí, Sábio começou a ser, a receber ameaça. E aí, a gente como era pobre, mainha dizia “você tá nesses grupos, qualquer dia você saiu, você não volta”, sabe? Por incrível que pareça, tanto tempo depois, mas ainda tinha um pouco de ditadura, as pessoas, é por isso que a, depois que eu fui entender porque é que a gente se reunia nas caladas da noite, porque era que a gente não podia deixar todo mundo entrar no grupo, era preciso ser pessoas de confiança, pessoas que vestiam a mesma causa, porque aquilo que a gente tava fazendo ali, era na verdade, era libertação, era conhecimento, mas até hoje a gente percebe que isso é uma ameaça muito grande, sabe?

ILZE: Rosa, assim que eu te dou o questionário, tu não hesitas e tu marcas lá a opção preta, né?

ROSA: Preta.

ILZE: Como é ser, como era e como é ser essa mulher preta, participante da Igreja Católica, assim atuante?

ROSA: Olha...

ILZE: Como você...

ROSA: No início foi, foi doloroso, é como eu te disse, eu mesma não me aceitava, mas porque não me aceitavam. Então depois, quando eu vou, cada dia mais conhecendo mais sobre isso, vou buscando, eu começo a ter, a enxergar em mim assim, ter orgulho de quem eu sou, mas ainda me sentia reprimida, às vezes ainda me sinto, mas aí, depois eu fui vendo assim, que... eu tinha um valor, e que esse valor não poderia ser tirado. Eu cansei, sabe, de tudo aquilo. E aí, eu resolvo, é, eu, junto com muitos grupos, com muitas, e ousou dizer que hoje, é isso que eu já falei pra você e o Zé, por isso que eu, às vezes eu não me aproximo muito, eu prefiro estar, eu ainda acho os grupos da Igreja muito alienado, sabe? Talvez seja o meu jeito de ser e eu termine, às vezes, mas, é, é... como por exemplo, fala, na Semana Santa, e aí “vamos rezar, rezar, rezar”, só que eu digo: enquanto você reza, tem pessoas que tão passando fome. A reza, ela é eficaz, mas ela não vai matar a fome de quem não tem o que comer hoje, sabe? Então assim, eu, eu, eu vou, eu tenho minha forma de ver, eu tive que entender, ainda tô nessa busca de entender quem eu sou e que isso faz parte de toda a minha história, minha história não foi em vão, essa, essa, ser preta, o que antes me, me entristecia, que era um fardo pra mim, não me aceitava, então assim, foi, eu ousou dizer pra você, que foi justamente o conhecimento e estudar, e vendo também, nesse caminho, eu fui encontrando pretas, pretas que eu passei a admirar. Antes, eu também tinha vergonha de pessoas pretas, sabe? E depois, não, depois eu fui vendo pretas professoras, fui vendo pretas que já eram vereadoras e eu tive também, eu conheci uma pessoa, que ela não só, ela me chamou pra fazer parte na época, então acredito que foi, foi esse engajamento, foi essa luta política foi, foi essa busca desse conhecimento que não cessou, e até hoje, essa busca que a cada dia mais tem feito, e agora mais do que nunca, eu tava dizendo, eu fiz uma faculdade, eu terminei, eu não estou trabalhando ainda na área, mas o que essa faculdade, o suporte que ela me deu, sabe, de, de, de conhecimento, de saber quem eu sou, da minha história, sabe? Às vezes eu

comento aqui com a minha filha, antes eu sofria, eu tinha dores, vazios, é... é, eu não tinha essa vontade de viver, por causa da minha condição, preta, excluída. Então, isso gerava muita dor. Foi na faculdade que eu descubro, hoje, eu sei as causas das minhas dores, sabe? Só que tem algo, eu ao invés de desistir, eu quero cada dia mais, sabe... ir adiante. Ir adiante porque é a minha forma de fazer valer por mim, por outros que passam por isso, que ainda vão passar, sabe? E é isso.

ILZE: Nessa tua experiência, tu falaste lá no início da tua mãe como pessoa não católica.

ROSA: Uhum.

ILZE: E aí, você falar dessa sua experiência, desse percurso todinho como pessoa católica, como é que você percebe, fala um pouco como é que tu percebes as religiões não cristãs.

ROSA: Hoje, é como eu te disse, isso mudou muito. Eu trazia na minha crença, é... mais do que, é, era presente comigo, porque, quando eu conheci a religião, ser de Deus, não poderia ser de outras religiões. Então assim, mas eu já tinha vivenciado, por causa da minha mãe que me levava, não sei se era o Candomblé ou era a Umbanda, acho que era o Candomblé. Então assim, eu não conseguia trazer temor, por aqueles lugares, por aquela crença dela, mas aí, quando eu entro na religião, eu lembro também disso, que já tinha aquilo, que quem não é de Deus é do diabo. E aí, nessa época não era tão divulgada essa questão do Candomblé, as pessoas nessa época, que eu lembro que viviam ainda sua religiosidade no Candomblé... em outras, mas aí, depois, isso foi ficando muito severo. Então assim, começou a sumir, realmente, essa cultura, então eu venho dessa cultura de mulheres que, benzedeadas, minha vó era benzedeadora, minha avó não era de religião nenhuma, não era de Candomblé nenhum, mas minha vó era parteira... minha vó era parteira, minha vó rezava, sabe, e eu acredito em todas essas coisas. Então assim, pra mim, esse conflito era muito grande, porque eu, sempre na minha cabeça, e até hoje assim, eu optei por ser católica, mas eu não via contra. Mas eu comecei a ter medo, porque dentro da própria religião católica, eu ouvia que o Candomblé não era coisa de Deus, que o altar que tinha lá, que o, o os Orixás deles eram demônios, então foi, criaram isso pra mim e como eu vivia aquilo, eu comecei a ter medo. E aí, foi tanto que eu fiz esse movimento, não tenho que tirar minha mãe de lá, na época, essa foi uma das minhas lutas, tenho que tirar minha mãe desse lugar, porque isso não é lugar de Deus e tarará. E fiquei e me afastei, me... me dava bem com as pessoas, mas quando eu sabia que era desses lugares, eu tinha preconceito com elas, quer dizer um preconceito que foi colocado. E aí, eu sei que ficou muito tempo, só que eu sempre li bastante... E aí, eu começava a ler, aí eu via a história do Brasil, dos indígenas, os primeiros povos da terra, os negros e aí eu começava a pensar sobre aquele, poxa, não faz sentido o que eles dizem, sabe, eles dizem isso, diz aquilo, só que até também não percebia essas raízes do preconceito, de, de... Então assim, isso virou uma grande interrogação na minha cabeça, quem era o certo, quem falava errado, mas o que, o que se sobrepunha nisso tudo e pra mim, era olhar pra ser humano e, e ver que era um ser humano igual a eu, que tinha dores, que tinha alegria, mas que também tinha escolha e eu fui percebendo que existia algo aí por trás, mas eu também fiz parte dessas pessoas que persegue o outro por religião e, e me sinto bem em poder falar disso, sabe? As crenças que alimentam na gente, que a gente vai crescendo, sabe? Tinha época mesmo que eu odiava, uma época mesmo que eu entrei na renovação carismática, meu Deus, eu não podia nem ver falar disso, porque era coisa... Inclusive, surgiu uma formação dentro da renovação carismática que era sobre a nova era... E aí nessa época eu conheço alguém que era da, de, de uma, que diziam seita, na época, que era da (Seicho Manhê) e aí eu sempre fui louca por conhecimento. Quando a pessoa disse que era da Seicho Manhê, poxa o que é isso, vou ler

sobre isso, e aí já fiquei balançada, porque ao mesmo tempo que eu era da renovação carismática, isso também me fascinava, os simbolismos, aí eu fui vendo, poxa, tem alguma coisa estranha aí e eu não vou mentir pra você e dizer, depois que eu fui pra faculdade que eu fui entender muitos dos meus conflitos e fui percebendo que são os seres humanos que geram essas coisas. Eu, hoje, estou na Igreja Católica, eu me considero católica, mas eu não vou mentir pra você, hoje eu tenho muito respeito pelo Candomblé, pelo Espiritismo, por outras denominações. Agora, sempre, sou católica, escolhi ser católica, mas tenho muito respeito às outras religiões e lembro muito bem que se eu tivesse ido pelo caminho do fanatismo, talvez hoje eu não fosse aberta a tantos conhecimentos e a tantos entendimentos. Então assim, não consigo hoje, o que eu percebo, o que foi que saiu de mim, um julgamento que à medida que eu fui adentrando a grupos, eu fui tomando aquilo como causa, mas aí eu fui vendo o que tá por trás. Por isso é que eu digo a você, o conhecimento liberta. Então assim, o que tá por trás do fanatismo, tem que ter muito cuidado, sabe, pessoas que matam em nome de Deus, guerra santa como se diz. Também fui conhecer a história da minha Igreja e aí, percebi o que todos nós somos faz, que a gente cresce justamente nos erros, sabe? Então hoje eu não consigo mais lugar, sei que não, nem argumento isso, nem entro em detalhes, porque é aquilo do mesmo jeito que eu respeito, tem pessoas que só veem as coisas a partir do mundo delas, da visão delas, sabe? Então assim, eu sei que muitas pessoas hoje contestariam, diria “você não é católica, você”, mas não é sobre o que elas pensam, acho que é sobre o que eu acho, e eu digo pra você, sou católica, por isso tudo, sabe, e... e escolhi essa religião, mas hoje eu não tenho mais esse temor de outras religiões, outras, eu acho que todo ser humano hoje tem o direito de fazer suas escolhas. Com quem ele quer viver, o que ele vai fazer, isso não pertence. E outra coisa, essa história de sair coberto de razão, ter ninguém por aí, eu acho que o que precisa é respeito mesmo. E foi a faculdade que me trouxe realmente esse boom, ampliou essa visão e hoje eu percebo, assim, muita gente assim, “cuidado com seus filhos quando for pra faculdade”, não é a faculdade, é à medida que você busca conhecimento, você vai percebendo que tem muitas coisas que você não sabia, que você não conhecia, sabe? Então, essa é minha visão. Eu digo assim, eu contesto qualquer coisa que se levante, que esteja acima do respeito pelo outro.

ILZE: Rosa, obrigada! Tem alguma coisa que você queria acrescentar, nessa sua trajetória todinha, no que a gente está aqui falando? Alguma coisa que eu não te perguntei, que você queria acrescentar, queria falar?

ROSA: Não... Eu quero agradecer assim, essa oportunidade de a gente trazer um pouco da minha história, né? Fico feliz também que a pessoa que esteja me ouvindo que partiu, seja também, se identifique, né, preta. Eu acredito que em alguns momentos nossas histórias se encontram, se entrelaçam e a gente se sente mais compreendido, e... o que eu deixo assim aberto é que haja mais trabalhos e, e que haja mais busca por mulheres pretas, mulheres de comunidades, mulheres pobres, sabe? Porque a gente precisa ser ouvida, a gente precisa falar. É... colocar, porque a gente foi oprimido e ainda é oprimido por muito tempo, dizer que apesar de todo esse conhecimento, mas eu sempre falo pra você, eu tenho um pé atrás que tá no papel direito, mas pra fazer valer, ser validado, a gente precisa e a gente precisa, sabe? É, eu acredito que o mundo, o mundo, (ocupar o espaço) é isso, ouvir mulheres negras, ouvir e respeitar, eu acredito que esse trabalho precisa se perpetuar mais, sabe?

ILZE: Muito obrigada com a paciência, com a acolhida! Coisa mais linda!